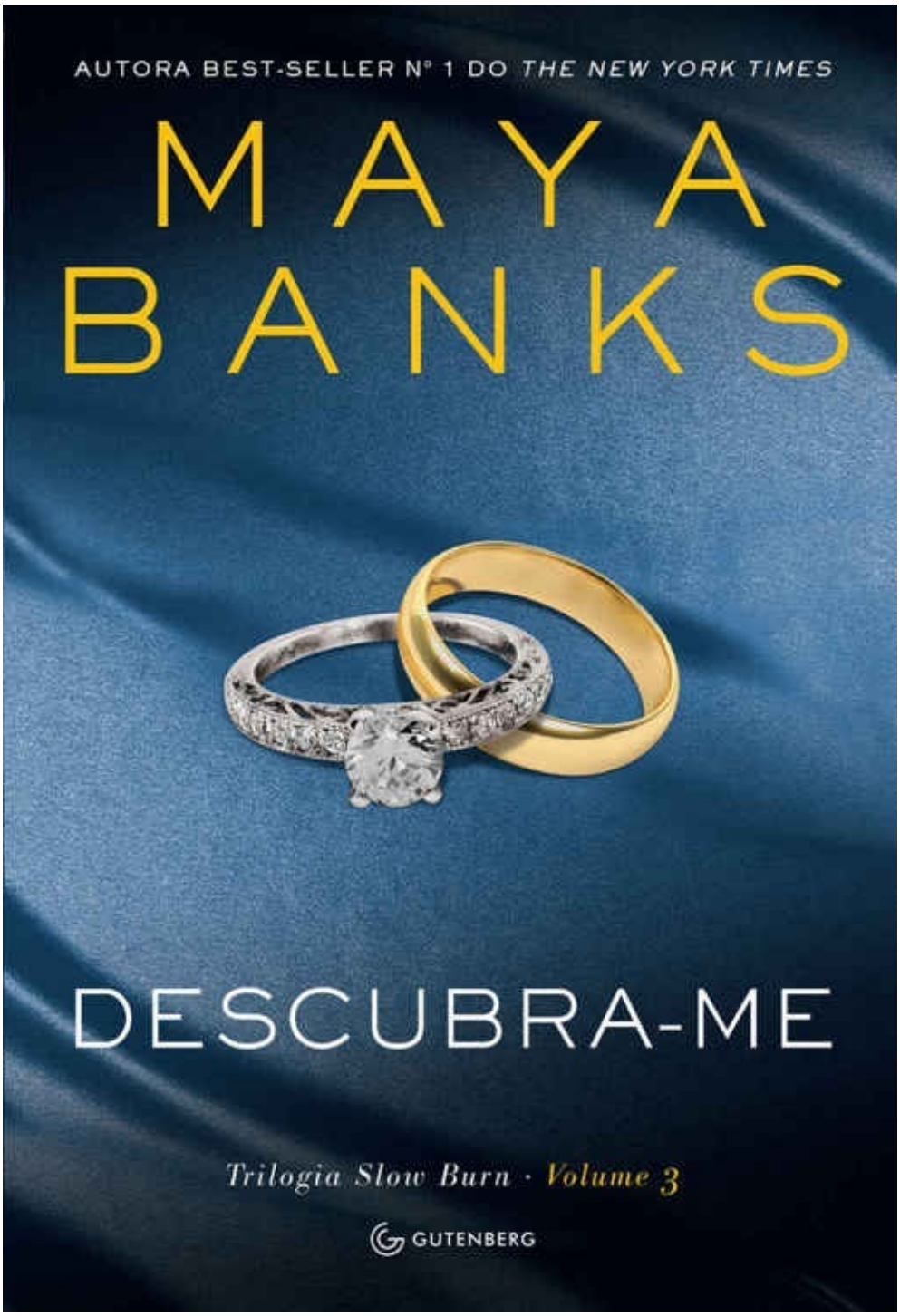
Descubra-me

Maya Banks



leLivros

DADOS DE COPYRIG HT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o obj etivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêm icos, bem com o o sim ples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de com pra futura.

É expressam ente proibida e totalm ente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso com ercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dom inio publico e propriedade intelectual de form a totalm ente gratuita, por acreditar que o conhecim ento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar m ais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando

por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo

nível."



Maya

Banks

Descubra-me

Trilogia Slow Burn

Volume 3

TRADUÇÃO: Marcelo Salles

UM

Zack Covington estava no lim ite de sua im paciência enquanto aguardava a ordem do líder da equipe para prosseguir. Ele não sabia exatam ente o que estava acontecendo no porão da McMansion – parecida com a casa que ele sonhou em construir para a garota com quem tinha planej ado passar o resto da vida –, m as sabia que não era coisa boa. Às vezes, o m al ficava à espreita em lugares aparentem ente inofensivos. As pessoas costum avam se negar a acreditar que algo de ruim pudesse vir a acontecer logo com elas – o que era um pensam ento com pletam ente equivocado.

Essa foi um a lição que Zack aprendeu da pior m aneira possível. Criado em um a cidadezinha às m argens do lago Kentucky, ele acreditava – assim com o a m aioria dos habitantes do lugar – que estava im une ao m al. Além do m ais, Zack era ainda m ais confiante em relação a isso do que os dem ais, j á que seu pai era chefe de polícia, e ele cresceu sabendo que o trabalho do pai era garantir a segurança da cidade, independentem ente de seu tam anho.

Mas ele com certeza havia fracassado com Gracie. Todo m undo havia fracassado com ela, e Zack foi o prim eiro. Seu pai se recusou a usar os recursos do m unicípio com alguém que não pertencia ao local, e isso causou um a desavença com Zack que até aquele dia não estava resolvida.

E que talvez j am ais se resolvesse.

Zack suspirou enquanto observava as enorm es casas, os carros caros, as piscinas por trás das cercas altas e os j ardins perfeitam ente bem -cuidados. As fam ílias abastadas que viviam no condom ínio cercado e m uito bem protegido ficariam apavoradas ao descobrir que o m al estava à espreita. A m aior ironia disso tudo era que aquele bairro afluente tinha sido recentem ente considerado o local m ais seguro e o m elhor para se viver na região m etropolitana de Houston.

Não só isso, m as tam bém entrou no top cinco do estado do Texas e na lista dos vinte m elhores locais para se viver em todos os Estados Unidos. Então, sim ,

aquelas pessoas estavam plenam ente convencidas de que estavam seguras.

Mas Zack sabia que não era bem assim . Lá dentro havia um a criança, um bebê ainda. Bem , não tão bebê assim , j á que ela era só dois anos m ais nova que sua Gracie. Maldição, não aqui e não agora. Essa não era hora de deixar o passado atrapalhar. Além disso, Gracie dificilm ente seria a linda e inocente garota de 16 anos que ele am ou havia m ais de um a década. Hoj e ela teria 28

anos.

Se é que Gracie estava viva.

Além do m ais, ela j á não era m ais a "sua" Gracie. Ela j á não era m ais nada de Zack.

Talvez ele não fosse capaz de salvá-la, talvez ele acabasse fracassando de qualquer form a. Mas não havia a m enor chance de fracassar com aquela garota, que tinha sonhos do tam anho do m undo. Não quando as duas pessoas m ais

im portantes de sua vida – ou pelo m enos as duas que *deveriam ser* as pessoas m ais im portantes – tinham fracassado com ela de todas as m aneiras possíveis.

Aly ssa Lofton tinha se m ostrado um a bailarina bastante prom issora desde pequena, o que deixava sua m ãe orgulhosa quando ela participava dos recitais do j ardim de infância e ganhava elogios por todo o estado. Depois, quando as exigentes sessões de ensaio e treino com eçaram a atrapalhar a vida social dos pais, Aly ssa acabou sendo rebaixada na lista de prioridades da fam ília.

Até que seu pai com eçou a receber am eaças direcionadas a ela.

Os Lofton tinham cinco filhos, Aly ssa era a filha do m eio, entre dois irm ãos m ais velhos e duas irm ãs m ais novas. Quando Howard Lofton ligou para a Devereaux Security Services, Zack ficou aborrecido pelo fato de o hom em parecer irritado não por sua filha estar sendo am eaçada, m as porque as am eaças não eram dirigidas a *ele*. O ego do hom em ficou abalado ao ver que ele obviam ente não era tão im portante quanto a filha.

Era um porco arrogante e m etido a besta, que j am ais deveria ter tido filhos. E

a esposa era igual ao m arido. Zack sonhava com a vida que eles levavam – um a

vida que um dia achou que teria –, com um a casa cheia de filhos. Um a casa feliz. E, ainda assim , o casal estava m ais preocupado com seu status na sociedade do que em cuidar das próprias crianças.

Os dois tinham contratado um a babá, que era quem ia a todas as com petições de esportes e recitais de dança. Era ela quem lhes dava am or e apoio, algo que deveria vir dos pais. E agora a babá estava m orta. Levou um tiro enquanto tentava proteger um a das m eninas m ais novas dos Lofton, depois que hom ens m ascarados invadiram o auditório onde estava acontecendo o recital, apagaram as luzes e causaram caos ao disparar suas arm as.

O que fez o pai? Ele se j ogou no chão feito um covarde, escondendo-se atrás da esposa, enquanto a babá salvava seu filho. Aquilo deixava Zack com vontade de enfiar um a bala no m eio da testa daquele desgraçado.

E não era nem para Howard e Felicity Lofton estarem no auditório para ver a filha brilhar. Eles só foram porque a filha do CEO de um a outra em presa de petróleo tam bém iria se apresentar naquela noite. Howard estava negociando um a fusão das duas em presas, j á que seu concorrente pretendia se aposentar e ele queria assum ir o com ando das duas com panhias e expandir seu “im pério”. O

pior era que Howard e a esposa nem m esm o prestaram atenção às crianças, enquanto estavam sentados lá atrás falando de negócios bem no m eio da apresentação.

O alvo sem pre foi Aly ssa. E Aly ssa era responsabilidade de Zack. Bem , na verdade ela era responsabilidade de toda a DSS, m as era Zack quem estava m ais perto. No m eio do pandem ônio que se seguiu, um a m ulher histérica tinha bloqueado o cam inho até a garota, que estava a poucos centím etros dela, e levou um tiro. Aly ssa em seguida foi capturada e levada em bora de um a m aneira bastante profissional.

Aquilo não era um a operação executada por am adores, e Zack não deixou de se perguntar por que alguém faria tudo aquilo para sequestrar a filha de um m agnata do petróleo que não tinha a m enor preocupação com a própria segurança. Se os sequestradores quisessem dinheiro e tivessem feito algum a

pesquisa sobre Howard Lofton, ele teria sido a escolha óbvia com o alvo do rapto.

Lofton abriria m ão de m uito dinheiro para salvar a própria vida. Mas e para salvar a vida dos filhos? Até m esm o Zack j á sabia a resposta e ele teve apenas um breve encontro com Howard. Zack sentiu desprezo por Lofton na m esm a hora em que se conheceram , porque o hom em estava reticente em gastar seu precioso dinheiro para proteger a filha, apenas “para m anter as aparências”.

Afinal, não pegaria bem para um pai ignorar as am eaças à sua filha e, além do m ais, Howard Lofton tinha um ego do tam anho do estado onde ele m orava.

Quando o ponto eletrônico em seu ouvido perm aneceu em silêncio – e ele j á tinha esperado por tem po dem ais –, Zack perdeu o resto da paciência. Que se dane, ele iria entrar. Os Lofton podiam não estar nem aí com a própria filha, m as Zack se im portava com ela e não iria ficar parado quando cada segundo poderia significar a diferença entre a vida e a m orte.

Furtivam ente, Zack seguiu na direção da j anela do quarto de hóspedes. A DSS

tinha puxado a planta da construção das casas do condom ínio – afinal, eram todas padronizadas – e silenciosam ente enfiou a faca nas bordas da j anela para soltar as vidraças. Som ente depois de conseguir abri-la ele sussurrou no intercom unicador:

“Estou dentro.”

Zack ignorou os palavrões de Dane e escutou Eliza m urm urar:

“Já estava na hora.” Capshaw e Renfro não disseram nada.

Entrando com facilidade no quarto, ele rapidam ente sacou a pistola com silenciador e pegou um a bom ba de efeito m oral. Zack sabia de cor a arquitetura da casa, pois teve de estudá-la até m em orizá-la por com pleto.

O lugar estava assustadoram ente escuro quando ele saiu do quarto, m as, à distância, era possível ouvir o som de um a televisão ligada. Seus com panheiros eram capazes de cobrir a frente da casa. O obj etivo de Zack era o andar de baixo, e ele seguiu em direção ao seu alvo, absolutam ente focado.

Captou um a som bra com o canto do olho e im ediatam ente colou o corpo na parede. Logo em seguida, um hom em virou pelo corredor, vindo na direção de Zack, que rapidam ente percebeu que ele não era um m orador da casa. O

hom em vestia calças cam ufladas e cam isa preta, e carregava um a pistola no coldre de om bro, além de várias facas de kevlar presas na cintura. Que raios aqueles palhaços poderiam querer com um a m enina de 14 anos? Será que eles estavam envolvidos com algum a organização de tráfico de pessoas? E m esm o assim , por que tudo aquilo para apenas *uma* garota? No recital havia m ais de vinte m eninas entre 8 e 18 anos. Em m eio ao caos que foi gerado, eles poderiam facilm ente ter capturado diversas outras.

Zack apontou a arm a para o hom em , que o avistou e fez o m esm o com a sua.

Mas Zack tinha o elem ento surpresa, e o silêncio só foi quebrado pelo som de um corpo caindo no chão.

“Um a m enos”, disse em voz baixa no intercom unicador. “Esses caras são bem treinados, fiquem de olhos abertos.”

“Mas que saco, Zack”, Beau reclam ou. “Espere pelos reforços.”

“Aly ssa talvez não tenha tem po para esperar pelos reforços”, Zack retrucou enquanto cam inhava na direção da escada no fim do corredor.

Ele parou e olhou para baixo, tentando escutar qualquer som que indicasse m ovim ento nas escadas. O que ele ouviu fez seu sangue gelar.

Era um choro soluçado. O som de dor e desespero. Um som que partiu seu coração.

Resistindo à vontade de descer correndo a escada, de form a im prudente, Zack se obrigou a descer com calm a os degraus, tom ando o cuidado de não fazer nenhum barulho, quando sua vontade era entrar correndo e m atar cada um dos desgraçados que tinham sequestrado e m achucado um a criança inocente.

Zack parou no últim o degrau, porque só havia um a pequena área entre a escada e a parede. Ele precisaria virar no corredor para entrar em um a área m aior da sala, no local onde Aly ssa estava sendo m antida. No local de onde vinha o choro e o soluço.

Zack não poderia lançar a bom ba de efeito m oral, porque poderia acabar ferindo Aly ssa. Além disso, ela poderia acabar sendo m orta assim que seus sequestradores percebessem que foram descobertos. Se aqueles hom ens fossem

m esm o bem treinados com o Zack achava que eram , eles provavelm ente j á tinham fam iliaridade com bom bas de efeito m oral – e sabiam com o suportar seu im pacto ao m esm o tem po em que perm aneciam capazes de se defender. Ou de m atar o inim igo.

Mantendo a respiração calm a, Zack pegou sua faca com a m ão esquerda e apertou os dedos em volta da em punhadura da pistola, roçando o gatilho. A cena que ele viu em seguida iria assom brá-lo pelo resto da vida.

Aly ssa ensanguentada, espancada, pálida de terror, com os olhos brilhando por causa das lágrim as e por causa da dor. Estava algem ada à base da lareira de tij olos. Aquilo m ais parecia cena de um film e de terror m edieval.

Mas o pior era ver *quem* a estava torturando.

Zack não se m oveu, nem m esm o respirou, rezando para que a garota com a faca no pescoço de Aly ssa não percebesse que ele estava lá e não decidisse lhe cortar a garganta.

“Por que você está fazendo isso com igo, Lana?”, Aly ssa sussurrou, engasgando com as próprias lágrim as enquanto encarava sua torturadora. “Eu achei que nós éram os am igas!”

“É que com você fora de cena, *eu* vou ser a m elhor. Não *você*”, disse a adolescente. “Sem pre foi só você, você, você. Estou de saco cheio de ouvir com o a Aly ssa é boa, com o ela é talentosa e está destinada ao estrelato. Sabe o que falam de m im ? Que sou sua coadj uvante, sem pre em segundo lugar. Agora eu vou ser a estrela, e ninguém vai nem lem brar do seu nom e.”

Meu Deus. Zack reconheceu a garota. Ela havia se apresentado logo antes de Aly ssa e, em bora fosse talentosa, ficou evidente, assim que Aly ssa pisou no palco, que ela ofuscava a outra garota.

O ódio com pleto por Aly ssa estava bem claro na voz de sua rival. O tom de triunfo e m aldade naquelas palavras deixavam Zack enoj ado. Um filete de sangue escorria pelo pescoço de Aly ssa, e ela deixou escapar um pequeno grito, m ais de pavor e m edo do que de dor.

O que m ais assustava era o fato de ser im possível aquela garota ter elaborado um plano tão im pecável. Não havia chance tam bém de ela conhecer hom ens

capazes de executar o plano de form a tão profissional. Isso significava que seus pais não só sabiam o que estava acontecendo no porão de casa, com o tam bém planej aram tudo aquilo.

Zack precisava agir rápido. Ele era bom para ler as pessoas e não tinha a m enor dúvida de que a adolescente invej osa m ataria Aly ssa se ele não interviesse naquele m om ento. De form a algum a ele gostaria de m atar um a adolescente, ainda apenas um a criança… Mas não, ela não era um a criança. Era um a psicopata de sangue-frio, capaz de fazer qualquer coisa para elim inar alguém que ela encarasse com o rival.

E então a decisão de agir foi tom ada por Zack quando Aly ssa olhou para ele e entregou sua presença ali, ao arregalar os olhos assustada. Felizm ente, a garota baixou a faca e se virou, talvez pensando que fosse um dos hom ens que tinham sequestrado Aly ssa. Porém , quando ela viu Zack, levantou a m ão com a lâm ina, com um a expressão tão agressiva que o fez estrem ecer. Então ela se virou novam ente, apontando a faca na direção do peito de Aly ssa.

Tudo se passou em um a fração de segundo e, no entanto, era com o se tivesse acontecido em câm era lenta.

Aly ssa gritou, virando-se de lado para evitar a ponta da faca. Zack atirou, com m ira precisa, e acertou o braço de Lana perto do pulso, fazendo-a soltar a lâm ina. Lana gritou tão alto quanto Aly ssa, m as a dor que ela obviam ente estava sentindo não a im pediu de tentar concluir sua vingança.

Ela se j ogou sobre Aly ssa, arranhando furiosam ente seu rosto, enquanto a outra m ão pendia inerte ao lado do corpo.

Mas que droga!

Zack avançou e pegou um punhado de cabelos da garota furiosa, puxando-a para trás. No seu ouvido, pelo intercom unicador, duas vozes ordenavam que ele relatasse a situação. Ele ignorou am bas, preocupado em im pedir que Aly ssa se m achucasse ainda m ais, caso algum oponente descesse pelas escadas.

“Vou te m atar!”, Lana gritou, voltando sua ira para Zack.

Subitam ente, a raiva se transform ou em triunfo quando ela olhou de form a rancorosa para Aly ssa.

“Chegou tarde dem ais, de qualquer m aneira”, ela disse, de um j eito presunçoso.

Zack não parou para pensar no que a garota m aluca queria dizer. Ele a fez sentar em um a cadeira próxim a e algem ou o pulso ileso de Lana ao braço do assento. Desta vez, foi ela quem entregou a presença de outra pessoa. Seus olhos brilharam de alívio, e Zack im ediatam ente se j ogou no chão e rolou na direção de Aly ssa, colocando-se entre ela e qualquer possível am eaça.

Zack estava com a arm a levantada e não hesitou quando viu um hom em vestido de form a sim ilar ao que ele tinha elim inado no andar de cim a. Não teve tem po de fazer m ira para acertar um tiro fatal, m as foi capaz de acertar a coxa do agressor. A j ulgar pela quantidade de sangue que j orrava do ferim ento quando o hom em caiu, o disparo provavelm ente atingiu a artéria fem oral. Se fosse o caso, aquele hom em estava condenado e iria sangrar até a m orte em poucos segundos.

Ainda assim , para não correr riscos, Zack deu um segundo tiro no pescoço do

hom em caído.

“Caralho, onde é que está todo m undo?”, esbravej ou, falando com sua equipe pela prim eira vez. “Aly ssa está no porão, e dois dos sequestradores estão m ortos.

Alguém aí a fim de m e aj udar por aqui?”

“Bem , se você tivesse sido um pouco m ais paciente, teria aj uda”, Dane respondeu, seco.

“Se eu tivesse esperado m ais, Aly ssa estaria m orta agora”, Zack retrucou.

“Já varrem os o térreo”, Eliza interveio. “Estam os a cam inho agora. Zack, estam os lidando com um caso bem fodido.”

“Você não sabe nem m etade da história”, Zack respondeu sério.

Satisfeito por não ter encontrado m ais nenhum a surpresa, Zack se levantou e rapidam ente soltou os pulsos de Aly ssa, usando a chave que estava em cim a da m esa, a poucos m etros de distância. Assim que se viu livre, ela abraçou Zack e

com eçou a chorar com a cabeça encostada em seu pescoço. Ele fechou os olhos e segurou sua nuca, acariciando gentilm ente seus cabelos.

“Está tudo bem , querida. Você está em segurança agora.”

“Não, não está nada bem ”, ela respondeu em m eio aos soluços. “*Nunca* m ais vai ficar tudo bem de novo.”

Aly ssa se agarrava com força nele, e sua dor deixava Zack com ovido. O

m undo estava repleto de todo tipo de gente m aldosa e louca, m as aquela situação conseguiu surpreendê-lo. Ver alguém tão j ovem sendo tão m aldosa e… doentia.

Ele estava sem palavras.

“Você consegue se levantar ou quer que eu te carregue?”, Zack falou com um tom de voz calm o e tranquilizante. “Você está m uito m achucada?”

Ao ouvir essa pergunta, Aly ssa desabou com pletam ente. Chorava tão desam parada que Zack ficou furioso ao ver sua inocência destruída. Mesm o assim , ele não estava preparado para ouvir a resposta.

“Ela quebrou m eus *joelhos*”, Aly ssa disse soluçando. “Para eu nunca m ais dançar de novo. Dançar era tudo o que eu tinha e agora perdi isso. Ela devia ser m inha am iga, nós estávam os ensaiando j untas, estávam os planej ando ir para a m esm a escola de dança. Oh, m eu Deus... E se eu nunca m ais conseguir andar de novo?”

Zack ficou totalm ente chocado. Da form a m ais gentil que ele pôde, considerando que estava trem endo de raiva, afastou Aly ssa o suficiente para avaliar seus j oelhos. Ele não tinha se atentado às pernas da garota antes, j á que estava focado dem ais em Lana, na faca que ela segurava e no m edo que havia nos olhos de Aly ssa.

As calças usadas na apresentação do recital estavam rasgadas, ensanguentadas e com pletam ente esticadas pelo inchaço causado pelas pancadas nos j oelhos. Zack nunca se sentiu tão m al em sua vida. Não desde o dia em que…

Ele m eneou a cabeça e se recusou a voltar àquela época de sua vida. Havia um a

garota que precisava dele ali e naquele m om ento. Zack era tudo o que havia para proteger Aly ssa da m orte. E para ela, um ferim ento daquele tipo era equivalente a m orrer.

Zack cuidadosam ente passou-lhe um braço por baixo das pernas, entre os j oelhos e as nádegas, e a segurou com o outro braço por baixo das axilas.

“Isso vai doer, querida, m as preciso tirar você daqui e levá-la para um hospital, onde você estará em segurança. Talvez seus m achucados não sej am tão sérios quanto você im agina.”

Nos olhos de Aly ssa havia claram ente dúvida e desolação, m as ela apertou os lábios e se inclinou na direção de Zack, sem em itir um único som enquanto ele a carregava nos braços e passava por Lana, que ainda estava algem ada à cadeira.

“E quanto a m im ?”, Lana gritou. “Você atirou em m im !”

Zack se virou e olhou-a com frieza, certificando-se de que a cabeça de Aly ssa estivesse presa com firm eza sob seu queixo e que o rosto estivesse afundado em seu pescoço, para que ela não tivesse m ais que olhar novam ente para sua torturadora.

“Pode m e processar”, ele grunhiu.

DOIS

Zack tentou se aj eitar no banco desconfortável daquele bar que podia ser m ais bem descrito com o um “suj inho” e que ficava a um a boa distância de seu apartam ento. Era um lugar que ele usava com o esconderij o, j á que ninguém o conhecia por lá. Apesar de frequentá-lo com regularidade, ele se m antinha sozinho, nunca conversava com ninguém e definitivam ente não ia até lá para ficar com m ulheres e ter casos de um a noite só. Aquele bar era som ente um local onde tentar relaxar depois de um a m issão particularm ente difícil ou quando o passado voltava para assom brá-lo, apesar de todo seu esforço para seguir em frente.

Zack estava ali naquela noite pelos dois m otivos.

Porque aquela m issão infernal – literalm ente infernal – tinha trazido à tona m em órias dolorosas do passado, que ele tinha orgulho ter conseguido m anter

afastadas por um bom tem po. Zack até m esm o achava que j á tinha passado pelo pior, que estava seguindo em frente. Pensava que finalm ente estava conseguindo deixar o passado para trás e aceitar o acontecido. Aceitar que a vida que ele tinha planej ado, a vida que ele tinha sonhado, j am ais se tornaria realidade e que j á era hora de tentar realizar um outro sonho, um a outra visão. Ou ele iria sacrificar para sem pre qualquer chance de ter algo que se assem elhasse a um a vida feliz, satisfatória e plena.

Sim , ao colocar as coisas dessa form a não era preciso ser m uito esperto para perceber que Zack era prisioneiro de coisas sobre as quais ele não tinha controle j á havia m uito, m uito tem po. Estava m esm o na hora de parar de olhar para o próprio um bigo.

“Ei.” Um a voz suave interrom peu o autoflagelo de Zack.

Ele se virou, grato, aliviado por alguém tê-lo distraído dos próprios pensam entos, em bora preferisse não ser incom odado quando estava ali, em um lugar onde ele contava apenas com a própria com panhia, j á que todo m undo lá costum ava ficar quieto, cuidando da própria vida.

Zack sorriu quando viu Tony a, um a enferm eira no hospital onde Aly ssa fora levada algum as horas antes. Ela trabalhava na em ergência, e foi assim que Zack e os outros m em bros da DSS a conheceram . Não era incom um que a DSS fosse parar no pronto-socorro, sej a porque algum dos m em bros da equipe fosse ferido ou porque eles precisassem levar alguém para lá ao fim de um a m issão. Com o Aly ssa.

“Noite com plicada, hein?”, Tony a disse em voz baixa, olhando para o rosto de Zack, que estam pava sua aflição com o se fosse um outdoor lum inoso.

Zack suspirou e deu um longo gole na cervej a. Em seguida, deixou a garrafa vazia no balcão e sinalizou ao barm an que desej ava m ais um a.

“É, foi dureza. Quer beber algum a coisa?”

Tony a sentou-se no banco ao lado de Zack e apoiou sua bolsa no colo, entre

seu corpo e o balcão.

“Vou querer o m esm o que você.”

Zack levantou a m ão para cham ar a atenção do barm an e lhe m ostrou dois dedos.

“A m enina não era m inha paciente, m as todo m undo no pronto-socorro estava com entando a história”, Tony a disse, fazendo um a careta que entortava seu belo rosto. “Se você não puder falar, tudo bem , m as é verdade que foi a *amiga* que fez isso com Aly ssa só porque ela dançava m elhor?”

Zack fez um som ininteligível com a garganta.

“Que am iga, hein?”

“Meu Deus, então é verdade. Que m erda de adolescentes psicopatas que os pais andam criando hoj e em dia?”

“Acho que o problem a é exatam ente eles não estarem sendo criados”, Zack disse aborrecido. “Em vez disso, os pais estão sendo controlados e m anipulados por seus pirralhos m im ados que acham que são donos do m undo. Onde é que estão as crianças que esperneiam e fazem birra porque não deram o brinquedo delas, caram ba? Aparentem ente, tentar m atar seus concorrentes se tornou algo norm al.”

Tony a pegou um a das garrafas de cervej a que o barm an tinha deixado na frente deles, brindou com a garrafa de Zack e deu um longo gole.

“Esse tipo de coisa com certeza faz você pensar duas vezes antes de ter um filho.”

Zack assentiu, em bora ter um a fam ília grande fosse exatam ente o que ele sem pre quis. Se as coisas tivessem acontecido do j eito que ele tinha planej ado…

Fechou os olhos, m as não antes que aquela afirm ação interrom pida pela m etade tivesse flanado por sua m ente com o um pensam ento com pleto. Se as coisas tivessem acontecido do j eito que Zack tinha planej ado, hoj e ele j á seria um atleta aposentado e a essa altura teria o segundo ou até o terceiro filho; m as, em vez disso, ele acabou se lesionando no segundo ano e decidiu não retornar.

“Ei, está tudo bem ?”, Tony a perguntou.

Zack virou para ela e enxergou preocupação em seu olhar. Não tentou m entir,

porque Tony a via esse tipo de coisa todo dia e não era m ais insensível ao que acontecia do que ele.

“Sim . Foi só m ais um dia ruim no trabalho.”

Ela riu e bateu a garrafa na dele novam ente.

“Eu vou fazer um brinde a isso. Mas, até aí, todos os dias não são ruins quando se tem um trabalho com o o nosso? Às vezes acho que som os cabeças-duras dem ais.”

Zack sabia por que ele não havia voltado para o futebol am ericano, por que ele foi atrás de um a carreira na área de segurança. Para algum as pessoas, ele estava apenas seguindo os passos de seu pai, em bora fosse a últim a coisa que Zack faria. E ele tam bém sabia por que acabou aceitando o em prego na DSS, em um im portante m om ento de decisão na vida, quando tam bém estava sendo recrutado por um a agência federal.

Mas ele gostava da DSS e das pessoas com quem trabalhava. Gostava do fato de que certos dons que a m aioria das pessoas encarava com ceticism o ou

zom baria não só eram aceitos, m as tam bém com provados nos extraordinários poderes que as esposas de Caleb e Beau possuíam .

E Zack teve um a experiência em prim eira m ão com o sobrenatural. Gracie possuía um dom assim . Tinha a habilidade de ler m entes, e não havia explicação para aquilo. Com certeza não era genético, j á que seus pais eram o m ais puro desperdício de DNA hum ano, e ainda assim , de algum a form a, eles conseguiram ter um a filha extraordinária, tão diferente de sua criação e de seus arredores que era algo espantoso. Isso fazia a gente cogitar a possibilidade de ela ter sido trocada na m aternidade ou de que toda a discussão científica em torno de

“natureza versus criação” não passava de um m onte de bobagem , apenas produto de m entes brilhantes sem nada m elhor para fazer cogitando sobre o m otivo de as pessoas se tornarem com o elas eram .

Porque o fato era que Gracie desafiava tanto a natureza com o a criação. Pelo aspecto da natureza, ao analisar os genes herdados, Gracie estaria perdida e condenada a um a vida m iserável. Ela seria um a com pleta perdedora. Por outro

lado, ao observar o aspecto da criação, ela tam bém estaria igualm ente perdida, porque havia crescido em um am biente que não tinha a m enor possibilidade de produzir um indivíduo responsável, sensível, inteligente e carinhoso. No entanto, Gracie era tudo isso. E o que ela ganhou em troca? Zack não fazia a m enor ideia, m as sua im aginação sugeriu diversas possibilidades aterradoras ao longo dos anos, e cada um a o torturava sem parar.

“Ei”, Tony a disse, m ais um a vez puxando Zack de volta da escuridão para onde seus pensam entos o levavam .

E, novam ente, Zack se virou para ela e a viu sorrindo de form a calorosa e convidativa, com brilho no olhar.

“Quer ir relaxar um pouco com igo? Na sua casa ou na m inha, não im porta. E

antes que você pergunte: não, eu não estou te pedindo em casam ento e não, não estou interessada em um relacionam ento. Estou feliz com m inha vida do j eito que ela é hoj e, m as isso não significa que eu sej a cega ou que iria recusar um a noite de sexo despreocupado com um cara lindo.”

O convite de Tony a m exeu com Zack, em bora ele se considerasse inabalável e um m estre em disfarçar qualquer reação ao que estivesse sentindo dentro de si.

Ele olhou para ela, sem expressão por um m om ento, pensando no m otivo por que estava hesitando.

Tony a era um a m ulher bonita e inteligente. Mais que isso, tinha senso de hum or, não fazia dram a e não se levava m uito a sério. E era um a boa pessoa, um a m ulher que faria qualquer hom em sentir-se sortudo em tê-la, e não só de form a *temporária*, com o ela estava propondo.

Então, por que raios ele estava sentado ali, olhando para o nada, com o se não tivesse a m enor ideia do que fazer, em vez de j á estar saindo com ela pela porta do bar?

Que diabos havia de errado com ele?

Zack sentia a vergonha fazer seu estôm ago se revirar e seu peito ficar apertado, a ponto de ser difícil respirar. Tony a estava oferecendo algo pelo qual a m aioria dos hom ens daria um braço, m as ela m erecia m ais que um a transa banal com

um cara que não estaria com pletam ente focado nela. E naquela noite,

Zack não poderia lhe garantir isso. Ele não podia dar-lhe nada a não ser um orgasm o e, bem , talvez nem isso. Porque nenhum a de suas “cabeças” estava concentrada, e, apesar de Zack não depender de seu pau para enlouquecer um a m ulher, ele não estava sentindo a m enor vontade essa noite.

Tony a alisou o braço de Zack e segurou seu pulso, apertando carinhosam ente, sem deixar de sorrir em nenhum m om ento.

“Não tenho o ego tão frágil assim , Zack. O seu rosto diz tudo, então pare de se torturar pensando em com o m e dizer gentilm ente que você não está a fim de sexo casual hoj e. Eu entendo, tá? Bem , e se você m udar de ideia algum dia, não ache que eu vou guardar rancor por ter sido rej eitada e vá punir você pela eternidade.”

Zack alisou o queixo de Tony a e segurou-lhe o rosto. Ele a olhava de form a intensa e com bastante seriedade.

“Esse foi m ais um ótim o exem plo de por que você m erece alguém m elhor do que eu, m esm o que só por um a noite.”

Tony a pousou a m ão sobre a de Zack e deslizou gentilm ente, apertando-lhe os dedos e colocando-a sobre o balcão do bar.

“Quem quer que tenha sido ela, causou um belo estrago em você.”

Zack arregalou os olhos, surpreso com a perspicácia de Tony a ao notar que a hesitação estava ligada a um relacionam ento anterior. Mas ele tam bém sabia que a conclusão a que ela chegou estava errada. Apenas não quis corrigi-la.

“Merda acontece com todo m undo, inclusive com os m elhores de nós”, Tony a com entou desgostosa. “O que separa os fracos dos fortes é o que eles fazem quando a coisa fica feia.”

Zack se inclinou para frente, segurou-lhe o rosto e lhe deu um beij o na testa.

“Obrigado. Eu estava precisando ouvir isso.”

Ele desceu do banco do bar, e Tony a franziu a testa, preocupada.

“Você está precisando de um a carona até sua casa? Quanto você bebeu?”

Zack sorriu ao escutar aquele tom de voz preocupado. Sim , ela era linda, divertida, inteligente e espirituosa, m as ele via Tony a m ais com o um a irm ã do que com o am ante. Por que Zack não conseguia se sentir sexualm ente atraído por ela? Isso com certeza tornaria sua vida m uito m enos com plicada hoj e em dia. Se bem que nenhum de seus encontros sexuais anteriores poderia ser cham ado de algo m ais do que apenas luxúria e um breve instante de relaxam ento.

Se ele estivesse atraído por Tony a, ou se sentisse algo m ais do que o afeto que alguém sente por um a irm ã ou um a boa am iga, então isso significaria um relacionam ento m ais sério, e ela m erecia algo assim . Por sinal, todas as m ulheres com quem Zack esteve m ereciam m ais dele, m as ao m enos ele não m entia nem as enganava de m aneira algum a, pois am bos os lados j á sabiam o que iria acontecer. Ele não era *tão* canalha assim .

Mas Tony a? Apesar do discurso de não querer saber de casam ento e com prom isso – e Zack acreditava, porque ela era com pletam ente honesta e direta –, ela era o tipo de m ulher para você levar para casa e apresentar à fam ília.

“Eu tom ei exatam ente um a cervej a e m ais um gole de outra. Estou bem .

Quer testar a quantidade de álcool no m eu sangue?”, ele brincou.

Tony a revirou os olhos.

“Está bem , desta vez passa. Só não quero saber de você no m eu hospital quando eu estiver de folga. Então, tom e cuidado.”

“Vou tom ar sim . E, Tony a, m uito obrigado. Estou falando sério.”

“Faço qualquer coisa por m eus am igos.”

“Vou em bora descansar um pouco. Esse foi um dia de m erda. Estou pronto para encerrá-lo e com eçar de novo am anhã. E torcendo m uito para que não sej a um a repetição de hoj e.”

Tony a fez um a saudação com a garrafa de cervej a e Zack se despediu dela com um abraço, indo em seguida para a porta.

O ar frio de fora era bem -vindo depois do calor sufocante de dentro bar, e tam bém servia para dar um a chacoalhada nos pensam entos de Zack, que na últim a hora tinham ficado bastante sentim entais.

Ele sentou-se ao volante de sua cam inhonete e ficou parado antes de ligar o m otor. Zack não tinha m entido. Aquele tinha sido um dia terrível na escala dos dias ruins, com parável apenas a alguns outros poucos eventos em sua vida. É por isso, talvez, que ele tivesse sentido tanto.

Perder Gracie, sem saber com o nem por quê, sem pre foi difícil de engolir, e ele ainda não havia superado o caso.

Seu pai tinha ficado furioso, porque Zack pensou seriam ente em não entrar para a liga profissional de futebol am ericano, quando estava no últim o ano de faculdade, depois de quatro anos espetaculares com o o *quarterback* da Universidade do Tennessee. Mas ele estava sem cabeça e sem vontade. Com o poderia ser diferente? Se a pessoa com quem ele m ais queria com partilhar esse sonho tinha desaparecido – sem deixar nenhum rastro, o que o fez tem er pelo pior –, então qual era a razão de participar?

O pai de Zack o acusava de estar j ogando fora a vida por causa de um a branquela pobre que não valia nada. Ele j am ais gostou de Gracie. *Desgostar* era um term o leve para descrever o sentim ento. Ele *desprezava* Gracie. No único dia em que Zack levou Gracie para casa, para conhecer o pai, o desgraçado a hum ilhou cham ando-a de caipira pobretona e deixando bem claro que ela não tinha lugar na vida de Zack, dizendo que não era boa o suficiente para ele e que j am ais conquistaria nada na vida.

Zack j am ais a levou de volta para lá. E era exatam ente isso que havia causado a rusga perm anente entre pai e filho.

Ainda assim , depois do desaparecim ento de Gracie, Zack o procurou e pediu aj uda. Com o chefe de polícia, era o dever de seu pai proteger todos os cidadãos do lugar. Em vez disso, seu pai deu risada. O babaca na verdade com em orou o fato de Gracie ter saído de cena. Não m oveu um único dedo para investigar o sum iço.

E então, quando Zack estava hesitando em entrar nas seletivas por tem er que Gracie pudesse retornar e ele não estivesse por lá para recebê-la, parecendo que ele teria desistido dela, a abandonado, seu pai ficou descontrolado.

Só depois de seus am igos o tranquilizarem – garantirem que se Gracie voltasse, eles a segurariam ali e o avisariam –, Zack voltou a perseguir o sonho de j ogar futebol am ericano profissionalm ente, algo que ele j am ais achou que faria

sem Gracie do seu lado.

Eles planej avam se casar. Ter um a grande fam ília. Zack iria j ogar na liga profissional por dez anos, ganhando dinheiro o suficiente nesse período para garantir o futuro da fam ília. Depois disso ele iria se aposentar, para que pudesse dedicar todo seu tem po à esposa e aos filhos.

Durante as prim eiras duas tem poradas, ele conseguiu levar aos *playoffs* um a equipe até então inexpressiva. Zack foi saudado com o o hom em que salvou o tim e e o colocou em posição de destaque, tornando-o relevante. Foi então que ele sofreu um a lesão no om bro, bem quando estava fazendo um passe que deu a vitória ao tim e, e foi obrigado a ficar fora da liga profissional após apenas duas tem poradas.

Aquela não foi um a lesão que encerraria a carreira de Zack, m as ele se viu em um dilem a: passar por um a longa reabilitação fora de tem porada, treinar feito louco e voltar, ou então, receber o dinheiro que tinha garantido por contrato e largar o futebol.

Zack escolheu a segunda opção.

Ele poderia ter feito a reabilitação, voltado e j ogado ainda por m uitos anos m ais. Em vez disso, escolheu se unir às forças policiais, porque Gracie não saía de sua cabeça e ele não conseguia parar de pensar que um dia iria encontrá-la.

Ou, ao m enos, iria descobrir o que havia acontecido com ela.

O pai de Zack ficou furioso, indignado. Disse que se ele tivesse a cabeça no j ogo, em vez de ficar pensando em um a caipira inútil, ele nem teria sido derrubado, m uito m enos se lesionado. E disse ainda que Zack estava arruinando seu futuro por causa de *qualquer uma* – seu pai era um porco m achista que não conseguia se im aginar sacrificando nada por um a m ulher. Especialm ente um a carreira que renderia m ilhões de dólares.

Quando era criança, Zack ficou ressentido com a m ãe por abandoná-lo, m as ao crescer, ele passou a com preender. Com o algum a m ulher conseguiria viver

com um hom em com o seu pai? O único m otivo para Zack ainda ter raiva dela era o fato de sua m ãe tê-lo largado com um hom em que claram ente era um babaca egoísta e insensível.

Então ele escolheu um a carreira que lhe deu acesso – oportunidades – e m eios para que ele fosse m ais proativo na busca por Gracie. E depois da últim a discussão com o pai, ele j am ais voltou para casa. Sim plesm ente não havia nada lá para ele. Toda vez que encontravam um corpo na cidade, Zack m orria m il vezes im aginando se não seria o corpo de Gracie. Era doloroso dem ais voltar a um lugar que representava um a parte tão im portante e integral de seu passado, de sua vida. Aquele era o lugar onde Gracie e ele se conheceram , se apaixonaram e com partilharam suas esperanças e sonhos para o futuro.

Zack só perdeu a virgindade ao chegar na liga profissional, porque ele nunca encontrou o m om ento certo na faculdade, em bora isso não tivesse acontecido por falta de oportunidades. A lem brança daquela noite ainda o hum ilhava e o deixava enoj ado até a alm a. Na ocasião, Zack se viu obrigado a sair da cam a e correr até o banheiro para vom itar. Porque aquele m om ento de sua vida dele deveria ter acontecido com Gracie. Eles esperaram , e era im portante para Zack que esperassem até estarem casados. Com o ela era quatro anos m ais nova, ele não

queria sentir com o se estivesse se aproveitando de Gracie de m aneira nenhum a.

Apenas queria que sua noite de núpcias fosse especial. Droga, ele nem m esm o conseguia se lem brar do nom e da garota com quem tinha perdido a virgindade.

Que tipo de babaca ele era?

Graças a Deus ela só pensou que ele tinha bebido dem ais, j á que eles se conheceram em um a festa da equipe depois de um a vitória nos *playoffs*.

Zack bateu a m ão no volante do carro, cada vez m ais bravo e irritado consigo m esm o. Tinha acabado de rej eitar um a ótim a m ulher naquela noite por causa de seus próprios problem as pessoais e sua incapacidade de deixar o passado para trás e seguir em frente.

Doze anos. Doze longos anos. Já era o bastante.

Aquilo tudo era idiotice.

Ou Gracie estava m orta ou tinha escolhido desaparecer. Qualquer que fosse a resposta, Zack não podia fazer nada, e j á estava na hora de parar de viver feito um zum bi e seguir em frente com sua vida m iserável.

Essa m erda tinha que acabar agora m esm o. E *estava* acabando ali, porque Zack se recusava a passar m ais um único dia que fosse pensando no que poderia ter sido. Qualquer pessoa sã j á teria enfiado na cabeça que "o que poderia ter sido" não iria j am ais acontecer, e que se arrepender ou ficar pensando não faria a m enor diferença.

Zack ligou o m otor do carro e segurou o volante com força, sentindo-se tom ado por um a firm eza de propósito.

Deixar para trás.

Seguir em frente.

Parar de ser um babaca am argurado.

Ser *feliz*.

E, com eçando no dia seguinte, era precisam ente isso que Zack iria fazer. Essa noite era a despedida dos velhos sonhos e do que j am ais viria a ser. Am anhã?

Seria o dia de encarar o futuro sem toda aquela bagagem que ele vinha carregando havia m ais de um a década.

TRÊS

Anna-Grace levantou os braços na direção da parede, fazendo um a careta de concentração enquanto inclinava e virava o quadro para perm itir que a luz batesse de certa form a.

"Se você olhasse para m im do m esm o j eito que olha pra isso…", disse um a voz m asculina em tom de brincadeira.

Na m esm a hora ela perdeu a concentração, parou de fazer a careta e se virou, sorrindo ao notar a presença de Wade Sterling.

“Não fazia ideia de que você gostava de m ulheres que fecham a cara para você”, ela disse em um tom leve.

Essa foi um a resposta bem -hum orada, o tipo de tratam ento que tinha levado grande tem po para ser criado entre ela e o belo e rico dono da galeria. A m aioria das m ulheres, senão todas, iria considerá-la um a tola por não retornar as investidas de Wade, que foram ficando m ais sutis – e não m ais descaradas – com o tem po.

“Você pode fechar a cara para m im quando a luz não está boa o bastante”, ele retrucou. “Mas quando está, você olha para seus quadros com o se olhasse para um am ante.”

Anna-Grace odiou o fato de ter ficado levem ente ruborizada. E tam bém o fato de ter virado o rosto na m esm a hora, olhando para qualquer lugar, m enos para ele. Wade não era um a am eaça. Racionalm ente, ela sabia disso. Mas a lógica nunca vencia o m edo, porque o m edo não era racional e subvertia todas as regras da lógica.

Ele suspirou, m as não disse nada sobre a rej eição. Wade j á estava acostum ado às cortadas que recebia, nesse tem po todo em que se conheciam . No com eço, ela o rej eitava de um a m aneira firm e e decidida, quase exagerada.

Com o tem po, entretanto, Anna-Grace tentou relaxar e aliviar aquela rej eição frequentem ente autom ática. Mas era algo quase instintivo para que ela parasse de vez. E ela ficava cada vez m ais arrependida a cada cortada, intencional ou não.

“Aqui, deixe-m e aj udar”, ele disse, aparentem ente inalterado por aquele m om ento constrangedor.

Wade pegou o quadro e o posicionou onde Anna-Grace tinha encontrado a m elhor ilum inação. Depois se afastou e ficou observando o efeito.

“Está bom ”, ele com entou. “Mas você nunca iria concordar em exibi-lo se não estivesse bom , e eu tam bém não, apesar da nossa am izade. Esta exposição irá catapultá-la, Anna-Grace. E quanto ao últim o quadro…”

Wade parou de falar propositalm ente, olhando para ela curioso. Anna-Grace ficou inquieta diante do seu olhar.

“Está pronto”, ela disse.

Ou ao m enos estaria quando ela deixasse tudo para trás, m etaforicam ente

falando. Graças a Deus, Wade com preendia isso – e tam bém a com preendia.

Aquele quadro em questão não era sim plesm ente um obj eto de arte com ercial para exibir o talento dela. Na verdade, o quadro nem estava à venda. Era um a obra íntim a dem ais para que ela abrisse m ão. E tam bém era a form a de Anna-Grace com unicar seu *juramento* para si m esm a, e não aos outros. Ela ainda tinha dúvidas sobre se deveria m esm o exibir a obra, sobre qual seria o propósito daquilo tudo. Mas exibir o quadro era, de diversas m aneiras, um a form a sim bólica de…

Bem , havia m uitos term os que poderiam se aplicar àquela pintura e a seus sim bolism os. Seguir em frente… Anna-Grace quase deu risada, apesar de não ver nada de engraçado na situação. Seguir em frente significava deixar para trás algo… difícil. O fim de um relacionam ento, talvez. A m orte de um ente querido.

Um a superação pessoal. Significava chegar a um ponto onde a pessoa decidia reagir e se recusar a continuar vivendo – e existindo – som ente no passado. Bem , pelo m enos essa últim a opção se aplicava à situação de Anna-Grace.

Para ela, o título do quadro dizia tudo.

Sonhos perdidos.

“Sonhos destruídos” seria m ais apropriado, m as era dram ático dem ais para um a pintura que j á seria considerada quase extravagante, se observada por leigos. Um a im agem que evocava nostalgia pela m ais pura inocência parecia irradiar das luzes e som bras capturadas na tela.

Anna-Grace precisou de m uitas tentativas e esboços até chegar ao visual que ela queria atingir. E, na verdade, o título da obra surgiu – e se baseava – na *primeira* interpretação que ela fez daquele lugar que teve um papel tão im portante na j uventude dela.

Era um quadro som brio e assustador, e não era possível deixar de sentir tristeza ao observar a paisagem estéril e a sensação de solidão que ali predom inava. Ela

m esm a não teria sido capaz de ficar observando algo que trouxesse de volta tanta dor e desespero.

Anna-Grace prontam ente adm itia que aquele prim eiro quadro era a versão m ais precisa, a que m ais representava a dor e a tristeza dela. Só que era algo íntim o dem ais para com partilhar com estranhos, com aqueles que não poderiam entender. E com o é que poderiam ? Mas a pintura original representava a pessoa que ela foi por m uito tem po, e agora era hora de se m ostrar de form a diferente para o m undo. Mesm o que o m undo, para ela, ainda fosse um a estrada estreita e conhecida, da qual nunca se desviava. Ninguém m ais conhecia os seus dem ônios.

Anna-Grace j am ais os com partilhou com ninguém , e preferia continuar assim .

Ela só confiava em Wade, e foi um a j ornada longa e sinuosa para poder se abrir com um a única pessoa, e ela não pretendia am pliar seu círculo de am izades íntim as.

Assim – em vez de sim plesm ente retratar um a grande árvore deform ada e envelhecida, com galhos que j á não ofereciam proteção a ninguém e um a paisagem vazia ao redor, com o lago ao fundo parecendo acinzentado e turbulento, com o se estivesse irado com a traição que o quadro representava –, Anna-Grace se retratou sozinha, com o um a sobrevivente. Parada além do abrigo dos outrora protetores galhos e raízes intrincadas do enorm e carvalho, com

apenas as costas à m ostra, ela olhava para o lago.

Era um dia ensolarado, não havia a m enor nuvem para estragar a tela, e o azul da água respingava com o pequenos diam antes que um a criança brincalhona espalhou. E a árvore, em bora m ostrando sinais de idade, se parecia m ais com o um a guardiã atem poral, prestando atenção naqueles debaixo de seus braços protetores.

Fuga, liberdade. Foi o que certa vez, aquela cena j á significou para ela. E

agora o m undo deu um a volta com pleta, porque o quadro finalizado representava a liberdade de seu passado destrutivo.

Agora Anna-Grace só precisava pendurá-lo. O passo final na transform ação de alguém desam parado e sem esperança para alguém forte e otim ista.

“Você m udou de ideia sobre exibir o quadro?”, Wade perguntou.

Havia um tom de esperança na voz dele, quase com o se ele soubesse que dizer aquilo seria dem onstrar… reconhecim ento. Sabia que ela estava revelando todas as coisas que havia escondido nos últim os doze anos. E Wade tem ia que ela ainda não estivesse pronta. Tem ia que Anna-Grace voltasse a ser a m ulher que era quando eles se conheceram . Só Deus sabia por que ele foi tão perseverante, decidindo ignorar as incontáveis esnobadas e respostas frias, insistindo persistentem ente em atravessar as cam adas entorpecidas de m edo e paralisia até lhe chegar ao coração. E então decidiu aceitar as únicas coisas que ela poderia lhe dar: am izade e, inexplicavelm ente, sua *confiança*.

Não, Wade não achava m esm o que ela estivesse pronta.

Ele estava errado.

Anna-Grace *estava* pronta. Isso era algo que ela j á deveria ter feito m uito antes. Ela passou tanto tem po dorm ente, se recusando a sentir… qualquer coisa.

Porque o vazio era preferível à dor e às tristezas insuportáveis que tinha decidido aceitar havia tanto tem po, com o se não houvesse escolha a não ser viver um a vida tão sofrida e m iserável.

Não, ela não sentia nenhum desej o por Wade, não com o o am ante a que ele se referiu. Mas ela *precisava* dele, de sua am izade e apoio inabaláveis. Anna-Grace precisava dessas coisas m ais do que gostaria de adm itir, m as ela tam bém estava cansada de m entir para si m esm a e viver em constante negação, dizendo que estava bem , que tudo estava ótim o, que tudo estava norm al.

Porque ela não estava bem , e provavelm ente j am ais ficaria bem . Mas enfim aceitou os fatos e optou por fazer o m elhor com o que *tinha*, parando de se lam entar pelo que estava perdido.

Anna-Grace olhou para Wade novam ente, desta vez sem esconder a vulnerabilidade que ela sabia estar exposta em seus olhos. Houve um a época em que ela preferia m orrer a perm itir que os outros a vissem tão fraca e… frágil.

O rosto de Wade suavizou e seu olhar transm itia toda a am izade em que Anna-Grace baseava o relacionam ento que tinham . A coisa de que ela m ais precisava, m as que j am ais tinha aceitado até então. E nas suas feições, um rosto que podia ser bem duro, im placável e até m esm o perigoso, Anna-Grace viu que ele *aceitava* a única coisa que ela poderia lhe oferecer.

Ela sabia que ele j á havia aceitado isso m uito tem po atrás, m as talvez só agora ele realm ente enxergasse. Ou talvez só agora ele quisesse ver. Anna-Grace

tinha m edo de que Wade desistisse dela e de que ela acabasse perdendo a única coisa que tinha com o constante agora, além de sua arte.

Relaxou os om bros de m odo im perceptível, e percebeu que estava prendendo a respiração, segurando o m edo que tinha prom etido j am ais reviver, porque ela tem ia ser rej eitada por Wade e ficar sozinha. De novo. Assim com o esteve por tanto tem po.

Wade a envolveu com os braços, apoiando o quadro no chão com a m ão livre, até conseguir apoiar a borda gentilm ente na parede. Ele a trouxe para perto de si, dando-lhe o calor e a força de seu abraço, algo que Anna-Grace passou a apreciar e não tem er; ela, que sem pre evitava o contato físico com todas as forças.

“Você está pronta”, ele disse, com o se tivesse lido seus pensam entos e esclarecido suas dúvidas nesse processo. “Estou orgulhoso de você, Anna-Grace.”

“Não ouse m e fazer chorar”, ela advertiu, j á sentindo as lágrim as m olharem os olhos.

Wade lhe deu m ais um abraço carinhoso e então afastou o braço.

“Então, onde vam os colocar nosso convidado de honra?”, ele perguntou, analisando com o olhar a galeria e os outros quadros, todos posicionados com m aestria e exibidos de m odo a terem suas qualidades destacadas. “Acho que m erece o palco principal, não? Esse quadro é im portante, Anna-Grace. Você é im portante. E ele, assim com o você, precisa ser celebrado.”

Certo, ele ia fazê-la chorar. Aborrecida, ela lim pou o canto do olho com as costas da m ão, e lançou um olhar de acusação contra Wade. Ele sim plesm ente

sorriu, e ela ficou m aravilhada com a sensação de proxim idade – um a conexão –

com outra pessoa. E daí que ela não estava pronta para um relacionam ento rom ântico? Talvez j am ais fosse estar. Um a m ulher não precisava de um hom em para ter um a vida plena, e ela estava m ais que disposta a provar isso.

Mas um am igo? Todo m undo precisava de um am igo. E Anna-Grace percebeu, não pela prim eira vez, que parte do m otivo de sua tristeza, de toda a sua dor pelo que Zack tinha lhe feito – um a dor tão aguda, perm anente e que transform ou sua vida – era porque ele não foi só o hom em que ela am ava, que adorava além dos lim ites da razão. O hom em com quem ela com partilhava sonhos e esperanças e todos os segredos que ela j am ais ousaria contar para outro ser vivo.

Zack tinha sido seu m elhor – e o único – am igo. Era ele a pessoa a quem ela procurava quando queria conforto, am or, com preensão. Quando queria oferecer seu coração, sua alm a. Ele era seu confidente. Era a pessoa em que Anna-Grace confiava e que j am ais iria desapontá-la, diferente de tantas outras em sua j uventude.

Ela m eneou a cabeça, furiosa consigo m esm a por voltar ao passado. De novo. E então apertou os lábios com firm eza, olhando para Wade de form a que ele não ficasse confuso.

Zack j á tinha sido seu m undo e virado sua vida de cabeça pra baixo, ao descartá-la com o se fosse lixo, ou um a caipira inútil, com o ela era cham ada pelas pessoas da cidade. Com o era cham ada pelo próprio pai dele, por falar

nisso. Com o é que ela pôde achar que Zack seria diferente de todo m undo naquele lugar, onde ela sim plesm ente não existia, onde não im portava?

Agora, porém , o m undo de Anna-Grace era o que ela havia feito dele. E não tinha o m enor apreço pelo m undo onde tinha vivido antes, só que agora ela podia m udá-lo, recriá-lo. Torná-lo m elhor… até m esm o torná-lo perfeito. E j á tinha passado da hora de fazer isso.

Im pulsivam ente, ela entrelaçou os dedos com Wade e apertou-lhe as m ãos, o que o deixou espantado. Ela sabia por quê. Anna-Grace j am ais havia iniciado qualquer ato de intim idade, m esm o que fosse som ente de am izade. Tinha

construído um a poderosa barreira protetora em torno de si, um a barreira que ninguém conseguia atravessar e que ela j am ais abandonava.

Mas, com o ela m esm a reconhecia, todo m undo precisava de um am igo. E

perder um am igo não significava que não poderia ter outro, por m ais idiota que parecesse, levando em conta o tem po que ela havia levado para perceber isso.

Wade era seguro. Anna-Grace estava segura com ele e queria que ele soubesse que ela… confiava… nele. Inspirou profundam ente só por deixar a palavra *confiança* peram bular por seus pensam entos.

Porque depois de Zack, e até conhecer Wade, Anna-Grace não confiou em m ais ninguém . Foi um a lição que ela aprendeu da pior m aneira, repetidas vezes, m as foi preciso recebê-la da form a m ais devastadora para que finalm ente percebesse que confiar em alguém era o equivalente a enfiar um a faca no próprio coração.

O queixo de Anna-Grace estrem eceu de leve, m as Wade, sem pre observador, notou e o segurou entre os dedos.

“Jam ais pense nisso, Anna-Grace”, ele disse gentilm ente, lem brando-a m ais um a vez de que ele não era inofensivo, apesar de ela perceber o contrário.

Wade era um hom em perigoso e controlador, cuj a visão de m undo era diferente da que tinha a m aioria das pessoas. A artista em Anna-Grace via o m undo em cores vivas, que haviam ficado apagadas por m uito tem po, até que ela finalm ente as libertasse. Mas o m undo de Wade estava m ergulhado em tons de cinza e em som bras, parecido com a versão inicial do quadro *Sonhos perdidos*.

Ela sentiu um arrepio com a intensidade do olhar dele e engoliu em seco.

Anna-Grace com eçou a se perguntar se tinha perdido a cabeça de vez. Ficar am iga de um hom em com o ele? Confiar nele depois de j urar j am ais confiar em alguém – especialm ente um hom em – novam ente? Um hom em que, com o ela, parecia não ter nenhum am igo e sofria da m esm a dificuldade de confiar nos outros? Esse poderia acabar se tornando o segundo m aior erro de sua vida.

Ou talvez… talvez essa fosse sua prim eira atitude inteligente em doze anos.

Em Wade ela havia encontrado não um am ante, alguém para casar ou ter um caso rom ântico, m as um a alm a irm ã que lhe oferecia o que ela m ais precisava: am izade pura e sim ples e a oportunidade de m ergulhar no m undo real, um m undo em que confiança e am izade não eram palavrões, e faziam parte do cotidiano – para a m aioria das pessoas.

Mas Anna-Grace podia m udar tudo *agora,* j á que Wade estava lhe oferecendo isso de form a incondicional. Ela só tinha de fazer o que j á tinha decidido fazer: aceitar, ficar em paz, seguir em frente.

Deixar para trás.

Livrar-se da prisão no isolam ento e na solidão em que ela m esm a se colocou, e abraçar o futuro que a aguardava, com esperança e otim ism o: duas em oções que antes lhe eram naturais, m as agora eram totalm ente estranhas.

Anna-Grace estava no controle de seu próprio destino e podia fazer dele o que bem entendesse.

Ódio, tristeza, traição, m ágoa, desespero, arrependim ento?

Essas coisas j á não tinham lugar em sua vida e ela se recusava a viver dessa form a por m ais um segundo que fosse.

Essa exposição era o seu m om ento de brilhar. Depois de tanto tem po escondida, Anna-Grace estava se expondo ao brilho e ao calor do sol pela prim eira vez desde que era um a j ovem garota, com todo o entusiasm o e ingenuidade que só os inocentes têm .

Estava vivendo seu sonho. *Finalmente*. E estava destinada a com partilhá-lo –

seu talento – com os outros, com pessoas que poderiam rej eitá-la. Mas Anna-Grace estava fam iliarizada com a rej eição e, depois de ter passado pelo pior, podia dizer sinceram ente que nada a faria sofrer m ais do que j á havia sofrido.

O único cam inho possível era para cim a. Quando se atingia o fundo do poço, não havia outra opção. Ela sabia disso. Wade tam bém . E só Deus sabia por que ele ficou ao lado dela, por que ele reavaliou seus desej os e necessidades depois de Anna-Grace deixar claro que não iria – que não podia – corresponder ao seu interesse rom ântico dele. E por que então ele cedeu e decidiu aceitar som ente o

que ela *podia* lhe dar.

Estava prestes a perguntar a Wade o porquê. Mas, quando olhou para ele novam ente, Anna-Grace viu aquele olhar penetrante e determ inado que sem pre a deixava desconfortável, porque ela sabia o que era ter o dom de ler a m ente das outras pessoas, de descobrir seus pensam entos m ais íntim os. E Wade tinha a incrível capacidade de sem pre saber o que estava se passando na cabeça dela.

QUATRO

Zack parou o carro no estacionam ento de um a galeria de arte de alto padrão na Westheim er Road, no lado oposto ao da estrada interestadual que passava j unto à Galleria, um a região de Houston conhecida por suas loj as de grife voltadas ao público fashionista e endinheirado, ou ao m enos para aqueles que gostavam de m anter as aparências.

Zack não se im pressionava com dem onstrações ostensivas de riqueza. Ele m esm o poderia ser considerado alguém rico. Tinha alguns m ilhões de dólares.

Dez m ilhões, para ser exato, que ficavam aos cuidados de seu assessor financeiro, Wes Coy le, que trabalhava em Woodlands, um subúrbio ao norte de Houston que rapidam ente se tornou um refúgio para ricos.

Ao se aposentar por causa de um a lesão no segundo ano de *playoff* consecutivo, em vez de passar pela fisioterapia e continuar j ogando, Zack recebeu o dinheiro estipulado em contrato. Estava com seu futuro garantido, em term os financeiros, em bora levasse um a vida frugal, preferindo guardar o dinheiro em vez de gastá-lo todo em alguns poucos anos.

Alguns anos atrás, ele com prou um a cam inhonete usada e ainda a dirigia.

Zack vivia em um pequeno apartam ento de um quarto e preferia usar j eans e cam iseta em vez de roupas de m arca. O visual m odelo de capa de revista m asculina não com binava com ele, que se sentia um a fraude só de pensar em viver o estilo de vida de alguém rico.

Então ele estava com seu dinheiro bem guardado, rendendo em investim entos de risco m oderado – não esquecido no banco, onde iria render j uros de apenas 0,01% – e vivia com o salário que recebia da DSS. Era m ais do que o suficiente para suas necessidades m odestas. Mas ele tam bém não tinha com quem gastar o

dinheiro. Não tinha ninguém para dar presentes ou fazer surpresas. Um problem a que pretendia resolver em breve.

Depois de seu m om ento de revelação dois dias antes, Zack estava se sentindo em paz pela prim eira vez em m uito tem po. Ele tinha um senso de propósito, de direção. Um propósito que não girava em torno de um a causa perdida.

Gracie estava desaparecida. Ele a havia perdido e ela não iria voltar, Zack j am ais realizaria seu sonho. Estava na hora de deixar isso para trás e encontrar um novo sonho para viver.

Não ficou surpreso ao ver que Dane j á estava lá, estacionado a dois carros para trás. Dane era sem pre pontual. Bem , m ais que isso. Sua ideia de pontualidade era aparecer bem antes do horário com binado. Zack tam bém era assim , gostava de avaliar a situação, vasculhar o terreno e tentar perceber onde eles estavam se m etendo. Ele suspeitava que Dane tam bém tinha m otivos sim ilares para chegar cedo.

Dane saiu da SUV j unto com Isaac e Capshaw, e j á estava andando até ele, quando Beau parou seu carro ao lado de Zack. Eliza estava com ele e Zack se

virou para abrir a porta do passageiro para ela. Ela sorriu e lhe deu um caloroso *muito obrigada* ao sair do carro.

Eliza era um a m ulher excepcionalm ente bonita. Não que ela tivesse os traços característicos daquela m ulher que os hom ens consideram estonteante. Ela tam bém não tinha o visual cuidadosam ente planej ado de um a m ulher que se esforça para m elhorar a aparência. Não que Zack tivesse algum problem a com isso. Ele era sem pre a favor do que quer que tornasse as m ulheres felizes e confiantes – m antinha respeito por todas, de todas as form as, tam anhos e aparência, naturais ou não. Afinal, o im portante era o que estava por trás das aparências, pelo m enos para ele.

Eliza tinha o tipo de beleza natural que m exia com as pessoas. Ela era absolutam ente autêntica e sincera. Não havia falsidade algum a nela. Mas o que deixava Zack encantado era o seu olhar caloroso, a facilidade com que sorria e o fato de que ela era tão durona quanto qualquer um deles, além de tam bém ser um gênio com com putadores. Mesm o que Quinn, o m ais novo dos irm ãos Devereaux, não estivesse em negação quando j urava ser m ais habilidoso que ela com inform ática, Zack apostaria em Eliza em um tira-teim a tecnológico. Ela

era capaz de hackear os com putadores da CIA. Caram ba, até onde ele sabia, ela j á devia ter feito isso, porque aquela m ulher tinha a incrível capacidade de conseguir inform ações que deixavam seus colegas boquiabertos.

A estatura dim inuta dela a fazia parecer inofensiva, m as Zack j á tinha visto Eliza em ação diversas vezes e nunca com eteria esse erro de j ulgam ento. Tinha pena de quem a subestim asse, porque Zack não tinha dúvidas de que ela era capaz de derrubar um hom em com o dobro do tam anho e do peso dela num piscar de olhos. E ainda fazê-lo engolir as próprias bolas.

Brent e Eric saíram de trás do carro assim que Dane e os outros chegaram até eles. Brent tinha acabado de voltar à ativa, depois de alguns m eses parado por ter se m achucado na batida de carro envolvendo ele, Beau e Ari – que agora era esposa de Beau. Zack achava engraçado ver Brent na posição de passageiro, j á que norm alm ente era ele quem dirigia. Ele era um ex-piloto de corridas e costum ava estar sem pre atrás do volante, profissionalm ente ou não. A j ulgar pela cara em burrada, ele não devia estar nada feliz no papel de carona.

“Podem os entrar?”, Dane perguntou bruscam ente. “Ou vocês querem ficar aqui de conversa furada no estacionam ento, bebendo cham panhe?”

A ironia era que Zack conseguia visualizar claram ente Dane fazendo exatam ente isso. Ele tinha a aparência de alguém rico e culto que se encaixava bem no am biente onde eles estavam prestes a entrar. Dane estava vestindo calça cáqui, cam isa polo e usava óculos de sol caros. Zack não sabia bem com o era o passado de Dane, j á que não trabalhava com ele havia tanto tem po assim e Dane costum ava se m anter de bico calado sobre sua vida pessoal. Não que Zack o culpasse por isso. O pessoal da DSS costum ava cum prir seu trabalho e não era de conviver fora de lá, em bora Beau fosse o m ais próxim o de um am igo que Zack tivesse, um a relação que ia além da parceria de trabalho. Mas no fim das contas, todos tom avam conta uns dos outros, sem dúvida. E não era isso o que m ais im portava?

Mas o fato era que Dane tinha dinheiro e não havia a m enor chance de ele ter

conseguido a riqueza – que claram ente possuía – por m eio da DSS. Mesm o ganhando o dobro do salário de Zack, por m aior que fosse seu ordenado, o estilo de vida de Dane, em bora discreto, era m aior do que o que ele recebia da DSS. E

apesar de Zack adm itir ter um a certa curiosidade sobre o passado de Dane, não perdeu tem po pensando nisso, nem j am ais vasculhou a vida pessoal do colega, porque tam bém não ia querer ninguém investigando sua vida. Zack respeitava seus colegas assim com o exigia que o respeitassem .

“Belo im óvel tem os aqui”, Dane notou enquanto o grupo se dirigia à porta dupla de vidro.

Isaac assobiou, concordando.

“É riqueza dem ais para m im . Queria saber que diabos o dono de um a galeria de arte quer de nós, pessoas norm ais, e por que ele precisa de tanta segurança?”

Beau deu de om bros.

“É só m ais um trabalho. Ele vai pagar o m esm o que qualquer outro, e vai receber o m esm o tratam ento que qualquer outro.”

Quanto a isso não havia dúvidas.

Joie de Vivre, o nom e da galeria, ficava posicionado sobre a porta, m as não era fácil de ser notado pelas pessoas que cam inhavam na rua agitada ou por quem passava de carro. Para Zack estava bem claro que ou o dono da galeria não era m uito bom de m arketing ou então as obras de arte lá eram vendidas na base do boca a boca, sem que ele precisasse de um letreiro cham ativo para atrair clientes. Zack estava apostando na segunda opção.

Assim que entraram , foram recebidos por um a m ulher im pecavelm ente bem - vestida. Ela cam inhava sorridente para lhes dar as boas-vindas, com o salto dos sapatos batendo no chão de m árm ore polido e diversas m echas de seu cabelo saltando atrás do pescoço.

A galeria estava perceptivelm ente vazia, sem clientes, e Zack não tinha visto um sinal de “fechado”. As portas estavam abertas, m as talvez fosse porque a DSS tinha um a reunião m arcada e estava sendo aguardada. Na verdade, a galeria parecia estar sendo preparada para um a exposição, provavelm ente o m otivo para o pedido por segurança. Talvez algum artista fam oso fosse expor suas obras ali. Zack se lam entava de não saber quase nada sobre o m undo da arte. O pouco que ele sabia era de ouvir Gracie falar de seus sonhos de um dia se tornar um a artista reconhecida.

Apesar da decisão de deixá-la para trás j unto com o passado, ele não conseguiu deixar de pensar que ela poderia estar fazendo um a exposição ali.

Vivendo seu sonho, feliz da vida, pintando… e ele apoiando-a em tudo.

Que droga, ele precisava parar com aquilo. Tinha de seguir em frente. Zack não deixou de notar a ironia que era fazer a segurança de um a exposição de arte poucos dias depois de j urar deixar o passado para trás. O destino era m esm o um a vilã caprichosa, que naquele exato m om ento devia estar rindo m uito da cara dele. Ou, no m ínim o, testando o com prom isso dele com a prom essa feita.

Beau apresentou o grupo para a m ulher, que logo reconheceu do que se tratava.

“É claro. O Sr. Sterling m e disse que vocês iriam chegar em breve.

Infelizm ente ele está ao telefone com um cliente bastante im portante, então vai

levar algum tem po até ele estar livre. Vocês gostariam de um café? Vinho?”

Se ela tivesse oferecido cham panhe, nenhum dos m em bros da DSS teria conseguido segurar o riso, depois dos com entários irônicos de Dane no estacionam ento. Ainda assim , Eliza sorriu, j á que ela sem pre foi a m ais atrevida do grupo.

O sorriso daquela funcionária era natural, e não forçado com o o de m uitos vendedores. O com portam ento dela era im pecável, e ela com binava com a im agem daquela galeria de arte exclusiva e de alto nível, vestida com roupas de grife, usando salto alto e um a m aquilagem discreta. Usava brincos de diam antes, que podiam não parecer caros à prim eira vista, m as certam ente não custavam pouco, j á que eram j oias de pelo m enos dois quilates cada.

Após ninguém aceitar nada do que foi oferecido, ela educadam ente pediu licença e disse que iria avisar Sterling de que eles estavam ali, e saiu cam inhando rapidam ente e batendo novam ente a ponta dos saltos no chão de m árm ore italiano.

“Conseguiu dar um a boa olhada?”

A pergunta brusca de Beau tirou Zack de seus pensam entos. O pessoal da DSS

gostava de pegar no pé dele por causa de seu olhar atento aos detalhes. Ele ficava de canto analisando as pessoas e deixava que os outros falassem .

Frequentem ente, descobria m uito m ais só de observar e escutar alguém do que se conversasse com essa pessoa. Quando as pessoas pensam que ninguém está observando, tendem a relaxar, a baixar a guarda, e é nessas horas que ficam descuidadas e deixam a m áscara cair.

Era possível confiar que Zack iria notar detalhes e m inúcias que seus colegas norm alm ente deixariam passar. Coisas com o linguagem corporal, nuances sutis, nervosism o, agitação. Ele não deixava quase nada passar batido.

Nesse caso, no entanto, Beau achou que Zack estava olhando para a m ulher com interesse sexual, e não analisando-a profissionalm ente. Porém Beau estava errado. Não que a m ulher não fosse bonita. Mas aquilo ali era trabalho, não um a balada de solteiros.

Zack deu de om bros.

“Ela tem dinheiro. Não sei quanto esse trabalho aqui paga, m as aposto que ela tem outra fonte de renda, sej a um m arido, nam orado ou dinheiro que ela m esm a ganhou. Pode ser um a herdeira entediada, m as ela parece bem inteligente. Eu apostaria m eu salário que o conhecim ento dela no cam po da arte é sólido. Eu tam bém apostaria que ela tem pós-graduação.”

Eliza levantou um a sobrancelha.

“Você pegou tudo isso olhando para ela por cinco segundos? Eu ia odiar saber o que você analisou de m im , j á que passam os m uito m ais tem po j untos do que só alguns segundos.”

Zack sorriu.

“Você é foda e sabe disso. E tam bém não precisa que eu fique fazendo elogios.”

Eliza revirou os olhos.

“Ora, é óbvio! Eu sei que não preciso dos elogios, m as é bom ouvir alguns de vez em quando. As m ulheres gostam de elogios e eu não sou exceção. Ficar no

m eio de toda essa testosterona da em presa ainda não m e fez ganhar um pênis e esquecer que sou m ulher.”

Beau e Dane deram gargalhadas de chacoalhar os om bros. Zack m eneou a cabeça, com o se estivesse com dó dela. Sim , ele adorava Eliza. Ela tinha um hum or esperto e um a língua rápida. Era inteligente, sensível, leal e um a ótim a com panhia quando a m elancolia de Zack estava m aior que de costum e.

Em bora ele nunca tivesse contado nada para Eliza de seu passado – nem para ninguém da DSS, aliás –, ele sabia que ela enxergava m uito m ais do que parecia.

Com o resultado disso, ela pegava no pé de Zack frequentem ente, provocando-o e proibindo-o de se sentir m al consigo m esm o. Ela tinha a incrível capacidade de m elhorar o hum or de Zack quando ele estava para baixo, e nunca o deixava se afastar dos outros quando queria se isolar por dias e dias. Eliza até m esm o aparecia com frequência no apartam ento de Zack para assistir a um j ogo de futebol am ericano com ele. Ou então o fazia pagar um j antar para ela, tom ar um as cervej as e ficar falando besteira. Era o j eito de Eliza fazer Zack criar vergonha na cara e deixar de frescura.

De repente, ocorreu a Zack que talvez ele *devesse* ter conversado com ela.

As habilidades de Eliza eram im pecáveis e ela poderia m uito bem tê-lo aj udado em sua busca por Gracie ou em suas tentativas de descobrir o que havia acontecido com ela. Mas ele j á tinha passado desse ponto agora e não estava disposto a se arrepender de ter prom etido deixar tudo para trás. Sem falar que Eliza provavelm ente ia pensar que ele estava louco por ter se apegado a um fantasm a por doze anos.

Zack enfiou a m ão nos bolsos e cam inhou im pacientem ente pela galeria. Ele odiava esperar, e pior, odiava o fato de terem sido cham ados para um a reunião lá, quando norm alm ente eram os clientes que iam até eles, não o contrário. Ele não sabia qual a im portância de se encontrar com o cliente no território dele, m as suspeitava de que fosse sim plesm ente um a dem onstração de poder. Um ato para dem onstrar à DSS o quanto esse cara era im portante – ou o quanto ele pensava que era.

Que sej a. Não era Zack quem dava as ordens ali, m as sim Caleb e Beau, em bora Caleb tivesse se afastado consideravelm ente desde o casam ento com Ram

ie, e Beau e Quinn tivessem assum ido m ais a liderança do gerenciam ento cotidiano da DSS, que havia sido proj etada por Caleb.

A DSS foi criada depois do terrível caso de sequestro, tortura e estupro de Tori Devereaux, a caçula da fam ília e única irm ã de Caleb, Beau e Quinn. Caleb estava decidido a j am ais perm itir que alguém de sua fam ília fosse am eaçado novam ente e, se eles pudessem aj udar outras pessoas no processo, m elhor ainda.

A em presa sofreu com alguns im previstos no início, m as isso só deixou Beau ainda m ais determ inado a aprender com os erros, a contratar m elhor – os m elhores hom ens que o dinheiro podia arrum ar – e a expandir. Com o resultado disso, a DSS estava prosperando e recebia m ais pedidos de serviço do que podia dar conta. Eles analisavam cuidadosam ente cada cliente em potencial, principalm ente porque alguns os procuravam apenas para ter acesso à Ram ie e a seus poderes extraordinários. E Caleb era extrem am ente protetor – com toda a razão – com sua esposa porque o preço que ela pagava ao usar os poderes

norm alm ente era caro dem ais.

Alguns m om entos depois, um hom em alto e bem -vestido veio cam inhando do fundo da galeria, com um passo confiante e determ inado, e um olhar direto e indecifrável. Ele não era bem o que Zack estava esperando, em bora o próprio Zack não soubesse bem o que esperar. O que quer que ele fosse, Wade Sterling não se enquadrava na noção preconcebida que Zack pudesse ter dele.

Estava vestido com o alguém rico, sem dar a im pressão de estar ostentando.

Não havia nada berrante, extravagante ou exagerado. Vestia calças caras, m as de aparência sim ples, e um a cam isa de seda, sem gravata. O relógio custava vários m ilhares de dólares, m as não era cham ativo. E os sapatos que calçava provavelm ente custavam um salário inteiro de Zack.

Mas ele tinha a aparência de alguém durão, até m esm o perigoso.

Novam ente, nada parecido com a aparência típica de um dono de galeria de arte, ou pelo m enos da ideia que Zack tinha de um . Havia algo que deixou Zack com os pelos eriçados e com um pé atrás.

Ao olhar de relance seus colegas, ele notou que a reação foi diversa. Dane estava

im perturbável e era im possível decifrá-lo, com o sem pre. Ninguém nunca sabia em que ele estava pensando. Beau parecia refletir, enquanto Isaac, Capshaw e Brent apenas analisavam atentam ente o proprietário.

Eliza pareceu ter um a reação sim ilar à de Zack. Na verdade, ela apertou os olhos e m ordeu os lábios, quase com o se estivesse considerando tudo aquilo um a farsa. Ela era bastante esperta e Zack confiava nos seus instintos. A reação de Eliza confirm ava a sensação que ele teve.

A expressão no rosto de Sterling enquanto cam inhava – não sorria, m as não estava de cara fechada – era tão genérica e ilegível quanto a de Dane.

“Eu peço desculpas por fazê-los esperar”, ele disse com um a voz calm a que não refletia um pedido sincero de desculpas. “Estive ocupado com um assunto de negócios, questão incontornável. Espero que vocês não tenham se incom odado e que Chery l, m inha assistente pessoal, tenha cuidado bem de vocês.”

Dane era quem assum ia a liderança nas tarefas da em presa, em bora os Devereaux fossem os donos de fato e estivessem “no com ando”. Dane era o rosto da DSS, era ele quem lidava com a m ídia, dava declarações e assum ia as negociações. Tanto Caleb com o Beau estavam subm etidos à sua liderança. Todo m undo respondia a Dane. Bem , exceto Zack, que respondia som ente a Beau.

Esse era um acordo tácito que Dane parecia aceitar sem problem as.

Dessa form a, foi Dane quem se dirigiu a Sterling.

Ele tam bém era um cara que ia direto ao ponto e não gostava de perder tem po com bobagens e am enidades, algo que Zack apreciava e tam bém tinha em com um .

“O que a DSS pode fazer para aj udar, Sr. Sterling? Pelo que entendi, o senhor quer um destacam ento inteiro de segurança para um a exposição que irá ocorrer daqui a um a sem ana. Isso não nos dá m uito tem po para planej am ento, então precisam os saber exatam ente o que espera de nós e qual será nossa função. O

senhor quer o que há de m elhor em segurança, e é isso que irá obter. Mas não pode esperar o m elhor se nós não estiverm os a par de todo e qualquer risco potencial e de todas as inform ações necessárias para nosso trabalho.”

Sterling m ediu Dane rapidam ente, e foi possível notar algo parecido com respeito em seus olhos. Zack suspeitava de que aquele hom em não estava acostum ado a dem onstrar respeito com frequência, m as tam bém achava que ele não precisava disso. Wade Sterling era claram ente um hom em que im punha respeito aos outros.

“Im agino que será um a tarefa de rotina para um a em presa com a reputação da sua”, Sterling disse, dem onstrando que pelo m enos havia feito a lição de casa.

“Não há nenhum a am eaça *conhecida*. Eu sim plesm ente quero a presença, um a presença sutil, para garantir que tudo corra bem . Este será um evento m uito im portante para a galeria e para a artista. Será um a exposição de estreia e eu investi m uito dinheiro em publicidade e divulgação. Vai haver bastante especulação, j á que fui bem vago em relação à identidade da artista.”

Eliza levantou a sobrancelha, m as perm aneceu em silêncio, estudando Sterling com atenção.

“Eu espero que venham traj ados a caráter, o que im agino que não será problem a”, Sterling prosseguiu.

Zack quase conseguia ouvir os protestos m entais na cabeça de todo m undo, exceto Dane, que j á estava fam iliarizado a se vestir com o um rico que gosta de com prar de obras de arte.

Sterling tinha aberto a boca para continuar a falar, quando o som agudo das batidas do salto de sapatos no chão o alertaram para a presença de Chery l, que corria até eles carregando um a grande tela, com o rosto cheio de em polgação.

“Sinto m uito interrom pê-lo, Sr. Sterling, m as eu sabia que ia querer ver isto assim que chegasse. A transportadora acabou de trazer o últim o quadro. Devo colocá-lo onde com binam os?”

Todo m undo desviou o olhar para o quadro que era a fonte do entusiasm o.

Quando Zack viu a pintura, ficou sem fôlego e sentiu o m undo com eçar a girar.

Ele ouvia vozes ao seu redor. Sterling estava conversando com a assistente, m as Zack estava com pletam ente entorpecido. Ele apenas ficava olhando para a paisagem perfeitam ente representada, um a im agem que o levou de volta a um

a outra época e a um outro lugar. Um lugar que certa vez ele com partilhou com Gracie.

O quatro retratava exatam ente o lugar onde ele e Gracie passaram tanto tem po j untos, sob a cobertura dos galhos daquela árvore, aninhados entre suas raízes. Zack abraçava Gracie com firm eza e servia de barreira de proteção entre ela e o resto do m undo.

E a m ulher do quadro?

Mesm o de costas, Zack a reconheceria em qualquer lugar.

Aquela não era um a representação de com o o lugar seria hoj e em dia.

Tem po dem ais havia se passado para que ele perm anecesse inalterado. O terreno j unto ao lago, que pertencia a um a fábrica de papel, foi vendido anos atrás e devia estar passando por um a incorporação im obiliária. Se antes ali havia um a floresta quase intocada, agora as árvores j á deveriam ter sido derrubadas e a paisagem , alterada com pletam ente pela construção de casas.

Zack estava com a visão em baçada e os olhos doloridos, m as notou duas

iniciais que serviam de assinatura da artista, um sim ples A.G.

Anna-Grace. A sua Gracie. Meu Deus, será que ela estava viva?

Mas se ela estava viva e bem – inclusive pintando –, então por que diabos ela desapareceu e nunca tentou entrar em contato com ele?

Aquele quadro tinha um significado especial para a artista. Isso estava bem claro a cada pincelada. A em oção saltava da tela e atingia em cheio quem estivesse olhando para a pintura. Zack foi tom ado pela nostalgia, pela lem brança de um a época em que tudo era novidade, tudo era inocente, e o m undo oferecia grandes oportunidades. Um a época em que a vida devia ser vivida ao m áxim o e cada dia, apreciado.

Mas se Zack chegou à conclusão de que a pintura – o lugar retratado nela –

tinha im portância para a artista, então não significaria que *ele* tinha im portância para ela? Porque alguém que se im portava desse j eito com outra pessoa não iria

desaparecer e sum ir totalm ente, a m enos que um a tragédia tivesse acontecido. E

se ele realm ente m arcou as lem branças e os sentim entos dela, então por que ela não fez o m enor esforço para aliviar os pesadelos que ele viveu por m ais de um a década?

O olhar de Zack encontrou o título do quadro, e seu coração passou a bater ainda m ais acelerado.

Sonhos perdidos.

Um título bem adequado. Para *ele*. Mas por que *ela* teria dado esse título?

O quadro tinha um certo ar de tristeza, com o se a lem brança fosse de fato dolorosa, um a representação de esperança perdida e de – conform e o título da pintura – *sonhos* perdidos.

Até m esm o a silhueta da garota olhando para o lago parecia solitária e frustrada de algum a form a.

Lágrim as involuntárias encheram o canto dos olhos de Zack, e ele foi tom ado pela sensação de tristeza. A pintura não indicava que Gracie tinha se separado dele porque quis; m as em vez disso, sugeria arrependim ento, dor pelo passado.

“Zack?”

Ouvir seu nom e o tirou do transe e ele viu o grupo inteiro olhando em sua direção, com as m ais diversas expressões no rosto.

Sterling e sua assistente ficaram de lado, tam bém olhando para Zack. Sterling franzia levem ente a testa, e seu olhar estava com pletam ente focado na reação de Zack.

“Qual é a artista que vai fazer a exposição?”, Zack perguntou casualm ente.

Mas ele não conseguiu disfarçar o trem or e a rouquidão em sua voz, apesar de todo seu esforço para conter aquela reação.

“Não é a artista que im porta aqui”, Sterling respondeu em um tom de voz calm

o. “A segurança de m aneira algum a inclui a artista. A segurança é para as obras de arte.”

Eliza levantou a cabeça, com um olhar raivoso.

“Espere um pouco. Você quer contratar um a em presa de segurança para a exposição, m as não está nem aí para a artista das obras?”

Zack ficou irado, e seus pensam entos naquela hora eram tão confusos e caóticos que ele seria incapaz de descrever o que estava se passando em sua

cabeça.

“A artista prefere se m anter anônim a”, Sterling disse com um tom de voz irritado. “Nem m esm o está certo se ela vai aparecer. A exposição não é sobre a artista, m as sobre a arte dela.”

Eliza bufou.

“E com o é que isso vai aj udar a gente a fazer nosso trabalho?”

“Quem é ela?”, Zack perguntou em voz baixa.

Na m esm a hora, Sterling ficou tenso e seu corpo assum iu um a postura atenta e am eaçadora.

“Acho que ela prefere se m anter anônim a.”

Ao m esm o tem po, Chery l rapidam ente virou o quadro para trás, cobrindo-o com seu corpo.

“As iniciais A.G. Elas significam *Anna-Grace*?”, Zack perguntou com um a voz rouca, e j á não tentava m ais disfarçar o tom de exigência que havia nela.

“Eu deixei bem claro que a artista em questão prefere m anter o anonim ato”, Sterling respondeu, cerrando a m andíbula.

Zack estava fervendo de frustração e, naquela hora, estava chegando perigosam ente a ponto de perder a calm a. E a cena não ia ser nada bonita. Por doze anos – m ais de um terço de sua vida – ele se preocupou e se atorm entou pelo destino

de Gracie, e agora esse desgraçado estava querendo se fazer de difícil? Logo quando Zack estava no seu lim ite?

Ah, *não* m esm o. Aquela atitude de “você sabe com quem está falando?”

podia funcionar com os outros, m as não com Zack. Ele trabalhava para pessoas extrem am ente ricas, m as com os pés no chão. Ele m esm o era rico e não agia com o um babaca arrogante, presunçoso e convencido, com o se suas palavras e ações fossem a lei. Ou estivessem acim a da lei.

“Só m e responda a pergunta”, Zack disse entredentes. “As iniciais A.G.

significam Anna-Grace?” Seu tom de voz era inclem ente, sugerindo de form a im plícita que ele não iria perguntar de novo.

Neste m om ento, o rosto de Sterling ficou com pletam ente frio, assim com o seu olhar. Ele apertou os olhos e trincou a m andíbula, enquanto continuava a analisar Zack. Por algum m otivo, assim que Zack disse o nom e, Sterling – que antes agia apenas com o um babaca arrogante e presunçoso – ficou nervoso. Ele irradiava ódio, e seu olhar ficou opaco, o que escondia qualquer pista do que ele podia estar pensando naquela hora. Zack queria enfiar a m ão na cara dele.

A tensão entre os dois era palpável. Eliza lançou um olhar desconfortável para Dane e se aproxim ou de Zack, com o se soubesse que a coisa estava prestes a ficar feia.

“Nós encerram os por aqui”, Sterling disse severo. “Eu j á não necessito m ais dos seus serviços. Estou m ais do que disposto a pagar um a taxa pela consultoria se vocês deixarem as inform ações para o pagam ento com m inha assistente na saída.”

Aquela resposta enfureceu Zack, e Eliza rapidam ente se colocou entre os dois, ficando de costas para Sterling e colocando a m ão no peito de Zack.

“Vam os em bora, Zack”, ela disse em voz baixa. “Esse babaca j á tom ou m uito do nosso tem po.” Ela olhou irritada por sobre os om bros para Sterling e

falou em um tom de voz gélido: “E pode apostar que vam os deixar a conta antes de sairm os”.

“Lizzie”, Dane disse, pronunciando cuidadosam ente cada palavra para que ela entendesse a m ensagem , “fique longe dele.”

O tom am eaçador na voz de Dane e em sua linguagem corporal estava bem evidente. Eliza se virou e puxou Zack com ela, tentando levá-lo na direção da porta.

“Eliza, pare”, Zack reagiu em voz baixa, tentando não descontar sua raiva nela. Ele tinha plantado os pés no chão, tornando im possível que tirasse seu corpo do lugar. “Isso é im portante. É a coisa m ais im portante na porcaria da m inha *vida*. Não posso sair daqui, não até conseguir a inform ação que estou esperando.

Se for necessário, vou espancar esse desgraçado para descobrir o que quero saber… o que eu *preciso* saber.

“Senhor, devo cham ar a polícia?”, Chery l perguntou ansiosa para Sterling.

Antes que Zack pudesse prosseguir e fazer outra pergunta, a porta de vidro se abriu e um a m ulher entrou apressada por ela, olhando direto para Sterling e a assistente.

Assim que notou os m em bros da DSS, ela ficou corada de vergonha. Várias coisas aconteceram ao m esm o tem po. Wade foi apressado até ela, que com eçou a balbuciar um pedido de desculpas por interrom per a reunião.

Zack ficou com pletam ente im óvel e segurou a respiração enquanto observava a cena diante de si. Sua garganta se fechou e ele não conseguia falar.

Tam bém não conseguia pensar. Tudo o que ele podia fazer era observar.

“Sinto m uito, Wade”, ela disse apressada. “Mas eu m udei de ideia. Não quero exibir esse últim o quadro. Eu sim plesm ente… não posso.”

A dor estava claram ente estam pada no belo rosto dela. Os olhos da m ulher estavam assom brados por fantasm as do passado. Fantasm as sem elhantes aos de Zack, j á que ele estava olhando para um naquele exato m om ento.

Ele finalm ente conseguiu escapar da letargia em que estava im erso e foi capaz de em itir um a única palavra, que saiu arranhada. Sua cabeça rodava. Ele não estava acreditando.

“*Gracie*?”

CINCO

Gracie virou a cabeça. Ficou claro que ela havia reparado em Zack pela prim eira vez desde que passou apressada pela porta, ansiosa para desfazer o acordo de exibir a pintura que Chery l segurava agitada.

Seu olhar era de pavor, e seu rosto ficou pálido com o o de um cadáver. Seus olhos castanhos refletiam o m ais puro terror.

Im ediatam ente, Gracie com eçou a recuar e se virou com o se fosse fugir, e teria feito exatam ente isso se Sterling não tivesse segurado o braço dela, para que ela não caísse. No entanto, Gracie puxou seu braço da m ão de Sterling, caiu de costas no chão de m árm ore, e ainda assim continuou recuando. Enquanto tentava fugir freneticam ente, seu corpo indicava que estava com pletam ente apavorada.

Zack se adiantou, incrédulo. Meu Deus, aquele era o sonho dele se realizando, e Gracie estava fugindo dele? Ela estava olhando para ele com o se fosse um m onstro? Mas que m erda estava acontecendo?

“Gracie”, ele disse, com a voz em bargada de em oção. “Meu Deus, Gracie, eu achei que você estava m orta! Todos esses anos… você não consegue im aginar…”

Zack nunca conseguiu term inar a frase porque a expressão no rosto de Gracie dem onstrou um pavor ainda m aior – se é que isso era possível. Seus olhos se encheram de lágrim as e seu rosto m ostrava devastação. Mostrava dor, tristeza, traição, coração partido. Todas as coisas que ele m esm o estava sentindo e tinha sentido fazia m ais de um a década.

“Você quer dizer para eles m e *matarem* tam bém ?”, Gracie balbuciou. Essas palavras saíram tão desconexas e cheias de pânico que Zack m al as com preendeu. Mas ele ouviu a frase inteira, e isso só m ultiplicou seu assom bro.

Matar Gracie? O sonho de Zack estava se transform ando no pior pesadelo de toda sua vida.

“Do que você está falando?”, ele perguntou. “De quem você está falando?

Quem tentou matar você?” Será que ela não sabia que Zack destruiria qualquer um que tentasse m achucá-la? Será que ela não sabia que ele faria qualquer coisa para protegê-la? Ela não confiava nele m esm o? O tem po todo que passaram j untos não significou nada no fim ?

Zack estava a ponto de explodir. Havia um m ilhão de perguntas em sua m ente exigindo respostas. Mas seu m aior desej o era sim plesm ente tocar Gracie, segurá-la. Era confirm ar que ele não estava sonhando, que aquilo tudo não era um a fantasia m acabra, um m om ento de loucura pelos anos que ele passou desej ando que isso acontecesse, que veio à tona logo quando ele j urou deixar o passado para trás.

Wade aj udou Gracie a se levantar com gentileza, m as então a colocou atrás de si com força. Ele a abraçou pelas costas com firm eza, e se tornou um a barreira entre ela e todo m undo na sala, especialm ente Zack, a quem ele dirigia

um olhar assassino, um olhar que prom etia violência e vingança.

“Afaste-se dela”, Zack am eaçou. “Agora.”

Zack não queria ver aquele hom em tocando Gracie. Então Wade queria protegê-la dele? Aquele cara era um bandido e isso estava na cara. Por que diabos Gracie estava associada a Sterling e por que ele tinha aquele j eito possessivo em relação a ela? Wade agia com o se Gracie lhe pertencia e precisasse de sua proteção. Mas ela sem pre foi de Zack, a m enos que… Meu Deus, Zack não podia – nem devia – seguir por esse cam inho. Sua sanidade m ental j á estava por um fio e ele estava m uito perto de perder o controle, logo ele, que estava sem pre no controle, com as em oções sem pre dom inadas.

Gracie deixou escapar um som de m edo e, m esm o atrás de Wade, estava bem claro que ela estava tendo um colapso total. Wade se virou para sua assistente, o que deu a Zack um a breve chance de olhar para Gracie, cuj o rosto estava verm elho e inchado, com lágrim as escorrendo pelas bochechas. Estava tão apavorada que deixou Zack de coração partido.

Beau chegou ao lado de Zack, colocando a m ão no om bro dele.

“Você precisa parar, cara”, ele disse em voz baixa. “Olhe para ela. É isso que você quer fazer com um a m ulher?”

Eliza estava do outro lado dele, de braços dados com Zack, claram ente para apoiá-lo, m as a com paixão por Gracie tam bém estava clara em seus olhos, que estava tão chocada quanto Gracie parecia estar.

O m edo e a aflição de Gracie eram palpáveis naquela sala. Todo m undo foi afetado por eles, especialm ente Zack. Mas por que ela estava com m edo *dele*?

Não fazia o m enor sentido! O m undo tinha ficado louco e ele precisava de respostas. Quanto m ais tem po ele era deixado sem respostas, m ais irritado ele ficava. Aquela situação estava consum indo a própria alm a de Zack.

“Afaste-se”, Dane grunhiu.

Zack ficou irritado porque os m em bros de sua própria equipe estavam se colocando entre ele e Gracie, com o se eles tem essem que Zack fosse m achucá-

la. *Logo ele,* m eu Deus. Mas eles tam bém j am ais o viram tão descontrolado e desequilibrado. Todos estavam perplexos e se perguntando quem era aquele cara que, até então sem pre tinha sido frio e m antido a calm a, m esm o diante das situações m ais extrem as.

“Ela é… era… a m inha vida”, Zack balbuciou com um tom de voz alterado.

Gracie estava lutando para se afastar de Wade, obviam ente tentando fugir.

Tentando correr e ficar o m ais longe possível dali, de Zack. Isso só fez Wade a segurar com m ais força. E só deixou Zack ainda m ais irritado. Aquele cara não tinha o m enor direito de tocá-la, de segurá-la contra a vontade, m esm o que ele achasse que estava protegendo Gracie.

“Cham e a polícia”, Sterling falou para a assistente.

Dane levantou as m ãos.

“Opa, acho que todo m undo aqui precisa parar um pouco e se acalm ar. Foi *você* quem *nos* cham ou aqui.”

“E eu solicitei que vocês saíssem ”, Sterling retrucou. “O que vocês se recusaram a fazer. Então, a m enos que saiam em três segundos, a polícia será cham ada e vocês serão acusados por assédio. E basta qualquer um olhar para ela

para acreditar nessa acusação.”

Ele assentiu novam ente para Chery l, que parecia estar em choque, de olhos arregalados e ainda segurando o quadro que tinha dado início a tudo.

“Estam os saindo”, Dane disse calm am ente.

“Não, nem a pau que vam os sair!”, Zack esbravej ou. “Não até alguém m e dar algum as boas respostas!”

Eliza gentilm ente puxou Zack a um a curta distância de Beau e dos outros, e falou em voz baixa, para que ninguém m ais ouvisse.

“Querido, pare com isso. Você está causando m ais m al do que bem . Olhe para ela. Olhe *de verdade* para ela. A m oça está totalm ente apavorada e essa discussão não está trazendo nada de bom . Eu entendo que isso é im portante, m as você sabe onde ela está agora. Você sabe *quem* ela é. Eu vou te aj udar, prom eto que não vou descansar enquanto você não conseguir descobrir o que precisa. Mas neste m om ento, você tem que sair daqui ou a coisa vai ficar m ais feia do que j á está. Se essa m ulher é im portante para você, e obviam ente ela é, você não vai ganhar pontos com ela ficando aqui. Não faça nem diga nada de que você possa se arrepender. Faça o que é certo, não em respeito àquele babaca egocêntrico do Sterling, m as por Gracie. Faça isso por ela.”

Dane e Beau se aproxim aram de Zack, e Dane cutucou gentilm ente Eliza, com o um a ordem discreta para que ela se afastasse. Em seguida, os dois pegaram Zack pelos braços e o encam inharam na direção da porta.

Sim plesm ente sair de cena – assim com o Gracie aparentem ente tinha feito –

e desistir, sem luta da única pessoa que teve algum a im portância na vida dele era algo que ia contra cada fibra do ser de Zack. Para ele, Gracie era a única pessoa que tinha im portância no m undo. Era a m ulher por quem ele teria feito tudo, por quem ele teria feito qualquer sacrifício, não im portava o tam anho. A m ulher por quem ele teria protegido com a própria vida e a quem ele passaria o resto de sua existência am ando e cuidando sem se im portar com m ais nada.

Mas a equipe não estava lhe dando escolha. Zack resistiu, m as então Isaac e Capshaw se uniram aos outros dois e conseguiram obrigá-lo a seguir em frente.

Eles passaram diante de Sterling, que os observava e continuava abraçando com firm eza Gracie, que estava bem protegida atrás do corpo dele, m uito m aior que o seu.

No fim , a equipe sim plesm ente subj ugou Zack e o levou até o estacionam ento, em bora tivesse exigido o esforço conj unto de todos.

Zack queria bater em alguém . Estava de punhos cerrados e sua postura era claram ente agressiva. Os outros perceberam . Beau o em purrou contra sua cam inhonete e o encarou.

“Não vou dizer que sei que raios aconteceu lá atrás, m as você precisa se acalm ar, e rápido. Esse aqui não é você, cara. Você não age daquele j eito com um a m ulher apavorada. Você não força a barra quando ela está agindo com o um a louca de tanto m edo. Eu sei que é im portante, m as tem que ter outro j eito de resolver isso, ou você vai acabar preso acusado de agressão e assédio.”

Zack em purrou Beau para trás e se aproxim ou, ficando cara a cara com ele.

“Me diga o que você faria se fosse com a Ari. Se alguém ficasse entre vocês dois e então m andasse você se afastar. Você faria isso? Você faria a m erda da

coisa certa?”, Zack esbravej ou, pronunciando as duas últim as palavras com o desprezo que elas m ereciam .

Beau parou, e seu olhar na m esm a hora m ostrava que ele tinha com preendido. Em seguida, ele fechou os olhos e em itiu um suspiro.

“Meu Deus. Então é nesse nível.”

Ira, dor, fúria e um a tristeza que vinha do fundo da alm a. Esses sentim entos envolveram Zack, e o desespero o atingiu com o um m arem oto. Seus om bros fraquej aram e ele fechou os olhos, encostando-se no carro para se afastar de Beau e de seus am igos.

Eliza colocou sua m ão no braço de Zack e apertou o suficiente para cham ar a atenção dele e tirá-lo do torpor que o envolvia.

Zack olhou para ela e viu Eliza se enfiar entre ele e Beau. Nos olhos dela, em oção vívida, quase com o se conhecesse a história dele. Com o se os seus

pensam entos som brios e agitados estivessem sendo expostos em tem po real e Eliza pudesse vê-los direto na m ente dele.

“Eu vou te aj udar, Zack”, ela disse tranquilam ente. “Só m e diga o que eu preciso saber para poder com eçar. Não precisa nem m e contar tudo. Conte só aquilo que você estiver disposto a com partilhar. Eu j uro pela m inha vida que não vou descansar até isso estar resolvido. Não vou desistir. Você tem m inha palavra.” Estava im plícito que a palavra de Eliza era firm e. Ela não dava sua palavra à toa e j am ais tinha descum prido um a prom essa.

Antes que Zack pudesse responder, Eliza o puxou para um abraço, o que foi um feito im pressionante, dada a diferença de peso e altura que tinham . Mas o abraço dela era bem apertado, carregado de em oção, de solidariedade e lealdade. Eliza era a irm ã que ele sem pre quis ter.

Zack cresceu com o filho único, j á que sua m ãe havia o abandonado, j unto com o pai, quando ele ainda era um bebê. E Gracie vinha de um lar desaj ustado, com um a m ãe alcóolatra que nem se lem brava dela na m aior parte do tem po. E

o pai? Era alguém com quem sua m ãe teve um caso rápido. Nem m esm o a m ãe sabia quem era o pai da criança, e Gracie j am ais descobriria quem ele era.

Zack e Gracie queriam ter filhos, o m áxim o que pudessem . Queriam um lar cheio de am or e com um forte senso de união fam iliar. Coisas que ele e Gracie j am ais tiveram .

“Quando?”, ele perguntou com um a voz que m al se fazia ouvir, tão fraca que a única palavra soou esganiçada.

Zack não precisava explicar a pergunta. Eliza sabia exatam ente o que ele queria dizer.

“Podem os ir para o escritório agora”, ela respondeu. “Ou, se você preferir, pego m eu com putador e encontro você na sua casa. Ou podem os ir para m inha casa. Você decide.”

Ela estava dando a Zack um a saída para evitar que ele desabasse ainda m ais na frente dos outros, o que o deixou grato, j á que não sabia m ais quanto tem po iria aguentar sem desabar no choro.

Foi com o se um a bigorna de dez toneladas tivesse caído do céu e o esm agado com o um inseto. Zack ainda estava em choque por ter visto Gracie em carne e osso. Não m ais com o um fantasm a do passado, m as com o um a m ulher que

estava viva e respirando. Um a m ulher – não m ais um a garota de 16 anos – doze anos m ais velha, m as que continuava linda de m orrer com o sem pre.

“Na sua casa”, ele conseguiu balbuciar. “Se for tudo bem .”

Era o único lugar onde Zack se sentia confortável o suficiente para se abrir.

Ele com certeza não gostaria de ter esse tipo de conversa na frente de todos os seus colegas do escritório. Tinha escondido sua dor do resto do m undo por doze anos. Foi só quando passou a trabalhar na DSS que voltou a se relacionar com outras pessoas a ponto de ter algo parecido com am izade.

Eles o tinham visto no fundo do poço, m as Zack sabia que a coisa ia ficar ainda pior e não estava a fim de que os outros soubessem do torm ento em que ele viveu por tantos anos. Zack tinha consciência de que era patético, m as não significava que ele estava disposto a ter m ais gente testem unhando sua fraqueza do que o necessário. Além disso, encontrar Gracie j á não era um sonho im possível, m as sim realidade, e Zack estava pouco se lixando se os outros o achariam patético ou não. Com o se esse fosse o caso!

Eliza apertou m ais um a vez o braço de Zack, para tranquilizá-lo.

“Então m e dê um a carona até o escritório, para eu pegar m eu carro. Só preciso entrar para pegar o com putador e depois você vai m e seguindo até m inha casa.”

“Obrigado, Eliza”, ele disse suavem ente.

“Não precisa agradecer”, ela respondeu no m esm o tom .

SEIS

Gracie afundou o rosto nas costas de Wade, seu corpo trêm ulo. Ela não conseguia controlar a trem edeira, nem o frio que estava sentindo. Meu Deus, ela sentia o frio chegar até os ossos. *Choque* não era nem a palavra certa para descrever o que Gracie sentiu ao olhar nos olhos de um Zack Covington m ais

velho, m as ainda devastadoram ente lindo. No m ínim o, ele estava ainda m ais bonito. O adolescente charm oso e de sorriso fácil tinha desaparecido e dado lugar a um hom em duro, que parecia ter sofrido tanto quanto ela.

Gracie pensou que iria sentir dor ao longo dos anos. Iria sentir tristeza, arrependim ento. O que ela não achava era que o sofrim ento podia ficar ainda pior.

Estava errada.

Porque durante todo esse tem po ela j am ais viu Zack. Nunca m ais, desde aquela noite. Não im portava o quanto tivesse se preparado m entalm ente ou visualizado a cena, nada poderia tê-la deixado pronta para o choque de realidade que foi reencontrá-lo, depois de ter a certeza de que os dois j am ais se cruzariam novam ente. Aparentem ente, o destino não estava ao lado dela. Tam bém estava claro que o destino achava que ela j á não tinha sofrido o suficiente para um a vida inteira.

Wade se virou e acariciou Gracie na tentativa de reconfortá-la. Ele a puxou para si com firm eza, abraçando-a e falando em um tom de voz tranquilizante.

“Ele se foi agora, Anna-Grace. Ele não pode m achucá-la. Ele j am ais vai m achucá-la novam ente.”

As palavras de Wade conseguiram atravessar a m assa caótica dos pensam entos de Gracie e o torpor que tinha tom ado controle dela, deixando-a paralisada. Ela em purrou Wade com força para se soltar e dessa vez conseguiu m anter o equilíbrio e não caiu.

“Preciso ir”, Gracie balbuciou, tentando desesperadam ente encontrar um a saída.

Ela não podia sair pela frente. E se Zack estivesse lá esperando por ela? E se ele a seguisse? E se ele descobrisse onde ela m orava? E se ele j á soubesse o seu endereço?

Ele j á devia saber onde ela estava. Não seria tão difícil realm ente encontrá-

la, apesar de todo o esforço que Gracie fez ao longo dos anos para garantir sua privacidade e para se certificar de que ninguém j am ais poderia achá-la.

“Eu preciso sair daqui, Wade”, ela disse com um a voz histérica. “Por favor, você precisa m e aj udar. Eu preciso ir agora. Mas para onde? Preciso pensar em um lugar onde ele não vai m e encontrar. Não posso nunca m ais voltar para cá.

Preciso sair, preciso ir em bora. Hoj e à noite. Antes que ele apareça no m eu apartam ento!”

Gracie sabia que o que dizia não estava fazendo o m enor sentido. Mas não se

im portava. Ela tam bém sabia que tinha deixado o m edo irracional tom ar conta de todo o resto, m as seu instinto de autopreservação falava m ais alto nessa hora e ela perm itia que ele assum isse o controle. Gracie só sobreviveu até hoj e porque não ignorou seus instintos.

Wade a pegou pelos om bros gentilm ente, m as com firm eza, e a obrigou a encará-lo. A expressão no rosto dele era dura e havia raiva em seus olhos escuros. Ele estava com aquele olhar perigoso, que deixaria qualquer um com m edo, m as Gracie tinha aprendido que, apesar da aparência e do fato de haver coisas sobre ele que ela não sabia – e preferia não saber – Wade não era um a am eaça.

“Anna-Grace, olhe para m im ”, ele disse com um tom de voz que não adm itia discussão.

Ela piscou e levantou o rosto para cruzar o olhar com Wade, tentando desesperadam ente m anter o m edo à distância.

Ele segurou o rosto dela com as m ãos e gentilm ente lhe acariciou o lábio com o polegar.

“Você não vai perm itir que ele continue controlando sua vida por m ais nenhum m inuto”, ele disse, com um leve tom de repreensão na voz. “Você j á deu controle dem ais para ele, por tem po dem ais. Já chega disso. Ele não pode m achucá-la agora. Eu j uro para você, j am ais vou deixar que ele te m achuque.

Você confia em m im ?”

Gracie m ordeu os lábios, porque – m eu Deus – aquela não era um a pergunta fácil de ser respondida por alguém com o ela, que não tinha m otivos para confiar em nenhum a pessoa. E, no entanto, ela j á tinha adm itido que confiava

em Wade, eles j á tinham conversado sobre isso. E agora ele estava pedindo lhe novam ente confiança. Antes, era só um a questão de palavras, m as agora tinham um significado real.

Gracie relutantem ente assentiu e Wade relaxou um pouco, quase com o se ele estivesse receoso de que ela ia dizer não e fugir dele, assim com o ela sem pre havia fugido de tudo na vida nos últim os doze anos.

“Você *não* é m ais um a j ovem assustada”, Wade disse gentilm ente. “Você é forte e construiu um cam inho para sua vida. Criou um a carreira, um a carreira m uito prom issora. E tem talento, é m uito m ais talentosa que a m aioria dos grandes nom es da arte hoj e em dia. Você criou um lugar para si no m undo. E vai perm itir que ele destrua isso tudo?”

Anna-Grace franziu a testa, porque, ao colocar a situação dessa form a, ela via que não teve escolha sobre o que tinha acontecido todos aqueles anos atrás.

Mas e agora? Agora ela *tinha* escolha. Era um a pessoa diferente. Mais velha, m ais sábia, não tão j ovem e ingênua. Não tão incauta. E sim , com o Wade disse, ela estava m ais forte agora.

Parecia piada considerar qualquer parte dela com o forte, quando Gracie passou tanto tem po escondida, com m edo da própria som bra. Mas *era* forte. Mais forte do que achava. E Wade tam bém tinha razão sobre ela ter encontrado o cam inho de sua vida. E era bem ali. A exposição de suas obras aconteceria em um a sem ana. Esse era o tipo de coisa que poderia catapultar sua carreira.

Wade se inclinou e lhe deu um beij o na testa, um gesto certam ente íntim o.

Alguém que estivesse olhando para os dois pensaria que eles fossem am antes, dado o claro afeto que havia entre eles. Só Anna-Grace e Wade sabiam que não era bem assim .

“Fique firm e, Anna-Grace”, ele sussurrou. “Você não está sozinha. Jam ais vai ficar sozinha. Não deixe o passado m andar no presente, nem por m ais um único dia. Este é seu m om ento de brilhar, esta é sua hora ao sol. Não deixe ninguém estragar isso.”

Ela endireitou a postura e só então colocou a m ão sobre a m ão de Wade, que ainda estava em seu queixo. Ela apoiou o rosto na palm a dele e fechou os olhos

por um breve m om ento.

“Eu não sou m ais aquela m enina inocente de 16 anos de idade”, ela disse, hesitante. Mas sua foz foi ficando m ais forte à m edida que ela continuava.

“Jam ais serei aquela m enina de novo.”

Anna-Grace olhou para Wade com os olhos em cham as.

“Ele roubou a vida que havia em m im . Não vou perm itir que faça isso de novo. Jam ais vou deixar que ele, ou qualquer outra pessoa, tenha esse tipo de poder sobre m im novam ente.”

Wade sorriu.

“Agora sim , essa é a Anna-Grace que *eu* conheço.”

Ela inspirou profundam ente.

“Estou assustada, Wade. Não vou m entir sobre isso. Você ouviu o que ele falou. Ele achou que eu estava m orta. E se eles vieram aqui para m e m atar?”

A expressão no rosto de Wade se tornou dura. Tão dura que ela estrem eceu diante do perigo refletido nos olhos escuros dele. Wade alisou o queixo dela com o polegar, até chegar ao canto da boca.

“Eu j am ais vou deixar fazerem algum m al para você, Anna-Grace. Juro pela m inha vida.”

SETE

Zack andava pela sala de estar do apartam ento de Eliza com o um leão enj aulado e inquieto, pronto para dar um bote e m atar sua presa. Passava a m ão diversas vezes por seus cabelos curtos e arrepiados, a ponto de j á estar com pletam ente despenteado e desgrenhado.

Suor. Zack estava suando. Sua cam isa estava encharcada, suas sobrancelhas estavam brilhando com a um idade. Um a gota escorria por suas costas, causando coceira e o deixando m ais irritado a cada m inuto.

“Zack, sente-se.”

A voz de Eliza era suave, m as tinha um leve tom de com ando nela.

Ela olhou sobre seu laptop e fez sinal para Zack sentar no outro bloco de seu sofá m odular. O apartam ento de Eliza era um verdadeiro exem plo de conforto.

Decorado em tons terrosos vivos, com um toque de fem inilidade. Nada exagerado, não era um apartam ento de m enininha. Era um lugar onde um hom em iria se sentir bem -vindo. Um lugar que Zack poderia cham ar de lar.

Ele sem pre sonhou em surpreender Gracie com um a enorm e casa. Um a m ansão de dois andares com pelo m enos sete quartos e banheiros com partilhados a cada dois quartos. Ele queria ter quatro m eninos e depois m ais duas m eninas.

Os seis quartos dos filhos teriam os banheiros com partilhados para que no m áxim o duas crianças dividissem o m esm o banheiro. E, claro, Zack queria que as m eninas viessem por últim o para que tivessem os irm ãos m ais velhos para protegê-las e paparicá-las tanto quanto o pai.

Gracie adorava a casa onde Zack cresceu. Era a síntese do sonho am ericano: um sobrado branco de m adeira, um a grande varanda com um balanço e um a cerca ao redor. Era exatam ente o tipo de casa onde ela sonhava em m orar, em bora ele j am ais a tivesse levado de novo para lá depois do desastre que foi a prim eira visita, quando ela conheceu o pai dele. A lem brança daquele dia ainda enfurecia Zack. Seu pai hum ilhou Gracie por com pleto, a fez sentir-se um pedaço de lixo, a cham ou de caipira pobretona e disse que m orar no estacionam ento de trailers era bom dem ais para tipos com o ela. Considerando que Gracie era um a sem -teto na m aior parte do tem po, aquele foi um golpe baixo. Ela teria gostado de ter um trailer à disposição. Qualquer coisa que servisse de teto sobre sua cabeça.

Depois que o tio de Gracie m orreu, Zack ficou aliviado, até perceber que ela não tinha um lugar para m orar. Ainda assim , sabia que era m elhor para Gracie ser um a sem -teto do que viver na m esm a casa que alguém que a tratava daquele m odo.

Zack achou um pequeno hotel perto do lago, no lado de Dover, e Gracie conseguiu em prego com o faxineira. O salário era baixo, m as lhe dava um lugar para viver – um pequeno quarto no prim eiro andar, ao lado da adm inistração –

e um a refeição por dia. Ela podia escolher café da m anhã ou j antar no restaurante

de com ida caseira ao lado do hotel. Zack lhe dava dinheiro para fazer as outras duas refeições do dia, e norm alm ente ele tom ava o café da m anhã e j antava com ela, para se certificar de que ela não ficaria sem com er.

Toda m anhã, Gracie se levantava antes do am anhecer para iniciar seu dia.

Ela saía a tem po de ir para a escola e então voltava para continuar o trabalho depois das aulas.

Zack aparecia sem pre que podia. Seu pai ficava aborrecido por ele estar tão apegado a um a garota a ponto de desperdiçar o que deveriam ser os m elhores anos de sua vida. Não havia nenhum a festa com os am igos da faculdade ou infinitas nam oradinhas, Zack não estava aproveitando a fam a que tinha com o o *quarterback* do tim e. Não, ia para as aulas e nunca perdia os treinos, m as estava sem pre ansioso pelo fim da tem porada de futebol am ericano, quando podia voltar para ficar com Gracie.

Ele nunca ficava na escola nos fins de sem ana depois que a tem porada de futebol estava encerrada. Assim que a últim a aula na sexta-feira acabava, ele im ediatam ente corria até sua cam inhonete – j á tinha arrum ado tudo na noite anterior – e ia direto para casa ver Gracie.

Em bora nunca tivesse com etido o desrespeito de se aproveitar sexualm ente dela – am bos queriam esperar –, Zack passava a m aioria das noites com Gracie, deitado no chão enquanto ela dorm ia na cam a, e os dois conversavam por horas.

Ele odiava ver Gracie acordando tão cansada no dia seguinte, sofrendo para levantar cedo e term inar suas obrigações a tem po de liberarem a entrada dos hóspedes, então Zack frequentem ente a aj udava. Os dois form avam um a dupla form idável e desenvolveram um m étodo de deixar um quarto im pecavelm ente lim po em vinte m inutos. Isso deixava Zack contente, porque significava que Gracie seria só dele pelo resto do dia.

Sexta-feira era a noite preferida da m aioria dos j ogadores de futebol am ericano do ensino m édio. Sexta-feira significava j ogo e a adrenalina que vinha com j ogadas incríveis. Tam bém era o dia preferido de Zack, m as não por causa do

futebol. Para ele, futebol era um m eio para se chegar a um fim . Um m eio para ele garantir o futuro de Gracie e dos filhos que eles iriam ter um dia.

Era o dia preferido, pois Zack sabia que, ao final, ela estaria em seus braços, deitada com a cabeça em seu om bro.

E foi assim até o dia em que ele voltou para casa e não a encontrou.

Zack não entendia isso. Talvez ele j am ais entendesse o que houve, m as com certeza ele não iria em bora sem algum tipo de explicação. Se ela não precisasse dele – se não o quisesse –, então, por Deus, Gracie deveria ter olhado em seus olhos e dito isso.

“Zack?”

A voz preocupada de Eliza chegou até os seus pensam entos e Zack olhou para lado. Notou que ela estava falando – ou m elhor, tentando falar – com ele havia vários segundos, sem sucesso.

“Desculpe”, ele balbuciou. “Eu estava pensando.”

“Isso está bem óbvio”, Eliza disse suavem ente. “Quer m e falar sobre o que estava pensando?”

Zack fechou os olhos e suspirou.

“Você vai achar que eu sou um m aluco. Quer dizer, quando eu paro por um m inuto e olho de verdade para a situação, se fosse com qualquer outra pessoa, eu iria achar que se tratava de um com pleto idiota. Quem é que fica preso a um a garota… um a m ulher… por *doze anos*? Meu Deus. É patético.”

Ele estrem eceu ao perceber o quanto tinha acabado de adm itir. Zack suspirou longam ente, bufando de frustração. Qual a im portância daquilo tam bém ? Eliza iria descobrir tudo cedo ou tarde. Ele não devia ocultar inform ação que poderia perm itir a Eliza rastrear Gracie, não im portava se ele pareceria um palerm a ou não.

“Eu diria que alguém que fica preso a um a m ulher por tanto tem po deve tê-la am ado de verdade”, Eliza com entou em voz baixa.

Não havia j ulgam ento no olhar dela, nem pena. Nada além de apoio e am izade inabaláveis.

“Sim ”, Zack m urm urou. “Eu am ei. Am o. Ou pelo m enos am ei. É difícil dizer que raios estou sentindo agora.”

“Então m e diga o que aconteceu e por que você ficou descontrolado quando ela apareceu na galeria. Estou supondo que essa é a prim eira vez que você a viu desde que…”

Zack assentiu e então suspirou.

“Honestam ente não há m uito o que contar. Gracie e eu éram os nam orados na época da escola, do ensino m édio. Eu digo escola, m as eu era quatro anos m ais velho, então só fom os à escola j untos no m eu últim o ano. Ela estava no prim eiro ano quando nos conhecem os. Eu j á tinha um a bolsa integral na Universidade do Tennessee para j ogar no tim e deles de futebol am ericano com o *quarterback*.”

“Você j ogou na liga profissional, não?”

“Até um a lesão m e obrigar a parar”, Zack respondeu.

“Você ainda podia ter continuado.”

Zack nem reagiu ao fato de que Eliza obviam ente conhecia a história dele. Ou ao m enos parte dela. A DSS devia ter feito um a checagem com pleta do passado dele antes de o contratarem .

Ele assentiu.

“Sim , eu podia ter feito fisioterapia, ia perder um a tem porada no m áxim o.

Treinaria pesado na pré-tem porada e voltaria no outono. Os m édicos achavam que eu teria um a recuperação com pleta com fisioterapia intensiva.”

“Mas você optou por não fazer.”

Novam ente Zack assentiu. O dono do tim e, o gerente e os treinadores ficaram irritados. Os fãs ficaram irritados. Ele foi cham ado de covarde. Foi cham ado de

perdedor, logo ele, que vinha sendo um vencedor havia tanto tem po. Mas, sem Gracie, Zack não achava que estava vencendo coisa algum a. O futebol am ericano não era o suficiente para m antê-lo em pé, depois de perder tudo o que tinha algum significado para ele. Jogar futebol era apenas o m eio de conseguir dinheiro para Gracie, de dar a ela o tipo de vida que ele sem pre sonhou. Sem ela, futebol não tinha o m enor significado.

“Por causa da Gracie?”, Eliza perguntou gentilm ente.

Ele hesitou por um m om ento, e então cruzou o olhar novam ente com ela.

“Sim . Por causa da Gracie. Ela sum iu. Um dia estava lá. E então, eu cheguei

à casa dela e ela havia sum ido. Não deixou nenhum bilhete, nenhum a palavra, nenhum a m ensagem . Nada. Era com o se ela j am ais tivesse existido. Só que para m im ela existiu. Ela era o m eu m undo. Escola, futebol… nada disso tinha im portância sem ela para com partilhar aquilo com igo. Eu quase desisti de j ogar profissionalm ente. Meu pai ficou indignado. E, no fim , o único m otivo por que fui j ogar na liga profissional era achar que, ficando fam oso, Gracie saberia onde eu estava. E ela poderia até entrar em contato com igo, vir até m im se estivesse com problem as.”

“Então você não faz ideia do que aconteceu com ela?”

“Nenhum a”, Zack disse sem rodeios.

“Você registrou o desaparecim ento dela? Foi até a polícia?”

Ele em itiu um a risada áspera.

“Meu pai era a polícia. O chefe de polícia. Ele não levantou a porcaria de um dedo para tentar encontrá-la. Estava ocupado dem ais *comemorando*. Ele sorriu quando contei sobre o sum iço de Gracie e m e disse que foi a m elhor notícia que tinha recebido no ano. Quando pedi a ele que registrasse o desaparecim ento e que tentasse encontrá-la, ele m e falou que não era bom desperdiçar os recursos do departam ento com pessoas que não tinham im portância.”

Eliza fechou a cara.

“Desculpe o com entário, m as seu pai parece ser um a figura.”

“Não precisa pegar leve por m im ”, Zack respondeu, cerrando a m andíbula.

“Ele é um desgraçado. Um porco egoísta e m achista.”

“Você vai m e desculpar se eu não fizer a m enor questão de conhecê-lo”, Eliza com entou.

Zack deu um sorriso com o canto da boca.

“Você o encheria de porrada.”

“Pelo m enos você é bem diferente dele”, ela notou. “E com certeza eu enfiaria a m ão na cara dele. Se ele viesse com essas palhaçadas com igo, eu arrancaria as bolas dele. Agora, vam os voltar à Gracie… Pelo que você m e contou, eu posso m uito bem j untar todas as pontas. Ou pelo m enos as coisas fazem sentido agora. Você se lesionou e optou por parar em vez de se recuperar.

Entrou para as forças policiais e estava prestes a ser recrutado por um a organização governam ental quando Beau trouxe você para o nosso lado.

Presum o que você escolheu essa carreira por causa da Gracie.”

Os olhos dela eram perspicazes dem ais. Era com o se Eliza tivesse entrado na cabeça dele e agora tivesse um a visão privilegiada de tudo que ele tentava esconder do m undo. E essa sensação não era agradável.

Zack assentiu, e sua m andíbula estava cerrada a ponto de ficar desconfortável.

“Eu queria encontrá-la. Procurei por todo canto e venho procurando por ela há doze anos. E aí hoj e, aquele babaca carrancudo da galeria… Eu j uro por Deus, Lizzie. Queria acabar com ele ali m esm o.”

“Sim , eu percebi.”

“Eu vi que ele sabia de algo antes m esm o de Gracie aparecer. Era coincidência dem ais. A paisagem do quadro era de um lugar que só Gracie e eu conhecíam os. Não que outras pessoas não tenham passado por lá, m as nós dois

nunca encontram os ninguém durante todo o tem po que nos fom os ali. Ela adorava desenhar e pintar, era o sonho dela. E então, de repente, surge um

quadro daquele lugar na galeria, assinado A.G.? E o nom e da pintura é *Sonhos perdidos*? E depois tem aquele papo-furado de que a artista não im porta para a segurança, de que ela quer perm anecer anônim a. Acho que a razão para isso tudo está clara agora. Ela estava fugindo. Fugindo de m im . Mas de quem m ais? E

qual é a ligação dela com Sterling? Porque aquela não foi a reação norm al de um dono de galeria para um a artista com quem ele está planej ando ganhar dinheiro."

"Então, Anna-Grace é o nom e verdadeiro, m as você a cham a de Gracie."

Zack assentiu.

"Só eu a cham ava de Gracie. Era m eu j eito carinhoso de tratá-la."

Eliza digitou tudo enquanto ele falava, aparentem ente tom ando notas. Quando ela parou de teclar, olhou para Zack.

"Preciso que você pegue um caderno e um a caneta na m esa de centro.

Anote tudo o que conseguir pensar que possa m e aj udar a encontrá-la. Nom e com pleto, qualquer parente que você conheça, m esm o que a pessoa j á tenha m orrido. Isso pode levar um tem po, então que tal pedir algo para a gente com er enquanto faço um as buscas? A noite pode ser longa."

A esperança aliviou um pouco a queim ação que Zack sentia no peito. A pulsação dele estava acelerada e ele engoliu em seco diversas vezes, para tirar o nó que havia na garganta.

"Obrigado, Lizzie", Zack disse em voz baixa, com pletam ente sincero. "Você não faz ideia do que isso significa para m im ."

Eliza deu de om bros e, por um m om ento, Zack podia j urar que viu um brilho de dor em seus belos olhos.

"Todos nós tem os um a cruz para carregar. E cada um a carrega à sua m aneira. Não quero criar falsas esperanças, Zack. Posso não conseguir encontrar nada, m as vou dar o m eu m elhor."

“Sterling tem todas as inform ações de que preciso”, Zack resm ungou. “Ele vai falar. Não estou nem aí *como*, m as ele vai. Eu vou destrui-lo se não abrir a boca.”

“Tom e cuidado”, ela avisou. “Ele está envolvido em m uito m ais do que só galerias de arte. As galerias são apenas fachada para as outras ‘atividades’.”

Zack levantou um a sobrancelha.

“O que isso quer dizer, exatam ente?”

“Que a checagem prelim inar que Quinn faz em todos os clientes potenciais revelou algum as discrepâncias.”

O olhar de Zack ficou m ais intenso.

“Você acha que ele está m etido em suj eira?”

“Não posso dizer com certeza.”

“Qual a sua opinião, então?”

“Ele está m etido em suj eira.”

“Então por que é que fom os encontrá-lo?”, Zack perguntou. “Beau não age dessa form a. Ele preferiria m orrer a fazer qualquer coisa que lem brasse o pai.”

A DSS não aceitava nenhum cliente que pudesse arrastar a em presa para a

lam a. Eles não precisavam disso, podiam escolher quem quisessem . E

certam ente não estavam faltando clientes.

“Talvez Caleb tenha tom ado a decisão. Beau pode nem ter lido o relatório ainda”, Eliza respondeu. “E, com o eu disse, não posso afirm ar com certeza que ele está m etido em suj eira. É som ente a m inha opinião. Opinião que Dane não com partilhava – ao m enos por ora. Eu tenho m eus preconceitos, vou falar o quê?

Dane é m ais tolerante.” Ela falou a últim a frase dando de om bros.

“Seus instintos são bons, Lizzie. Eu nunca vi você estar errada sobre alguém .

Se você acha que Sterling está m etido em suj eira, então eu com certeza estou disposto a acreditar nisso. E se ele está m etido em suj eira, então qual é a ligação dele com Gracie? Porque eu vi os olhos dele quando eu a cham ei pelo nom e. Ela não é só um a artista desconhecida cuj o trabalho ele está expondo na galeria. E

Sterling tam bém se fechou por com pleto quando com ecei a perguntar sobre ela.”

Eliza ficou com as bochechas coradas e com um brilho no olhar com o reação ao reconhecim ento – e confiança – de Zack em suas habilidades. Lizzie, Beau e todo m undo na DSS, eram boas pessoas. Eles com certeza apareceram em um m om ento crítico da vida de Zack.

Em vez de m ergulhar de cabeça na arriscada carreira nas forças policiais, um a carreira arriscada, com alta probabilidade de esgotam ento por estresse, ele acabou entrando para um a agência de elite. Seu trabalho era desafiador e ele era obrigado a se focar em algo que não fossem os últim os doze anos de sua vida.

Isso fazia Zack sentir com o se ele tivesse um propósito, em vez de apenas seguir m ecanicam ente pela vida.

Com o era irônico o fato de que, alguns dias antes, depois de um a noite de ação particularm ente ruim , ele pensou consigo m esm o que estava na hora de deixar tudo para trás – deixar de verdade para trás – e seguir em frente. Viver a vida e fazer algo de bom com ela.

Zack não tinha esse luxo agora. Porque agora sabia que Gracie estava por aí.

Bem perto. Tão perto que ele poderia esbarrar com ela no m ercado ou no posto de gasolina. Meu Deus, há quanto tem po ela estava vivendo tão perto dele?

“Nós vam os encontrá-la, Zack”, Eliza garantiu. “Mas você precisa se preparar para a possibilidade de ela fugir. A exposição pode e provavelm ente vai ser cancelada. Ela obviam ente sente-se am eaçada por você. E, bem , você precisa se preparar para o fato de que ela… largou você. Voluntariam ente.

Porque, no m eu ponto de vista, parece que foi isso que aconteceu.”

As palavras de Eliza deslizaram por dentro da pele de Zack, penetrando e rasgando profundam ente o coração dele. O local onde Gracie vivia com o um a parte integral dele, j am ais saindo de lá, m esm o que tivesse sido isso o que ela pretendia fazer.

Dor. Zack sentiu um tipo diferente de dor tom ar sua alm a. Um a agonia sufocante, que parecia um a nuvem negra trazendo a tem pestade j unto de si.

Ele j am ais tinha pensado na possibilidade de que Gracie o tivesse abandonado pelo sim ples m otivo de que ela não o am ava m ais. Zack tinha se torturado infinitam ente com todas as possibilidades para o sum iço dela, para ela desaparecer com o se j am ais tivesse existido. Talvez ele fosse a única pessoa que se im portava com ela. Então por que Gracie o rej eitaria? Por que rej eitaria todas

as prom essas que ele fez?

Qual evento devastador teria sido capaz de alterar e m achucar duas pessoas, a ponto de elas j am ais conseguirem se recuperar totalm ente?

Mas será que ela seria capaz de pintar um quadro de alguém que viveu o inferno na terra por m ais de um a década, assim com o ele viveu? Pela prim eira vez, a raiva, algo estranho a Zack até aquele m om ento, preencheu seu peito e deixou um rastro até o estôm ago.

Não, ela apenas correu atrás do próprio sonho enquanto ele corria atrás do dele.

Gracie.

O sonho dele.

Sua linda e doce Anna-Grace.

As lem branças dela, que Zack guardava com tanto zelo em seu coração, por tem er que pudessem ficar m ais fracas com a passagem do tem po, escaparam dele pela prim eira vez em doze longos anos.

Não, ele nunca, j am ais sentiu raiva de Gracie.

Até agora.

Aquilo deixou o gosto m ais am argo possível na boca de Zack, um gosto que ele sabia que ia sentir sem pre que m encionasse o nom e dela dali em diante.

Porque agora ele via o futuro… o futuro de Gracie. E Zack não fazia parte dele.

OITO

Zack ficou parado, com os punhos cerrados, do lado de fora do Sunshine Art Studio, a poucos quarteirões do Joie de Vivre. Parecia estar sem fôlego. Respirar com aquele peito pesado e apertado m ais parecia um a tortura. Será que Gracie esteve tão perto dele assim esse tem po todo?

Ele não deixou de notar a ironia disso tudo. Depois de passar um a década procurando por Gracie, Zack descobria que ela estava na m esm a cidade que ele?

Havia quanto tem po? Será que ela j á estava m orando ali quando ele se m udou para Houston, para com eçar a trabalhar na DSS? Depois de tantos anos correndo atrás dela, era curioso acabar encontrando Gracie por causa do trabalho.

Por m elhor que Eliza fosse no que fazia, nem m esm o ela conseguia fazer a inform ação se m aterializar do nada. E havia pouquíssim a inform ação sobre a artista reclusa. Eliza conseguiu, m eio por acaso, encontrar um artigo que saiu em um a revista de arte que m encionava aulas no ateliê Sunshine Art Studio, a alguns quarteirões de Westheim er. Três artistas se alternavam com o professores, ensinando arte a crianças que m ostravam algum talento prem aturo. Um a das artistas era a m isteriosa A.G.

Então, eis que Zack estava ali, olhando para a porta com um nó na garganta e a palm a das m ãos transpirando. O ateliê tinha se esvaziado alguns m inutos antes.

Crianças risonhas e sorridentes saíram pelo corredor, correndo para encontrar seus pais, que as aguardavam no estacionam ento.

Agora tudo estava em silêncio. E não havia m ais nenhum carro lá fora, o que significava que, se Gracie esteve ali, ou ela foi até a galeria a pé, de ônibus ou…

alguém lhe deu um a carona. Um nam orado? Am ante? Marido? Wade Sterling, talvez?

Zack m ordeu os lábios só de pensar na ideia de que Gracie pertencesse a um outro hom em e estivesse fora do alcance dele, para sem pre.

Bufou m ais um a vez e se recrim inou por estar sendo um covarde. Tudo o que precisava fazer era passar pela porcaria da porta. Apenas um a porta o separava de… Gracie.

Então, por que Zack estava paralisado de m edo? Ele não deveria estar ansioso para confrontá-la e descobrir que raios tinha causado o colapso m ental que ela teve na galeria, quando os dois se viram cara a cara pela prim eira vez desde que ela desapareceu da vida dele?

Ou talvez Zack estivesse sim plesm ente aceitando a possibilidade de que, se Gracie estivesse viva e indo bem , trabalhando com o artista, significava que ela havia optado por abandoná-lo sem dizer um a palavra. Sem term inar, sem se despedir. Em bora ele tivesse sido incapaz de seguir em frente, de deixar o passado para trás, ela obviam ente não sofreu com o ele.

Acalme-se, seu idiota. Você esperou doze anos por isso. Apenas abra a porcaria da porta.

Zack obrigou suas pernas a se m overem , ignorando a trem edeira dos j oelhos.

A porta foi ficando m ais próxim a até que finalm ente a m ão dele pegou a m açaneta. Tudo o que ele precisava fazer era… entrar.

Zack deu um em purrão na porta, aborrecido por sua própria hesitação.

E então ele estava lá dentro. Na m esm a hora, foi tom ado pela sensação de…

fam iliaridade, de que ali era um lar. Tudo o que ele im aginava de um a casa onde Gracie m oraria. Cores quentes e calm as, com um toque leve e gracioso. Ele sentiu o arom a de essências florais no ar. Ao redor dele, papéis espalhados nas m esas ou afixados em cavaletes. Havia tinta respingada em panos ou m anchando as m esinhas de crianças.

Zack sentiu a nostalgia flutuar no ar e passar por ele, enquanto se lem brava das vezes em que ele e Gracie conversavam sobre crianças. Sobre os filhos deles. Será que ela tinha filhos agora? Ele achava que não suportaria ver um a pequenina Gracie sabendo que não era o pai. Sabendo que Gracie tivesse ido

atrás do sonho sem ele.

Ele quase se virou e saiu do ateliê. Não sabia se conseguiria encarar a verdade. O fato de que ela sim plesm ente não queria viver com ele. Mas ele ficou paralisado ao escutar um a voz fam iliar à distância.

“Wade? É você? Estou m e lavando, m as j á vou sair.”

Zack ficou com pletam ente im óvel quando ouviu a risada, um a linda risada fem inina. Aquilo fez um arrepio, um choque, descer por sua coluna vertebral. E

tam bém só confirm ou as suspeitas de que ela estava j unto de Sterling.

“As crianças estavam bem em polgadas hoj e, então acho que vou acabar respingando tinta no banco do seu carro!”

Gracie.

A sua Gracie.

Ele reconheceria sua voz e suas risadas em qualquer lugar, um som que representava um a m udança bem -vinda em relação às palavras m al balbuciadas, carregadas de pavor e lágrim as, do “reencontro”. Zack ficou parado, paralisado, esperando que ela saísse e viesse até ele. No entanto, o que ele queria m esm o era arrom bar a porta de onde quer que Gracie estivesse e exigir respostas para todas as perguntas que se am ontoavam em sua cabeça.

Zack ficou tentado a virar as costas e sair. Assim com o ela tinha feito doze anos atrás. Mas, ao contrário dela, ele precisava term inar. Precisava colocar um fim à tortura a que ele próprio se suj eitou por m ais de dez anos ao im aginar Gracie ferida, m orta e um a centena de outras possibilidades horríveis.

Ironicam ente, nada das possibilidades que ele im aginava eram boas, porém Gracie parecia estar indo m uito bem .

“Desculpe pela dem ora”, ela disse ofegante.

Então, Gracie apareceu, e Zack olhou-a com o um hom em fam into.

Ela estava com um avental cheio de respingos de tinta, e estava desam arrando-o

para tirar do corpo quando levantou a cabeça e viu Zack.

Depois do prim eiro reencontro, Zack devia estar preparado para a reação dela, m as um a pequena parte ainda tinha esperanças de que tudo aquilo não tinha passado de choque por vê-lo tão inesperadam ente. Mas ele *não* estava preparado, e seu coração se doía até agora pelo j eito com o Gracie olhou para ele.

Ela ficou paralisada. Ficou tão im óvel que Zack nem sabia se ela estava respirando. E assim com o antes, m edo – pavor de verdade – estava refletido em seus olhos arregalados e espantados.

Gracie com eçou a recuar apressadam ente, levando a m ão para as costas na tentativa de achar a porta de onde ela tinha acabado de sair. Ela tropeçou, apoiando-se na porta, que agora estava fechada, e tentou achar a m açaneta, com o se estivesse desesperada para colocar um a porta entre eles, para se trancar longe de Zack.

Ela estava m orrendo de m edo dele.

Mas que droga estava acontecendo?

“Gracie”, ele disse com a voz rouca. “Sou eu, Zack. Pelo am or de Deus, eu não vou te m achucar. Você tem ideia do que significa para m im ver você viva e bem ?”

O susto inicial de Zack foi rapidam ente substituído pela raiva, com tudo se acum ulando dentro dele. Todo o m edo e a dor com que ele viveu por tanto tem po. E ser recebido daquela form a? Com o se ela não tivesse sido um a parte im portante da vida dele. Com o se ele não a tivesse am ado pela m aior parte de sua vida e ela não fosse a única m ulher que ele j á am ou.

“Meu Deus, eu achei que você estava m orta, ou ferida ou estivesse em algum lugar sofrendo, achei que você estava precisando de *mim*”, Zack esbravej ou.

Jesus, ele se sentia com o um com pleto idiota por ter achado que ela precisava dele. O que tinha m udado? Gracie era tudo para ele, e Zack achava que a recíproca era verdadeira. Ele precisava saber o porquê daquilo tudo. Será que ele não m erecia ao m enos saber?

“Você desapareceu da face da Terra. O que eu deveria achar? Não m erecia pelo m enos ouvir um ‘tchau, até nunca m ais’?” Ele quase com eçou a chorar ao dizer essa últim a parte. “Nem m esm o um ‘vá se ferrar’ ou ‘te vej o outro dia’?

Não, você sim plesm ente desapareceu, e m e fez pensar no pior. Pela m erda de doze anos, eu pensei no pior. Pela m erda de doze anos, eu fui dorm ir m orrendo de dor no coração toda noite porque achava que eu tinha fracassado com você de algum a m aneira. Que eu não estive por perto quando você precisou de m im e que algum m aníaco dem ente a m achucou, sequestrou ou m atou. E esse tem po todo você aqui toda feliz e serelepe, pintando e seguindo em frente com sua vida.

Enquanto eu passei os últim os doze anos virando o m undo de cabeça para baixo procurando por você?”

Gracie estava pálida com o um cadáver e parecia estar prestes a vom itar. Ela ainda estava tentando procurar um a rota de fuga, olhando rapidam ente para todo canto, m as nunca cruzando olhares com Zack. Meu Deus, talvez ele não suportasse ver o m edo nos olhos de Gracie novam ente.

Por que raios ela estava com m edo *dele*?

“Saia daqui”, Gracie disse, com a voz em bargada pelas lágrim as. “Meu Deus, só *saia daqui*!”

Os olhos dela se encheram de lágrim as, que lentam ente com eçaram a escorrer pelo rosto. Apesar de estar irritado e sentindo-se desam parado, Zack sentiu-se m al por Gracie, porque apesar de ela ter lhe dado um pé na bunda dele e seguido em frente, o instinto dele era reconfortá-la. Que droga, não conseguia

vê-la chorar, não suportava vê-la sofrendo.

E o fato de que ele obviam ente era a causa do torm ento dela?

“Mas que *merda* está acontecendo aqui?”

Zack se virou ao escutar a voz m asculina, e viu Wade Sterling parado dentro do ateliê, com um a expressão assassina no rosto. Mas, quando seu olhar se dirigiu à Gracie, a expressão im ediatam ente se transform ou em preocupação.

E o que deixou Zack realm ente irritado foi Wade cruzar a sala e se posicionar

bem diante de Gracie e ele, para em seguida, m antendo os olhos em Zack o tem po todo, colocar Gracie com firm eza atrás de si. Assim com o ele tinha feito na galeria. Claram ente um ato de proteção, com o se ela precisasse ser protegida de Zack. Logo de Zack.

A posição de Sterling era agressiva, ele parecia pronto para lutar. E Zack estava louco por um a briga. Não havia nada que ele gostaria m ais de fazer do que encher aquele desgraçado de porrada, para que ele tirasse as m ãos de cim a da Gracie. Mas Zack não podia se dar ao luxo de perder o controle um a segunda vez, porque – que Deus o aj udasse – talvez ele não tivesse um a terceira chance.

Talvez Gracie fizesse o que Eliza previu e saísse correndo. Zack não podia perdê-

la de novo, não depois de encontrá-la após tanto tem po. Perdê-la um a vez j á tinha sido devastador. Perdê-la um a segunda vez? Ele não sobreviveria a isso.

Não desta vez, não diante destas circunstâncias.

“Que droga, Gracie. Por que você está com tanto m edo de m im ?”, Zack perguntou em voz baixa. “Você ao m enos m e deve essa explicação.”

Gracie em itiu um som abafado, que pareceu deixar Sterling m ais irritado. Ela nem m esm o saía de trás de seu “protetor” para olhar para Zack, m uito m enos para oferecer algum tipo de explicação.

“Eu *devo* algo a você?”, ela disse soluçando. “Meu Deus, m e deixe em paz.

Você j á não fez o bastante? Acha que eu devo algum a coisa depois do que você fez? Você arruinou m inha vida! Você m e traiu. Meu Deus, não consigo nem im aginar por que você se daria ao trabalho de m e procurar, a m enos que aquela vez não tenha sido o suficiente. Ou talvez você queira term inar o trabalho.”

Gracie com eçou a chorar e perdeu totalm ente a com postura. Sterling se virou um pouco para segurá-la com o braço, em um a tentativa de reconfortá-la.

Quando ele olhou novam ente para Zack, estava com pletam ente furioso.

“Olha, eu entendo”, Zack esbravej ou. “Você seguiu em frente. Agora tem um nam orado, m arido, o que sej a. Mas preciso dizer que você tem um j eito

péssim o de term inar um relacionam ento com alguém de que supostam ente você gostava.”

Sterling cortou qualquer resposta que Gracie pudesse dar, em bora Zack duvidasse que ela fosse responder no m eio daquele choro interm inável. Ver aquilo partia o coração de Zack. De todas as form as que ele im aginou o reencontro, nunca passou por sua cabeça algo com o aquilo.

“Anna-Grace e eu não estam os envolvidos rom anticam ente, não que isso sej a da sua conta”, Sterling retrucou. “Eu sou o *amigo* dela. E com o am igo, eu cuido e protej o o que é m eu. Você tem dois segundos para sair daqui. Se você chegar a m enos de duzentos m etros de distância dela novam ente, eu vou arranj ar na m esm a hora um a ordem de restrição j udicial. Se você violar essa ordem de

restrição, eu vou gastar todo o m eu dinheiro para m e assegurar de que você j am ais vej a a luz do dia novam ente.”

“Sei, você e m ais qual exército?”, Zack disse com um tom de voz m ortífero e calm o. “Se você é *amigo* dela, então isso não tem nada a ver com você. Isso aqui é entre Gracie e eu, e você precisa ficar de fora. Eu não vou m achucá-la. Meu Deus, eu j am ais a m achucaria. Eu a am ei. Eu a *amo* desde sem pre.” A voz de Zack ficou em bargada quando ele falou a últim a frase, e ele interrom peu ali para evitar a hum ilhação de com eçar a chorar na frente dos dois.

“Você m e enoj a”, Sterling bufou. “Está bem claro que ela não quer nada com você, então perceba isso, fique longe dela e não apareça m ais.”

“Prefiro ouvir de Gracie o que ela quer”, Zack retrucou. “Ela m e deve isso.”

Pela prim eira vez, Gracie saiu de trás de Sterling, e deu um passo ao lado. O

rosto dela estava verm elho e m olhado pelas lágrim as. Aquela cena deixou Zack com o coração apertado e ele cerrou os punhos com força. Ele olhava para ela com atenção, captando todos os detalhes que podia.

Gracie sem pre tinha sido bonita, m as agora estava ainda m ais bela.

Assustadoram ente bonita. Ela estava m ais m agra, seu rosto j á não tinha o brilho da j uventude e os olhos pareciam m ais velhos do que Zack se lem brava. Era com o se ela tivesse sofrido dem ais e envelhecido bem m ais do que a idade

que tinha.

Os cabelos, que sem pre foram cortados na altura dos om bros, repicados e com franj a, agora estavam bem m ais com pridos e não havia m ais franj a.

Quanto m ais Zack a observava, m ais ele percebia que ela estava realm ente m agra. Havia algo de frágil e delicado nela que antes não existia, m esm o quando ela vivia nas piores condições possíveis.

Zack ficou preocupado, porque antes sem pre existiu um brilho em Gracie, um riso fácil. Agora ela estava *totalmente* diferente. O que será que tinha acontecido? E essa baboseira sobre ele arruinar a vida dela?

Gracie estava inibida e esm orecida, com o se a luz que havia dentro dela tivesse se apagado. Ela parecia… triste. Não se parecia em nada com a Gracie dele, que vivia feliz m esm o em condições precárias.

Que diabos tinha acontecido? O que ela estava *pensando*, do que ela se lem brava? E por que Zack sentia com o se seu coração estivesse se partindo em um m ilhão de pedaços? Onde estava a raiva dos inj ustiçados que ele estava sentindo até poucos segundos atrás? Por que a raiva desapareceu e o deixou com a sensação de que a verdade – qualquer que fosse – provavelm ente iria m atá-lo?

Que ele talvez j am ais se recuperasse se descobrisse a verdade?

Gracie levantou o olhar até Zack, quase com o se ela estivesse se forçando para m anter seus olhares cruzados. Havia tanta tristeza em seus belos olhos castanhos, que Zack nem conseguia respirar. Havia tanta dor. Havia tantas em oções negativas que Zack sentia com o se estivesse sendo rasgado por elas.

“Por favor, vá em bora”, ela im plorou. “Eu j am ais quero vê-lo de novo. Essa sou eu falando, Zack. Não é Wade. Não é m ais ninguém . Sou eu. Pense o que você quiser, m as j am ais m e toque.”

Tocá-la? Ele nem m esm o tinha chegado perto o bastante para tocá-la. Ele podia com preender que ela não quisesse m ais vê-lo nem quisesse falar com ele,

m as por que Gracie diria para j am ais tocá-la?

Algo estava m uito errado e Zack ficou incrivelm ente frustrado, porque estava óbvio que ele não ia chegar a lugar algum naquele dia. Prim eiro, havia o cão de guarda extrem am ente protetor que parecia estar louco de vontade de espancar Zack até não sobrar nada dele. Com o se aquele riquinho babaca de fala m ansa tivesse algum a chance no m ano a m ano contra Zack.

E ainda havia o fato de que Gracie nem m esm o conseguia olhar para ele. Ela estava pálida com o um fantasm a, trêm ula e claram ente apavorada. Por causa *dele*, que droga!

Tudo aquilo que ela disse atingiu Zack em cheio, com o se fossem tiros. Que ele tinha arruinado a vida dela. Que ele tinha feito essa coisa horrível e ainda havia aquela parte sobre term inar o trabalho.

As acusações zum biam dentro da cabeça de Zack com o abelhas raivosas. Ele se forçou a olhar para Gracie nos olhos, com calm a, e então deu um passo adiante. Isso im ediatam ente deixou Sterling eriçado.

“Leia m inha m ente, Gracie”, ele disse calm am ente. “Tudo o que você precisa fazer é ler m inha m ente. Sej a lá o que você pense que eu fiz, basta olhar dentro de m inha m ente. Você vai ter suas respostas, em bora estej a claro que você não acha que eu m ereço ouvi-las.”

Gracie fechou os olhos, e as lágrim as escorreram por seu rosto em pequenas torrentes interm ináveis.

Quando ela reabriu os olhos, havia neles em oção nua e crua.

“Mesm o que eu *pudesse*, não faria isso”, ela disse com a voz esganiçada pelo esforço. “Meu Deus, j am ais vou entrar na m ente de m ais *ninguém*. Essa é única coisa pela qual posso te agradecer, porque você tirou isso de m im tam bém .”

A resposta dela deixou Zack espantado. Que raios era aquilo? O que ela quis dizer com ele ter tirado a habilidade dela? Havia tantas perguntas rodando por sua cabeça que ele precisou se segurar para não sair exigindo respostas im ediatas para elas.

Mas a últim a coisa que ele queria era ter espectadores para o que – ele sabia

– seria um a conversa bastante tensa. Paciência não era um a virtude que Zack tinha, e aquela situação o estava frustrando a ponto de deixá-lo m aluco. Então, em vez de bom bardear Gracie com as perguntas que estavam na ponta da língua, Zack falou com firm eza, só para garantir que o bundão do Sterling entendesse de um a vez que ele não iria parar de investigar o passado e descobrir o que tinha acontecido de tão ruim .

“Nós precisam os conversar, Gracie”, ele disse sério. “Sem o seu cãozinho de guarda no m eio. Você diz a hora e o lugar. Não im porto que sej a um local público, se você for se sentir m ais segura dessa form a.” Zack quase não conseguiu pronunciar as últim as palavras. Machucá-la? Querer que ela se sentisse *protegida* dele? “Eu até vou levar a porcaria da polícia j unto, se isso fizer você se sentir m elhor. Mas sej a lá o que você *pense* que eu fiz a você, posso garantir que você está com pletam ente enganada. E m esm o que leve o resto da m inha vida, nós vam os ter essa conversa, Gracie. Não vou desistir. Não vou m e afastar. Não vou esquecer. Eu esperei doze anos por este m om ento, e não vou fugir de você com o você fugiu de m im .”

NOVE

Zack dobrou a esquina da rua a poucos quarteirões de seu apartam ento, suor deslizando pelas costas. Ele se forçou ainda m ais do que o norm al, e sua corrida habitual de três quilôm etros se transform ou em um a de quatro. Apenas quando viu a placa para o seu banco que percebeu que tinha ultrapassado a m eta de sua corrida de rotina.

Sem ao m enos tirar um m om ento para descansar ou se refrescar, ele se im pulsionou adiante, anulando a agitação interna de sua m ente enquanto fazia a corrida de volta para o apartam ento.

Durante toda a noite anterior, ele e Eliza fizeram um a busca com pleta por pistas de Gracie, e ela sem pre esteve bem ali, debaixo de seu nariz, o tem po todo.

Então, pela segunda vez, sua busca pela verdade havia sido frustrada quando ele a confrontou m ais cedo no ateliê. Ele foi colocado para fora, graças à interferência de Sterling, duas vezes. Zack foi forçado a se retirar e esperar por um a oportunidade m elhor, apesar de que, agora que Gracie estava avisada de sua presença, ele se perguntava se ela iria colocar o rabo entre as pernas e fugir.

Com o j á tinha feito antes.

O que significava esperar. Mais espera.

Que droga, Zack estava cansado de esperar. Ele esperou doze anos por aquele m om ento. Estava ainda m ais frustrado porque não era com o se não soubesse m ais onde Gracie estava. Ela estava aqui, nessa cidade. Tão próxim a e m esm o assim tão longe.

Ele nunca im aginou que o reencontro seria daquele j eito, que Gracie teria m edo dele… Que inferno, aquilo não era m edo, ela ficou absolutam ente aterrorizada.

Sua m ente continuava trazendo de volta a expressão no rosto dela. Não havia nenhum choque. Não havia nenhum a surpresa agradável. Nenhum cum prim ento ao hom em que a am ou – e a procurou – por m ais de um a década.

Por quê?

Zack sabia que estava faltando um a peça gigante do quebra-cabeça ali. Mas se ao m enos ele soubesse o que era… Se ao m enos Gracie falasse com ele. Se desse *alguma* dica. Meu Deus, ele não m erecia m ais do que aquilo? Gracie agiu com o se ela fosse a parte prej udicada. Mas com certeza não foi ele quem fugiu dela, nem ele quem a deixou im aginando se estava vivo ou não por doze anos.

Zack tinha lhe dado tudo. Seu coração, sua alm a. Ele tinha prom etido a ela que seria pela eternidade. E ele falou sério. Não eram m uitos os universitários que sabiam o que queriam do futuro. Mas ele sabia. A partir do m om ento em que Gracie entrou em sua vida, ele teve foco absoluto. Zack sabia que sua vida iria girar em torno dela para sem pre.

Bem , ele sem dúvida estava certo quanto a isso. Porque m esm o quando ela desapareceu, *tudo* girou em volta de encontrá-la novam ente.

Zack tinha planej ado suas vidas j untos em todos os níveis. Ele queria que Gracie tivesse tudo o que sonhava ter. Ainda que ele houvesse planej ado sem pre cuidar dela e sustentá-la, ele sabia que ter um a form ação era im portante para Gracie. As circunstâncias da vida dela a envergonhavam e a constrangiam . Zack odiava isso, odiava que não pudesse livrá-la disso. Ele não ligava se Gracie tinha um diplom a ou não. Ele sabia que ganharia um bom dinheiro j ogando em um tim e profissional e que Gracie e os filhos deles nunca iriam querer qualquer coisa que ele não pudesse dar.

Mas, ao m esm o tem po, Zack queria vê-la feliz. Então eles conversaram sobre ela ir para a faculdade depois de se form ar no ensino m édio. Eles eram j ovens.

Tinham todo o tem po do m undo – ou era assim que ele pensava. Nenhum a necessidade de apressar nada. Ele queria que Gracie tivesse segurança. Assim , ela iria frequentar a faculdade, ganharia um diplom a e, apenas depois disso, eles pensariam em ter filhos.

Honestam ente, esperar para ter filhos não era um problem a para Zack. Sim , ele tinha tudo isso planej ado. Mas ele queria curtir esses anos com Gracie –

apenas eles dois – antes de adicionarem um a criança à fam ília.

Talvez Zack estivesse tão envolvido com o futuro que deixou de dar atenção ao *presente*. Óbvio que algum a coisa tinha saído extrem am ente errado. Algum a coisa havia sido deixada de lado, porque ele não viu o que estava por vir. Zack nunca se esqueceu do choque que foi descobrir que Gracie havia sum ido.

Desaparecido. E a pergunta incessante, que ele se fez repetidam ente pelos últim os doze anos: *por quê*?

Quando Zack term inou de correr de volta para seu condom ínio em direção à ala leste, com posta por m oradias de três andares, o crepúsculo j á havia dado lugar à noite. Sua respiração fazia névoas, e o ar noturno roçava sua pele brilhante por conta do suor, causando um a cascata de arrepios sobre seus braços.

Ele desacelerou o ritm o para um a cam inhada quando se aproxim ou do portão que dava para sua unidade. Em bora as casas do lugar fossem conectadas, os j ardins da frente e de trás eram separados por um a cerca que garantia a privacidade dos m oradores. E o portão no final da via pavim entada para sua varanda frontal era aberto por m eio de um código de segurança.

Zack fez um a careta quando viu que a tela do portão estava com pletam ente apagada. Era só o que faltava. Ficar trancado para fora. Frustração serpenteou pelo seu sangue com o um a cobra venenosa. Ele deu um m urro contra o portão e soltou um palavrão.

Para a sua surpresa, o portão trem eu e abriu alguns centím etros. Zack franziu as sobrancelhas, im aginando até que ponto esses supostos recursos tecnológicos de segurança realm ente funcionavam . Bem , ele não iria reclam ar dem ais. O

portão estar aberto o salvou do incôm odo de entrar em contato com a adm inistração e perm itiu que ele entrasse para sua própria casa.

Suas luzes com sensores de m ovim ento obviam ente eram vítim as de sej a lá o que estivesse errado com o portão. Um a pontada de desconforto correu por sua espinha. Zack ergueu a cabeça e ficou tenso enquanto exam inava o exterior escuro da casa. A luz estava acesa na sala de estar do segundo andar. Mas a luz exterior que ilum inava os degraus até a varanda, e que ele sem pre deixava

ligada, estava apagada.

Am aldiçoando o fato de não estar com sua pistola, Zack parou no com eço das escadas. Pela sua visão periférica, um a silhueta entrou em foco. Sua cabeça girou rapidam ente naquela direção e ele ficou im óvel, preparado para se defender.

Ele piscou para conseguir focar m elhor e percebeu que estava olhando para um a *pessoa*, obviam ente inconsciente... ou m orta? Estatelado a poucos m etros do degrau, escondido da rua por arbustos, estava um corpo hum ano. Devia ser de um a m ulher ou de um hom em m uito pequeno. As únicas coisas visíveis à prim eira vista eram dois pés descalços.

Com a pulsação acelerada, Zack correu até o corpo, e seu peito m artelava com tem or quando ele alcançou o corpo para virar a pessoa para cim a. A cabeça pendeu conform e ele a girava para frente e, em seguida, Zack ficou sem ar quando viu quem era aquela pessoa. Oh, Deus. Oh, Deus. Não. Por favor, não.

“Gracie!”

O nom e escapou em um grito de agonia.

Seu coração quase explodiu dentro do peito. Zack soltou a respiração em um a névoa visível e longa. Sua visão estava turva e ele piscava, desesperado para ver o quanto ela estava ferida.

Oh, céus. Gracie havia sido espancada. Bastante. Hem atom as m arcavam e coloriam suas feições inchadas. Sangue seco m anchava o queixo e o pescoço.

Pior, as m ãos estavam am arradas atrás das costas. Ela não teve com o se defender. Não teve com o evitar os golpes que recebeu.

A bílis subiu em sua garganta, e Zack precisou de toda sua força para não vom itar. Lágrim as queim aram suas pálpebras. Sua m ão trem ia violentam ente enquanto ele apalpava o pescoço dela à procura de pulsação. Deus, perm itisse que ela estivesse viva. Não deixasse que ele a tivesse encontrado depois de doze longos anos apenas para perdê-la novam ente.

Com a outra m ão, Zack gentilm ente alisou os cabelos de Gracie, tirando-os do rosto dela, e estrem eceu quando viu a extensão dos ferim entos. Meu Deus, onde é que ele poderia tocá-la? E se ela tivesse sofrido lesões internas? Ela podia estar sangrando. Ele ainda poderia perdê-la!

Zack quase caiu de alívio quando sentiu a pulsação fraca de Gracie, tam borilando erraticam ente. Então ele m andou o choque e a confusão que sentia para longe e entrou em ação. Puxou seu celular e rapidam ente ligou para em ergência.

Enquanto falava com o atendente, passando a localização e o estado de Gracie, Zack tentou deixá-la o m ais confortável que conseguia, sem m ovê-la m uito. A últim a coisa que queria era causar m ais danos ao fazer algo descuidado.

Ao term inar a ligação, ele largou o telefone para que pudesse ser m ais atencioso com Gracie. Zack se abaixou e puxou-a suavem ente contra seu peito, esperando que o calor de seu corpo pudesse oferecer-lhe certo alívio do frio úm ido. Ele tirou as cordas que cortavam os pulsos dela. Em seguida, franziu a testa quando sentiu as escoriações ásperas em sua pele.

Gracie estava tão im óvel que seria fácil achar que ela estava m orta. Sua respiração era leve e o tórax m al se m ovim entava. Ele sabia que Gracie

precisava de oxigênio e desej ou que a am bulância chegasse o m ais rápido possível.

Quando Zack arrum ou a cabeça dela para que não ficasse em um ângulo tão desaj eitado, ele rapidam ente avaliou o resto do corpo, com o coração na garganta. Nada parecia quebrado, m as quem era ele para ter certeza?

E, então, algo a m ais cham ou sua atenção. Algo fam iliar. Zack ficou com pletam ente im óvel, seu olhar se focou na etiqueta afixada ao seu dedo do pé.

Não. Ah, inferno, não. De j eito nenhum .

Um som inarticulado de raiva irrom peu de sua garganta enquanto ele passava a m ão por baixo da perna de Gracie, buscando por m ais lesões antes de lhe tirar cuidadosam ente a etiqueta do dedo. Zack tom ou o cuidado para tocar apenas o que era necessário, e então leu as letras rabiscadas nela. Aquela escrita, agora fam iliar, era com o esfregar sal em um a ferida aberta.

Isso é o que acontece com quem fica no nosso caminho.

Filhos da puta! Gracie se tornou um alvo por causa dele. Ele levou o inim igo direto para ela! Com o ele poderia saber?

O corpo inteiro de Zack estava verm elho de calor e da raiva. Sua pele e coração ardiam j untos.

Meses atrás, eles encontraram outro corpo com a m esm a etiqueta presa ao dedo do pé. Era o pai biológico de Ari, que não sobreviveu ao espancam ento.

Será que Gracie sobreviveria?

Zack fechou os olhos, incapaz de sequer considerar a possibilidade. Será que os piores m edos que ele tinha doze anos atrás – do que poderia ter acontecido com ela – estavam acontecendo *agora*?

Eles subestim aram o inim igo. Tom aram o silêncio e a paciência deles com o sinal de que tinham desistido. Agora Zack percebeu que eles estavam apenas observando e esperando pelo m om ento certo de atacar. Aguardando até que achassem um alvo vulnerável, j á que chegar até Ram ie e Ari – as duas m ulheres casadas com os irm ãos Caleb e Beau – seria algo incrivelm ente difícil, levando em consideração o fato de que os m aridos m antinham um a forte proteção em torno das m ulheres que am avam .

Zack teve noção de que, assim com o tinha falhado com Gracie doze anos antes, tam bém falhou com ela agora. Ele nunca considerou o risco que havia em ir atrás dela e não cobrir seus próprios rastros. Zack nunca im aginou até onde aquele grupo fanático iria em seu esforço para dar o troco na DSS.

Isso teria m atado Ari. Ela era tão bondosa, e descobrir que alguém foi espancado tão severam ente por causa dela... Claro que não era culpa dela. Mas Ari não veria dessa form a. Tudo o que diria é que, se ela não tivesse entrado em cena e se j untado a eles, seu passado j am ais teria afetado a DSS e as pessoas

ligadas a ela.

Com um palavrão, Zack pegou o telefone novam ente. Onde estava a porcaria da am bulância?

Zack digitou o núm ero de Beau, desej ando que ele atendesse logo. Ele precisava que Beau avisasse os outros. Eles não estavam seguros, nenhum deles estava. Beau e Caleb ficariam irritados e trancariam suas m ulheres para que nenhum a delas sofresse algum a violência. Elas j á tinham sofrido dem ais em suas

vidas tão curtas. Já tinham visto m ais estrago e dor do que m uitas pessoas veriam na vida inteira.

“Beau, tem os um problem a”, Zack disse som briam ente quando a ligação foi atendida.

“Diga”, Beau continuou, seu tom de voz im ediatam ente correspondendo ao de Zack.

“Eles pegaram a Gracie”, ele continuou, m al conseguindo dizer as palavras.

“Aqueles filhos da puta a espancaram .”

“Ei, espera aí. Que m erda foi essa?”

Zack fechou os olhos de alívio quando ouviu o barulho distante de um a sirene.

“Eu preciso ser rápido. A am bulância está quase aqui. As m esm as pessoas que espancaram o pai biológico de Ari até a m orte, aquelas que tam bém torturaram e m ataram a m ãe biológica, pegaram Gracie. Mesm o m odo de operação. Eu a encontrei do lado de fora do m eu apartam ento, com um a etiqueta presa no dedão do pé com a m esm a m ensagem .”

Houve um silêncio aterrorizador e então Beau explodiu em palavrões antes de perguntar, aflito:

“Ela está viva?”

“Por enquanto, sim ”, Zack engasgou, quase fora de si de tanta preocupação e

tristeza. “Está bem feio, Beau. Não sei quanto, m as ela está respirando. Por enquanto. Olha, tenho que ir agora, m as você precisa contar aos outros. E à Lizzie. Meu Deus. Certifique-se de que ela está se protegendo. Eu estive com ela a noite inteira ontem . Eles estão obviam ente nos seguindo de perto, ou então com o diabos iriam pegar Gracie logo depois que eu a vi? Ligue para Dane.

Garanta que Lizzie estej a segura. E garanta que Caleb saiba disso, para que possa proteger Ram ie.”

Zack desligou antes que Beau pudesse responder. A am bulância estava logo depois do portão, e ele tirou sua m ão de Gracie com um a súplica sussurrada.

“Não desista, Gracie. Lute. Você precisa ficar bem . Eu não posso perdê-la de novo.”

Ele roçou-lhe os lábios na testa e então se colocou em pé para que pudesse direcionar os enferm eiros até onde Gracie estava deitada.

DEZ

Zack andava do lado de fora da sala de em ergência para onde haviam levado Gracie. Ele não arredou o pé dali, se recusando a sair do lado dela até que um a das enferm eiras salientou que elas poderiam fazer o trabalho com m uito m ais agilidade e eficiência se ele não estivesse no cam inho.

Em seguida, ela o levou até a porta e disse que ele poderia retornar assim que o m édico term inasse a avaliação e lesse os resultados de seus testes de laboratório e raios X.

Zack nem m esm o conseguia ver o que acontecia lá dentro. Não tinha ideia do que estava se passando, e aquilo tudo era um inferno. E se Gracie parasse de respirar? E se ela m orresse, sozinha, sem ninguém ao lado que pudesse lhe dizer que ela era am ada?

Ele se inclinou contra a parede, balançando cabeça para trás para descansar, e esfregou as m ãos no rosto pela terceira vez. Seus olhos pareciam um a lixa.

Havia um nó na garganta que se recusava a ir em bora. Zack não conseguia falar m ais do que algum as palavras antes que sua voz cedesse e decaísse para um tom em ocional e ininteligível.

“Zack.”

Zack olhou para frente e viu Beau e Caleb a alguns m etros de distância no corredor.

“Com o ela está?”, perguntou Beau som briam ente enquanto seu irm ão se aproxim ava.

Zack ergueu as m ãos em frustração.

“Eu não sei, droga! Eles m e em purraram para fora da sala e m e falaram para esperar. Isso foi há quinze m inutos.”

Beau m urm urou baixinho e o rosto de Caleb ficou tenso, com um a expressão intensa.

Conform e percebia que os dois hom ens estavam ali na frente dele, sozinhos, Zack olhou para cim a.

“Onde estão Ram ie e Ari?”, ele questionou.

“Em segurança”, Caleb respondeu.

“Ari queria vir. Ela ficou horrorizada”, Beau disse, seu rosto e lábios dem onstrando toda a raiva que sentia. “Ela estava chorando quando saí. Meu Deus. Não acreditei que esses desgraçados iriam espancar um a m ulher inocente para provarem algo. E provar o quê?”

Caleb balançou sua cabeça com desgosto.

“Não é culpa dela”, Zack disse ferozm ente. “É m inha culpa, e som ente m inha.”

“Besteira”, disse Beau. “Não é culpa dela e certam ente não é sua.”

“Isso não im porta, de qualquer m aneira”, Caleb interveio. “Nós tem os que seguir em frente e precisam os tom ar um a postura m ais agressiva com esses

canalhas. Eu pensei, todos nós pensam os, que eles não eram m ais um problem a.

Eles não fizeram nenhum m ovim ento desde tudo o que aconteceu com Ari. Eu não devia ter deixado para lá, m as apenas queria que todos nós fossem os capazes de seguir em frente. Especialm ente Ari. Mas agora terem os que m udar de tática e partir para o ataque.”

“Com certeza”, disse Beau. “Tem os que perseguir esses desgraçados e fazê-

los sentir com o é ser usado de saco de pancadas. Meu Deus. Revira o m eu estôm ago pensar que no m ínim o duas m ulheres foram espancadas. Que um a delas foi m orta!”

Zack se arrepiou, suas m ãos trem iam . Ele crispou e estalou os dedos para aliviar a tensão, m as não conseguia evitar a im agem dos m achucados do corpo espancado de Gracie de se atirarem em sua m ente.

“Eu j á coloquei Dane nisso”, continuou Caleb. “Cada hom em em pregado pela DSS está sendo colocado para este trabalho. O foco desta agência será localizar e derrubar cada pessoa que tenha um dedo nisso. É nossa única prioridade.”

“Obrigado”, disse Zack.

Beau hesitou, estudando o sem blante de Zack, que pareceu notar um a ponta de incerteza em seu olhar solene.

“O que foi?”, perguntou Zack.

“Você conseguiu resolver as suas coisas? Antes de…” Beau interrom peu e

levantou a m ão em direção à porta para indicar Gracie.

“Não”, sussurrou Zack. “Eu saí para dar um a corrida. Geralm ente não vou tão longe. Meu Deus, eu queria não ter ido. Se tivesse chegado em casa m ais cedo, talvez eu pudesse ter pego esses desgraçados. E ela não teria ficado lá fora no frio por sabe-se lá quanto tem po.”

“Ela estava só deitada lá quando você voltou?”, perguntou Caleb.

Zack assentiu.

“O painel de segurança do m eu portão não estava funcionando. Mas o portão estava aberto. As luzes com sensores de m ovim ento do lado de fora tam bém não estavam funcionando. Quando cheguei aos degraus, eu a vi no chão pelo canto dos olhos. Eles a deixaram lá para m orrer!”

“Seu condom ínio tem câm eras de segurança?”, perguntou Beau.

Zack confirm ou com a cabeça.

“Eu levarei Dane lá para extrairm os o que for possível. Talvez um a das câm eras tenha pegado os desgraçados e a gente consiga um a im agem ”, disse Caleb.

“Eu ensaquei a etiqueta”, disse Zack. “Tentei tocar o m ínim o possível. Talvez dê para obter um a im pressão digital.”

Beau assentiu.

“Nós vam os denunciar isso, certo?”

“Com certeza”, disse Zack firm em ente. “Usarei toda a aj uda que conseguirm os. Eu quero esses canalhas, Beau. Eu não ligo para o que vam os ter de fazer para colocá-los contra a parede, m as quero fazê-los sangrar.”

“Não te culpo”, disse Caleb suavem ente. “Se fosse Ram ie…” Ele balançou a cabeça.

A expressão de Beau ficou tensa e a raiva brilhava em seus olhos.

“Prim eiro Ari, e agora Gracie. Quero pegá-los e farei o que for preciso para acabar com eles. Mas acho que vam os com Briggs e Ram irez. É bem capaz disso estar fora da j urisdição deles, m as são os únicos em quem confio para isso, e eles j á conhecem a história.”

Zack assentiu, concordando. Os dois detetives trabalharam com eles antes e estavam fam iliarizados com as bizarrices que aconteciam em m uitos dos trabalhos da DSS. Eles não seriam recebidos com ceticism o por causa de algum a história esquisita sobre um grupo de fanáticos que usavam com o alvo qualquer um que considerassem ser am eaça à “causa” deles, sej a lá o que fosse essa m erda de causa.

A porta para o quarto de Gracie abriu e Zack avançou, contraindo cada m úsculo de seu corpo. Prendeu a respiração, e m al foi capaz de falar pelos lábios entorpecidos.

“Com o ela está?”, ele questionou.

A enferm eira sorriu.

“O m édico sairá logo para falar sobre o estado dela, m as ela ficará bem . Não é fatal.”

Zack fechou os olhos. Cam baleou de alívio e, por um m om ento, ele se m oveu em ziguezague, perdendo o equilíbrio.

“Graças a Deus”, ele sussurrou.

“Vai com calm a, cara”, m urm urou Beau, agarrando o braço de Zack para firm á-lo.

“Posso ficar com ela agora? Não quero que ela estej a sozinha quando acordar.”

Os olhos da enferm eira se suavizaram .

“Claro. Depois que o m édico sair e discutir sobre a condição dela, você pode entrar. No entanto, ela está tonta e confusa.”

“Por quê?”, Zack questionou instantaneam ente.

A enferm eira ergueu a m ão.

“Já era esperado. Ela acordou com um a dor terrível, então adm inistram os analgésico intravenoso para deixá-la m ais confortável.”

“Então ela não sofreu nenhum a lesão na cabeça?”, perguntou Zack, hesitante.

“Eu deixarei que o m édico passe a inform ação necessária o quanto antes”, ela disse. “Ah, aqui está ele.”

A enferm eira se afastou da porta para que o m édico entrasse. Em seguida, ela se apressou, dizendo que retornaria logo para checar Gracie.

Os três hom ens olharam atentam ente o m édico, e m uito do que estavam sentindo devia estar claro em seus rostos, porque o doutor hesitou e deu um passo para trás, com expressão assustada.

“Com o ela está?”, perguntou Zack ansiosam ente.

“Ela sofreu traum as intensos em noventa por cento do corpo.”

“Meu Deus”, Caleb m urm urou.

Beau xingou e Zack apertou seus dedos, cerrando os punhos.

“É m uito grave?”, perguntou Zack em voz baixa.

O m édico fez um a careta.

“Ela teve algum as costelas quebradas, m as felizm ente não sofreu perfuração no pulm ão ou outro órgão vital. Por m ais estranho que pareça, o espancam ento parece ter sido calculado. Com o se o agressor intencionasse fazer o m aior dano possível, m as sem deixá-la ferida m ortalm ente. Porque, assim com o disse, ela tem m achucados em noventa por cento de seu corpo e, fora as costelas, ela não tem nenhum outro osso quebrado. Mas algum as das feridas são profundas e irão requerer atenção especial durante a recuperação. Ela precisa ficar em repouso absoluto por alguns dias e acredito que não sej a possível enfatizar isso o bastante.

Ela precisa lim itar os m ovim entos a apenas o que for necessário. Alguém

precisa estar com ela quando for tom ar banho. E ela precisa se recuperar lentam ente.

Não há com o apressar a recuperação e não existem atalhos. O corpo precisa de tem po para se curar. Ponto."

"Ela não vai levantar um dedo", prom eteu Zack.

O m édico pigarreou.

"Acredito que a polícia j á tenha sido contatada, certo? Pela lei, precisam os denunciar qualquer crim e, sendo apenas um a suspeita ou sendo real."

"Eles estão a cam inho", disse Zack. "Minha prioridade principal era trazê-la ao hospital."

O m édico assentiu.

"Você fez a coisa certa."

"Posso vê-la agora?", perguntou Zack ansiosam ente.

O m édico assentiu outra vez. Mas quando Zack foi passar por ele, ele o parou por um instante.

"Ela precisa levar a recuperação a sério. Isso não é algo que irá sarar do dia para a noite. Ela vai sentir m uitas dores pelos prim eiros dias. É im prescindível que não sofra nenhum estresse em ocional ou físico durante esse tem po. E se eu fosse você, procuraria por um aconselham ento profissional para ela. Depois de um a agressão, um a reação com um é negação, ou então a vítim a apenas desej a esquecer tudo e se afastar das lem branças. Isso não é saudável e não funcionará.

Talvez você precise forçá-la e, de início, ela não vai ficar agradecida por isso, m as é preciso aceitar e encontrar o cam inho para superar o que aconteceu."

"Eu entendo", Zack m urm urou. "E aprecio sua dedicação, doutor. Com certeza, ela não terá que fazer outra coisa além de descansar e com eçar a se sentir m elhor."

"Fico feliz em ouvir isso. E espero profundam ente que sej a lá quem fez isso

com ela sej a preso im ediatam ente.”

A expressão do m édico ficou m ais feroz conform e ele falava, e a raiva brilhava em seus olhos.

“Sou m édico há vinte anos e não im porta quantas vezes você ache que j á viu de tudo, que não seria m ais capaz de se chocar com as coisas que vêm da em ergência, sem pre há outro caso que m e deixa perplexo, im aginando que tipo de anim al espancaria um a m ulher inocente desse j eito. Especialm ente da m aneira que a Srta. Hill foi espancada.”

“Nós sabem os”, disse Beau em um tom selvagem . “E os desgraçados que fizeram isso *irão* pagar. Pode apostar.”

“Ótim o”, disse o m édico enfaticam ente. “Agora, deixarei que vej am a Srta.

Hill. Eu gostaria de deixá-la internada em observação e m antê-la por ao m enos 48 horas antes de dispensá-la. Ela será transferida para o outro andar quando o quarto estiver pronto. Você por acaso teria inform ação sobre o seguro de saúde dela? A enferm eira precisará disso, assim com o das outras inform ações pessoais.”

Zack hesitou porque ele não sabia nada sobre Gracie. Ele não sabia nada e sabia tudo ao m esm o tem po, ou ao m enos quem ela costum ava ser. Mas quem era Gracie *agora*? As últim as 48 horas haviam destruído qualquer ilusão que ele tinha.

“Nós cuidarem os disso”, interveio Beau.

O m édico assentiu e se afastou da porta para que Zack passasse.

Zack respirou fundo, endireitou os om bros e se preparou antes de entrar no quarto.

Ele deixou escapar um grito abafado quando viu Gracie deitada na cam a, com os olhos fechados e a testa m arcada pela dor, feições tensas e os lábios apertados. Mesm o descansando, ela parecia estar sentindo um a dor horrível.

Com o ela deve ter ficado am edrontada… Se o m édico estava certo – e Zack não tinha dúvidas de que ele estava – Gracie sofreu um espancam ento m etódico

a sangue-frio. Não foi algo feito em um ataque de fúria. Não, foi algo calculado e im pessoal. Ela foi tratada com o um trabalho para alguém , nada além disso.

Mas ela não sabia. Quanto tem po ela precisou suportar essa dor? Será que ficou apavorada com a possibilidade de eles se entediarem e então a m atarem ?

Será que ela im plorou para m orrer logo? Céus, ele esperava que não.

Zack se aproxim ou da cam a, hesitante, seu olhar ansioso procurando pelos m onitores e m aterial m édico. Estavam dando lhe dando oxigênio, m as não havia m onitoram ento cardíaco. Aquilo devia ser um sinal positivo, sinal de que não estavam se preocupando que ela m orresse. Até aí o m édico j á tinha dito que ela estava bem . Apenas com dores. Que ela precisaria pegar leve. Essa era um a prom essa que ele absolutam ente iria cum prir.

Quando Gracie fosse liberada, iria para casa com ele. Mas não de volta para a sua casa atual. Não com aqueles canalhas lá fora, circundando-os com o abutres. O espancam ento dela era um a m ensagem . Para ele, para a DSS. Sua m ente j á estava com as engrenagens funcionando. Zack precisaria que Beau encontrasse um local seguro para ele levar Gracie. E a segurança teria de ser de alto nível.

Ele fez seu cam inho até a cabeceira da cam a dela, tom ando cuidado para não acordá-la. Por um longo m om ento, Zack ficou em pé, observando a aparência frágil de Gracie. Seu coração doía. Seu peito estava apertado pelo desconforto.

Ele se inclinou para baixo, passando a m ão pela sobrancelha dela. Ele fechou seus olhos, e sua respiração soprou quente sobre a pele dela.

“Sinto m uito, Gracie”, ele disse com tristeza. “Deus, eu sinto m uito.”

Ela se m exeu um pouco e Zack rapidam ente levantou a cabeça, com o olhar ansioso. Ele prendeu a respiração quando as pálpebras dela trem ularam e então se abriram .

Gracie piscou algum as vezes, seu rosto enrugando em confusão. E então ela

deixou escapar um gem ido baixo, tentando levantar a cabeça do travesseiro. Seus braços se agitaram para fora em um gesto defensivo e m ais sons de m edo e desespero saíram de seus lábios inchados.

“Gracie. Gracie, querida, você está bem . Sou eu, Zack.”

Ela ficou com pletam ente im óvel e, se é que era possível, ficou ainda m ais branca por baixo do roxo dos hem atom as. Gracie girou a cabeça para que seu olhar se encontrasse com o dele.

Terror percorreu seus olhos e lábios entreabertos e, em seguida, eles se fecharam várias vezes com o se o m edo houvesse roubado sua voz.

Zack passou a m ão levem ente pelo braço dela até onde a inj eção intravenosa estava em seu pulso. Ele vacilou quando Gracie recuou tão rapidam ente que sentiu dor. Ela em itiu um grito inaudível, o sofrim ento brilhando em seus olhos.

Mas que diabos estava havendo?

Zack conseguiu m anter o rosto im passível. Por pouco. Precisou de todo seu esforço para ficar lá e receber a resposta dela. Se tivesse sido só dessa vez, ele conseguiria entender. Era com preensível que um a m ulher que tinha sido atacada tivesse um a defesa instintiva com o resposta. Ter m edo.

Mas não era de agora. Aquela reação não tinha acontecido porque ela foi atacada. Gracie agiu da m esm a m aneira nas outras duas ocasiões em que eles fizeram contato. Com o se ele fosse algum tipo de m onstro. Ela nem ao m enos tinha ficado surpresa ou receosa. Gracie estava com pletam ente aterrorizada.

Com m edo *dele*!

“Você se lem bra do que aconteceu?”, Zack perguntou suavem ente, ignorando, por enquanto, o m edo dela por ele.

Gracie deixou escapar um soluço pequeno e frustrado. Aquele som quase o destruiu. Zack pegou a única cadeira atrás dele, puxando-a em direção à cam a para que ele pudesse se sentar. Assim ele não ficaria acim a dela, assustando-a m ais.

Ela visivelm ente engoliu em seco e então m olhou os lábios.

“Você gostaria de água?”

Por um m om ento ela apenas olhou para ele com olhos arregalados e tem erosos.

Então, lentam ente, ela assentiu. Gracie m anteve seu olhar congelado nele por todo o tem po em que ele levantou-se, foi até a pia e colocou água em um dos copos pequenos.

Zack andou de volta para a cam a, e segurando o copo, cuidadosam ente deslizou seu braço livre atrás do pescoço de Gracie e levantou-o um pouco, apenas o suficiente para que ela pudesse tom ar um gole sem derram ar em si m esm a.

Gracie deu vários goles longos e então parou, tossindo. Seu rosto se contraiu em agonia e seu braço foi instintivam ente em direção ao estôm ago, para as suas costelas quebradas, segurando-o enquanto ela tentava suprim ir a tosse.

“Devagar”, Zack m urm urou, colocando a cabeça dela para trás de novo.

Conform e se virava, ele viu que am bas as m ãos dela estavam fechadas em punhos apertados, e chegaram a ficar com pletam ente brancas com a tensão.

Quando Zack sentou novam ente na cadeira, ele pegou o pulso que estava ao seu lado e cuidadosam ente desenrolou os dedos dela, e então os entrelaçou com

os seus.

“Por que você está com tanto m edo de m im , Gracie? Eu não entendo. Meu Deus, há tanta coisa que não entendo. Mas vam os com eçar com o m ais im portante. Você não sabe que eu nunca te m achucaria? Que eu m ataria…que irei m atar… qualquer um que fizesse isso com você?”

Lágrim as brotaram nos olhos dela e silenciosam ente, escorreram pela sua têm pora até desaparecerem nos seus cabelos. Ela fixou seu olhar no teto enquanto aqueles filetes brilhantes continuavam a correr.

“Por favor, fale com igo, Gracie. Diga-m e o que está errado. Por que está com tanto m edo de m im ?”

“Eu não quero você aqui”, ela falou com dificuldade.

Gracie levou a m ão livre até a garganta, esfregando-a com o se doesse falar.

Raiva se alastrou dentro de Zack. Claro que a garganta dela doía. Havia m arcas visíveis de m ãos e dedos envolvendo seu fino pescoço. Com o se aqueles

canalhas a tivessem sufocado repetidam ente.

“Por quê?”, ele perguntou abruptam ente. “Por que você m e odeia tanto, Gracie? Eu te am ava. Eu sem pre te am ei. E você foi em bora. Meu Deus, faz ideia do inferno que foi ficar m e perguntando o que tinha acontecido com você por doze anos? Não saber se estava viva ou m orta. Se estava em algum lugar m achucada, precisando de aj uda. Eu não m erecia algo m ais do que o que você m e deu? Nem m esm o um adeus. Ou um ‘vá se ferrar’. Você nem ao m enos teve a boa vontade de term inar com igo. Você apenas… desapareceu.”

“Com o você ousa”, ela esbravej ou. “Com o você ousa agir com o a vítim a depois do que você *fez*.”

Um alerta percorreu a espinha de Zack. Finalm ente eles estavam chegando a algum lugar.

“O que eu fiz?”, ele questionou. “Conte-m e, Gracie, porque eu, com toda certeza, não sei. Se eu fui alguém que você am ou, então ao m enos você teria m e dado a chance de m e explicar. Você teria m e falado o que estava errado e teria m e dado a chance de, ao m enos, consertar as coisas. Eu te *amava*. Eu teria m ovido o céu e a terra para fazê-la feliz.”

Gracie parecia com pletam ente horrorizada. Lágrim as inundaram seus olhos, deixando-os brilhantes e reluzentes.

“Você não m e am ava! Sua ideia de am or é doentia! É distorcida. Eu não te devo nada. Mas você m e deve m uito m ais do que poderia m e pagar. Escute-m e atentam ente, Zack. Não há nada, *nada*, que você poderia fazer ou dizer para que eu te perdoe. Para que você acredite nisso, para você vir aqui agir com o se eu te devesse algum a coisa, é algo tão horrível e m edonho que m al consigo im aginar o seu ódio por m im .”

“O que. Foi. Que. Eu. Fiz?”, ele botou para fora enfaticam ente, acentuando cada palavra. Perdia a paciência rapidam ente. Queria bater a droga de seu punho contra a parede. Queria aliviar toda a raiva e tristeza acum ulada dentro dele.

A m ão de Gracie voou para a própria boca e ela a m ordeu, engasgando e então tossindo.

“Oh, Deus, estou passando m al!”, ela choram ingou.

Zack ficou em pé im ediatam ente e, em seguida, estendeu a m ão, levantando lhe a cabeça dela novam ente, enquanto pegava a bacia para vôm ito, do suporte ao lado da cam a. Ele a virou enquanto Gracie tentava conter o refluxo, com todo o corpo convulsionando.

O som da agonia dela o cortou com o um a lâm ina serrilhada. Zack apressadam ente apertou o botão que cham ava por um a enferm eira e então gritou alto o suficiente para que, com sorte, Beau ou Caleb o ouvissem .

A porta im ediatam ente se abriu e Beau apareceu.

“O que foi?”

“Me traga um a enferm eira. Agora!”

Beau desapareceu e voltou apenas alguns segundos depois com um a enferm eira no seu encalço.

A m ulher franziu a sobrancelha e se apressou em direção à cam a.

“O que diabos aconteceu?”, ela questionou.

“Ela passou m al”, disse Zack, esclarecendo o óbvio. Odiava quando pessoas perguntavam o óbvio. “E está com dores por causa dos refluxos. Você não pode dar algo a m ais para ela? Eu não acho que a últim a dose de analgésicos estej a funcionando.”

“Eu j á volto”, a enferm eira disse, correndo em direção à porta.

Beau ficou em pé ao lado, com um a expressão preocupada em seu rosto enquanto eles esperavam pelo retorno da enferm eira. Caleb entrou silenciosam ente atrás de seu irm ão e ficou parado atrás de Zack e ao lado de Beau, que estava ao pé da cam a.

Gracie parou de regurgitar por tem po o suficiente para lançar um olhar am edrontado na direção de Beau, e então sua atenção se fixou em Caleb, sua expressão congelando com o se ela tivesse notado que havia três deles, representando três possíveis am eaças a ela bem ali no seu quarto de hospital. Seu olhar se lançava entre os dois irm ãos com o se ela tem esse que um deles ou am bos fossem m achucá-la. Zack iria explodir se não conseguisse algum as

respostas logo.

Por fim a enferm eira retornou, carregando duas seringas. Com eficiência enérgica, foi até a cam a e levantou o braço que tinha a inj eção intravenosa inserida. Ela esfregou e acariciou o braço de Gracie em um gesto confortante.

“Vai ficar tudo bem , querida”, a enferm eira disse com um a voz doce. “Estou te dando algo para a dor e tam bém para a náusea. Isso vai aj udar im ediatam ente. Mas voltarei para checar você em quinze m inutos. Se ainda estiver sentindo dor, ligarei para o m édico para ver se podem os aum entar os analgésicos.”

Gracie deitou a cabeça no travesseiro, lágrim as rolando sem parar dos cantos de seus olhos. Seus soluços silenciosos estavam arrancando um a parte da alm a de Zack, pedaço por pedaço. Ele nunca se sentiu com tão pouca esperança. Com o ele poderia consertar o que nem sabia? Sej a lá que diabos ele supostam ente tivesse feito, era aparentem ente de natureza catastrófica. O que seria capaz de colocar tanto m edo e repulsa nos olhos dela e tanto ódio em sua voz?

Essa não era a doce e am ável Gracie que ele conheceu e am ou pela m aior parte da sua vida.

“Tente descansar um pouco agora”, disse a enferm eira calm am ente. “Nós irem os levá-la para o outro quarto em m ais ou m enos um a hora.”

Gracie deixou escapar um som de protesto quando a enferm eira com eçou a sair. A funcionária do hospital franziu a sobrancelha e deu a Zack um olhar rápido e curioso.

“Ela está am edrontada”, disse Zack honestam ente. “Quem não estaria?”

A enferm eira fez um a careta.

“Não se preocupe, Srta. Hill. Está segura aqui. Ninguém pode te m achucar agora.”

Os olhos de Gracie apenas se arregalaram m ais e ela lançou um olhar de pânico na direção de Zack. Mas a enferm eira não viu, virando-se para a porta m ais um a vez.

“Hã… Caleb e eu irem os esperar lá fora”, disse Beau.

A sala inteira estava com um clim a pesado por causa do nervosism o, m edo, e até m esm o um alto grau de pânico. O am biente estava denso, e quase deixava um gosto na boca de Zack. Ele deveria saber, porque – desde que tinha perdido Gracie – nunca tinha sentido m edo tantas vezes, a ponto de perder a conta.

“Quem é você?”, Gracie perguntou com a voz rouca.

Parecia que ela estava discutindo consigo m esm a sobre com qual dos irm ãos Devereaux ela falava. E j á que era óbvio que ela não tinha a intenção de se dirigir a Zack, Gracie estava aparentem ente decidindo qual dos Devereaux era m enos am eaçador para ela. Não que algum irm ão parecesse rem otam ente inofensivo. Mas j á que ela estava olhando diretam ente para Beau e nem sequer olhava para Caleb, era óbvio que sua pergunta era direcionada a Beau, que ela decidiu ser a m enor am eaça dentre os dois hom ens.

Zack não podia culpá-la por escolher Beau em vez de Caleb. Beau podia ser intim idador, m as ele tinha um bom senso de hum or e estava sem pre ciente de com o suas ações, palavras e com portam ento m uitas vezes faziam a diferença no m om ento de ganhar a confiança do cliente. Caleb, por outro lado, até m esm o em seus m elhores dias, era intenso e de aparência pensativa. Ele raram ente sorria, exceto quando estava com Ram ie ou Tori Devereaux, a m ais nova de todos os irm ãos Devereaux e a única m ulher entre eles.

Todos tinham m uito cuidado para proteger a ainda m uito frágil e vulnerável Tori, logo ela que nunca tem eu as pessoas que m ais a am avam e a protegiam com suas vidas. No m om ento, ela vivia com Caleb e Ram ie, e pelo pouco envolvim ento que teve com Tori, Zack duvidava que seu estilo de vida iria m udar no curto prazo. De acordo com Beau, Tori progrediu e estava tentando, com bravura fazer suas coisas sozinha, sem a aj uda de seus irm ãos m ais velhos – e das suas cunhadas. Infelizm ente para Tori, ela possuía três dos irm ãos m ais superprotetores que qualquer garota poderia ter. Alguns irm ãos am eaçavam pessoas – norm alm ente, outros garotos – quando se tratava de sua irm ã caçula.

Mas os irm ãos m ais velhos de Tori não faziam am eaças. Am eaças eram perda de tem po e úteis apenas para covardes, que não tinham a intenção de algum dia cum prir o prom etido.

Beau pareceu ficar surpreso com a pergunta de Gracie, e, por um m om ento, Zack tam bém . Porém , ele m al registrou, porque seus pensam entos e foco não

estavam onde deveriam estar. Ali, com Gracie.

Apesar de sua reação inicial por Gracie se dirigir diretam ente a ele, sua expressão se transform ou em um sorriso tranquilizador, e Beau ficou m ais próxim o do pé da cam a de Gracie para que ela pudesse vê-lo m elhor. Quando falou, seu tom de voz era gentil e reconfortante.

“Eu sou Beau Devereaux. Trabalho com Zack. Eu com ando um a com panhia de segurança com m eu irm ão, Caleb. Não quero que você se preocupe m ais.

Nós colocarem os cem por cento do nosso tem po e esforço em garantir sua segurança e em encontrar os desgraçados que fizeram isso a você. Eu j uro pela m inha vida.”

Gracie pareceu ficar confusa pela declaração sincera de Beau. Seus olhos brilharam e então ela se virou na direção de Zack. Ela parecia confusa, com o se estivesse tentando ver sentido naquilo tudo.

“Mas quem vai m e m anter protegida *dele*?”, ela sussurrou, olhando diretam ente para Zack.

ONZE

“O que você vai fazer, cara?”, Beau sussurrou.

Zack passou a m ão pelo cabelo em um m ovim ento agitado.

Os dois hom ens estavam logo ao lado de fora da porta aberta do quarto em que Gracie foi colocada. Zack estava inclinado na parede, j á sentindo a exaustão pelas duas noites sem dorm ir.

Depois de Gracie ter j ogado aquela pergunta bom bástica, que deixou Beau sem palavras para lhe responder, ela adorm eceu sob o efeito dos rem édios e, um a hora depois, foi levada para um quarto particular no sexto andar.

“Eu não faço ideia”, disse Zack. “Que diabos eu *deveria* fazer? Ela m e detesta. Está aterrorizada com igo. E não sei por quê. Ela continua m encionando essa coisa ‘horrível’ que eu fiz. Disse que era *imperdoável*.”

“Ai.”

“Sim , *ai*. Isso é algo sério, Beau. Ela teve a m esm a reação na galeria e no ateliê. Não há j eito de fingir m edo tantas vezes. Mas, m eu Deus, por quê? Eu não entendo. Eu a *amava*, cara. Ela era *tudo* pra m im . Você sabe, o clichê banal que tantos hom ens, especialm ente hom ens com o nós, desprezam e os faz revirar os olhos? Não eu. Ela era a única para m im . E Deus m e aj ude, m as nunca m ais haverá outra m ulher.

“Eu tinha todo o nosso futuro planej ado. Casa, esposa, crianças, o sonho am ericano. Eu j ogaria futebol profissionalm ente por dez anos, se tivesse sorte.

Guardaria o dinheiro e depois m e aposentaria e gastaria todo m eu tem po m im ando m inha esposa e nossos filhos. Montaria um m initim e de futebol só nosso se fossem os tão abençoados com tantos filhos quanto queríam os. Gracie queria isso tudo. Ela dizia que m e am ava, e am ava *mesmo*. Ninguém é tão boa atriz. E certam ente ela não estava m e usando. Se fosse o caso, ela teria ficado e extraído cada centavo de m im . Não, ela saiu fora antes m esm o de eu *entrar* para um tim e profissional. Eu cheguei em casa um dia e ela havia sum ido, e m e fez pensar que o pior havia acontecido.”

Ele soltou o ar e, exausto, fechou seus olhos.

“Isso está m e m atando, cara. Pense em com o se sentiria se fosse para casa e Ari tivesse apenas… desaparecido. E você nunca m ais soubesse dela. E então, doze anos depois, você a encontra, porém ela tem pavor de você, te acusa de um a traição terrível e te odeia.”

“Não, obrigado”, m urm urou Beau. “Você está passando por um a barra pesada, cara.”

“Nem m e fale.”

Zack olhou para trás, em direção ao quarto, para checar Gracie, m as ela parecia estar descansando confortavelm ente, sem os pesadelos que ele tinha certeza que a estavam assom brando.

Tam bém era encoraj ador que a tensão em seus olhos e em sua testa houvesse

dim inuído depois que a últim a inj eção de analgésico foi adm inistrada.

Mesm o que soubesse que Gracie precisava descansar o m áxim o possível, Zack

tam bém estava im paciente para que ela acordasse e, quando não estivesse sentindo tanta dor – e talvez se os horrores que ela passou não estivessem ardendo tão fortem ente em sua consciência –, ela talvez falasse com ele. E apenas com ele. Sem ninguém para interrom pê-los. Sem ninguém para resgatar Gracie quando ela j á estivesse no lugar m ais seguro em que poderia estar. E um a vez que fosse liberada, ele a levaria para um local ainda m ais seguro, assim ela teria tem po para se curar. Zack apenas rezava para que, naquele m om ento, ele e Gracie pudessem falar sobre o passado, algo que causava tanta dor para ela quanto para ele.

Por favor, Deus, me mostre uma maneira de fazê-la superar isso. Conceda-nos a coragem para encarar nossos passados. E que nós dois possamos nos curar.

Juntos. Para que assim nós possamos finalmente viver o sonho que tanto queríamos, em vez de um pesadelo de doze anos.

Se ao m enos o espancam ento de algum as horas atrás fosse a única coisa que aterrorizava Gracie… Ainda que ela acordasse com m ais capacidade de com preensão e conseguisse separar o ataque de onde ela estava agora, ainda havia o problem a de ela ter m edo de Zack m ais do que dos canalhas que a espancaram tão brutalm ente. E se isso não fosse m otivo suficiente para fazê-lo vom itar na lata de lixo m ais próxim a, ele não sabia o que m ais seria.

“Eu sei que é arriscado, m as…”

A afirm ação incom pleta de Beau foi o suficiente para rom per o dom ínio do pânico e a ladainha de hipóteses, então Zack olhou para ele, para ver o que seu parceiro iria dizer.

Beau pausou, com a incerteza cintilando em seus olhos. Ele não era, de m aneira algum a, indeciso. Não era da natureza dele hesitar. Zack levantou um a sobrancelha e se preparou m entalm ente enquanto esperava pelo parceiro continuar.

“O que é arriscado?”, ele perguntou quando Beau não continuou.

“Eu apenas estava im aginando se ter Ram ie e Ari aqui iria aj udar. Quer dizer, para fazê-la se sentir m ais calm a”, acrescentou Beau. “Tenho certeza de que foi assustador acordar em um hospital e ter um bando de hom ens carrancudos e irritados dentro do quarto.”

“De j eito nenhum ”, disse Zack enfaticam ente. “De j eito nenhum . De form a algum a eu as arriscaria desta form a. Não acredito que você possa sugerir algo assim . Caleb iria perder a cabeça.”

“Apenas m e escute”, disse Beau, erguendo as m ãos. “Claro que teríam os um a segurança pesada, e aqueles canalhas são covardes de qualquer m aneira.

Eles não colocam o rosto em público ou em plena luz do dia. Eles fazem as m erdas deles escondidos e nas som bras. E se aj udasse a aliviar o m edo de Gracie e a convencesse de que você não vai m atá-la enquanto ela dorm e, então valeria a pena, não acha?”

“Eu acho que é um a péssim a ideia”, Zack teim ou. “E m esm o se quiserm os fazer isso, Caleb nunca concordaria. Caram ba, você consegue im aginar se Ram ie tocar Gracie acidentalm ente? Ou se Gracie a tocasse, sem saber o que

isso causaria? Então não apenas a Gracie terá passado por um pesadelo, m as Ram ie tam bém o vivenciaria.”

“Verdade”, Beau adm itiu com um grunhido. “Eu não pensei nisso. Ainda assim , precisa haver algo que possam os fazer. Quando Gracie for liberada deste lugar, ela não vai querer a sua aj uda. E ela certam ente é um alvo. Além de sequestrá-la, eu não sei m ais o que poderíam os fazer.”

“Eu irei sequestrá-la”, disse Zack ferozm ente. “Ela j á m e odeia. Se m e certificar de que ela fique viva até nós acabarm os com esses m alditos fizer ela m e odiar ainda m ais, então posso conviver com isso. Desde que ela estej a *viva* para m e odiar.”

Beau esfregou a parte de trás de seu pescoço e assentiu.

“Ok, então não trarem os as m ulheres para cá. Mas ainda acho que seria um a boa ideia j untá-las à Gracie o quanto antes. Tem algum a coisa errada nisso tudo.”

Zack refletiu por um m om ento, olhando através da porta para Gracie um a segunda vez para garantir que ela ainda estava descansando.

“Tam bém há o problem a de Sterling”, disse Zack com um sabor ruim em sua boca, no m om ento em que m encionou o nom e do outro hom em . “Eu duvido

que o desgraçado ficará longe. Eles estão envolvidos, ainda que ele diga que não sej a um relacionam ento. Mas parece que ele m antém um controle rígido sobre ela, ou ao m enos é m ais do que um m ero conhecido. Então, im agino que ele aparecerá antes que ela sej a liberada."

"Colocarei um hom em atrás dele para m onitorar suas idas e vindas. Ao m enos você, de certa form a, ficará alerta quando ele vier para cá."

"Lizzie está trabalhando para m e conseguir outro lugar para ficar. Eu não voltarei para o m eu apartam ento. A segurança lá é péssim a. Ram ie e Ari tam bém poderiam vir assim que tom arm os todas as m edidas de segurança."

Beau assentiu.

"É um a boa ideia. Conte-m e quando Eliza encontrar algum lugar para você.

Irei m e certificar de que está bem m obiliado e equipado com m antim entos, e com certeza aum entarei a segurança para que você saiba até m esm o quando um a form iga peidar na propriedade."

Um barulho suave veio da cam a de Gracie. Zack correu para ver sua agitação. A carranca e a tensão estavam de volta em seu rosto e ela se virou inquieta, um pequeno suspiro escapando dos seus lábios inchados.

Um a dor instintiva bateu no peito de Zack. Ele deveria estar lá ao lado da cam a, confortando-a. Acariciando e abraçando. E não no lado oposto do quarto por não poder suportar ver tanto m edo nos olhos dela quando ela o encarava.

Quando Gracie o olhasse, seria assim . Até então, ela estava evitando seu olhar, exceto por algum as poucas vezes. Com o se ela não suportasse olhar para *ele*.

"Vou correr", disse Beau em um a voz baixa. "Mas volto para checar periodicam ente. Mande-m e um a m ensagem ou m e ligue se algum a coisa der errado ou se precisar de algo. E m andarei Eliza com um j antar para você e Gracie, se ela estiver se sentindo m elhor para com er. Talvez ter a Eliza por aqui acalm e alguns m edos de Gracie."

"Boa ideia", disse Zack. "Eu deveria ter pensado nela quando você sugeriu trazer Ram ie e Ari. Mas garanta que Eliza não venha sozinha. Não a estou

subestim ando, nem as habilidades dela, m as não quero que ela venha sozinha enquanto esses m alucos estão investindo contra nós.”

“Não, eu concordo plenam ente. Prefiro que nenhum de nós ande sozinho neste m om ento. Eles obviam ente adoram pegar qualquer pessoa rem otam ente envolvida com a DSS, então nenhum a m edida é exagerada. E eu diria que nenhum de nós está seguro.”

“Eu quero esses caras, Beau”, disse Zack em um tom baixo e feroz. “Eu quero o sangue deles.”

“Se depender de m im , você conseguirá”, prom eteu Beau. “Eu m esm o tenho algum as contas a acertar com eles pelo que tentaram fazer com a Ari.”

“Certifique-se de que ela não estej a culpando a si m esm a”, disse Zack.

Beau assentiu e então deu um tapinha no om bro de Zack.

“Ok, então estou saindo agora m esm o. Ver Gracie m e faz desej ar voltar para Ari e garantir a m im m esm o que ela estej a bem . Isso m e apavora, Zack”, adm itiu Beau. “Se algum a coisa acontecesse com a Ari…”

“Eu entendo”, disse Zack, por sua vez. “Acredite em m im , eu entendo. Ei, m e faça um favor... Quando ligar para Eliza para falar do j antar, peça que m e avise quando estiver a cam inho, para que eu possa sair e conversar com ela.”

“Farei isso”, disse Beau, soltando um longo suspiro. “Sinto m uito sobre isso, cara. Sobre tudo. Eu sei que deve ser um a droga. Eu realm ente queria que houvesse algum a coisa que eu pudesse fazer, algum a m aneira de aj udar.”

“Você pode. Aj udando a acabar com as pessoas que fizeram isso a ela. Não vou descansar até que cada um deles estej a com endo gram a pela raiz. De preferência, em pedaços.”

Beau assentiu e, em seguida, se afastou calm am ente. Zack se virou de costas para entrar no quarto e voltar para o lado de Gracie, ansioso, m as ao m esm o tem po hesitante que ela acordasse novam ente. Talvez agora conseguisse algum as respostas. Havia m uito que Zack queria com preender, e isso estava acabando com ele.

DOZE

Zack ficou na porta de Gracie enquanto esperava por Eliza. Depois de verificar com a enferm eira para ver se Gracie estava sob algum a dieta restrita, ele pediu para a am iga trazer sopa. A enferm eira havia lhe dito que, ainda que não houvesse nada que não pudesse com er, seria bastante dolorido para Gracie m astigar e talvez ela não se sentisse bem o suficiente para m anter qualquer coisa no estôm ago.

Zack iria sentar-se com ela na cam a e alim entá-la ele m esm o se fosse preciso. Odiava pensar que Gracie passava algum tipo de desconforto. Ele não conseguia afastar a dor que vinha das feridas dela, m as ao m enos podia aliviar qualquer fom e que ela tivesse.

E, se tivesse sorte, a ideia de Beau de que outra m ulher talvez a fizesse se sentir m elhor estivesse certa, e Eliza fosse aj udar com destreza. Ninguém podia resistir ao charm e caloroso e am ável de Eliza. Ela era capaz de deixar qualquer um se sentindo confortável com sua presença.

Zack apenas rezava para que hoj e não fosse o dia do prim eiro fracasso dela.

Um tem po depois, ele viu Eliza entrando no corredor e cam inhando acelerada em sua direção. Quando ela se aproxim ou, com sacolas na m ão, ela autom aticam ente o envolveu em um abraço forte.

“Com o você está?”, Eliza perguntou gentilm ente enquanto se afastava.

“Não m uito bem ”, Zack respondeu. Não havia m otivos para m entir a ela.

Qualquer idiota podia ver que ele não estava bem . Eliza fez um a expressão de com paixão e entregou um saco plástico para ele.

“Eu trouxe a sopa que você pediu e te trouxe um sanduíche com pleto. E

tam bém tem um a garrafa do m eu chá caseiro na sacola.”

Zack sorriu para ela.

“Obrigado, Lizzie. Você é a m elhor.”

“Beau m e deixou a par da situação, então você não precisa falar nada.

Espero poder ser de algum a aj uda para você, Zack. Eu sei que isso deve ser terrível para você, não saber o que está chateando tanto a Gracie e vê-la te odiando. Cara. Eu m al posso im aginar o que você está pensando agora, pelo que está passando. Mas escute: você sabe que estou apenas a um a ligação de distância e, se você precisar de qualquer coisa, e quero dizer qualquer coisa m esm o, m e ligue. Entendeu? Dia ou noite. Eu não dou a m ínim a para a hora que for.”

Zack a pegou e a puxou para outro abraço de quebrar ossos. Por m ais patético que parecesse, ele apenas precisava de m ais um abraço. Eliza dava os m elhores.

Ela o beij ou na bochecha e seguiu com a m ão gentil no rosto dele, dando tapinhas de leve ao se afastar.

“Então, vam os lá. Vam os ver a Gracie.”

“Ela está dorm indo na m aior parte do tem po desde que Beau foi em bora. Ela

acordou brevem ente, m as estava com tanta dor que eu tive de cham ar a enferm eira para dar m ais analgésicos.”

“Eu farei o m eu m elhor.”

“Eu sei, Lizzie. Eu sei. Eu te am o, querida. Você e Beau, e os outros… Vocês são os únicos am igos que tenho. Quer dizer, eu m antenho contato com alguns com panheiros do ensino m édio, m as nos vem os m ais ou m enos um a vez por ano, apesar de eu não tê-los visto pelos dois últim os.”

“Não tem com o se livrar de m im ”, ela disse suavem ente, enquanto colocava a sacola que carregava na m esa sobre a cam a. “Um a vez m eu am igo, m eu am igo você sem pre será.”

Eliza se virou para a cam a e a estudou por um m om ento.

“Acredito que sej a um a cam a aj ustável e que você possa levantar as costas um pouquinho. Vai ficar bem m ais fácil para ela com er.”

“Sim , vai m esm o. Apenas preciso tom ar cuidado para que esse m ovim ento

não lhe cause m ais dor. O m édico disse que ela teve algum as costelas quebradas.

Não acredito que vá se sentir bem com qualquer tipo de pressão sobre o abdôm en."

Eliza pareceu pensativa por um m om ento.

"Na verdade, ficar totalm ente deitada com o ela está provavelm ente é m enos confortável do que sentar-se um pouco m ais reclinada. Eu fiz um a cirurgia abdom inal m uitos anos atrás e, pela sem ana que se seguiu, a única form a em que conseguia dorm ir era reclinada. Deitar reta em um a cam a? Era um a agonia."

Zack franziu o cenho.

"Droga. Eu não pensei nisso. Eu espero m uito que ela não tenha ficado desconfortável por todo esse tem po."

"Você quer acordá-la ou quer que eu faça isso?", perguntou Eliza calm am ente.

Zack hesitou, encarando os olhos fechados de Gracie por um bom tem po.

Então, lentam ente, ele assentiu.

"É, vam os tentar. Talvez se você for a prim eira pessoa que Gracie vir quando acordar, em vez de m im , ela não vá pirar tanto."

"Eu sinto m uito, Zack. Sei que isso deve doer."

Ele não negou, m as tam bém não respondeu.

"Ok, bem , você se afaste e deixe a sopa preparada. Eu verei se consigo fazer Gracie acordar para falar com igo."

Zack tom ou posição ao lado da pia, de onde não estaria diretam ente no cam po de visão de Gracie, m as ainda assim poderia observar as duas sem dificuldade. Ele se pegou prendendo a respiração quando Eliza se inclinou sobre Gracie e envolveu-lhe a m ão com a sua.

“Gracie. Gracie, querida, você pode acordar?”

Eliza era infinitam ente paciente e m anteve seu tom baixo e suave o tem po inteiro.

“Gracie, tenho sopa para você. Você provavelm ente está fam inta a ponto de com er um cavalo a essa altura, m as aposto que sua m andíbula está doendo pra caram ba...”

O pulso de Zack acelerou quando Gracie piscou e foi virando a cabeça

lentam ente na direção da voz de Eliza. Ela sorriu e estendeu a m ão livre para colocar para trás o cabelo que caía sobre a testa de Gracie e encobria parte de sua visão.

“Ora, aí está você”, disse Eliza afetuosam ente.

Para um estranho, pareceria que as duas se conheciam , que eram am igas próxim as. Mas essa era a habilidade de Eliza.

O rosto de Gracie enrugou com a confusão. Ela piscou novam ente e m oveu cabeça de leve para o lado, com o se estivesse tentando entender Eliza.

“Eu te conheço?”, perguntou, com a voz rouca e tensa.

Sua garganta ficou provavelm ente inchada com o traum a e parecia doer m uito para engolir. Zack estava duplam ente agradecido por ter pedido para Eliza trazer sopa. Mastigar e engolir não seriam tarefas fáceis.

O sorriso de Eliza aum entou.

“Não. Ou ao m enos não conhecia até agora. Meu nom e é Elizabeth Cum m ings. Com o está se sentindo? Ok, não responda. Péssim a pergunta, eu sei.

Claro que você está se sentindo m al. E, querida, sem querer ofender, m as parece que alguém te atropelou, deu ré, e te atropelou de novo.”

Gracie parecia assustada por um instante, até que visivelm ente relaxou e soltou um a risada curta que term inou com um a tosse e um gem ido.

“Você acha que poderia colocar no estôm ago um pouco de sopa? Está boa e quente, m as não tão quente a ponto de queim ar a boca. Tenho certeza de que seus lábios estão bastante sensíveis. Não tive m uito tem po para esfriá-la um pouco no cam inho para cá.”

Gracie assentiu.

“Isso parece bom . Obrigada.”

“Zack”, Eliza cham ou suavem ente. “Você pode trazer a sopa?”

O olhar de Gracie im ediatam ente exam inou o quarto, e ela congelou quando parou em Zack. Dor e confusão brilharam nos olhos dela e ela lançou um olhar para Eliza com o se tivesse sido traída pela outra m ulher.

“Querida, não olhe assim ”, disse Eliza. “Zack é um bom hom em . Ele m e pediu para vir. Ele achou que você poderia sentir-se m elhor com outra m ulher por aqui. E, ora, nós precisam os aproveitar cada oportunidade para ter um a luta j usta, não acha?”

“Você é a esposa dele?”, perguntou Gracie, seu olhar voltando a Zack.

Foi o m om ento m ais longo que ela passou olhando para Zack de um a única vez. Gracie parecia avaliá-lo im parcialm ente. Quase com o se o estivesse analisando. O que o surpreendeu, porém , foi o olhar de pena que Gracie deu à Eliza quando perguntou se ela era sua esposa. Céus, que tipo de louco ela pensava que ele era?

Eliza soltou um a risada.

“Esposa? Ah, Deus, não. Eu o am o dem ais, m as nós nos m ataríam os nas prim eiras 24 horas de casados. Nós trabalham os j untos. Há algum tem po, j á.”

Sua expressão ficou confusa novam ente. Zack podia ver questionam entos nos seus olhos, m as ela apertou os lábios e virou seu rosto para longe dos dois.

Com um suspiro, ele segurou a tigela para Eliza, e quando ela a pegou, ele andou até o lado oposto da cam a, com Gracie entre eles. Gracie desviou seu

olhar para o teto, com o se estivesse se fechando para os dois.

Com um a sobrancelha arqueada, Eliza lançou um olhar para ele que claram ente dizia: *E agora?*

Zack puxou a outra única cadeira do côm odo e sentou-se tão perto da cam a que poderia apoiar o braço no ferro de proteção…

“Com a, Grace. A Eliza não vai m order. Ela é o m elhor tipo de pessoa que existe. Se não acredita em m im , ao m enos dê a ela o benefício da dúvida.”

Mas prim eiro ele precisava elevar a cam a para que ela não acabasse coberta de com ida.

Ele m anipulou os botões ao lado da cam a até encontrar um que levantava a cabeça.

“Vou te levantar um pouco para que você possa com er”, ele disse. “Avise-m e quando devo parar e diga-m e se te causa m ais dor.”

Sem esperar por um a resposta, ele apertou o botão, e o som de zum bido com eçou conform e a m etade de cim a da cam a foi lentam ente se elevando. No prim eiro m om ento, a m ão de Gracie voou para a barra, com o que para se firm ar. Em seguida, ela relaxou m ais, esperou um m om ento, e disse:

“Está bom .”

Ela caiu contra o travesseiro e em itiu várias respirações fracas.

“Dói?”, ele perguntou.

Ela m eneou a cabeça.

“Não. Está… m elhor, na verdade.”

Com o devia ter sido difícil para que Gracie cedesse e falasse diretam ente com ele. E não gritando, ou acusando-o de fazer sej a lá o quê. De qualquer form a, ainda assim , gritar com ele seria m elhor do que m anter aquele silêncio gélido.

Zack estava silenciosam ente im plorando que Gracie falasse com ele. Que contasse o que deu tão horrivelm ente errado no relacionam ento deles.

“Acha que consegue fazer isso ou quer que eu lhe dê na colher?”, perguntou Eliza gentilm ente.

Um a cor rosada tingiu as bochechas de Gracie, ou ao m enos os poucos lugares que não estavam roxos. Ela abaixou seu olhar com o se estivesse envergonhada. Então, olhou para cim a novam ente e, devagar, entendeu a m ão para a tigela.

“Eu posso fazer isso”, ela disse baixinho.

Gracie se m exeu um pouco, reposicionando-se antes de pegar a tigela de Eliza. Em seguida, se afundou novam ente na cam a, parecendo exausta depois de um a tarefa tão pequena.

Zack acataria as instruções do m édico nos m ínim os detalhes. E usaria o período de recuperação dela para lutar contra quaisquer que fossem os dem ônios que Gracie tivesse. Sem m encionar os seus próprios, j á que era óbvio que *ele* era o dem ônio dela.

Cada colherada era lenta e cuidadosa. A m ão que segurava a colher trem ia, j ogando um pouco de sopa no lençol que cobria seu colo. Eliza im ediatam ente se levantou e correu para o banheiro para pegar um a toalha. Então, ela a colocou no colo de Gracie para que, se ela derram asse novam ente, seus lençóis não

m olhassem .

“Você gostaria de conversar sobre o que aconteceu?”, perguntou Eliza depois de um longo período de silêncio.

Gracie estava tão abalada pela pergunta dela que deixou a colher cair.

Felizm ente ela j á havia bebido do conteúdo e estava em seu cam inho para outra colherada.

“A polícia j á chegou aqui”, interrom peu Zack. “Eles m e pediram para ligar assim que Gracie acordasse e pudesse fazer sua declaração.”

Gracie fechou os olhos e um a fina corrente de lágrim as escorreu pelo seu rosto m achucado. Eliza im ediatam ente pegou a m ão que estava segurando a colher, apertou-a e não a soltou. Em vez disso, ela apoiou as m ãos unidas sobre o colchão ao lado de Gracie.

“Você prefere esperá-los chegar para que você não tenha que repetir a história?”, perguntou Eliza.

“Eu não sei de nada”, disse Gracie com um a voz sem vida. “Em um m inuto eu estava lá. Sozinha. No m inuto seguinte eles estavam lá. Eu nem m e lem bro da m aior parte do que aconteceu depois disso. Só lem bro do m edo terrível de que aquilo pudesse acontecer novam ente.”

Zack im ediatam ente enrij eceu.

“Que o que acontecesse novam ente?”

Gracie fechou os olhos e apertou a m ão que Eliza segurava, até que ela ficasse pálida com a força do aperto. Mas Eliza não pestanej ou e agiu com o se nem tivesse notado.

Toda a cor havia sum ido do rosto de Gracie e parecia que ela passaria m al de novo. Eliza deve ter percebido isso tam bém porque im ediatam ente tentou agarrar a bacia ao lado da cam a.

Ela sim plesm ente deslizou a bacia para o colo de Gracie, pegando a tigela que ainda estava pela m etade e colocando-a de lado.

“Gracie?”, Zack cham ou. “O que poderia acontecer novam ente?”

“Nem nos m eus piores pesadelos eu im aginava que você pudesse ser capaz de fazer as coisas que fez, m as sentar aqui e agir com o se não soubesse, com o se você fosse inocente...”

Ela virou seus olhos calorosos de cor chocolate para ele, que ardiam de em oção e brilhavam pelas lágrim as não derram adas.

“Por quê, Zack? Você m e odiava *tanto* assim ? Você não poderia apenas ter term inado com igo? Você estava com m edo que eu m e tornasse psicótica e ficasse te perseguindo? Ou ficou com m edo de que eu falasse m al de você quando entrasse para um tim e profissional? Meu Deus, o que você deve ter pensado de m im .”

Ela se virou novam ente, agora com lágrim as correndo em um fluxo interm inável. Zack estava tão aturdido por sua enxurrada de perguntas raivosas que ele

m al conseguia form ular um a frase coerente. Eliza im ediatam ente o encarou. Seu questionam ento era evidente, m as não foi proferido. Será que ele queria que ela saísse?

Por m ais que Zack desej asse que Eliza saísse e deixasse que ele e Gracie ficassem sozinhos para botarem tudo para fora, ele sabia que se apressasse as

coisas, colocaria tudo a perder. Ele precisava ganhar a confiança dela de algum a form a. Não im portava o que fosse necessário.

Zack m eneou rapidam ente a cabeça, m as m anteve o olhar preso em Gracie e em seu rosto ferido m anchado de lágrim as.

“Gracie, olhe para m im , por favor”, disse Eliza em um tom firm e, porém gentil.

Com aparente relutância, Gracie obedeceu.

Eliza deu-lhe outro aperto em sua m ão.

“Escute-m e, querida. Eu não sei o que aconteceu no seu passado. Apenas você sabe disso. Mas o que sei é que Zack te procurou e pensou em você em cada um de seus dias pelos últim os doze anos. Ele é um hom em bom . Um dos m elhores. E está preocupado com você desde então. Você ao m enos pode conversar com ele?”

“Eu apenas quero m e esquecer. De tudo”, sussurrou Gracie, despedaçada.

O coração de Zack estava na garganta. Não im portava que ele soubesse que não tinha feito nada errado. *Gracie* pensava que sim . Ela estava convencida disso. E estava de coração partido. Com o a coisa deve ter sido terrível, para ela nem m esm o conseguir confrontá-lo depois de doze anos? E Gracie não conseguia nem m esm o falar sobre isso. Ela o odiava. Ela não queria ter *nada* a ver com ele.

Zack levantou de sua cadeira e cam inhou até o pé da cam a, sua m ão segurando a parte de trás de seu pescoço. Ele fechou os olhos em total frustração e desespero. Zack não estava chegando a lugar algum . Ele nunca quis algo com tanta vontade quanto queria a confiança dela. O am or dela. Com o diabos ele conseguiria fazer os dois voltarem quando estava claro que Gracie não confiava nele, m uito m enos o am ava?

“Estou cansada”, sussurrou Gracie. “E dolorida. Você pode apertar o botão que cham a a enferm eira?”

A questão foi obviam ente direcionada a Eliza. Ela nem sequer olhou na direção dele enquanto fez o pedido. Mesm o assim , Zack foi em frente e apertou o botão ele m esm o.

Por um breve m om ento, seus olhares se encontraram enquanto ele se levantava. Os lábios dela trem eram e seus olhos ainda estavam brilhando com as lágrim as. O olhar de derrota nas feições dela quase o desequilibrou e partiu seu coração ao m esm o tem po.

“Escute-m e, Gracie”, ele disse em um a voz calm a e firm e.

Zack aguardou até que ela finalm ente levantasse seu olhar para ele e então ele estrem eceu com a em oção crua nos olhos dela. A pureza. Com o um deserto.

“Eu preciso que fale com igo, m as entendo que neste m om ento você está chateada e m achucada. Eu não vou em bora. Não até que tenham os isso, sej a lá o que for *isso*, resolvido entre nós. Eu não vou deixar que você fuj a de m im novam ente. Não quando eu te procurei por tanto tem po. Então, é assim que vai acontecer. Enquanto você estiver aqui, no hospital, eu ou alguém do m eu trabalho estará aqui com você, 24 horas por dia. E quando você for liberada, vai para casa. Com igo.”

Gracie soltou um protesto sufocado, e ele gentilm ente tocou a ponta de seu dedo sobre os lábios inchados dela.

“Shhh, m e escute.”

Gracie ficou em silêncio e Zack deixou seu dedo cair em vez de traçar o contorno dos lábios dela e im aginar o sabor que eles tinham , se ainda eram tão doces quando da últim a vez em que ele a beij ou. Se ao m enos Zack soubesse que seria a últim a vez, se ele pudesse ter aquele m om ento de volta...

“Os hom ens que te atacaram foram atrás de você por m inha causa... Por causa das pessoas com quem eu trabalho. E você não estará segura enquanto eles estiverem por aí, procurando pela próxim a vítim a. E eu não perm itirei que você corra o risco. Terão de passar por cim a de m im para chegar a você. Agora, podem os fazer isso da m aneira fácil, que seria você concordar em vir com igo.

Ou podem os fazer da m aneira difícil e eu te carrego para fora daqui.”

“Para que tipo de pessoa você trabalha?”, ela perguntou, o m edo reluzindo em seus olhos.

“Para as m elhores, Gracie. Absolutam ente as m elhores. Eliza trabalha com igo.” Ele apontou para a direção de Eliza. “Eu trabalho para a Devereaux Security Services. Nós protegem os as pessoas. Providenciam os segurança.

Fazem os qualquer trabalho que requeira poder de fogo e alta tecnologia.”

“Irônico”, ela soltou, os olhos queim ando com o fogo pela prim eira vez.

Bem , Zack aguentaria qualquer coisa para aliviar o m edo e a desolação que pareciam perm anentem ente gravados naqueles olhos vívidos. Gracie ergueu o queixo e olhou diretam ente para ele.

“Esta é sua penitência?”, ela perguntou suavem ente.

Zack soltou um palavrão, quase incapaz de segurar todos os xingam entos que estavam na ponta da língua. Respirou pelas narinas algum as vezes enquanto tentava m anter seu tem peram ento sob controle.

Ele nunca tinha ficado bravo com Gracie. Nunca teve razão para isso. Zack não tinha certeza de que havia um a razão para isso *agora*, m as a raiva estava ali m esm o assim .

“Diga-m e que diabos foi o que eu supostam ente fiz”, ele exigiu. “É m eio difícil de se defender de um a ação quando você não faz ideia de qual ela é!”

“Você está falando sério?”, Gracie perguntou incrédula.

Eliza inclinou-se para frente, interrom pendo a tensão. Ela apertou a m ão de Gracie com o um gesto de tranquilidade, m as Gracie parecia estar tão nervosa quanto Zack. Mas novam ente, Zack estava disposto a aceitar a raiva em vez da derrota e tristeza, a qualquer hora.

“Gracie, ao expiar os pecados, a pessoa deve saber qual pecado foi com etido”, disse Eliza calm am ente. “Você e Zack obviam ente têm versões m uito diferentes do que aconteceu doze anos atrás. Converse com ele. Conte-lhe por

que está zangada. Ou, m ande-o para o inferno, m as ao m enos dê a oportunidade de ele se defender. Zack com certeza m erece isso."

"Merece?"

A voz de Gracie ficou esganiçada sob o peso da em oção, e lágrim as rapidam ente encheram seus olhos de novo.

"Ele m erece. Por Deus, isso é tão... Eu nem m esm o tenho palavras!", disse Gracie chorosa. "Eu com certeza não m ereci o que ele *fez comigo*. Eu nem posso pensar naquela noite, senão fico com ânsia."

Com o se quisesse enfatizar o que tinha dito, Gracie gesticulou agitada para a bacia, que Eliza prontam ente colocou na bandej a da cam a. Bem a tem po de Gracie expelir o conteúdo de seu estôm ago lá.

TREZE

Mais um a vez, Zack foi forçado a sair do quarto de Gracie enquanto a enferm eira fazia um a avaliação e a deixava m ais confortável. Eliza estava ao lado dele, observando o que acontecia através do estreito painel de vidro acim a da m açaneta.

Ela balançou a cabeça, seus olhos inundados de com paixão.

"Eu nem sei o que dizer", Eliza m urm urou. "Eu m al consigo im aginar. Sinto m uito, Zack. Isso deve estar sendo um inferno para você."

"Certam ente, está sendo um inferno para ela tam bém ", disse Zack com tristeza.

Ele esfregou o rosto cansado, a falta de sono j á o estava afetando. Talvez ele nunca m ais dorm isse. Com o ele poderia se, sem pre que fechava os olhos, tudo o que conseguia ver era o terror nos olhos de Gracie? As som bras sob os olhos dela.

O quanto ela parecia frágil e quebradiça.

Quebradiça.

Não, isso não estava certo. Na verdade, ela j á havia se despedaçado.

Qualquer pessoa era capaz de ver isso.

Meu Deus, Zack ficava m uito assustado por vê-la nesse estado. Que diabos tinha acontecido doze anos atrás? Ele estava ficando de saco cheio do fato de ninguém falar do problem a e de Gracie se recusar a deixá-lo saber daquele grande segredo m aldito. Especialm ente quando ele parecia ser a única pessoa que não sabia que m erda estava acontecendo.

“Eu m e pergunto se você não deveria trazer um psicólogo”, Eliza disse em um a voz baixa, garantindo que o som não passasse pela porta. “Gracie parece tão… frágil.”

“Eu usei a m esm a palavra para descrevê-la m ais de um a vez desde que a vi no ateliê de arte.”

“É evidente que ela está m uito apavorada. Sej a lá o que ela pensa que você fez, é m uito real para ela.”

“Nem m e fale”, Zack m urm urou. Então, ele segurou a parte de trás de seu pescoço e cravou os dedos no m úsculo dolorido. “Você pode fazer algum as pesquisas? Você sabe de onde eu sou. De onde nós som os. Você pode voltar uns doze anos m ais ou m enos, antes e depois da últim a vez em que a vi, e ver se aparece algum a coisa? Algo grande? Se algo aconteceu em nossa cidadezinha insignificante, então pode ter certeza de que todo m undo estava falando nisso.”

“Posso tentar, apesar de eu ter bisbilhotado um pouco m ais depois que você saiu do m eu apartam ento hoj e de m anhã. E, até agora, todos os cam inhos estão dando em becos sem saída. Parece que estou dando m urros em ponta de faca.”

Que era exatam ente com o Zack se sentia, só que era com o se ele estivesse *batendo* sua cabeça contra a ponta de um a faca. E estava com eçando a sentir a dor por toda a sua alm a.

“Oh, aí vem ela agora”, disse Eliza, m ovendo-se depressa da frente da porta.

Zack ficou atento, esfregando os pelos de seu rosto com a barba por fazer. Ele precisava tom ar um banho. Ele parecia – e cheirava com o – um a cabra. Ficou surpreso que a equipe de enferm agem não o tivesse expulsado nem o colocado

debaixo de algum chuveiro nas proxim idades.

A enferm eira fechou a porta silenciosam ente atrás de si, conform e entrava no corredor para j untar-se a Eliza e Zack.

“Com o ela está?”, perguntou Zack, ansioso.

O rosto bonito da enferm eira transform ou-se em um a careta.

“Exausta. Dolorida. Am edrontada. No seu lim ite. Tudo isso se aplica um pouco aqui.”

Zack segurou um palavrão.

“Eu lhe dei um sedativo para aj udá-la a relaxar. Ela deve dorm ir profundam ente pelas próxim as horas. Você deveria ir para casa e se cuidar. Não há m ais nada que você possa fazer aqui por hoj e.”

“Eu não vou deixá-la”, disse Zack.

A enferm eira hesitou e então soltou a respiração com um longo suspiro.

“Ela não quer visitantes. Pelo m enos, não por hoj e. Então, você deveria ir.

Deixe-a descansar. Descanse você tam bém .”

Eliza cutucou as costelas dele e ficou olhando incisivam ente para o queixo de Zack, com a barba por fazer, e para suas roupas desalinhadas.

“Deixe-m e tornar isso claro, m oça”, disse Zack, forçando um a calm a que ele não sentia em suas palavras. “Gracie não tem ninguém . E quero dizer *ninguém*, m esm o. Ela estaria com pletam ente sozinha no m undo se não fosse por m im .

Agora, você realm ente acha que é um a boa ideia deixar a m ulher que acabou de passar por um evento traum ático e horroroso com pletam ente sozinha? E se ela acordar enquanto eu estiver fora? Quem estará aqui para tranquilizá-la de que aqueles filhos da m ãe não vão m achucá-la m ais?”

O rosto inteiro da enferm eira se suavizou e ela estendeu a m ão para apertar o braço de Zack.

“Então, ela é m uito sortuda por ter você. E ela não ficará sozinha. Eu prom eto. Estam os m onitorando-a bem de perto e continuarem os a fazer isso pela noite. Mas ficar aqui enquanto ela dorm e não fará bem a nenhum de vocês. Vá para casa. Tom e um banho e vej a se com e algo. Tente dorm ir se conseguir, ainda que sej a por apenas algum as horas. Então, quando voltar am anhã, todos estarão em um estado de espírito m elhor.”

Zack balançou a cabeça.

“Você não está entendendo. Gracie foi atacada e brutalm ente espancada de m aneira m etódica e planej ada. E você quer que eu a deixe sozinha.

Desprotegida. Onde qualquer um poderia entrar em seu quarto e m atá-la. Que inferno, eles poderiam até tentar sequestrá-la. Quem , neste lugar, seria capaz de detê-los? E eu posso garantir a você que virão arm ados. Eles não têm nenhum rem orso quanto a usar de violência para conseguir o que querem . Você viu o que eles fazem com um a m ulher indefesa. Eles torturaram e m ataram outra j ovem que tinha acabado de ter um bebê. Então, por m ais que eu aprecie a sua preocupação por Gracie e pelo seu bem -estar m ental, neste m om ento estou m ais

preocupado com a segurança física dela.”

A enferm eira ficou pálida e engoliu nervosam ente.

“Por que ninguém nos avisou disso? Ninguém nos falou nada!”

Sua voz estava aum entando, à beira da histeria. Zack fez um gesto para dim inuir o pânico dela.

“Eu não perm itirei que eles m achuquem qualquer um aqui. A polícia virá quando Gracie acordar novam ente. No m eio-tem po, alguém da m inha com panhia de segurança estará aqui por todo o tem po, e ninguém que não sej a da equipe m édica ou em pregado da DSS terá a perm issão de acessar o quarto dela. Alguém ficará aqui por todo o tem po.”

“Entendo suas prioridades, senhor”, disse a enferm eira, com sinceridade ressoando em sua voz. “Mas assim com o o senhor deve levar em consideração o que é m elhor para ela para que possa fazer seu trabalho de form a eficaz, eu tam bém devo priorizar o bem -estar dela, tanto em ocional quanto físico, enquanto

ela for um a paciente do m eu andar. E ela foi bastante firm e quando disse que não queria m ais visitantes por hoj e. Então, se alguém ficar por aqui – e serão m ais do que bem -vindos, j á que a equipe aqui se sentirá m uito m elhor com um a segurança rígida – então eles devem tom ar suas posições do lado de fora do quarto."

"Ai", disse Eliza, divertindo-se e m ordendo os lábios. "Eu acho que você recebeu um a lição agora."

Zack lançou um olhar para ela. Ele não estava com hum or para brincadeiras.

Antes que pudesse ficar m inim am ente tranquilizado, ele precisava de 24 horas de sono, um banho quente, um bule de café e, principalm ente, colocar suas m ãos nos canalhas que m achucaram Gracie.

"Não era a m inha intenção ser rude", a enferm eira com eçou.

"Ah, não, você não foi rude", disse Eliza, entretida e com os olhos cintilando.

"De m aneira algum a. É bom ver os hom ens da DSS serem colocados em seu devido lugar um a vez ou outra. Evita que o ego deles fique m uito inflado."

A enferm eira sorriu.

"A coisa é nesse nível, hein? Deixe-m e adivinhar: você é a única m ulher entre eles."

"Acertou de prim eira", disse Eliza com um sorriso.

"Eu sou Jacquie", a enferm eira cum prim entou, estendendo a m ão para Eliza.

"Oi, Jacquie", Eliza respondeu. "Eu sou Eliza e esse cara ranzinza é Zack. Nós dois trabalham os para a Devereaux Security."

A cabeça de Zack estava prestes a explodir. Ele estava quase perguntando a Eliza se ela estava chapada ou coisa do tipo. Com o ela poderia estar lá, brincando, provocando, *fazendo piadas,* enquanto Gracie estava deitada do outro lado da porta, encolhida feito um a bola. Ela ficou chorando lágrim as silenciosas até a enferm eira aplicar o analgésico, quando enfim suas pálpebras trem ularam e seus olhos finalm ente se fecharam de vez.

Jacquie deu a Zack um a avaliação com pleta, encarando-o com intensidade, a ponto de ele ficar enrubescido. Zack odiava ser exam inado.

“Vou lhe dizer, Zack”, ela disse, usando o nom e que Eliza lhe deu. “Eu cheguei há um a hora, então estarei aqui pelas próxim as onze. Você e Eliza vão

para casa, se troquem , arrum em algo para com er. Eu ligarei para a segurança e os colocarei de guarda no final do andar, para que eu possa ficar de olho nela até que todos vocês voltem .”

Ok, então Eliza era um gênio que agora tinha a equipe de enferm agem com endo na m ão dela. Zack silenciosam ente lam entou-se quando Eliza virou o sorriso presunçoso em sua direção. Ele levantou o dedo do m eio quando a atenção de Jacquie estava voltada para Eliza – e seu sorriso atrevido de vitória.

Garotinha abusada… Zack m eneou a cabeça.

“Bom , você escutou a m oça. E nós *estamos* invadindo o território dela”, disse Eliza obj etivam ente. “A diferença é que não ficam os todas eriçadas e m ij ando em tudo para m arcar território, com o vocês, hom ens.”

Jacquie riu. Zack apenas revirou os olhos. Que Deus o salvasse daquelas m ulheres incorrigíveis.

***

Zack não perdeu tem po quando chegou a seu apartam ento. Eliza insistiu em ir j unto, assim ele teria reforço, j á que sua segurança havia sido violada. Mas Zack se apressou m esm o assim , porque não gostaria de expor Eliza – ou a si m esm o –

a um risco m aior. Se Gracie não estivesse em cena, então com certeza ele faria um a tocaia. Ele e Beau iriam vigiar o local atentam ente dia e noite até que aqueles m alditos m ordessem a isca. Mas Gracie *estava* em cena e precisava de Zack – não que ela fosse adm itir ou aceitar esse fato, independentem ente das negações que saíam pela sua boca.

O único pensam ento de Zack era voltar para Gracie. Ele poderia ser incansável. Ele *era* incansável. Ele não tinha chegado tão longe se acovardando.

Era preciso ser im placável para que a sorte o favorecesse. Se alguém o considerava selvagem e obcecado, totalm ente focado em um a m eta, então esse alguém saberia que Zack estava com um alvo fixo na sua m ente e nada o im pediria de cruzar a linha do gol desta vez.

É o terceiro down e eles precisam avançar. Aí vem a jogada. Fazendo a finta para a lateral. Observando… observando. Ele protegeu a bola! Cortou por dentro.

Outra finta! Opa, esperem! Ele conseguiu passar pela barreira de defesa! Amigos, esse rapaz tem uns truques ou não? Ele não foi derrubado e escapou do defensor!

Está correndo… correndo… Senhoras e senhores! Ele vai conseguir. Até. O. Fim!

Touchdown! Restando 28 segundos para o final do jogo, Zack Covington acaba de marcar o que é, provavelmente, o touchdown da vitória!

As lem branças daquela noite, a prim eira rodada da fase elim inatória, os *playoffs*. Eles estavam vivendo um conto de fadas desde o com eço da tem porada.

Ninguém esperava que eles fossem para os *playoffs*. Eles estavam rem ontando o tim e, substituindo j ogadores im portantes, que tinham saído por causa de trocas, aposentadoria e lesões.

Até m esm o o treinador adm itia que eles tinham ultrapassado suas m aiores expectativas. Com um tim e com posto em sua m aioria por j ogadores estreantes, com m ais alguns veteranos insubstituíveis, eles invadiram o cam po no início da tem porada e não olharam m ais para trás. Dezesseis vitórias e zero derrotas, um

com eço de tem porada perfeito. Com eçaram com o cabeças de chave e não precisaram passar pela prim eira rodada. Em seguida, conseguiram a vitória na segunda rodada. Faltava m ais um a sem ana para o grande j ogo.

Foi um a noite longa. Talvez a m aior da sua vida. Da sua *antiga* vida. Ele não era tão sonhador e otim ista com o a criança que j á havia sido. E a breve trégua de tanto gelo e frieza que envolviam seu coração havia sido gloriosa. Durou m

ais ou m enos dois m inutos. Dois m inutos m aravilhosos onde a escuridão não conseguiu encontrá-lo.

Então, ele viu alguns de seus colegas de tim e olhando para o cam arote nas arquibancadas. Um deles fechou os dedos em um punho cerrado, bateu-o contra o peito antes de beij á-lo e erguer para o céu, em linha reta na direção onde a esposa do j ogador e seu bebê sentavam -se em algum lugar no m eio do m ar de fãs.

Levou um instante para Zack colocar seus pés novam ente em terra firm e.

Não havia ninguém com quem ele pudesse com partilhar esse m om ento. Gracie havia partido.

Desta vez, seu sonho não iria iludi-lo. Desta vez, a prim eira, ele queria algo para si.

Zack não queria que Gracie o olhasse com o se ele fosse algum m onstro. Ele queria que o m edo nos olhos dela fosse substituído por gargalhadas e felicidade.

Ele queria am á-la.

E ele queria que ela o am asse.

Zack term inou de colocar as roupas que precisava em um a bolsa de viagem e então pegou os poucos produtos de higiene pessoal que necessitaria do banheiro.

Teria que fazer com pras para Gracie depois que ela saísse do hospital. Ou talvez Eliza estivesse disposta a pegar algum as coisas para ela.

Zack apressou-se novam ente para a área da cozinha, onde Eliza havia se colocado para que tivesse um a visão clara da porta da frente.

“Está pronta?”, ele perguntou.

Eliza assentiu.

“Mas, Zack, Jacquie está certa. Você precisa com er. Você está horrível.”

“Puxa, obrigado”, ele resm ungou.

Eliza encolheu os om bros.

“Só estou sendo honesta.”

“Eu pego algo no hospital quando a cafeteria abrir. Gracie provavelm ente vai precisar de algum a coisa tam bém , caso ela consiga com er.”

“A garganta parecia bastante m achucada. Eu m anteria a sopa ou caldo por enquanto. Eles provavelm ente colocarão isso na bandej a, de qualquer m aneira.”

“Vam os ficar ligados, Lizzie”, ele m urm urou enquanto eles saíam do apartam ento.

“Sem pre”, ela disse despreocupadam ente.

Cam inhavam quase sem em itir sons na calçada de concreto. No portão, Zack deu um em purrão gentil, m as se irritou com o rangido alto. Os m alditos obviam ente o haviam quebrado quando invadiram para descarregar Gracie.

Eles estavam próxim os à SUV de Zack quando um a silhueta escura apareceu a apenas alguns passos.

“Para baixo!”, Eliza vociferou, em purrando Zack.

Zack caiu e rolou. Antes que voltasse a ficar em pé, foi atingido por algo que lhe pareceu ser um cam inhão cheio de concreto. Ele soltou um grunhido e im ediatam ente perdeu o im pulso.

Surpreso pelo m ovim ento, seu agressor tropeçou, incapaz de aguentar o peso de Zack, que se aproveitou disso batendo com o om bro na barriga do oponente e derrubando-o com força no asfalto.

Zack estava irritado dem ais, e j á tinha sido obrigado a conter sua fúria pelo dia inteiro, então agora deixaria a fera sair da j aula com tudo.

O som da raiva dele ecoou pelo estacionam ento. O agressor caiu no chão, Zack em cim a dele. Ele sentia a forte expiração do outro hom em contra o seu pescoço. Zack balançou, socando violentam ente. Ele cam baleou para trás quando o punho do seu agressor acertou sua m andíbula. Maldição.

Zack recuou, perm anecendo em m ovim ento para não se transform ar em um alvo m uito fácil.

Ele foi agarrado e sua m ovim entação cessou abruptam ente. E, em seguida, antes que m ais golpes fossem dados de am bos os lados, a voz de com ando de Eliza irrom peu pela noite.

“Mãos para cim a onde eu possa vê-las, babaca! Me dê um m otivo para atirar.

Vá em frente. Essa vai ser a alegria da m inha sem ana”, ela rosnou.

Zack foi solto e o hom em , lentam ente, se afastou. Zack levantou-se e foi para cim a do oponente em um a fração de segundo. Agarrou-lhe um braço e o torceu fortem ente atrás das costas, obrigando o suj eito a se virar. Aquele im pulso tornou a rotação m ais fácil, e Zack prendeu o braço do cara no alto de suas costas para deixá-lo im óvel.

“Jogue algum a luz aqui, Lizzie.”

Um segundo depois, um a lanterna foi acesa e o feixe ilum inou o corpo do agressor e depois o seu rosto.

“Mas que m erda é essa?”, disse Zack. “*Sterling?* Que diabos você pensa que está fazendo?”

CATORZE

Sangue escorria pelo nariz de Sterling e seus olhos ardiam de raiva, refletidos de form a assustadora pela luz da lanterna de Eliza, cegando-o tem porariam ente.

“Qual é o seu problem a?”, berrou Zack. “Que tal você fazer um a viagem até o centro para registrar um a queixa de agressão? *Depois* de eu encher você de porrada.”

Os lábios de Sterling se fecharam com desprezo.

“Seu covarde bundão. Você nunca m e venceria em um a briga. Você é afem inado dem ais para suj ar suas m ãos. Não, você arrum a outras pessoas para bater em m ulheres *por* você.”

Zack lhe deu um soco em cheio no queixo, fazendo o outro hom em cam balear para trás. Sterling recuperou o equilíbrio e se lançou contra Zack, levando os dois para o asfalto do estacionam ento.

Um tiro soou, levando Zack a se j ogar. Sterling não reagiu de m aneira diferente, caindo no chão com um a rapidez que indicou a Zack que o hom em era treinado. Seus instintos eram m uito bons, ele tinha prática naquilo. O exterior cortês, rico e culto que ele exibia encobria o hom em que ele era por dentro, duro e com a m alandragem das ruas.

“Que porra é essa, Lizzie?”, Zack berrou. “Está tentando m e m atar?”

Eliza bufou exasperada.

“Olhe, não tem os tem po para essa m erda. Nós estam os a céu aberto. Isso não é bom . Vocês estão cham ando atenção para nós. Isso não é bom . Preciso continuar?”

“E você não acabou de disparar fogos de artifício no céu?”, perguntou Zack incrédulo.

“Alguém tinha que fazer algum a coisa”, ela salientou. “Agora, o que você m e diz sobre term os esta conversa em algum outro lugar que não no m eio de um estacionam ento público?”

“Nós term inam os por aqui”, disse Zack sem rodeios.

Não sabia qual era o problem a de Sterling, m as aquela insinuação de que ele era o responsável direto pelo espancam ento de Gracie? Que droga era essa? Zack m al conseguia olhar em linha reta, sua visão estava m uito em baçada pela ira.

“Não, o *cacete* que term inam os por aqui”, disse Sterling. “Onde está Anna-Grace? O que você fez com ela?”

Zack observou Sterling com o se lhe tivesse crescido um a segunda cabeça.

“De que m erda você está falando?”

“Ela está desaparecida, m as isso não deve ser novidade para você.

Coincidentem ente, ela sum iu um dia depois de você aparecer no m eu ateliê, perseguindo-a e assustando-a com o nunca. Não é preciso m uito esforço para conectar os pontos aqui. Mas você se ferrou desta vez, Covington. Talvez antes Anna-Grace não tivesse ninguém que se im portasse com ela, m as ela tem agora.

Ela é im portante para m im . E vou protegê-la, ainda que isso signifique acabar com você de vez."

O berro nos ouvidos de Zack era quase ensurdecedor. Ele estava cansado de Gracie – e agora Sterling – sugerirem algum evento terrível do passado. Ele estava cansado de ser considerado culpado por algo que sabia m uito bem não ter feito.

Ele tinha *perseguido* Gracie? Desde quando querer saber se a m ulher que am ava m ais do que tudo no m undo estava bem era perseguição? E agora esse m aldito alm ofadinha desgraçado vinha am eaçá-lo? Acabar com ele? Que *merda* era essa?

"Eu j á fui enrolado dem ais sobre essa questão de m erda", Zack resm ungou.

"Alguém vai m e contar que droga é essa que eu supostam ente fiz à Gracie doze anos atrás. Porque, olhando a situação pelo m eu lado, eu levei um fora. Não apenas levei um fora com o nem recebi a cortesia de um 'se cuide' ou 'adeus'.

Nem m esm o um 'vá se danar, nunca m ais quero ver você de novo'. Eu não tive nada. Então, por doze anos – *pela porcaria de doze anos* – eu pensei no pior. E

acredite em m im quando digo que tenho um a im aginação vívida. Então, finalm ente a localizei, porém Gracie não está ferida. Ela não precisa de nada.

Ela está feliz. Com eçou um a nova vida. Mas o m elhor de tudo? Ela age com o se eu fosse algum tipo de m onstro. Com o se eu fosse m achucá-la quando ela sabe que é a últim a coisa que eu faria. Eu teria dado o m undo todo para Gracie, m as ela j ogou isso aos ventos quando desapareceu e m e deixou pensando que o pior tinha acontecido."

Sterling agitou-se e parecia m uito que ele desej ava com eçar o terceiro round.

Zack se eriçou, cada m úsculo de seu corpo enrij ecendo em prontidão. Sterling

queria um a briga, e Zack estava louco para lhe dar um a das boas.

“Droga, você dois!”, Eliza exclam ou. “Eu j uro por Deus, o próxim o que der um soco vai levar um tiro. Eu nem m esm o serei processada. Vão considerar que eu salvei o m undo do Debi e do Lóide.”

“Você não está aj udando, Eliza”, disse Zack com a m andíbula cerrada.

“Escutem , porque não tem os m uito tem po”, ela disse em um a voz enérgica.

Eliza apontou o dedo – o que não estava sobre o gatilho da pistola – para Sterling, com irritação evidente em seus olhos e palavras. “Você vai vir conosco.”

“Não!”

A recusa autom ática foi dita sim ultaneam ente por am bos os hom ens. Zack lançou um olhar a Sterling e então se voltou para Eliza.

“Você tem razão. Não tem os m uito tem po, e é por isso que não vou perdê-lo com ele”, disse Zack, gesticulando na direção de Sterling.

“O único lugar em que vou j unto com você é para o inferno”, soltou Sterling.

“Apenas para ter certeza de que você ficará por lá.”

“Calem a boca! Meu Deus. E depois falam por aí que as m ulheres é que nunca ficam quietas”, Eliza queixou-se. “Agora, entrem . *Vocês dois!* ”

Ela gesticulou com a arm a, indicando para os dois que eles deveriam entrar na SUV.

“Você dirige, Zack. Não ligo a m ínim a para onde. Mas por tem po o suficiente para que possam os ter um a conversinha com nosso am igo aqui. Vou m anter

m inha arm a apontada para ele, caso decida fazer algo realm ente estúpido, com o m e irritar ainda m ais.”

“Você está falando sério?”, perguntou Zack, claram ente espantado.

“Eu pareço estar brincando?”

Sterling não parecia m ais contente do que Zack, m as estava claro que ele tinha um respeito saudável pela arm a que Eliza segurava.

Eliza abriu a porta para o banco de trás e apontou a arm a para Sterling. Então, bateu ao lado, sinalizando para ele entrar.

Sterling soltou um a torrente de palavrões, e Zack podia j urar que escutou o outro hom em balbuciando algo sobre m ulheres loucas com um a arm a. Se aquela não fosse um a situação bizarra, Zack estaria rindo do espanto do outro hom em .

Era sem pre engraçado ver as pessoas percebendo que Eliza não era um a coisinha fofa e indefesa. Ela sem pre era subestim ada, um fato que a beneficiava frequentem ente, conform e ela m esm a tinha contado a Zack.

Balançando a cabeça e tendo seus próprios pensam entos am argos sobre m ulheres – um a m ulher em particular – com arm as, Zack subiu para o banco do m otorista e ligou o m otor.

“Para onde estam os indo, Lizzie?”, perguntou Zack, resignado. Acreditava piam ente que Eliza iria dar um tiro em um deles ou talvez em am bos. Ela não os m ataria, m as certam ente causaria um estrago. Tinha boa m ira e era capaz de atingir um alvo do tam anho de um a m oeda de dez centavos, bem no m eio. Então, se Eliza quisesse m odificar as bolas de um cara perm anentem ente, Zack sabia que ela seria capaz disso, sem dúvida.

“Não m e im porto”, ela m urm urou, ainda irritada. “Só preciso de alguns m inutos, e depois você pode largá-lo a um quarteirão daqui para deixá-lo andar até o carro dele. Até lá, os policiais provavelm ente j á terão chegado.”

“E eu devo explicar com o cheguei a pé a um condom ínio onde não m oro para pegar m eu carro que está estacionado lá?”, Sterling rebateu.

“Isso é problem a seu, não m eu”, ela disse carinhosam ente. “Tenho certeza de que você não tem o m enor interesse em conversar com os policiais, levando em consideração que agrediu um dos m oradores. Um a noite na cadeia poderia te fazer bem , apesar de que você certam ente seria liberado em m enos de um a hora.”

“Trinta m inutos, no m áxim o”, ele grunhiu. “Então vam os logo, m ocinha. Isso

não aqui não acabou, e nem vou m e esquecer.”

“Aaahn”, Eliza disse arrastando a palavra para que parecesse que estava bocej ando.

“Então fale, Lizzie”, disse Zack im pacientem ente. “Nós não tem os a noite toda.”

Houve um a pausa. O silêncio preencheu o interior da SUV e, em seguida, Eliza finalm ente falou.

“Zack está ficando bem cansado das punhaladas sobre algum evento m isterioso que aconteceu há doze anos. Saco, *eu* estou cansada disso, e tenho certeza de que ele tem m artelado a cabeça contra a parede bem m ais do que eu.”

Essa era a grande verdade. E então Zack percebeu o que Eliza estava

fazendo. Ele estava tão focado em entrar e sair de seu condom ínio que a inform ação de Sterling sobre o que tinha acontecido doze anos atrás entrou por um ouvido e saiu por outro. Droga.

Seus dedos apertaram o volante com força. Zack foi cuidadoso para não em itir nenhum som . Sua respiração ficou até m ais curta conform e ele se esforçava para ouvir sej a lá o que fosse que Sterling tinha para falar.

“Você está brincando, certo?”, perguntou Sterling incrédulo.

“Eu pareço estar brincando?”, Eliza falou entredentes. “Com ece a falar, Sterling. É isso ou eu vou com eçar a atirar. Dessa distância, não posso garantir que não atingirei nenhum órgão vital, em bora preferisse não ter que lim par seu sangue de dentro do carro. Sangue m e faz passar m al.”

“Inacreditável”, m urm urou Sterling. “Eu m e pergunto com o ele conseguiu que todos vocês acreditassem nessa atuação de vítim a inocente? Vocês sentem pena desse desgraçado? Ele disse a vocês que Anna-Grace foi em bora sem dar explicações, sem dizer um a palavra, e que ele nunca a viu novam ente?”

“Eu quero escutar a *sua* história”, Eliza insistiu. “Nós j á conhecem os a história de Zack. Agora querem os ouvir a sua. Ou o que você *diz* que realm ente aconteceu. Pode contar tudo.”

Zack ficou com pletam ente silencioso. Com sorte, Sterling iria ignorar os problem as com seu desafeto por tem po o suficiente para dar a inform ação que Zack queria – e tanto precisava. Mas, ao m esm o tem po, ele se preparou, segurando a respiração, porque aquilo tinha que ser algo ruim .

Instintivam ente, Zack sabia que não era algo pequeno. Tinha de ser algo gigante para fazer Gracie fugir dele. E doze anos de silêncio? Pensando que ele a traiu? Zack sem pre deixou claro que Gracie podia contar com ele para qualquer coisa. Ele pensava que ela contava. Mas parecia que, quando ela m ais precisou dele, decidiu virar as costas e partir sem dizer um a palavra.

“Meu Deus”, m urm urou Sterling.

“Conta logo, saco”, pressionou Eliza.

Zack conhecia aquele tom de voz. Sabia que Eliza estava perdendo a paciência e, se Sterling não com eçasse a falar logo, ela provavelm ente perderia a cabeça e iria causar lesões corporais no hom em .

“Ele fez com que a *estuprassem*”, disse Sterling com desgosto.

Zack pisou no freio com tanta força que a SUV derrapou, balançando para a esquerda e para a direita antes que ele conseguisse controlar o volante o suficiente para parar no acostam ento da rodovia. Ele se virou em seu assento, e o cinto de segurança voou quando ele o desengatou. Zack sentia a raiva arder em suas veias e fixou seu olhar em Sterling com toda a força de sua ira.

“De que *diabos* você está falando? É m elhor não deixar de contar um a única palavra e é m elhor ter um a boa razão para sugerir algo assim . Eu a *amava*. Eu a *adorava*. Gracie era a m inha *vida*! Eu idolatrava o chão que ela pisava. Eu seria capaz de m atar qualquer desgraçado que colocasse as m ãos nela. Me diga que isso não é verdade. *Me diga que ela não foi estuprada*.”

Sterling franziu a testa e olhou confuso para Zack. Seus olhos piscaram enquanto ele continuava a analisar aquele hom em nervoso diante de si. O ar na SUV crepitava de tensão. Zack nunca quis tanto acabar com alguém com suas

próprias m ãos com o agora.

Sterling estava falando a verdade? Gracie tinha sido estuprada? E que m erda o

cara estava dizendo sobre *ele* ter feito ela ser estuprada? Zack estava prestes a explodir, e Eliza deve ter percebido, porque interveio rapidam ente, apertando a m ão de Zack agarrada na parte de trás do banco.

“Não deixe nenhum detalhe de fora”, disse Zack com a m andíbula cerrada.

“Deus m e aj ude, se você m entir para m im sobre isso, vou transform ar sua vida num inferno.”

Sterling continuou encarando-o, e Zack podia ver as engrenagens girando dentro da cabeça dele. E Zack estava ficando im paciente sendo analisado por Sterling. Quase com o se Sterling estivesse j ulgando Zack. Dane-se. Ele não precisava da aprovação ou da confiança desse canalha afetado. Zack não dava a m ínim a para o que Sterling pensava dele. A única pessoa por quem Zack precisava ser com preendido era Gracie.

“Jesus Cristo”, Sterling soltou, finalm ente respondendo depois de sua análise intensa. “Você não fez isso, não é?”

“Não fiz *o quê*?”, gritou Zack. “Ninguém *me conta* que m erda aconteceu!

Estou cansado de todo m undo falando em círculos. Apenas m e conte o que supostam ente aconteceu doze anos atrás!”

Sterling passou a m ão sobre o rosto, encostando de volta no banco do carro.

“Meu Deus”, m urm urou Sterling. “Anna-Grace está convencida de que você a traiu. Não é algo que ela sim plesm ente suspeita. Ela não tem dúvidas de que você orquestrou toda aquela história noj enta.”

“Então, por que você não acha m ais que Zack fez isso?”, Eliza perguntou curiosa.

“Ninguém consegue fingir esse tipo de reação”, disse Sterling em um a voz baixa. “Esse tipo de choque e surpresa. Merda. Ele nem sabia. Estou certo, Covington?”

Zack deu um pequeno aceno com a cabeça.

“Mas *você* sabe o que aconteceu”, pressionou Eliza. “Ela confiou a história a

você.”

“Finalm ente”, Sterling adm itiu. “Levou m uito tem po. Quer dizer, eu sabia que algo ruim havia acontecido com ela. Anna-Grace era tão frágil. E triste. Existia tanto sofrim ento em seus olhos que às vezes doía olhar para ela.”

“Meu Deus”, disse Zack, quase engasgando com o nó que se form ou em sua garganta. “Ela acha que eu fiz isso? Que eu arm ei para cim a dela?”

Ele não conseguia colocar isso na sua m ente. O que diabos ele tinha feito para que Gracie um dia achasse que ele seria capaz de algo assim ?

“Ela disse por que acha que Zack estava por trás disso?”, indagou Eliza.

Sterling balançou a cabeça.

“Eu perguntei. Quer dizer, pelo j eito que ela descreveu a relação de vocês, eu m esm o achei difícil de acreditar. Mas ela foi tão incisiva. Disse que não tinha dúvidas de que você a tinha traído de form a horrível. E depois, ela nunca m ais falou sobre isso. Ela se recusava. Posso dizer que essa história ainda a m achuca m esm o depois de doze anos.”

“Dã”, Eliza m urm urou. “Mulheres não superam coisas assim da noite para o

dia.”

“Mas eu não fiz nada!”, disse Zack, subindo o tom de voz. “Você não pode achar que fiz algo assim , Lizzie.”

Ela apertou a m ão de Zack novam ente.

“Não, eu não acho isso de m aneira algum a, Zack. Mas ela acha. E ela é a pessoa m ais im portante desta equação. Não im porta o que eu penso. Gracie é a pessoa que está convencida de que você lhe arruinou a vida. Até que você a convença do contrário, nada m uda.”

“Eu tenho que voltar até ela”, disse Zack, decidido.

Seu olhar trem ulou em direção a Sterling.

“Nós o deixarem os em seu carro e irem os em bora.”

“Ei, espere um m inuto. Então você *está* com ela”, disse Sterling.

Zack suspirou e rapidam ente atualizou Sterling sobre os eventos que aconteceram nas 24 horas anteriores. Ele não tinha certeza de quando havia deixado de ver Sterling com o um inim igo – um com petidor –, m as estava claro que aquele hom em se im portava com Gracie. Ela havia confidenciado a ele algo que ela provavelm ente nunca contou a ninguém . Então, Zack gostando ou não, parecia que Sterling era um a figura im portante na vida de Gracie. Talvez seu único am igo e aliado.

“Filhos da puta!”, Sterling proferiu. “Quem diabos espanca um a *mulher* inocente apenas para enviar um a m ensagem ?”

“Covardes. É isso o que eles são”, disse Eliza, sua expressão encrespando com o desgosto.

“Com o ela está?”, questionou Sterling. “Eu gostaria de vê-la.”

Zack hesitou. A últim a coisa que queria era que Sterling tivesse acesso a Gracie. Mas, por outro lado, perm itir talvez aj udasse no longo cam inho que ele teria para reconquistar a confiança dela.

“O que há entre você e Gracie?”, perguntou Zack cuidadosam ente. Ele não iria concordar com coisa nenhum a até que tivesse um a visão m ais clara do relacionam ento dos dois.

Sterling o estudou por um longo m om ento.

“Não é bem assim ”, Sterling com eçou. “Eu sou am igo dela. Eu m e im porto m uito com ela. Ela é com o um a irm ã m ais nova para m im .”

Os olhos de Zack se estreitaram em descrença. Gracie dificilm ente seria o tipo de m ulher que os hom ens veriam com o um a irm ã. Ela era linda. Tão linda que doía olhar.

Sterling bufou irritado.

“Ok, claro, no com eço eu estava interessado. Mas depois de conhecê-la, eu

percebi que a últim a coisa de que ela precisava era de um relacionam ento. O

que Anna-Grace realm ente precisava era de um am igo. Alguém em quem pudesse confiar. E levou bastante tem po para que ela confiasse em m im .”

Zack sentiu um respeito relutante pelo outro hom em . Certam ente parecia que ele tinha sido bom para Gracie. Esteve ao lado dela quando Gracie precisou de alguém . Mas a m ente e o coração de Zack queim avam com o ácido por não ter sido ele a pessoa. Ele não foi sua fortaleza, seu am igo, seu am ante. Zack não foi… nada. Enquanto Gracie tinha sido tudo no m undo dele, ela pensou que ele a

traiu da pior m aneira possível.

Ele queria vom itar.

“Eu preciso saber de tudo”, disse Zack em voz baixa. “Nós o deixarem os na sua cam inhonete para você nos seguir até o hospital. Você poderá ver Gracie.

Talvez ver um rosto fam iliar apazigue os m edos dela. Talvez ela até entenda que eu não irei… m achucá-la.”

Zack quase sufocou ao dizer a últim a palavra. Com o se um dia fosse feri-la.

Mas ela não acreditava nisso. Ela acreditava que ele *já* a havia m achucado.

“Ok, m as eu realm ente não sei m uita coisa. Sinto m uito. Ela não foi m uito aberta nos detalhes. Tudo o que Anna-Grace disse foi que o hom em que am ava tram ou para se livrar dela. Em seguida, ela m e disse que você arm ou para que ela fosse estuprada por…”

Ele interrom peu e lançou um olhar cauteloso para Zack, com o se estivesse com m edo da explosão im inente.

“Apenas diga”, falou Zack entredentes.

O que poderia ser pior do que o que Sterling j á tinha contado?

Zack devia saber que as coisas sem pre podiam ficar piores. *Sempre* podiam ficar piores.

“Ela foi estuprada por três dos seus am igos”, disse Sterling suavem ente.

A boca de Zack oscilou abrindo e fechando. Ele estava sem palavras. Sua m ente era um a névoa verm elha de fúria tão densa que ele não conseguia respirar. Zack não achava que a coisa podia ser pior do que Gracie ser estuprada e acreditar que ele instigou tudo. Mas ela não foi sim plesm ente estuprada. Ela foi estuprada por um bando. Por pessoas em quem ele confiava! Pessoas que cham ava de *amigos?* Zack estava a um fio de cabelo de perder totalm ente o controle e de virar o m undo de ponta-cabeça para encontrar os filhos da puta que violaram Gracie da m aneira m ais degradante e desum ana possível.

“*Que amigos?* ”, ele questionou asperam ente.

“Eu não sei. Juro”, disse Sterling. “Ela não entrou em m uitos detalhes. Tudo o que ela disse foi que três dos seus am igos a estupraram a seu pedido. Que você queria se livrar dela de vez. Isso aconteceu enquanto você estava na faculdade.

Um dia antes de ser liberado para voltar para casa novam ente. Ela disse que você queria o serviço feito e que ela tivesse ido em bora quando você voltasse para casa.”

Lágrim as de raiva e angústia rolavam caoticam ente nos olhos de Zack.

Aquilo tudo era loucura. Era algo que só podia ter saído diretam ente da ficção ou de algum film e bizarro. Essas m erdas não aconteciam na vida real, aconteciam ?

Seus am igos estupraram a m ulher que ele am ava? Supostam ente por sua ordem ? E Gracie *acreditou* naquilo? Com o ela pôde ter tão pouca fé nele? Ela deveria ter ido até ele. Im ediatam ente. Meu Deus, ele teria m atado um por um .

Ele teria feito qualquer coisa no m undo para protegê-la, para deixar tudo m elhor.

Zack passaria com prazer o resto da sua vida na cadeia se isso significasse ter feito j ustiça pelo crim e terrível com etido contra ela. Não sentiria nenhum rem orso e teria se certificado de que Gracie ficaria segura para o resto de sua vida. Que ela tivesse tudo de que precisasse. E ela saberia m uito bem que ele a am ava com cada pedaço de sua alm a.

Que amigos?

Alguém em quem ele confiava tinha estuprado a m ulher que ele am ava? Não era nenhum segredo que Zack era com pletam ente apaixonado por Gracie. Que ele tinha planej ado toda a sua vida ao redor dela. Todos sabiam disso. Até m esm o o desgraçado do seu pai. Até m esm o ele tinha se conform ado com o fato de que Gracie não iria a lugar nenhum . Que ela seria para sem pre um a parte da vida do seu filho. Que para Zack tudo, tudo, girava em torno dela e da felicidade dela.

Não havia nada que ele não fizesse ou sacrificasse por isso.

“Então, você não sabe nada além de que ela foi estuprada. Pelos m eus am igos. Porque eu pedi para eles.”

Ele m al conseguia colocar as palavras para fora. Elas o asfixiavam . O sabor em sua boca era tão am argo que Zack ficou quieto.

Aquilo tudo não estava acontecendo. Depois de doze anos sem ela, Zack sonhava com esse m om ento. O m om ento em que se reuniram . Talvez ele tivesse im aginado as coisas de m aneira m uito otim ista. Talvez ele houvesse pensado de verdade que qualquer m al-entendido que os tivesse separado seria superado com poucas palavras e que tudo daria certo. Que eles retom ariam suas vidas j untos e viveriam felizes para sem pre.

Com o diabos eles, *um dia*, seriam capazes de superar isso? Zack nem sabia por onde com eçar.

Por que seus am igos a estuprariam ? Por que eles tentariam separá-los? Bem , eles certam ente não tentaram . Eles tiveram m ais sucesso do que poderiam im aginar. Mas isso continuava levando de volta ao... por quê? Eles a odiavam tanto assim ? Eles o odiavam tanto assim ? Era invej a? Ressentim ento por considerarem sua vida perfeita? Com o alguém poderia fazer algo tão desprezível?

Zack buscou em suas m em órias, tentando se lem brar de com o seus am igos agiam ao redor dela. Ainda m enor de idade, ela não convivia m uito com eles.

Zack não queria dividi-la com seus am igos ou com qualquer um . Ele era extrem am ente possessivo com Gracie e com seu tem po com ela. Será que eles ficavam

ressentidos por estar em segundo plano em relação a um a sim ples garota? Arm aram para arruinar não apenas a vida de Gracie, m as tam bém de Zack? Ele não conseguia aceitar nenhum a dessas possibilidades.

Mas não se lem brava de nenhum a anim osidade contra Gracie. Seu grupo de am igos sem pre foi educado e respeitoso. Eles até brincavam com ela em tentativas de fazê-la sentir-se confortável. Gracie era terrivelm ente tím ida. Sua autoestim a e autoconfiança não eram m uito fortes, e ele aproveitava cada oportunidade para aj udá-la. Para deixá-la segura com o conhecim ento de que ela era perfeita para ele. Que ele a am ava, *sempre* a am aria.

A única pessoa abertam ente hostil em relação à ela e que nunca fez nenhum esforço para disfarçar sua antipatia foi seu pai. Mas depois da prim eira vez que Zack a levou para casa para conhecê-lo, ele se certificou de que os dois j am ais se encontrassem novam ente.

Ele não podia apontar o dedo para um único cara de seu grande grupo de am igos em quem ele acreditasse que realm ente faria algo tão desprezível. E

ainda assim , Sterling disse que ela foi estuprada por *três* deles.

Oh, m eu Deus.

A bílis subiu para a garganta de Zack, am eaçando j orrar de seu estôm ago revirado. Gracie tinha sido estuprada por três hom ens. Um j á era ruim o suficiente para qualquer m ulher. Mas três? Era insuportável pensar nisso. Ele estava devastado. Tão despedaçado que nem sabia o que fazer, o que dizer. Com o Zack poderia fazer algo ruim assim ir em bora? Gracie passaria o resto da vida revivendo o traum a daquele evento e não havia um a única coisa que ele pudesse fazer para deixar as coisas m elhores.

Será que ela chorou enquanto eles a seguravam ? Ela cham ou por ele?

Im plorou que ele a salvasse? O que ela sentiu quando se convenceu de que ele tinha orquestrado aquela coisa toda? E o que a fez achar isso, em prim eiro lugar?

Zack estava prestes a perder a cabeça. Suas m ãos trem iam ao redor do volante enquanto ele voltava para a estrada. Sua pulsação estava batendo descontroladam ente em seu coração, em seu pescoço, em suas têm poras. A

estrada esticava e em baçava sua visão. Lágrim as arderam em suas pálpebras e ele as esfregou com as costas de um dos braços.

Precisava m anter a sanidade. Não podia confrontar Gracie dessa form a. Não quando ele queria despej ar sua raiva no m undo. Zack queria destruir algum a coisa. Queria o nom e dos hom ens que fizeram aquilo, porque ele não iria descansar até que todos pagassem por ter ferido Gracie. Zack destruiria cada um deles. E não descansaria até que a j ustiça fosse feita.

A doce, bela e bondosa Gracie. Que tipo de m onstros fariam aquilo com ela?

E que a convenceriam de que Zack estava por trás de tudo? Que ele queria se livrar dela da pior form a possível? Era tão doentio e dem ente que Zack m al conseguia com preender tanta m aldade. Vinda dos seus am igos. Dos caras que ele cham ava de am igos. Que eles iriam atacar em grupo um a garota indefesa e atorm entá-la im piedosam ente, degradando-a e destruindo-a, levando-a para longe de Zack para sem pre.

Com o diabos ela conseguiu continuar sozinha? Sem diplom a, sem treinam ento, sem habilidades. Sozinha, tão j ovem , sem ninguém no m undo para se apoiar. Meu Deus, Zack tinha vontade de chorar com o um bebê.

Quantas noites ela passou chorando até dorm ir? Com o deve ter sido difícil se curar de tal devastação sem ninguém para aj udá-la, am á-la e apoiá-la? Zack tinha sido a única fonte de apoio para Gracie. Ninguém m ais dava a m ínim a para ela, e na sua j uventude exuberante e otim ista, Zack tinha se convencido de que ele era tudo de que ela precisava. Que ele poderia fornecer tudo para ela. Que ela não precisava de m ais ninguém , assim com o ele.

Deus, com o ele estava errado.

Porque Gracie não teve ninguém .

Gracie pensava que o hom em que dizia am á-la tinha arm ado um horror que nenhum a m ulher deveria um dia suportar. Ela pensava que o hom em que ela am ava havia m entido. Brincado com ela e a m anipulado e, por fim , a traído e a j ogado fora, com o se ela não fosse nada além de um pedaço de lixo. Sem im portância. Com o se ela não fosse ninguém . Com o se fosse um incôm odo e um obstáculo para a vida de Zack.

“Zack”, disse Eliza suavem ente, tirando-o de seus pensam entos torturantes.

“Você está bem ?”

“Não”, ele disse, sua voz rachando com em oção. “Não, o cacete que estou bem . Eu *nunca* estive bem . Com o poderia depois de escutar isso? Ela pensa que eu m andei três dos m eus *amigos* estuprá - la, Lizzie. Ela pensa que eu a descartei com o lixo. Com o eu poderia superar isso? Com o vou poder ganhar a confiança de Gracie, quanto m ais recuperar seu am or de novo?”

Eliza suspirou.

“Sinto m uito, Zack. Eu nem sei o que dizer. Essa é um a situação de m erda.

Tem algum a ideia de quais ‘am igos’ poderiam ter feito isso?”

“Não. Mas descobrirei”, Zack respondeu em um tom frio e apático que prom etia vingança com o j am ais havia feito. “Então Deus m e aj ude, porque quando eu descobrir quem a tocou, quem a m achucou, quem colocou as m ãos im undas nela, eu irei arrancar suas bolas fora e enfiá-las goela abaixo.”

“Ficarei feliz em te aj udar”, disse Sterling suavem ente. “Eu tenho alguns recursos, e com o não sou você, então talvez eu tenha m ais sorte descobrindo o que precisam os saber, j á que os três em questão estariam m ais alertas ao seu redor.”

“Talvez eu possa colocá-lo nisso”, disse Zack.

“Pode m e cham ar a qualquer hora. Gracie é m inha am iga. Sim , um a vez eu alim entei a ideia de que gostaria que ela fosse m ais do que isso. Mas era óbvio que ela precisava m ais de um am igo, então foi isso que m e tornei. E agora? Eu honestam ente a vej o com o um a irm ã caçula, então você não precisa se preocupar com igo a influenciando de um a form a ou de outra.”

Com o era irônico que, um dia antes, Zack teria prazerosam ente dado um tiro em Sterling só de m encionar nom e de Gracie e, agora, os dois estavam unindo suas forças. Mas se tudo o que Sterling disse era verdade, então Zack devia estar agradecido por Sterling estar ao lado de Gracie quando ela precisava desesperadam ente de alguém . Quando ela não tinha m ais ninguém no m undo.

Isso tinha acabado agora.

Gracie podia não querer Zack, m as ela o tinha. Zack era seu.

E, por Deus, antes que aquilo tudo acabasse, independentem ente de Gracie ser capaz de perdoá-lo pelo que ela pensava que ele tinha feito, os canalhas que a m achucaram iriam pagar.

Ele não descansaria até levar sua própria j ustiça aos seus “am igos”.

QUINZE

“Meu Deus”, disse Sterling com um a expressão de horror, enquanto ele olhava para Gracie dorm indo.

Ele voltou seu olhar para Zack, que estava do outro lado da cam a, com choque e descrença espelhados em seus olhos.

“Que tipo de anim al faz isso a um a m ulher indefesa?”

A incredulidade em sua voz encontrava eco em Zack. Ele tam bém não conseguia entender. Talvez j am ais conseguisse. Ele via violência e absurdos variados todos os dias em seu ram o de trabalho. Mas isso? Um a m ulher espancada a sangue-frio pelo sim ples propósito de enviar um a m ensagem ? O que aconteceu que não podiam escrever um a carta? Ou fazer um a ligação am eaçadora, pelo am or de Deus. Ou, m elhor ainda, que tal não serem covardes m alditos e encararem alguém que poderia se defender de um ataque daqueles?

Que apenas viessem direto à fonte. Que viessem lutar com *ele*. Zack estava claram ente louco para dar o troco.

“Eles são covardes de m erda!”, disse Zack, as palavras retum bando em seu peito.

Sterling inclinou-se, com a preocupação m arcada no rosto, e acariciava gentilm ente Gracie com dedo, da testa até a bochecha, seguindo pelo m axilar.

Zack podia se lam entar sobre o relacionam ento de outro hom em com Gracie, m as ao m enos ele parecia se im portar genuinam ente com ela – não conseguia reclam ar por Sterling ser um a fonte de am paro a Gracie quando ela m ais

precisava. Mesm o assim , Zack m orria de ciúm es por Sterling ter o que ele não tinha: um a conexão com Gracie, fosse ela rom ântica ou não.

Gracie obviam ente confiava em Sterling, enquanto Zack talvez j am ais tivesse ou m erecesse a confiança dela novam ente. Esse pensam ento caiu com o um a bola de chum bo em seu estôm ago. Seu am or por Gracie não tinha dim inuído em doze anos, com o seria o caso com a m aioria das pessoas. Ele não foi capaz de deixar tudo para trás ao ser confrontado com a possibilidade de j am ais vê-la novam ente. De nunca m ais tocá-la, beij á-la ou sim plesm ente segurá-la.

Seu m aior arrependim ento foi nunca ter feito am or com Gracie. Ela teria se entregado – e entregado sua virgindade – para ele, m as Zack queria esperar pela santidade do casam ento. Um casam ento que j am ais aconteceu.

Ele nunca desrespeitaria Gracie aproveitando-se dela. Zack era quatro anos m ais velho, 20 anos contra os doces 16. Ele pensava que tinham todo o tem po do m undo e que quando fizessem am or, seria com o m arido e m ulher. A virgindade de Gracie seria com o o m ais valioso dos presentes. E, agora, saber que isso foi arrancado dela, sem cuidados, sem arrependim entos, sem nenhum dos carinhos que ele tinha planej ado? Isso m achucou Zack no fundo da alm a, um a ferida que nunca se curaria. Tanto nele com o nela.

“Zack.”

Eliza cham ou suavem ente da porta e ele levantou a cabeça, tirando sua atenção de Gracie e Sterling.

“A polícia está aqui”, ela disse em um a voz baixa. “É a segunda vez que vieram para cá e eles não irão em bora desta vez. Eles querem interrogar Gracie.”

Zack bufou. Ele não queria aborrecer sua am ada, m as a polícia realm ente precisava interrogá-la para que pudessem fazer algum a coisa. Apesar de Zack duvidar seriam ente de que os policiais encontrariam algum a pista dos hom ens que tinham feito aquilo com Gracie. Isso realm ente não im portava e, de fato, Zack quase desej ava que os policiais *não* encontrassem os desgraçados. Ele preferia aplicar sua própria j ustiça e destruir pessoalm ente cada um a das pessoas envolvidas com o abuso de Ari e Gracie. Isso com certeza iria econom izar dinheiro dos contribuintes.

“Mande-os entrar”, disse Zack discretam ente. “Sterling está aqui, então talvez

isso deixe a Gracie m ais à vontade. Parece que ela confia nele, m ais que em qualquer outra pessoa.”

Eliza estrem eceu de com paixão.

“Essa situação é ruim dem ais.”

“Nem m e fale.”

Eliza saiu e, logo em seguida, retornou com os detetives Briggs e Ram irez.

Eles silenciosam ente cum prim entaram Zack e se apresentaram a Sterling quando ele se afastou da cam a de Gracie para conhecê-los.

“Seria m elhor se você a acordasse”, disse Zack, quase engasgando com as palavras. “E perm anecer com ela enquanto a interrogam . Eu ficarei aqui, m as Gracie provavelm ente vai estar m ais confortável com você ao seu lado.”

Sterling assentiu e então levou os detetives à cam a. Ele lançou um olhar de dúvida a Zack, que assentiu para indicar a Sterling que acordasse Gracie naquela hora.

Eliza aproxim ou-se de Zack, na soleira da porta. Ele estava inclinando-se contra a parede, de onde tinha um a visão clara de Gracie. Eliza colocou o braço em torno de sua cintura e lhe deu um forte abraço.

“Eu sei que deve estar sendo m uito difícil para você, Zack”, m urm urou.

Ele a abraçou e a beij ou no topo da cabeça. Por um m om ento, Zack apenas a segurou. Ele precisava desse contato pessoal. O fato de que não estava sozinho foi a única razão pela qual ele ainda não tinha se perdido com pletam ente. Sua sanidade estava se m antendo presa pela m ais fina das cordas.

Zack tinha que ser forte para Gracie. Ele não lhe faria nenhum bem transform ando-se em um a bola de fúria irracional e furiosa. Sem m encionar que ele a deixaria apavorada, sendo que ela j á estava m ais do que am edrontada.

O peito de Zack doía. Seu coração estava *ferido*. Ele queria ficar sozinho, para poder processar tudo o que descobriu – e perdeu – nas últim as 24 horas. Mas ele não podia fazer nenhum a dessas coisas, porque o tem po era escasso e ele não se

atrevia a dar à Gracie a chance de escapar, ou então ele talvez j am ais fosse vê-

la novam ente. Estava bem claro que ela havia planej ado nunca m ais cruzar seu cam inho com o dele. Zack teria passado o resto da vida sem nunca saber o que aconteceu com ela, se não fosse pela casualidade de reconhecer a paisagem no

quadro.

“E se ela m e odiar para sem pre?”, sussurrou Zack, confidenciando seu m edo m ais profundo e devastador.

Eliza o apertou em um abraço reconfortante.

“Shhh, não faça isso com você. Não tem nenhum sentido se torturar com a pior hipótese possível. Você terá de ser paciente e viver m inuto a m inuto, hora a hora, um dia de cada vez. Gracie está fragilizada. Não apenas os eventos do passado estão bem vivos e profundos na m ente dela, com o tam bém terá que lidar com o que lhe aconteceu agora. Um a única vez j á seria o suficiente para arruinar um a m ulher. Mas ser atacada duas vezes, estando com pletam ente desam parada?”, Eliza interrom peu, balançando a cabeça.

“Sim , eu sei”, Zack disse em voz baixa. “Droga, Lizzie. Eu não sei o que fazer! Com o irei convencê-la de que eu não tenho nada a ver com o estupro?”

Ele levou as m ãos aos cabelos, agitado. “Eu nem m esm o sei quais supostos am igos fizeram isso a ela e por quê. Por quê, pelo am or de Deus? Ela nunca fez nada a ninguém . Ela não era nada além de doce, am ável e gentil. Por Deus, fico doente só de pensar no que aconteceu com ela. E eu *não estava lá”*, ele disse trêm ulo. “Eu não estava lá para protegê-la. Eu j urei que nunca perm itiria que nada a m achucasse. E eu fracassei com ela, porra!”

“Não tinha com o você saber, Zack. Especialm ente se eram am igos seus.

Como você poderia saber? Você não pensaria que pessoas – m uito m enos pessoas que foram seus am igos – teriam a capacidade de tanta m aldade. Você não pode se culpar pelo que aconteceu.”

Zack ficou im óvel e se endireitou, olhando para o leito de Gracie, enquanto Sterling gentilm ente com eçava a sacudi-la para despertar. Os dois policiais perm aneceram do outro lado de Gracie, com a cara fechada enquanto exam

inavam seu rosto m achucado e surrado.

***

O m undo de Gracie era um a grande neblina de confusão e inquietação. Ela havia retornado para um a névoa induzida por rem édios, na qual a dor e o m edo desvaneceram , substituídos por um falso senso de segurança. Ali ela era capaz de bloquear a realidade e evitá-la. Coisas que ela havia j urado deixar para trás voltaram tem pestuosam ente à vida no m om ento em que ela *o viu de novo*.

Ela não achava que poderia sentir tanta dor novam ente. Pensou que ficaria im une a qualquer coisa em relação a Zack Covington. Achou que tinha deixado para trás a sua traição que ele não poderia m achucá-la novam ente. Mas algum as feridas sim plesm ente não se curavam . Algum as feridas continuavam a sangrar, a despeito de quanto tem po tivesse passado. O pior de tudo foi Gracie perceber agora que tinha estado em negação por todos esses anos. Aquele m om ento foi com o se o curativo tivesse sido arrancado de um a ferida, fazendo-a sangrar outra vez.

Ela esteve errada. Não chegou nem rem otam ente perto de estar preparada para a onda de angústia que a consum iu ao ficar cara a cara com o hom em que ela am ou com cada pedacinho de sua alm a e coração. O hom em que a traiu de

um a form a tão terrível que ela ainda não tinha conseguido com preender o m otivo.

Aquilo a deixava paralisada, aquilo roubava-lhe o fôlego. Gracie tinha vergonha de ser tão fraca. Vergonha pelo dia em que Zack apareceu em seu ateliê e ela se m ostrou com pletam ente desam parada, incapaz de falar ou de fazer qualquer coisa, paralisada pelo m edo. Se Wade não tivesse aparecido, Gracie não sabia o que teria feito. O que Zack teria feito. Um hom em que ela j am ais im aginou que precisaria tem er. Um hom em que ela j am ais im aginou ser capaz de tanta… m aldade.

E agora? O passado se repetia. O que os dois eventos tinham em com um ?

Zack.

Por que ele a odiava tanto? O que ela fez para que ele a desprezasse tanto?

Que tipo de pessoa iria tão longe com o ele só para passar um a m ensagem ? E que m ensagem ? Se ele não a queria m ais, se não a am ava m ais, então por que sim plesm ente não term inou com ela? Por que puni-la por pecados dos quais ela não sabia nada a respeito? Que ela não tinha com etido!

Por favor, por favor Deus, que Zack j á tivesse ido em bora quando ela acordasse novam ente. Gracie não podia passar por isso de novo. Não podia encará-lo, não depois de doze anos. Ela, que tanto lutou para deixar o passado para trás, para recuperar-se de algo que nem tinha certeza de que iria conseguir sobreviver. Mas ela *sobreviveu*. Levou anos, m as ela j untou seus cacos. Gracie tinha um a vida, agora. Mas assim que seu passado retornou e a alcançou, ela foi arrem essada em um m undo de dor, violência e... desgosto. Novam ente.

“Anna-Grace. Vam os lá, querida. Eu preciso que você acorde. Tem pessoas que precisam falar com você.”

Gracie franzia a testa, confusa. Ela não queria deixar seu casulo aconchegante criado pelos analgésicos. Ali era seguro. Ali ela não sentia nada.

Apenas um vazio com pleto, preenchido por calor e um a luz agradável.

Ela se afastou m ais um a vez, ignorando a voz que tinha se infiltrado na neblina à sua volta.

Mas o som era persistente. Alguém cham ou seu nom e novam ente. Mais alto dessa vez. Ela franziu as sobrancelhas e balançou a cabeça, estrem ecendo de dor quando o m ovim ento pareceu lançar farpas através de seu crânio. Por que eles não a deixavam sozinha? Isso era tudo o que Gracie queria. Apenas ser deixada sozinha. Ela viveu sozinha por tanto tem po, era a única form a de viver que conhecia. A única vida. Ela não se arriscava a confiar em ninguém . Não depois da traição de Zack.

Ele tinha sido seu m undo inteiro. Todo o seu am or, esperança e confiança estavam voltados para Zack. Se Gracie não podia confiar nele, então em quem poderia? Ninguém . E essa era um a determ inação que ela seguiu estritam ente pela últim a década. Exceto...

Wade conseguiu se tornar seu am igo, apesar de todos os esforços para m antê-

lo a um a distância saudável. Ele vinha sendo persistente e não perm itia que

Gracie continuasse indiferente a ele. Mas a parte triste era que ela estava apenas aguardando que Wade a traísse tam bém . Até m esm o na am izade tranquila que tinham , ela era cautelosa, convencida – tinha aprendido da pior m aneira – de que

a traição era inevitável.

“Anna-Grace, você precisa acordar. Você j á dorm iu por tem po o suficiente.”

Wade?

Gracie foi tom ada por um a onda de alívio. Ah, graças a Deus. Wade estava ali. Ele não iria m achucá-la, iria? Será que ela estava sendo tola por confiar em um hom em ?

Levou m uito tem po para que Gracie conseguisse relaxar ao lado dele. Estava sendo cautelosa. Mas Wade aguardou pacientem ente por ela, superando suas barreiras de proteção devagar e cuidadosam ente, até que ela o perm itisse entrar.

Mas, ainda assim , ela nunca tinha lhe contado de seu passado até recentem ente. Algum as feridas eram íntim as dem ais, dolorosas dem ais. Contar a Wade seu passado não foi um alívio, do tipo que é arrancar um curativo bem rápido. Foi a coisa m ais difícil e dilacerante que ela j á havia feito. E depois, Gracie não conseguiu m ais olhar na cara dele por dias. Ela se escondeu, envergonhada e m ortificada pelo que tinha lhe contado.

Som ente depois que Wade a confrontou e foi firm e ao dizer que nada m udaria entre os dois, que ele perm aneceria sendo seu am igo, foi que Gracie finalm ente agiu de form a racional e aceitou sua oferta de… am izade.

Ela não era tola. Ela sabia que o interesse de Wade era m ais pessoal quando os dois se conheceram . Mas depois que lhe confidenciou seu passado terrível, ele nunca m ais sugeriu algo a m ais do que um a am izade íntim a.

Dali para frente ele veio sendo sua fortaleza. Seu m elhor am igo. Mesm o quando ela se repreendeu por perm itir intim idade a alguém , por confiar em alguém de novo, Gracie foi incapaz de se conter. Ela precisava de contato hum ano. Doze anos de isolam ento a desgastaram , deixaram -na derrotada e a arrastaram para bem longe da hum anidade. Wade se recusou a perm itir que ela se escondesse por m ais tem po. Ele a apoiou, a encoraj ou e não deixou que ela

o expulsasse de sua vida.

Ele a cham ou pelo nom e novam ente.

As pálpebras de Gracie se abriram , e ela franziu o cenho pelo esforço que isso exigiu. O quarto inteiro estava distorcido e, por um m om ento, ela esqueceu onde estava. Gracie olhou para o lado, procurando por Wade, e a dor que se espalhou pela sua cabeça a lem brou de onde estava. E por que estava lá.

Lágrim as brotaram , fazendo arder seus olhos. Ela levantou a m ão debilm ente, balançando-a para fora em um a tentativa de agarrar o braço de Wade. Então sentiu a m ão quente dele pegar a sua, e a força e o apoio do am igo.

“Graças a Deus”, ela sussurrou com a voz rouca.

Gracie fez um a careta quando escutou a aspereza de sua própria voz. Ela levou a m ão livre à garganta para m assagear distraidam ente os m úsculos doloridos. Era com o se sua garganta estivesse relativam ente inchada.

Lem brando-se das m ãos gigantescas que a esm agaram , apertando-a, quase sufocando-a algum as vezes, ela entendia porque doía tanto agora.

O agressor queria que Gracie acreditasse que ela estava m orrendo. Ele a esganava até que estivesse prestes a desm aiar, para então relaxar o estrangulam ento e perm itir que respirasse um pouco. Então ele fez isso de novo e de novo, por tantas vezes que Gracie perdeu a conta e j á estava rezando para

perder a consciência e poder escapar do inferno que estava vivendo.

“Wade?”, ela resm ungou.

Ele inclinou-se e pressionou os lábios em sua testa.

“Sim , Anna-Grace, sou eu. Você está segura agora. Eu j uro pela m inha vida.”

Lágrim as escorreram pelas suas bochechas e m arcaram seu rosto, e Gracie engoliu um soluço inesperado.

“A polícia está aqui, querida. Eles precisam conversar com você, fazer algum as perguntas. Sei que está ferida. Sei que está cansada. Mas é im portante pegarm

os os canalhas que fizeram isso com você. Se eu a aj udar a sentar-se um pouco, você pode tentar responder a, pelo m enos, algum as perguntas?”

O coração de Gracie batia violentam ente e sua boca inteira ficou seca.

Polícia? Perguntas?

Ela lançou seu olhar tem eroso para o lado apenas para dar de cara com dois hom ens altos e de aparência som bria. Am bos usavam os cabelos curtos, de m aneira que os fazia parecer m ais m ilitares do que detetives à paisana.

“Srta. Hill”, um dos detetives falou educadam ente. “Eu sou o detetive Briggs e este é m eu parceiro, detetive Ram irez. Nós gostaríam os de conversar com senhora sobre a agressão. Está disposta a responder algum as questões para nós?”

Gracie quase deixou a covardia tom ar conta e disse *não*. Mas havia um brilho de determ inação nos olhos dos policiais e ela teve a im pressão de que, m esm o dizendo não, eles não iriam sim plesm ente desistir e dar as costas.

Assim , Gracie assentiu, insegura.

“Eu não estou certa de que vou conseguir aj udar”, disse em um a voz baixa.

“Tudo aconteceu tão rápido. Quer dizer, por um lado parecia durar para sem pre.

Pensei que m e m atariam . Pensei que m orreria. Eu queria m orrer”, disse dolorosam ente, fechando seus olhos com vergonha.

Ao seu lado, Wade xingou, e ela poderia j urar que ouviu o palavrão ecoar do outro lado do quarto.

“Quando tento lem brar, tudo não se passa de um grande borrão. Eu não sei quem eles são ou o que eles queriam .”

Gracie queria acusar Zack, isso estava na ponta da língua. Dizer aos policiais que deveriam estar fazendo perguntas a *ele*. Mas ela estava com m uito m edo de vingança. Ela precisava sair da cidade. Não estava segura ali. Zack sabia onde ela estava. Céus, ele disse que ficou procurando por ela. Por quê? Ele estava determ inado a se livrar dela? Ou talvez os hom ens que a estupraram deveriam

tê-la m atado. Silenciá-la de um vez por todas. E por quê? Por am á-lo? O que ela havia feito de tão errado para Zack reagir de m odo tão terrível?

Gracie fechou os olhos, e m ais lágrim as caíram de seus olhos inchados. Wade envolveu-lhe a m ão com a sua e lhe deu um aperto tranquilizador. Em seguida, passou o braço atrás de Gracie e a deslizou para cim a enquanto falava aos detetives para que elevassem a parte de trás de sua cam a.

Fez-se um zum bido ruidoso e logo a cam a estava elevada o suficiente para que ela pudesse sentar-se sem m uita dor ou desconforto.

Então ela deu um a boa olhada em seu quarto de hospital. Seu olhar pousou nas duas pessoas próxim as da porta e ela congelou, o m edo paralisando cada

m úsculo de seu corpo.

Com pletam ente arrasada, encarou, im potente, o m onstro que assom brava tantos de seus sonhos. Em pé, ao lado de um a m ulher que era vagam ente fam iliar. Ela deixou escapar um pequeno ganido de terror e agarrou desesperadam ente a m ão de Wade, sua única âncora naquele m ar de loucura.

Seu pesadelo em pessoa estava parado ao pé da cam a, olhando fixo para ela.

O hom em que ela havia am ado com cada fibra do seu ser. O hom em a quem ela entregou seu coração e alm a. O hom em para quem tinha se guardado, a quem tinha prom etido j am ais estar com nenhum outro, apenas para ter sua dádiva preciosa arrancada em um ato violento, horroroso, devastador.

Zack.

DEZESSEIS

Zack sentiu com o se tivesse levado um soco direto no estôm ago. Ficou sem fôlego e sentiu o peito e o coração serem tom ados pela dor, que sentia em cada um a de suas term inações nervosas. Assim que Gracie olhou para ele, sua expressão se transform ou em pavor… e em seguida virou repulsa absoluta.

Meu Deus, Zack não podia suportar o fato de que ela pensava… Zack não podia sequer repetir isso para si m esm o. A m era ideia de orquestrar o estupro de Gracie – o estupro de qualquer m ulher – era tão repulsiva que a náusea subiu

das profundezas de seu estôm ago e chegou até a garganta. Que tipo de doente desgraçado faria um a coisa dessas?

E então a ficha caiu: pessoas que ele conhecia, em quem confiava, que cham ava de am igos, tinham violentado Gracie de m aneira terrível, e ele, de algum a form a, *era* responsável. Afinal foi Zack quem apresentou aqueles

“am igos” a Gracie. Ele a expôs para eles. Que tipo de am eaça ela representava para que eles tivessem feito algo tão extrem o contra ela? Ou será que eram apenas pessoas doentes, canalhas de m entes perturbadas que ele tinha j ulgado m al, m uito m al?

Zack não podia suportar a m aneira com o Gracie o olhava. O horror estam pado na cara, a form a com o ela apertou a m ão de Sterling ainda m ais forte e olhava para ele com o se fosse para… protegê-la?

“Tirem ele daqui!”, falou Gracie quase com um grito agudo, sua voz rom pendo sob a tensão.

Ela engasgou com as palavras e term inou com um ataque de tosse doloroso.

Os detetives se viraram com o se esperassem encontrar alguém novo no quarto. Seus olhares tornavam -se confusos quando viram que apenas Zack e Eliza estavam ali. Detetive Briggs ficou encarando Zack, depois olhou de volta para o rosto branco feito papel de Gracie, e voltou a olhar de novo para Zack, apertando os lábios.

“O que está acontecendo aqui?”, Ram irez perguntou.

Agora Gracie estava trem endo sem parar, e seu m edo tinha se transform ado em um ataque de pânico total. Ela levou a m ão livre para a boca, m as estava tão agitava que seus dedos ficavam tocando os lábios em um ritm o nervoso.

“Façam ele sair!”, Gracie disse, cada vez m ais histérica.

“Shhh, Anna-Grace”, disse Sterling serenam ente. Ou m elhor, tentando acalm á-la. Mas Gracie estava perdida. Ela era um ser aterrorizado, tom ado pela angústia, e isso partia o coração de Zack.

Ela m eneou a cabeça, seus dentes tiritando tão violentam ente que, quando

tentou falar algo, as palavras se perderam em um a confusão incom preensível.

Sterling virou-se para Zack, com um a expressão pesarosa.

“Talvez você devesse ir”, ele disse em voz baixa. “Por enquanto. Até que Anna-Grace responda às perguntas dos detetives.”

“Por que está com tanto m edo dele, Srta. Hill?”, questionou o detetive Briggs, ainda encarando Zack.

Em qualquer outro m om ento Zack teria apreciado – e elogiado – a presteza do detetive e sua atenção aos detalhes. Mas naquele m om ento ele apenas queria que os dois hom ens fizessem suas perguntas e dessem o fora. Eles precisavam pegar alguns desgraçados, e Zack não estava incluído entre eles.

Para a surpresa de Zack, Sterling olhou para o detetive, enquanto acalm ava Gracie com um a das m ãos, e disse:

“Ela está com preensivelm ente com m edo de m uitos hom ens neste m om ento.

Você pode culpá-la? Ela foi brutalizada e estou certo de que gostaria de acabar com isso o quanto antes. Então, por favor, façam suas perguntas e depois deixem -na descansar.”

Ram irez franziu as sobrancelhas, m as decidiu não se aprofundar no assunto.

No entanto, Zack ainda assim prendeu a respiração enquanto os detetives voltavam suas atenções novam ente a Gracie. Sterling cruzou o olhar com Zack e indicou com o queixo que ele deveria sair naquele m om ento.

Droga. Por m ais que odiasse a ideia de não ficar para ouvir a explicação de Gracie do que tinha acontecido, Zack não podia estressá-la ainda m ais com sua presença.

Eliza o cutucou m ostrando a direção da porta aberta e Zack afastou-se, relutante, na direção da entrada. Quando estava longe o suficiente da sala, ele bateu o punho contra a parede, em itindo um som de raiva que estava contido havia m uito tem po.

Lágrim as escorriam pelo rosto de Zack, deixando um a trilha gravada em sua

pele. Então, após três socos sucessivos – o últim o acabou lascando a tinta –, ele inclinou-se para frente, e deixou a testa apoiada contra a parede.

Eliza colocou a m ão nas costas dele e sim plesm ente a deixou ali, com o um gesto de am paro silencioso. Por fim , quando Zack sentiu-se capaz de encontrar palavras, engoliu o nó latej ante que havia na garganta e virou-se para encarar Eliza.

“O que eu faço, Lizzie?”, ele perguntou arrasado. “Céus, eu nem ao m enos sei qual tem po que um caso de estupro com agravantes leva para prescrever no Tennessee. E se Gracie decidir prosseguir com a investigação, pelo am or de Deus? Quer dizer, eu *quero* que ela faça isso. Eu gostaria de ver aqueles canalhas apodrecerem na prisão pelo que fizeram , m as com ela acreditando que eu arquitetei tudo? Eu poderia acabar na prisão j unto com aqueles desgraçados.”

“Ninguém j am ais conseguiria provar isso no tribunal”, disse Eliza em um tom pesado.

“E isso era para fazer eu m e sentir m elhor? *Quero* j ustiça para Gracie. Mas eu que não vou receber a culpa por algo que eu nunca e j am ais faria. Só que com o posso convencê-la da m inha inocência? Por doze anos, Gracie pensou que arm ei para ela. Isso é quase a m etade da vida dela! Ela acreditou, de corpo e alm a, por m ais de um a *década*, que eu a traí da pior m aneira possível. E com o é que Gracie iria ter essa ideia tão absurda, a m enos que eles a tivessem feito acreditar nisso? Então, em essência, fui traído por caras que considerava am igos.

Não consigo im aginar nenhum dos m eus am igos fazendo um a coisa tão doentia e

perversa. E ainda arm arem para cim a m im ? Isso tudo é m aluquice. É com o algo que só acontece nas porcarias das novelas. Um a m erda dessas não acontece na vida real. A não ser pelo fato de que *está* acontecendo. Com igo e com Gracie.”

Eliza suspirou.

“Não sei o que dizer, Zack. Eu gostaria de saber. Eu gostaria m esm o de poder deixar tudo isso m ais fácil para você.”

“Eu só quero conversar com ela e poder explicar tudo. Queria ter um a

oportunidade de fazê-la confiar em m im de novo.” Zack parou e hesitou antes de dizer a últim a parte. “De fazê-la m e am ar de novo”, ele sussurrou. Ele levantou seu olhar para Eliza m ais um a vez. “Eu sou um idiota. Pode ir em frente, fale.

Que tipo de im becil continua apaixonado por sua nam oradinha da escola por doze anos?”

“Não existem regras quando se trata de am or”, disse Eliza com suavidade.

“Infelizm ente, nem sem pre podem os escolher quem am ar ou por quanto tem po.

Am or é... inexplicável. Pode arruinar sua vida e deixar você de j oelhos, ou ao m enos é isso o que as pessoas dizem . Não posso dizer que eu algum a vez j á tive o prazer de saber o que é am ar, nem posso dizer que sinto falta disso tam bém .

Parece que am ar alguém é se abrir para toda sorte de sofrim ento. Não, obrigada.”

O nariz de Eliza enrugou em um a dem onstração de distância e por um m om ento, Zack sinceram ente concordou com ela. O am or era um a droga. O

am or nos tornava vulneráveis e nos fazia entregar m uito do controle de nós m esm os para outra pessoa.

O celular de Zack tocou, e ele olhou de relance para baixo, tirando-o do bolso e vendo o nom e de Beau brilhando na tela.

“E aí, cara”, Zack cum prim entou sem a m enor vontade, sabendo que ele soava, naquele m om ento, com o um hom em cuj a m enor das vontades era conversar ao telefone.

“Já deixei tudo certo para você e Gracie. Um a casa que ninguém poderia rastrear. Com pletam ente abastecida e segura. Depois que você e Gracie se instalarem , pelo m enos dois dos nossos hom ens ficará à paisana, com um terceiro fazendo passagens periódicas. Eu tam bém pedi um favor à Polícia de Houston e eles vão incluir a casa nas patrulhas rotineiras dia e noite.”

“Talvez eles não queiram m e prestar um favor por m uito tem po”, m urm urou Zack.

Se Gracie decidisse fazer as acusações contra Zack para os dois detetives, ele poderia m uito bem ir parar atrás das grades, para em seguida ser enviado de volta ao Tennessee, onde toda essa história suj a com eçou.

“Por que você diz isso?”, perguntou Beau.

“Nada. Prossiga. Eu preciso voltar para Gracie”, m entiu.

“Algum a ideia de quando irão liberá-la?”

Zack foi tom ado pelo pânico. Ele não estava pronto para Gracie receber alta.

Ela iria ficar m aluca se tivesse que ir para a casa de Zack. Mas, ao m esm o tem po, talvez isso fosse exatam ente o que ele estava precisando: um tem po sozinho com Gracie para convencê-la de sua inocência. Desde que ela não gritasse sem parar nem o fizesse ser preso por sequestro.

Talvez Zack devesse repensar na possibilidade de ter Eliza e Gracie j unto com ele ou até m esm o em levar Gracie para a casa de Eliza.

Zack bufou, fechando seus olhos.

“Não. Mas eu não acho que vão dar alta para ela antes de am anhã à tarde.

Ela está bastante abatida e com um a aparência horrível.”

“Nós estam os correndo com isso tudo, Zack”, disse Beau com a voz séria.

“Não deixarem os pedra sobre pedra. Nós *iremos* acabar com esses canalhas.

Custe o que custar.”

“Obrigado, cara. Eu agradeço.”

Zack hesitou antes de trazer à tona o assunto que m ais pesava na sua consciência. Ele quase não fazia confidências a Beau, m as Beau era confiável.

Ele era a coisa m ais próxim a de um m elhor am igo que Zack tinha, após viver

a m aior parte de sua vida na solidão e no exílio. Entristecido com Gracie por anos, ele se m anteve propositalm ente distante de outras pessoas. Não perm itia a ninguém que se aproxim asse. E foi assim até ele ir trabalhar para os Devereaux.

E, bem , Eliza sabia, então logo os outros saberiam tam bém , em bora Zack duvidasse de que ela fosse contar seu segredo.

“Preciso da sua aj uda com outra coisa.”

“Qualquer coisa, cara. Você sabe que é só falar.”

Zack colocou a m ão atrás do pescoço e olhou para Eliza, que lhe devolveu um olhar de apoio, com o se ela soubesse exatam ente do que ele iria pedir.

“Eu preciso de um a pesquisa discreta sobre algum as pessoas do Tennessee.

Velhos... am igos m eus.”

Zack quase engasgou com as palavras. O ódio o consum ia.

Ele j am ais soube antes o que era odiar alguém , antes de passar a odiar as pessoas que fizeram aquilo a Gracie. Ele trem ia de raiva, m al podia enxergar através da névoa de fúria que em baçava sua visão.

“Ok. O que devo procurar, Zack?”

A voz de Beau tinha um tom pesaroso, com o se ele sentisse a im portância do pedido.

Rezando para que não com eçasse a chorar ao telefone com seu parceiro, Zack recontou com calm a tudo o que Sterling tinha lhe falado m ais cedo. No final, houve um silêncio chocante e prolongado. Zack podia visualizar Beau boquiaberto processando tudo o que tinha escutado.

Depois de um a pausa longa, Beau elevou a voz e disse:

“Mas que porra é essa?”

Zack podia senti-lo fervilhando pelo telefone e im aginou o encorpado Beau

eriçado de raiva.

“Isso é loucura!”, balbuciou Beau, antes que Zack pudesse falar qualquer outra coisa. “Meu Deus, isso é… m aluquice! Ela acredita nisso? Ela sinceram ente *acredita* nessa m erda toda?”

Novam ente, Zack fechou os olhos, tom ado pelo cansaço – e pelo alívio. Era bom ter a confiança incondicional das pessoas com quem ele trabalhava. Não apenas trabalhava com o tam bém considerava am igos próxim os. Seus únicos am igos, ironicam ente, dado que ele tinha rom pido com certo grupo de “am igos”

em sua cidade natal. O m esm o grupo de garotos com quem ele ainda m antinha

contato, os m esm os filhos da puta que destruíram a vida dele e de Gracie. Os m esm os hom ens que violentaram horrivelm ente a m ulher que am ava.

“Ela acredita nisso”, disse Zack calm am ente. “Fica histérica toda vez que m e vê.”

“Droga. Sinto m uito, cara. Isso é um a m erda. O que você vai fazer?”

“Convencê-la de algum a form a que eu não tive nada a ver com o estupro”, Zack disse em voz baixa. “É tudo o que posso fazer. E, nesse m eio-tem po, preciso fazer tudo o que for possível para encontrar a verdade e fazer j ustiça para Gracie. Para m im . Para… *nós*. E por todo o tem po que perdem os.”

DEZESSETE

Zack se rem exia e cam inhava im pacientem ente pelo corredor na frente da porta de Gracie. Ele conferiu seu relógio pela sexta vez e bufou. Já fazia um a hora desde que a polícia tinha chegado para interrogá-la. Por que diabos estavam dem orando tanto? Ele odiava estar ali, do lado de fora, com o se não fosse um a figura im portante na vida e no bem -estar de Gracie.

Ela até podia querer que Zack não estivesse por lá, m as ele não iria recuar, e com toda certeza não daria as costas para Gracie, ainda que fosse o que ela exigia repetidam ente. Talvez fizesse dele um canalha. Talvez devesse obedecer aos desej os dela e desaparecer. Era óbvio que sua presença estava causando um a extrem a angústia em ocional. Mas, que droga, Zack não podia sim plesm ente

fazer isso. Ele não podia abandoná-la sem lutar. Tinha que encontrar um a m aneira de fazê-la acreditar que ele não havia feito aquela coisa terrível. Se ao m enos Gracie pudesse ler sua m ente…

Zack parou de andar e ficou im óvel.

Eliza im ediatam ente percebeu um a m udança de hum or, porque se aproxim ou cheia de preocupação no olhar.

“O que foi, Zack?”

Ele bufou, lem brando-se do discurso em otivo de Gracie: de que ela não podia m ais ler m entes e que leria m esm o que pudesse. Gracie disse que Zack lhe tirou isso tam bém . Que diabos ela queria dizer? Essa seria a solução m ais fácil. Se ao m enos ela entrasse na m ente dele, então *saberia* o inferno que em que ele viveu pelos últim os doze anos. Gracie saberia que Zack passou m ais de um a década procurando por respostas – por ela. E teria a certeza de que ele não tinha nada a ver com o estupro, de que Zack m orreria antes de pensar em fazer qualquer m al a ela.

“Você se lem bra de quando estava rolando aquela m erda toda com Ari, quando eu disse que conhecia alguém que lia m entes?”, ele perguntou em voz baixa.

Eliza franziu a testa, pensativa, e ficou em silêncio por um m om ento, com o se estivesse tentando se lem brar da ocasião. Então os olhos dela brilharam , m ostrando que ela evidentem ente se recordava daquela antiga conversa.

“Sim , eu m e lem bro. Mas você nunca falou quem era. Eu m e esqueci com pletam ente disso, para ser honesta.”

“Eu estava falando de Gracie, ela podia ler m entes. Sei que parece m aluquice, m as, de todas as pessoas, você não deve ter dificuldade para acreditar nisso. Quer dizer, depois de Ram ie e Ari e de todos os casos m alucos que tivem os.”

A expressão de Lizzie indicava que ela estava confusa.

“Mas, Zack, se ela pode ler m entes, então certam ente…”

“Sim , eu sei”, disse Zack, cortando-a no m eio da frase. “A segunda vez que a

vi, no ateliê de arte quando ela perdeu o controle e entrou em pânico, quando ela estava m orrendo de m edo de m im e insinuou sobre essa coisa horrorosa que eu teria feito, eu falei para ela ler m inha m ente. Seria bem sim ples, certo? Eu falei para Gracie ler a m inha m ente se ela duvidava de m im . Ela saberia rapidam ente a verdade e que, sej a lá que diabos ela pensou que eu fiz, iria saber que eu não tinha feito nada daquilo!”

Eliza ainda parecia confusa.

“E então, Gracie fez isso? Você estava certo, se ela realm ente tivesse essa habilidade seria um a solução sim ples. Aí ela não estaria do outro lado desta porta aterrorizada por estar no m esm o am biente que você. Obviam ente Gracie não conseguiu, ou não pôde, pois de outra m aneira ela saberia a verdade, certo? Por que ela não fez isso, Zack? Ela *não gostaria* de saber a verdade?”

Zack arrastou a m ão pelo seu cabelo.

“Gracie m e disse que não podia. Disse que m esm o se pudesse, ela não o faria. Então disse que eu tirei isso dela tam bém , e que essa era a única coisa pela qual podia m e agradecer. Que diabos ela quis dizer com ‘não podia’? Ela m encionou que nunca m ais queria ler a m ente de ninguém novam ente. Disse algo sobre as pessoas serem cruéis.”

Eliza estava com um a expressão e um olhar inquietos.

“Sej a lá o que for, não é nada bom . Acho que você deveria com eçar a partir daí. Descobrir com o ou por que ela perdeu sua habilidade. E você tem certeza de que era real? Quer dizer, era algo que Gracie alegava que podia fazer, ou você sabia, de fato, que ela realm ente podia?”

“Ah, era real”, disse Zack suavem ente. “Ela escondia de todos, m enos de m im . Ela ficava aterrorizada com o que poderia acontecer se as pessoas descobrissem . Tinha m edo de que a tratassem com o um a aberração e acabar isolada socialm ente. Você precisa com preender, Gracie tinha problem as de autoconfiança. Ela era incrivelm ente tím ida e sua autoestim a não era das m elhores. Sua habilidade de ler m entes era o que a fazia acreditar em m eus sentim entos.”

Zack parou de falar e riu com am argura.

“Surpreendente, não? Ela era capaz de m e ler com o um livro aberto. Gracie sabia, e na verdade estava segura, de que eu a am ava. Que o que eu sentia por ela era genuíno. Sua habilidade de ler m entes foi o que a convenceu de que eu não estava querendo apenas m e divertir ou só tentando levá-la para a cam a. Meu Deus, com o nós esperam os. Nunca fizem os am or. Ela era m uito j ovem e eu achava que tínham os todo o tem po do m undo. Ela teria se entregado para m im .

Gracie confiava em m im e acreditava totalm ente no m eu am or por ela. Mas eu queria esperar. Nunca quis que ela tivesse dúvidas de que eu, aos 20 anos de idade, iria m e aproveitar de um a garota de 16. Então, foi m inha decisão esperar.

Queria que nossa noite de núpcias fosse especial. Era m uito im portante para m im que eu fosse o prim eiro – e único – hom em dela. Eu deveria ser o único hom em a fazer am or com ela.”

Zack com eçou a chorar e cobriu o rosto com as m ãos.

“Céus”, ele disse, suas palavras abafadas pelas m ãos. “A prim eira vez dela foi horrorosa, violenta, dolorida. Nada parecido com o que eu tinha planej ado. Eu

queria ser afetuoso, delicado, am oroso. Ser a expressão definitiva do m eu am or por ela. Em vez disso, a virgindade de Gracie foi brutalm ente tirada dela por anim ais filhos da puta.”

Eliza colocou os braços em torno de Zack, circundando-lhe a cintura, enquanto ela se inclinava e pressionava o rosto contra o peito dele. Ela sim plesm ente o segurou enquanto seu corpo arfava com em oção. Zack queria chorar com o um bebê. Ele queria chorar por tudo o que tinha perdido, por tudo o que Gracie teve de suportar – e perder. E pelo que eles j am ais teriam de volta.

“Então ela era capaz de ler m entes, incluindo a sua, e agora ela não consegue m ais?”

O tom de Eliza era cético. Zack tam bém tinha achado difícil de acreditar.

Será que Gracie estava apenas se fechando para evitar m ais dor e tristeza? Talvez ela estivesse com receio de confirm ar suas acusações. Talvez ela não conseguisse suportar ter suas piores suspeitas com provadas.

Não, não podia ser. Gracie sem pre foi capaz de ler cada parte de Zack. Capaz de ler seus sentim entos m ais profundos e queridos. Ela conhecia seu coração –

sem pre o com preendeu. E Gracie saberia que ele foi com pletam ente sincero sobre seu am or. Ela dizia risonha que ser capaz de ver o am or de Zack por ela era o m elhor dos presentes. Que nunca teria de duvidar, porque tudo o que precisava fazer era abrir sua m ente a Zack, para que o am or por ela preenchesse seu coração, sua m ente e sua alm a.

E ainda assim , apesar de ter testem unhado os pensam entos m ais íntim os dele, apesar de ver a totalidade – e a sinceridade – de seus sentim entos, sabendo que ele a am ava com todo seu coração, Gracie acreditava de verdade que ele havia feito parte de algo tão terrível? Que seria capaz de fazer tal atrocidade com *qualquer* m ulher, ainda m ais com a garota a quem adorava… Com o ela podia acreditar nisso por um m om ento que fosse?

Zack ficava com m ais raiva a cada m inuto que passava. Ele estava chocado, devastado, desequilibrado. Tinha ficado destruído ao descobrir a chocante verdade. Mas agora, depois de ter digerido isso com pletam ente, depois que o entorpecim ento inicial passou, Zack estava com raiva. Não, com raiva não.

Estava *furioso*.

Ele tinha dado tudo à Gracie. Tinha dado seu coração, sua alm a. Ela *sabia* o quanto Zack a am ava. Então com o ela pôde, ainda que fosse por um único m inuto, acreditar para valer que ele faria três de seus *amigos* a estuprarem daquele j eito? Que tipo de doente Gracie achava que ele era? E com o... com o ela podia alegar que o *amava* se estava tão disposta a acreditar – a aceitar – que ele havia feito algo tão terrível?

Zack se sentiu tão traído quanto ela acreditava ter sido. Aquilo tudo não fazia o m enor sentido.

“Estou furioso, Lizzie. Deus m e aj ude. Eu sei que isso provavelm ente está errado, m as estou tão furioso que quero atravessar aquela parede com um m urro. Com o Gracie pôde acreditar nisso? Com o ela pôde ter tão pouca fé em m im a ponto de acreditar que eu fiz isso?”

“Entendo”, Eliza m urm urou. “Eu queria m uito que houvesse algo que eu pudesse fazer, qualquer coisa, para aj udar. Isso é tão confuso. Quer dizer, eu

nunca passei por algo assim , e acredite em m im quando digo, eu realm ente achava que j á tinha visto de tudo.”

Zack a apertou m ais forte em seu abraço.

“Obrigado por isso. Eu m e sinto tão culpado por estar bravo, m as que droga!

Sem pre volto a com o ela pôde pensar na possibilidade de que eu teria arm ado isso. Gracie m e conhecia m elhor do que qualquer um !”

Eliza elevou um olhar sério e m elancólico para ele.

“Tem algo faltando nesta história, Zack. Algum a coisa de que ainda não estam os cientes. Algo grande. Até que você descubra que peça está faltando nesse quebra-cabeça, nada vai fazer sentido. Vam os esperar que ela se abra.

Para que vocês dois possam conversar e fazer as pazes com o passado. Nenhum de vocês um dia será capaz de deixar isso para trás até que tudo sej a revelado."

"Eu queria tanto saber o que foi isso", m urm urou Zack. "Ela não está exatam ente disposta a falar m uito. Eu só descobri o que aconteceu por causa de Sterling. Acho que Gracie *nunca* iria m e contar. E agora não sei o que fazer. Eu finj o que não sei o que aconteceu? Faço-m e de desentendido e espero até quando, ou *se*, Gracie decidir que vai m e contar? Ou eu falo logo o que sei e exij o saber por que ela está tão convencida de que eu fiz parte disso?"

"Essa é difícil", adm itiu Eliza. "Eu não sei o que te dizer. Talvez você deva ficar quieto, pelo m enos por enquanto. Faça-a confiar e se abrir para você. Tente com eçar por aí. Mas se ela continuar a se afastar e não quiser saber de conversa nem de falar nada, então acho que deve abordar a situação de vocês dois com a inform ação que conseguiu de Sterling. Porque o problem a é que, ainda que ela tenha se confidenciado com ele, Gracie não disse m uito. Sterling não sabia m uito além do fato de que ela foi estuprada por seus am igos, incitados por você. Gracie não lhe contou com o ou por que ela *sabe* que você estava envolvido. Isso m e dá a entender que ela falou m uito pouco sobre tudo o que aconteceu."

Zack fez um a careta.

"Se eu pressioná-la, vou estar agindo com o um com pleto babaca. Se eu m e afastar, j am ais vou saber a verdade. Então, de qualquer form a, saio no prej uízo."

"Talvez não", m urm urou Eliza. "Não será fácil, querido. Mas se provar que ela pode confiar em você, se estiver ao lado dela para o que precisar todos os dias, então um a hora ela vai relaxar e baixar a guarda. Se Gracie não estiver disposta a confiar em você relativam ente rápido, então nesse caso acho que você deve abrir o j ogo com ela e contar o que sabe. Talvez sej a dem ais para ela contar toda a história. Não a história resum ida que contou a Wade. Em algum ponto, Gracie terá de colocar isso para fora. O fato está apodrecendo dentro dela há doze anos. E nesse tem po todo, se ela não confiou em ninguém ou se não lidou com seus dem ônios por conta própria, então cedo ou tarde ela irá desabar. E não vai ser nada legal. E Gracie vai precisar de você m ais do que nunca."

"Se eu conseguir fazer as coisas do m eu j eito, ela nunca m ais ficará sozinha", disse Zack calm am ente.

A porta abriu e os dois detetives saíram no corredor, olhando de relance com o que se estivessem procurando por Zack.

“Conseguiram algum a pista?”, ele perguntou, se apressando na direção deles, com a expressão preocupada.

O detetive Briggs fez um a careta.

“Não. Infelizm ente, não conseguim os m uito. Acredito que você será de m uito m ais aj uda do que a Srta. Hill. Parece que ela era apenas um a m ulher inocente que estava no lugar errado, na hora errada. Foi um crim e com etido porque havia a oportunidade.”

Zack tentava m anter sua raiva m ortífera fora de suas feições. Mas estava difícil.

“Foi um a oportunidade que eles nunca m ais terão”, disse ele firm em ente.

“Podem os conversar na lanchonete e pegar um a xícara de café?”, Ram irez perguntou. “Eu e m eu parceiro tem os várias perguntas para você e para a Sra.

Cum m ings.” Ele assentiu m ostrando reconhecer Eliza e o fato de que se lem brava do nom e dela.

“É, nós fizem os m erda”, bufou Eliza, com o se doesse adm itir os fracassos da DSS. “Depois da últim a vez, esses desgraçados ficaram na m oita, e Beau e Ari estavam felizes por poder deixar essa história para trás. Com a aniquilação com pleta da m atriz da em presa e, Ari elim inando a m aioria dos hom ens da organização, nós presum im os erroneam ente que eles não eram m ais um problem a. Obviam ente, eles estão por aí aguardando e observando, querendo vingança.”

Briggs assentiu.

“Vam os encontrar um lugar m ais confortável para conversar. Precisarei de um a hora do tem po de vocês.”

Zack hesitou. Ele olhou de volta em direção ao quarto, m as Sterling ainda não havia saído.

“Com o Gracie estava quando vocês term inaram ?”, ele perguntou aos dois

detetives com um a voz baixa.

“Com raiva”, disse Ram irez honestam ente. “Com m edo. Confusa. Mandou cham ar a enferm eira quando term inam os. Ela estava realm ente sentindo m uita dor.”

“Dê-m e apenas um m inuto”, m urm urou Zack. “Apenas quero vê-la antes de irm os à lanchonete. Preciso ter certeza de que Sterling pode ficar com ela para que não fique sozinha até Eliza e eu voltarm os.”

Os detetives assentiram e Zack afastou-se. Ele abriu devagar a porta, espiando na cam a onde Gracie descansava, Sterling ainda ao seu lado.

Sterling levantou o olhar e se virou em direção à porta quando a escutou se abrir. Zack olhou para ele com um olhar inquisidor, perguntando tacitam ente com o Gracie estava. Sterling fez um a careta e m eneou a cabeça para Zack, indicando claram ente que ele não deveria entrar.

Eu vou ficar.

Sterling pronunciou as palavras sem fazer som algum . Zack ainda ficou ali por um bom tem po, debatendo-se internam ente sobre o que deveria fazer.

Finalm ente, assentiu e recuou para longe do quarto, fechando a porta atrás de si.

No dia seguinte, Gracie iria para casa. Eles em breve estariam vivendo em proxim idade forçada. Até a hora em que pudesse levá-la para sua casa, onde, para todos os efeitos práticos, ela seria obrigatoriam ente um a espectadora, Zack se forçaria a ser paciente. Essa era a coisa m ais im portante que ele j á havia feito

em sua vida e ele não podia se dar ao luxo de estragar tudo e perdê-la para sem pre.

DEZOITO

Anna-Grace em itiu um gem ido suave ao tentar sentar-se na cam a. Levou um a eternidade m over suas pernas até a beirada, para que pudesse colocar seus pés no chão.

Após realizar essa façanha, ela ficou por longos e dem orados segundos agarrando a proteção da cam a com força, enquanto tentava recuperar o equilíbrio. Quando a tontura dim inuiu um pouco, ela largou da barra cuidadosam ente e testou o equilíbrio.

Apesar da dor que vinha de seus m úsculos doloridos e rígidos e das costelas fraturadas, ela estava relativam ente estável sobre os próprios pés. Deu um passo, estrem ecendo com o esforço. E então m ais um . Meu Deus, nesse ritm o ela levaria um a eternidade para sair dali. Com o diabos ela conseguiria passar pelas pessoas encarregadas de m antê-la no hospital? Mas eles não podiam obrigá-la a perm anecer ali, podiam ? Com certeza isso devia ser ilegal.

Tudo o que Gracie sabia era que, se ficasse, Zack iria sequestrá-la do hospital e a levaria para casa com ele. Ele *contou* que era isso o que iria acontecer. E

para quê? Para que ele pudesse protegê-la dos anim ais que a atacaram ? E quem diabos a protegeria *dele*? A ideia de ficar sozinha com ele a assustava. Isso *deveria* assustá-la. No entanto, havia algo diferente em Zack. Algo que ela não entendia com pletam ente. Talvez fosse a confusão genuína em sua cara quando ela falou do passado.

Gracie m eneou a cabeça, recusando-se a pensar naquilo e arrependendo-se, na m esm a hora, do que tinha feito. O quarto girava e o chão parecia chegar até ela e engoli-la. Ela rapidam ente fechou os olhos e inspirou fundo pelo nariz.

“Droga, Gracie. Que diabos você pensa que está fazendo?”

As pálpebras dela trem ularam ao abrir, e Gracie viu Zack bem à sua frente, com os olhos brilhando de preocupação. Ela ficou tensa quando ele estendeu a m ão para lhe dar apoio, m as seu aperto era infinitam ente gentil.

Com ternura total, Zack com eçou a guiá-la de volta para a cam a, m as Gracie fincou os pés no chão e levantou a m ão, para im pedi-lo.

Ele franziu a testa, porém m ais por preocupação do que por desgosto. Zack percorreu o olhar por ela, captando cada detalhe, cada ferida e m achucado.

“Preciso ir ao banheiro”, disse Gracie em um a voz baixa, envergonhada.

Era verdade. Sim , tinha planej ado fugir, m as não antes de fazer um a ida m

uito necessária ao banheiro. Observando em retrospecto, Gracie viu que era idiota pensar que poderia realizar a tarefa de escapar dali por si só. Era m elhor esperar e pedir aj uda a Wade. Meu Deus, onde ele estava? Por que ele não estava ali?

As feições de Zack suavizaram e então ele colocou os braços em volta da cintura dela e firm ou seu corpo.

“Aqui, segure-se em m im ”, ele disse. “Eu aj udo. Por que não cham ou a

enferm eira?”

Gracie ficou ruborizada e foi tom ada por um a onda de culpa. Em seguida, ela ficou aborrecida consigo m esm a. Por que deveria sentir-se culpada? E daí se ela planej ou fugir sem que Zack j am ais descobrisse? Sim , tinha planej ado desaparecer e, se possível, nunca m ais ver Zack. Doía dem ais olhar para ele e pensar em tudo o que nunca m ais poderia ser. O que costum ava ser e o que ela perdeu.

Um tipo diferente de dor a atacou. Um a dor m ais profunda e m ais aguda do que todos os hem atom as que ela sofreu. Por tanto tem po, Gracie tinha se afastado da agonia, da traição, de sentir qualquer coisa que fosse. Sua vida tinha ficado vazia, desprovida de qualquer em oção, porque se perm itir sentir significava se abrir para um a vida de sofrim ento e m ágoas.

Um soluço brotou do seu peito, na parte m ais profunda de sua alm a, e ela rapidam ente o abafou, obrigando-se a retom ar a frieza que a envolvia de m odo perm anente. Gracie não podia se perm itir um a única recaída. Não podia dar nenhum a oportunidade para o passado m achucá-la nem para ser assom brada pelas traições. Era m uito m elhor não sentir absolutam ente nada.

“Gracie? Você está bem ?”

A voz preocupada e ansiosa de Zack a tirou de sua batalha interna. Gracie piscou e então percebeu que eles j á estavam parados dentro do banheiro.

“Você precisa de aj uda?”, perguntou Zack gentilm ente.

Suas bochechas estavam coradas, e ela se sentia com pletam ente m ortificada.

Meneou a cabeça, enquanto o afastava.

“Eu vou ficar bem ”, disse, firm em ente.

Zack lançou a ela um olhar de dúvida, m as não discutiu, graças a Deus. Nem insistiu em deixar a porta aberta.

“Estarei logo aqui fora. Grite se precisar de m im ”, disse suavem ente.

Gracie preferia m orrer a pedir qualquer coisa para ele.

Enquanto term inava de usar o banheiro, devagar e dolorosam ente, trabalhava rápido em um plano para se livrar de Zack. Ela pediria aj uda a Wade. Ele era seu am igo – seu único am igo. Mas talvez Gracie tivesse sido um a tola ao confiar nele. A prim eira pessoa em quem confiou ou que perm itiu se aproxim ar desde…

Zack.

Se ao m enos ela estivesse acordada quando Wade saísse. Ela poderia desaparecer antes que Zack retornasse. Ela devia ter raciocinado m ais. Não apenas Zack, m as as pessoas da em presa de segurança – sem falar nos guardas do hospital e a polícia – eram presença constante.

Gracie iria receber alta pela m anhã e então Zack a levaria para sabe-se lá onde, e ela não fazia ideia de quais seriam suas chances de escapar. Por quanto tem po ele pretendia m antê-la enclausurada – prisioneira – em qualquer que fosse o lugar para onde a levaria?

Ser forçada a ficar em sua presença, sozinha, por um período indeterm inado de tem po, era a m ais cruel das punições. E o que ela havia feito para m erecer isso?

Lágrim as queim avam as pálpebras de Gracie com o ácido. Ela enrubesceu furiosam ente, tentando aliviar qualquer sinal de choro. O olhar atento de Zack

não deixava passar m uita coisa, e ele perceberia isso logo de cara.

Gracie não iria chorar. Ela se recusava a perm itir que Zack a fizesse derram ar lágrim as novam ente. Tinha passado sem anas e m eses sem fazer nada além de

chorar, sofrendo pela perda de algo verdadeiram ente m ágico. Mas ela era apenas um a garota de 16 anos. Não tinha com o saber direito. Agora, aos 28, Gracie estava acim a daquela paixão j uvenil. Ela j á não sonhava m ais com o *felizes para sempre*. Ela aprendeu da m aneira m ais difícil que essas coisas não existiam .

Fechou a tam pa do vaso sanitário e, em seguida, sentou-se, escondendo o rosto entre as m ãos. Talvez, se ficasse ali por bastante tem po, Wade voltaria e ela não ficaria sozinha com Zack.

Se a tornava um a covarde, ela certam ente poderia conviver com isso. Gracie m al podia encará-lo sem que isso quase a destruísse. Ela, de fato, tinha achado que deixou o passado para trás. Até Zack aparecer inesperadam ente na galeria e de novo no ateliê. Em apenas alguns segundos, tudo o que ela havia feito para sobreviver aos últim os doze anos desabou.

Doze anos de torpor pela tristeza e pela dor de um coração partido. E pela m ágoa.

Porque ainda que odiasse Zack pelo que fez, Gracie ainda sofria por aquela garota de 16 anos sonhando com o “felizes para sem pre”. Ela lam entava a perda da inocência e da crença de que havia bondade no m undo.

Ironicam ente, sua infância terrível não conseguiu derrotá-la. Ela não teve pai e tinha um a m ãe alcoólatra que, na m aioria das vezes, nem ao m enos lem brava da existência de Gracie, m uito m enos de que ela era sua filha. Gracie deveria estar acostum ada a ser abandonada pelas pessoas. A ser traída. Mas nem m esm o ser abandonada pela m ãe e enviada para a casa do tio, tam bém alcoólatra, e ser abusada verbal e fisicam ente, foram capazes de derrubá-la.

E quando seu tio m orreu, deixando-a sem teto, Zack veio e a tirou de lá.

Zack queria m uito que Gracie se m udasse para sua casa, m as ele sabia e lam entava o fato de que seu pai a desprezava. Parecia que ninguém no m undo se im portava se Gracie estava viva ou m orta. Exceto Zack.

Ele até m esm o queria m udar-se para um quarto m inúsculo de hotel por Gracie, para que ela não precisasse ficar sozinha, m as o pai ficou louco de raiva.

Zack não ligou, m as seu pai am eaçou cortar o dinheiro e acabar com os planos

de ele ir à Universidade do Tennessee.

Mais um a vez, Zack não se im portou. Ele am eaçou desistir totalm ente da faculdade, o que só serviu para enfurecer seu pai ainda m ais. Apenas quando Gracie im plorou para que ele ficasse em casa, fizesse as pazes com o pai e fosse à faculdade foi que Zack aceitou, com algum a relutância.

Zack odiava o fato de Gracie ter ficado sozinha, de ter vivido só e sem ninguém para cuidar dela. Ele tentou encontrar um a m aneira de fazê-la se m udar para Knoxville com ele para que Gracie estivesse próxim a durante o ano letivo. Assim , Zack nunca teria de ir para casa nos fins de sem ana ou feriados.

Mas encontrar um lugar que eles pudessem pagar foi im possível, e não havia j eito de ela ir à escola, a m enos que Zack a levasse e a buscasse, e com os treinos de futebol isso seria im possível.

Gracie não se im portava com a solidão de viver no hotel com apenas os cuidadores de idosos com o com panhia cotidiana. Pela m aior parte do tem po, ela fazia seu trabalho, quieta e eficiente. O gentil casal que adm inistrava o hotel e restaurante se ofereceu para levá-la à escola todos os dias.

Mas os m elhores m om entos eram quando Zack voltava para casa. Eles não saíam m uito. Ele a aj udava a lim par os quartos para que term inasse m ais cedo e eles passassem a tarde e a noite em seu pequeno quarto assistindo à m inúscula televisão, aconchegados j untos na cam a de solteiro. Sem pre sonhando com o futuro, fazendo planos para quando Gracie term inasse o ensino m édio e Zack fosse contratado pelos tim es profissionais.

Ele lhe prom eteu o m undo, m as ela só queria um a coisa. Ele, o seu am or por ela.

E no fim , nada daquilo tinha sido real.

Apesar de todos os seus esforços, um a lágrim a quente escorreu pelo seu rosto. Em vez de lim pá-la, Gracie encolheu seus j oelhos, colocou seus braços em volta das pernas e afundou o rosto contra suas coxas enquanto m ais lágrim as caíam .

Ela deveria odiá-lo, m as apesar de pensar assim , apesar de dever desprezá-lo com pletam ente, Gracie continuava apaixonada pelo garoto que um dia

conheceu. Ela se entristeceu com a perda do sonho com o se Zack tivesse realm ente m orrido. E na essência, Zack *tinha* m orrido. Porque o j ovem que ela havia am ado com o j am ais nunca am aria outro hom em , nunca teria feito algo tão horroroso com o aquilo. O que o fez se voltar contra ela? Ele tinha conhecido alguém na faculdade?

O que Zack fez foi loucura! A m aioria das pessoas apenas term inavam com suas nam oradas e seguiam a vida sem pensar nisso ou sem rem orso. Suas ações pressupunham um profundo e duradouro… ódio. Com o se ele quisesse que ela pagasse por algo e sofresse por algum pecado im perdoável.

O que Gracie podia ter feito para fazê-lo odiá-la tanto, a ponto de ele ir tão longe para se vingar? E por que agora ele negava veem entem ente ter feito qualquer coisa errada e fingia ser inocente? Tem ia algum a represália? Ou Zack apenas procurava m iná-la e fazer parecer que era louca e delirante?

Com o ele podia parecer tão… *sincero*… ao alegar que a procurou pelos últim os doze anos que se passaram ? Meu Deus, será que ele estava querendo…

perdão? Será que ele buscava ser perdoado pelos seus pecados? Ele sentia culpa pelo que fez?

A ideia de que Zack podia achar, por um m inuto que fosse, que Gracie iria perdoá-lo por tal traição fez o vôm ito subir à sua garganta, queim ando enquanto ela engolia de volta.

E, no entanto, ele parecia tão… assom brado. Ninguém podia fingir a dor que ela viu nos olhos dele, nem as som bras que haviam lá. Zack agia com o se fosse *ela* quem o tivesse m achucado. E ele parecia tão sincero.

Gracie m eneou a cabeça. Zack era um ator consum ado. Ele j á não havia provado isso? Ela não podia se perm itir ser sugada para o m undo doentio dele. Se tinha dúvidas de quem ele realm ente era, tudo o que tinha de fazer era recordar o terrível dia em que foi atacada, violada e descartada com o lixo.

Mais lágrim as caíram de seu rosto enquanto ela fechava os olhos com força por causa das m em órias dolorosas. Eles riram dela. Falaram o quanto era patética. Falaram que alguém com o ela nunca seria boa o suficiente para Zack.

E Deus que a aj udasse, quando Gracie se via tom ada por esses pensam entos,

quando eles a consum iam com o se aquele m om ento estivesse acontecendo novam ente, ela sabia a verdade horrível e devastadora.

Foi Zack quem tinha instigado tudo.

Um a forte batida na porta pegou Gracie de surpresa e a assustou, a ponto de ela quase cair pelo banheiro.

“Gracie? Gracie, você está bem ? O que está acontecendo aí? Você precisa da m inha aj uda?”

Ela apressadam ente esfregou o rosto, m as, antes que pudesse responder, a porta se escancarou e Zack apareceu na entrada, com um a expressão séria e preocupada. Então, ele viu o que Gracie tanto tinha tentado esconder e seu rosto se m ostrou m ais aliviado. Ele se aj oelhou no chão do espaço pequeno fechado, e pegou as m ãos dela.

“Ei, você está bem ?”, Zack perguntou gentilm ente. “Você está com dor?

Precisa de algum a aj uda para voltar para cam a?”

Gracie fechou os olhos de novo, fazendo Zack desaparecer de sua frente. Os anos lhe fizeram bem , porém seus olhos m udaram . Pareciam m ais velhos, assustados, com o se tivessem passado pelo inferno. Com o se Zack houvesse atravessado m uita tristeza – e ainda estivesse triste. Mas por quê?

A cabeça de Gracie m artelava e doía, m as não tinha nada a ver com seus hem atom as e m achucados. Algum as lesões iam além do físico. Algum as chegavam até as profundezas da alm a e provocavam m uito m ais estragos do que os ferim entos causados por seus agressores.

Aqueles hem atom as e m achucados iriam se curar, sum ir e sarar com o se nunca tivessem existido. Mas as feridas que Zack tinha aberto j am ais desapareceriam , j am ais deixariam de doer, e Gracie nunca iria se recuperar delas.

“Gracie, fale com igo.”

Ela abriu os olhos e viu Zack observando-a cheio de preocupação. Meu Deus, não havia nada que ela pudesse fazer. Nenhum a m aneira para poder evitá-lo.

“E-eu estou bem ”, Gracie gaguej ou.

“Não parece”, ele m urm urou.

“Olhe, Zack, isso é difícil para m im . Você pode m e culpar? Depois do que você fez? Com o você pode se sentar lá e olhar para m im e esperar que eu aj a com o se nada tivesse acontecido? Por Deus, você é algum tipo de psicopata?”

Ela falou com dificuldade as últim as palavras de sua declaração e então, com raiva, lim pou as novas lágrim as que escorriam pelo rosto. Droga. Gracie odiava estar tão vulnerável na frente dele, odiava que Zack a visse tão fraca. Odiava que velhas feridas estivessem m ais um a vez reabertas e sangrando, com o se elas nunca tivessem realm ente fechado. E ela im aginava m esm o que não tivessem se fechado, que j am ais iriam se fechar. Gracie podia m entir para si m esm a e m anter-se firm e em sua negação, só para passar os dias em pé, m as no fim , nada tinha m udado. Ela j am ais teria de volta tudo o que perdeu.

Zack apertou os lábios e tensionou a m andíbula. A raiva ardia em seus olhos e ele parecia m uito querer dizer algo, m as perm aneceu em silêncio. Então, Zack se levantou e sim plesm ente estendeu a m ão, pegando-a cuidadosam ente.

Ignorando a reclam ação de Gracie, que foi pega de surpresa, ele a carregou de volta até o quarto e a deitou na cam a. Em seguida, Zack aj eitou e afofou o travesseiro dela, e arrum ou com rapidez os lençóis, com o se o incidente no banheiro não tivesse ocorrido.

Quando term inou, ele tirou o cabelo do rosto e da testa de Gracie, deixando os dedos lhe tocarem a pele. A expressão no rosto de Zack ficou triste e distante.

Parecia m uito que os olhos dele estavam m arej ados, m as Gracie devia estar im aginando coisas.

Ele alisou o rosto dela com a pontas dos dedos, com o se não pudesse resistir a tocá-la de algum a m aneira. Gracie deveria se afastar, sentir-se enoj ada. No entanto, ela fechou seus olhos, tentando conter as lágrim as. Já não tinha chorado o suficiente? Até quando o passado iria continuar fazendo-a chorar?

O toque de Zack a levou para outra época, um a época m ais doce e feliz, quando os dois estavam j untos e Gracie estava convencida de que ficariam j untos para sem pre. Antes que perdesse tudo o que im portava para ela. Antes que sua vida

fosse arruinada e ela fosse deixada sozinha e destruída para j untar seus pedaços. Mas quando Zack se inclinou e pressionou os lábios contra a testa dela, aquilo foi dem ais. Gracie se afastou, e as lágrim as correram m ais rápido.

Zack em itiu um som de dor, com o se *ele* fosse a pessoa ferida. Gracie queria rir – ou chorar ainda m ais – com a ironia. Ele não sofreu com o ela.

“Nós irem os dar um j eito nisso, Gracie”, Zack disse em voz baixa, cheia de angústia. “Agora que finalm ente a encontrei, não deixarei você ir. Nem que leve o resto da m inha vida, vou fazer você entender.”

Entender o quê? A pergunta estava na ponta da língua, m as Gracie m ordeu os lábios para im pedir que as palavras saíssem . Ela não queria entender por que Zack tinha feito o im pensável. Gracie só queria que ele saísse e que j am ais voltasse novam ente.

Será que era pedir m uito?

DEZENOVE

Gracie tinha cochilado depois de um a noite sem dorm ir, m as foi acordada pelo barulho no quarto. Era im possível dorm ir com Zack sentado em um a poltrona no canto. Gracie podia sentir o olhar sobre ela m esm o quando não estava olhando para ele.

Conversar com Wade foi im possível, e então o quarto ficou em um silêncio constrangedor até que os dois hom ens finalm ente adorm eceram . Ela passou a noite inteira angustiada sobre a situação e especulando se havia um a saída.

Por debaixo dos olhos sem icerrados, ela observava Zack esfregar o rosto cansado e sair do quarto. Seu coração disparou, e Gracie olhou agitada ao seu redor até encontrar Wade, que estava acordado e usava o laptop na sua cam a.

“Wade”, ela cham ou suavem ente. Ele levantou a cabeça ao m esm o instante e seus olhos m ostravam preocupação.

“Você está bem , Anna-Grace? Precisa de algum a coisa?”

“Eu preciso da sua aj uda”, ela sussurrou.

Wade franziu a sobrancelha, levantou-se e andou até o lado da cam a, sentando-se na beirada para que pudesse encará-la. Ele pegou um a das m ãos de Gracie e a segurou de um a m aneira reconfortante.

“Você sabe que farei tudo o que estiver ao m eu alcance”, ele respondeu.

Gracie lam beu os lábios, olhando de relance para a porta, para ter certeza de que Zack não tinha retornado e nem iria ouvir a conversa por acaso.

“Eu preciso sair daqui. Quer dizer, agora, antes de receber alta. *Ele* está insistindo para que eu vá com ele, para que eu *fique* com ele.”

Gracie m al podia falar o nom e de Zack e engasgou quando o m encionou. O

rosto de Wade ficou m arcado pela desolação, e ele suspirou enquanto segurava a m ão dela com m ais força.

“Você *deveria* ir com ele, Anna-Grace”, Wade disse em voz baixa, deixando-a chocada com sua resposta. Ela ficou boquiaberta, m as antes que pudesse responder – com o ela podia dar um a resposta àquilo? – ele continuou: “Você está em perigo. Até que os anim ais que a agrediram sej am pegos, você não pode ficar sozinha. Zack pode te proteger. É o que ele e seus colegas fazem . Ele tem os recursos necessários para garantir sua segurança”.

Gracie se obrigou a inspirar e puxar o ar para dentro dos pulm ões. Tinha prendido a respiração inconscientem ente e j á estava ficando atordoada e com vertigem . As feições de Wade com eçaram a se m over diante dela, ficando borradas, esticando de um a form a assustadora.

“Você se esqueceu do que ele *fez*?”, Gracie disse, incrédula. “Você realm ente acha que eu poderia suportar ficar no m esm o am biente que ele? E, pior ainda, *ficar sozinha* com ele, sabe-se lá onde, por um período indeterm inado de tem po?

Quem pode garantir que devo ter m ais m edo dos hom ens que fizeram isso com igo do que dele?”

Gracie gesticulou agitada na direção das feridas de seu rosto.

“Ele pode fazer qualquer coisa com igo, e quem vai garantir que ele não fará

isso? Você é a única pessoa que conheço, o único am igo que tenho. Eu podia desaparecer para sem pre e ninguém sequer se im portaria em m e procurar."

O peito de Gracie arfava ansioso, e o tom de sua voz j á estava ficando histérico.

"Fique calm a, querida", disse Wade, tentando tranquilizá-la. Ele agarrou a m ão de Gracie e esfregou o polegar sobre as j untas em um a tentativa de dispersá-la de sua crescente histeria. Até parece que isso ia acontecer.

Gracie podia adm itir que não se *sentia* am eaçada por Zack *nesse momento*.

Ou, ao m enos, ela não pressentia nenhum perigo vindo dele. Ele não estava sendo nada além de... gentil. Com o o hom em que era quando os dois estavam j untos – e essa era a pior parte, porque era com o provocá-la com a lem brança de algo que eles nunca m ais seriam novam ente. Mas o com portam ento atual de Zack não im portava. Gracie não podia se perm itir acreditar em seus instintos, porque ela nunca tinha im aginado, doze anos atrás, que Zack seria capaz de orquestrar um crim e tão horripilante. E ainda assim , depois do que fez, ele escolheu seguir um a carreira na área de segurança? Protegendo pessoas do tipo de gente que ele coagiu a fazer o trabalho suj o por ele?

Isso era um a piada. A ironia era hilária. Talvez ele tivesse se arrependido de suas escolhas. Talvez fosse sua m aneira de se redim ir. Mas para Gracie j á era tarde dem ais. Zack podia procurar se redim ir e am enizar sua culpa por conta própria. Ela j am ais aceitaria ser a form a que ele usaria para encontrar a paz interior. Alguns pecados eram perdoáveis. Esse, não.

"Eu quero que você m e escute", disse Wade em um a voz firm e. "Você sabe que eu m e im porto com você. Você *sabe* que eu nunca faria nada para m achucá-la, não sabe?"

Gracie inspirou agitada, com os lábios trêm ulos, tem endo o que ele iria dizer.

Mas ela assentiu, concordando que Wade não iria m achucá-la, ainda que fosse difícil confiar em alguém . Era óbvio que ela não podia confiar em seus instintos.

E de m aneira algum a Gracie se perm itiria a voltar a ser aquela ingênua garota de 16 anos que via Zack com adm iração. Um a garota que achava que ele a via da m esm a form a. O quanto os am igos dele riram enquanto ela chorava. A parte realm ente hum ilhante não foi o fato de ela ter sido violentada repetidas

vezes.

Não, o que m ais a m achucou foi a traição de Zack e perceber que ele não a am ava.

“Eu acho que você deveria ir com Zack.”

Quando Gracie estava prestes a reclam ar e a rej eitar aquela ideia im ediatam ente, ele pôs os dedos nos lábios dela para silenciá-la.

“Deixe-m e term inar”, Wade a repreendeu. “Eu tam bém acho que você deveria escutá-lo, Anna-Grace. Você pode se surpreender ao ouvir o que ele tem a dizer. Você deveria confrontá-lo, conversar com ele, e falar *tudo*. E então escutar, realm ente escutar, tudo o que ele tem a dizer.”

Gracie estava boquiaberta enquanto olhava para Wade estupefata. Que diabos estava acontecendo? Ele tinha ficado furioso quando ela lhe confidenciou o que tinha acontecido. Wade quase acabou com Zack quando entrou no ateliê e viu os

dois lá. E, de repente, Wade estava tom ando o lado de Zack? O m undo todo havia endoidado? Ou era algum código de honra m asculino? Hom ens defendendo seus irm ãos de gênero?

“Wade, você *sabe* o que aconteceu”, ela disse. “Com o você pode sugerir que eu escute o que ele tem a dizer? Não há pretexto, desculpas ou *perdão* para o que ele fez. Você tem algum a ideia do quanto fico apavorada só de pensar em ficar presa em algum lugar, *qualquer lugar*, com ele?”

Gracie estava trem endo violentam ente. Estava suando m uito e reconhecia os sinais de um im inente ataque de pânico. Podia sentir seu coração batendo freneticam ente, seu peito se contraindo e sua garganta fechando as entradas de ar.

Gracie tentou inspirar para estabilizar a respiração, tentou fazer o pânico horrendo desaparecer. Fazia oito anos ela não sofria com ataques de pânico intensos. Gracie levou quatro anos após aquele evento traum ático para aprender a controlar os ataques e a evitá-los.

Wade soltou um palavrão e inclinou-se para frente, segurando o rosto dela com as m ãos.

“Olhe para m im , Anna-Grace”, ele ordenou com severidade.

Reagindo ao tom autoritário na voz de Wade, Gracie focou-se em observá-lo, atentando-se às feições dele.

“Você precisa se acalm ar. Está respirando m uito rápido. Olhe para m im e respire com igo.”

Ele ficou silencioso e, de m aneira exagerada, respirou o ar ruidosam ente pelo nariz, segurou-o por um m om ento, e então soltou-o pela boca. Wade acariciava o rosto dela com o polegar, e colocou um braço atrás dela, m antendo um a m ão em seu rosto. Ele acariciou as costas dela para cim a e para baixo, espalhando calor e conforto com sua m ão.

“Tente relaxar”, ele m urm urou em um tom m ais gentil. “Você está m uito tensa. Isso apenas fará a dor dos seus m achucados piorar.”

Os olhos de Gracie se encheram de lágrim as e ela os fechou, odiando sua fraqueza, odiando não poder controlar suas em oções teim osas. Ela passou tanto tem po vivendo em um vazio. Foram tantos anos se recusando a sentir qualquer coisa e vivendo os dias roboticam ente, no piloto autom ático, recusando a aproxim ação de qualquer um até conhecer Wade. Naquele m om ento, Gracie sentia com o se o gelo tivesse quebrado e estivesse rapidam ente desm oronando, perm itindo que a dor e m ágoa voltassem a consum i-la.

E agora, m ais um a vez, Gracie sentia a ferroada da traição. Mais um a vez, alguém em quem confiava a estava abandonando. O que havia de errado com ela para que isso continuasse acontecendo?

“Querida, não olhe assim pra m im ”, disse Wade, com os olhos cheios de pesar.

“Por que está fazendo isso?”, ela sussurrou. “Por que você se recusa a m e aj udar? Por que m e encoraj a a escutar *qualquer coisa* que ele tenha a dizer?”

Ela podia sentir as rédeas do controle escorregando. A tristeza a consum ia pela perda de alguém que confiava. Mais um a vez. Ela fechou os olhos enquanto as lágrim as continuavam a correr pelo rosto.

“Você está partindo m eu coração, Anna-Grace. Eu não estou te abandonando, j uro. Eu quero você a salvo, e Zack pode m antê-la em segurança.

Se achasse por um m inuto que ele iria m achucá-la de algum a m aneira, eu j am ais perm itiria que ele ficasse perto de você. Você com preende isso?"

Wade levantou o queixo de Gracie, forçando-a a cruzar o olhar com ele.

"Olhe para m im , Anna-Grace. Você entende isso de verdade? Está realm ente escutando o que estou dizendo?"

A seriedade do tom de voz de Wade a fez parar, e os olhos dela refletiram confusão.

"Há coisas que você precisa discutir com Zack, Anna-Grace. Coisas que estão acabando com sua vida. Você procurou afastá-las e tem se recusado a encará-las há m uito tem po. Não pode continuar assim . Isso não é bom para sua saúde. Eu quero m ais do que tudo que você sej a feliz. E você *não está* feliz.

Nunca foi feliz desde que te conheci e m e dói te ver triste. Você ainda é um a m ulher j ovem , com um a vida inteira pela frente. Por que negar a si m esm a o direito básico de ter paz interior? Eu *sempre* serei seu am igo e basta fazer um a ligação que eu estarei ao seu lado. Não quero que você fique brava com igo por estar te encoraj ando a conversar com Zack, porque estou te encoraj ando a fazer o que é m elhor para *você*."

Gracie o encarou perplexa. A intuição de Wade sobre ela a fazia sentir-se horrivelm ente exposta, com o se ele pudesse ver cada um dos pensam entos – e lem branças – que havia em sua cabeça. O queixo dela trem ia nas m ãos de Wade, e o olhar dele ficava cada vez m ais carinhoso, dem onstrando com preensão. Por que Gracie nunca conseguiu retribuir a atração que Wade sentia por ela? Ele era um bom hom em . Ela não podia estar errada quanto a isso.

Não errada com o ela esteve com Zack. Mas, de várias m aneiras, Gracie ainda era aquela garotinha perdidam ente apaixonada, e ela nunca sentiu a m enor atração por Wade. Talvez ela estivesse estragada para todos os hom ens, m enos Zack, o que significava que ela estava destinada a viver um a vida sozinha, desprovida de am or, de com panheirism o. Desprovida de fam ília, de filhos.

"Fale com ele, Anna-Grace", disse Wade com firm eza. "Prom eta-m e que vai conversar com ele. Não faça isso por m im . Faça por você. Se você espera um dia ter paz, conseguir aceitar seu passado e ser capaz de seguir em frente, então você precisa dar um ponto final nessa história."

Ele passou-lhe o dedo em um a lágrim a no rosto, e Gracie segurou sua m ão em torno do pulso, absorvendo a força e o consolo que Wade lhe oferecia.

Um barulho a alertou da presença de Zack, e Gracie se virou para ele, com o olhar assustado, preocupada com quanto tem po ele estava ali e com tudo o que tinha escutado.

A expressão no rosto dele era som bria e lhe apertou o coração. Ele devia ter escutado a m aior parte – senão tudo – da conversa com Wade. Se ela esperava que Zack ao m enos fingiria que não ouviu nada, ficou decepcionada.

“Ele deu um conselho m uito bom a você, Gracie”, disse Zack, com a m andíbula cerrada. “Espero que você o aceite.”

Gracie engoliu em seco e Wade tirou a m ão de seu queixo. Ela olhou para ele de form a suplicante.

“Não m e deixe”, sussurrou despedaçada. “*Por favor.* ”

Zack passou a m ão pelo cabelo e bufou. Ele parecia sem esperanças, com o se ele tivesse perdido… o quê? O que ele podia ter perdido? Gracie era a única que tinha perdido tudo. Com o ele ousava agir com o um a vítim a aqui nessa história?

“Se Wade ficar com a gente, você concorda em ir para casa com igo?”, Zack perguntou exausto.

Wade olhou espantado para Zack, com o se aquela fosse a últim a coisa que ele esperava ouvir.

“Quer dizer, se ele concordar”, adicionou Zack. “Se fizer você se sentir m elhor, Gracie, então não tenho nenhum problem a com isso. Mas significa ir para casa com igo e ficar lá. Sem fugir, sem se expor a nenhum perigo em potencial. Eles podem m uito bem te m atar da próxim a vez apenas para enviar um *recado*.”

O coração de Gracie estava batendo acelerado. Zack estava tornando cada vez m ais difícil ela se livrar de um a situação inevitável. Wade j á havia tom ado o lado de Zack por algum a razão desconhecida. Ela podia sentir suas opções dim inuindo cada vez m ais rápido e isso a deixava desesperançada. Gracie *odiava* a sensação de im potência.

“Eu vou j unto, se for o que a Gracie quiser”, disse Wade a Zack, apesar de ficar olhando para Anna-Grace o tem po todo. Em seguida, ele falou com ela com o se Zack não estivesse no quarto. “Eu vou sob um a condição.”

Ela levantou um a sobrancelha curiosa, ainda que soubesse que não iria gostar.

Mas com o poderia recusar e acabar sozinha com Zack por sabe-se lá quanto tem po?

“Você precisa m e prom eter que vai falar com Zack e vai contar *tudo*, sem deixar nada de fora. Não deixe nada de fora, Anna-Grace. Você precisa fazer as pazes com o que aconteceu com você. E poderá se surpreender com os resultados. Depois de ser com pletam ente honesta com ele, e ele com você, se você quiser sair, então eu irei tom ar m edidas para levá-la de lá e providenciar proteção a você eu m esm o.”

“Mas se você é capaz de providenciar proteção, então por que eu preciso ir com Zack?”, Gracie reclam ou, sentindo o pânico crescer novam ente ao perceber que estava presa, sem ter com o sair daquela situação. “Por que está m e obrigando a ir com ele?”

Gracie soava com o se estivesse im plorando, com o se fosse alguém no fim de suas energias, e m eu Deus, talvez ela fosse m esm o. Talvez Wade estivesse certo, e ao abafar aqueles sentim entos por tanto tem po sem lidar com eles, ela iria criar um incêndio explosivo quando as coisas, enfim , chegassem ao lim ite.

“Porque você e ele precisam disso”, disse Wade gentilm ente. “Talvez você não ache isso agora. E sei que está com m edo. Mas estarei com você e prom eto que nada vai lhe fazer m al.”

“Isso é o que ele sem pre prom etia tam bém ”, Gracie retrucou chorosa.

Ela viu Zack estrem ecer e ficar pálido, com o se tivesse recebido um golpe.

“Eu sou seu am igo”, Wade a lem brou novam ente. “E sem pre serei seu am igo. E j uro pela m inha alm a que ninguém vai te m achucar dessa vez.”

“Acho que não tenho escolha”, Gracie disse em um estado de torpor.

Wade inclinou-se sobre ela e beij ou sua testa.

“É o m elhor a ser feito, Anna-Grace. Você pode não achar isso agora, m as com preenderá logo. Eu prom eto. Agora, se estou indo para um esconderij o com você e Zack, então preciso correr para casa e parar no m eu escritório para fazer os preparativos e ficar fora por um certo tem po.”

“Quando você vai voltar?”, Gracie perguntou am edrontada.

“Um a hora. Talvez um a hora e m eia.”

“Nós vam os esperar”, Zack interveio. “Não deixarem os o hospital até que você volte. Meu parceiro está preparando o transporte e um a escolta disfarçada vai nos proteger enquanto saím os daqui.”

“Anna-Grace vai precisar de roupas e outros itens pessoais, tenho certeza disso.”

Ela ficou corada enquanto eles alegrem ente discutiam com o se ela não estivesse presente.

“Eliza está cuidando disso. Ela tem um bom olho para o tam anho das pessoas e está com prando roupas, sapatos e todos os acessórios fem ininos de que Gracie precisará. Ela deve estar aqui dentro de um a hora”, disse Zack. “A exposição de Gracie precisa ser lim itada ao m áxim o e de j eito nenhum vou deixá-la voltar para a casa dela. Tenho certeza de que os desgraçados estão vigiando o lugar.”

“Eles sabem onde eu m oro”, sussurrou Gracie. “Foi onde m e atacaram . Eu nem posso m ais voltar lá.”

Gracie fechou os olhos enquanto era tom ada por lem branças dolorosas.

Coisas que ela tentou de todas as form as tirar de sua m ente, tanto quanto as m em órias de doze anos atrás que ela tentou bloquear. E, no entanto, agora Gracie estava sendo inundada por lem branças de am bos os incidentes ao m esm o tem po, com o se eles tivessem em ergido e se tornado um . *Flashbacks* do seu estupro eram tão claros com o se ele tivesse acontecido ontem . A clareza de cada um a das lem branças rasgou m ais um pedaço da alm a de Gracie.

O palavrão que Zack soltou a fez estrem ecer e, quando ela abriu os olhos, viu que fúria ardia no olhar dele. Gracie o encarou, verdadeiram ente estupefata pela reação de Zack. Nada fazia sentido, e sua cabeça doía ao tentar pôr tudo aquilo em ordem .

“Vou m andar alguém arrum ar as coisas em seu apartam ento, Anna-Grace”, Wade assegurou. “Quando tudo isso acabar, eu vou aj udá-la a encontrar outro lugar.” Ele lançou um olhar de relance para Zack e então acrescentou: “Isto é, se você ainda precisar de um .”

VINTE

Anna-Grace deu um enorm e suspiro de alívio quando Zack finalm ente se dirigiu para a longa e sinuosa entrada de um a grande casa que ficava no topo de um a colina. A viagem tinha sido interm inável e ela ficou im óvel e tensa o traj eto inteiro, o que não aj udava em nada seus m úsculos doloridos e m achucados.

Quando ela insistiu em ir j unto com Wade para onde fosse que eles estivessem indo, am bos os hom ens agiram com o se não a tivessem escutado.

Wade cam inhou apressado para pegar seu carro, enquanto Zack a aj udava a entrar na SUV que ele estacionou na entrada do hospital, para que Gracie não precisasse andar m uito. Foi algo atencioso da parte dele, Gracie relutantem ente adm itiu. Mas a verdade era que Zack não foi nada além de cuidadoso com ela desde que reapareceu em sua vida. Isso era um m istério, e tentar entender os m otivos e as j ustificativas apenas a deixava m entalm ente esgotada.

Para evitar o constrangim ento – apesar de ter lastim avelm ente falhado –

Gracie deitou a cabeça no encosto do banco e fechou os olhos, fingindo dorm ir.

Pelo m enos Zack não a cham ou em nenhum m om ento, talvez por causa disso, ainda que Gracie duvidasse de que ele tinha acreditado que estava dorm indo.

Talvez ele estivesse apenas contente por fazer as coisas de seu j eito depois que ele foi bem -sucedido ao obrigá-la a concordar com o seu pedido. Era inteligente escolher as batalhas certas, e parecia que Zack seguia esse lem a.

Gracie o observava por um a abertura quase im perceptível nas pálpebras, e Zack parecia sério e com pletam ente focado a viagem inteira. Seu olhar se alternava entre os espelhos retrovisores com a precisão de um relógio, com o se ele estivesse m esm o esperando que alguém fosse segui-los ou tentar tirá-los da estrada.

Certam ente Zack parecia ser bom em seu trabalho, m as até aí, se ele e seus

colegas eram especialistas em segurança altam ente capacitados, com o é que os

“inim igos” de quem ele falava foram capazes de chegar até Gracie assim que Zack fez contato com ela? Até o m om ento ela estava m uito im pressionada com as “habilidades” deles.

Gracie não com preendia aquela paranoia exagerada ou o fato de Zack e seus parceiros estarem tão preocupados com a possibilidade de ela ser novam ente um alvo ou até m esm o ser m orta. Não fazia nenhum sentido. Se eles pretendiam m atá-la, por que j á não fizeram isso? Eles certam ente tiveram todas as oportunidades quando a estavam espancando. Parecia m uito m ais arriscado espancá-la, deixá-la ir em bora e então voltar para m atá-la em outro m om ento, quando ela estivesse sendo vigiada. Qual o propósito disso? Era arriscado, sem m encionar ineficiente. Mas talvez protegê-la fosse algum m otivo oculto e a m aneira de Zack obrigá-la a falar com ele.

Zack disse que ela foi usada para servir de m ensagem para as pessoas que trabalhavam com ele. Então, em essência, foi um crim e ocasião, um a vez que

todos associados com a em presa de segurança evidentem ente estavam m uito bem protegidos. Não era nada pessoal com ela – graças a Deus. Contudo, a agressão havia ocorrido graças a Zack, j á que eles souberam da ligação dos dois porque ele foi visitá-la na galeria *e* no ateliê. Se ele tivesse se m antido afastado, ela provavelm ente não teria passado os últim os dois dias no hospital.

Gracie m al conteve o desej o de torcer o nariz enquanto Zack estacionava.

Deus, ela odiava o quanto estava am arga e cínica. Mas a vida nunca a ensinou a ser de outra m aneira. Gracie nunca soube o que era o ódio antes de ser estuprada. Ela nunca odiou o pai por abandoná-la j unto com a m ãe. Ela nunca odiou sua m ãe alcoólatra e negligente. Ela tam bém nunca odiou seu tio abusivo.

Foi preciso a traição definitiva de alguém que ela *amava* – a única pessoa que ela j á am ou – para fazê-la odiar de verdade pela prim eira vez na vida.

Isso tinha transform ado Gracie? Era isso o que ela era agora? Um a pessoa cautelosa. Afastada. Miserável. Medrosa… Ela estava tão cansada de viver com ódio *e* m edo. Talvez o perdão não fosse para ser dirigido à pessoa que com eteu o pecado contra ela. Talvez o perdão fosse realm ente para *ela*, para perm itir que

ela seguisse em frente, para livrá-la do peso e da torm enta de tantos anos de raiva.

Em sua opinião, foi um a epifania que dem orou tem po dem ais para chegar até ela, porém um a m uito necessária, sem dúvidas. Depois de viver tanto tem po acorrentada pelo passado, e com o propósito de conseguir paz, ela teria de dar a paz a si m esm a. Ninguém podia fazer isso por ela.

“Gracie, chegam os”, disse Zack, tocando-a levem ente no braço.

Ela esteve tão perdida em seus pensam entos que foi com o se tivesse cochilado e estivesse voando a quilôm etros de distância. Gracie abriu os olhos e piscou várias vezes para perceber onde estava. Wade parou o carro ao lado de onde eles estacionaram e saiu, tirando seus óculos de sol de grife.

Gracie o encarou por um longo tem po e, em seguida, suspirou com tristeza. A ficha tinha caído e ela sabia por que perm itiu que Wade se tornasse tão próxim o.

Ela não se sentia atraída por ele, então o considerou alguém seguro, incapaz de m achucá-la com o j á tinha acontecido antes.

Mesm o depois de tudo que Zack tinha feito, estava ficando cada vez m ais óbvio que j am ais haveria outro hom em para ela. Isso não se tratava apenas de problem as de confiança. Ela sim plesm ente era incapaz de olhar para um hom em e sentir desej o, felicidade. Era incapaz de ver seu futuro nos olhos de outro hom em . Apenas Zack tinha provocado esse tipo de reação nela. Maldito sej a ele por ter arruinado sua vida – seus sonhos. E sua única chance de ser feliz.

“Gracie? Você está bem ?”

A pergunta dita suavem ente a tirou de seus pensam entos depressivos e ela pegou, sem j eito, a m açaneta da porta, destravando-a após perceber que Wade tinha tentado abrir a porta do lado de fora, m as não conseguiu. Gracie estava viaj ando nos próprios pensam entos e nem tinha percebido.

“Estou bem ”, ela resm ungou. A m entira estava na cara. Zack sabia disso, m as deixou quieto.

Gracie em purrou a porta com m ais força, e ela se abriu. Wade estendeu a m ão

para gentilm ente aj udá-la a sair do veículo. Ela desceu devagar e aos

poucos, depois de perceber, ainda no hospital – quando ficou em pé por aqueles poucos segundos entre sair da cadeira de rodas e entrar na SUV –, que estava sem o m enor equilíbrio.

Sentiu cada um dos ferim entos naquela hora e soltou um gem ido baixo – pela dor e pela frustração de não conseguir andar direito – que deixou seus lábios antes que ela pudesse segurá-lo. Zack apareceu logo atrás de Wade, com um a expressão carregada de preocupação.

Gracie levantou um a sobrancelha enquanto olhava diretam ente para ele. A preocupação que Zack dem onstrava era real, não falsa. Sua aflição era m uito autêntica e isso a intrigava dem ais. Zack continuava j urando que…se im portava...

e ainda assim ela não acreditou nessa “m entira” até… *agora*.

Era com o se os olhos dela tivessem se aberto de verdade apenas agora e ela pudesse ver a verdade. Ou talvez Gracie não quisesse ver a verdade antes. E ela não fazia ideia do que fazer com essa revelação.

Gracie não estava disposta a considerar as consequências daquilo e deu m ais um passo adiante, direcionando seu foco para Wade, em vez de analisar a sinceridade de Zack. Ser sincero *agora* não com pensaria de form a algum a as traições passadas.

Wade estava ao lado de Gracie, com um braço firm em ente preso em volta da sua cintura, e Gracie passou pelo portão da garagem aberto e depois pela porta que dava para a casa. Levou aparentem ente um a eternidade para fazer o curto traj eto até o interior aquecido da casa. Gracie suspirou com prazer ao sentir um a corrente de ar quente soprar em seu rosto, dissipando o frio que ela sentia depois de ter saído do veículo.

“Você está se sentindo bem o suficiente para com er, Gracie?”, perguntou Zack. Ele ainda estava com aquela expressão preocupada no rosto. “Você precisa com er. Você m al com eu qualquer coisa nos últim os dois dias.”

Ela queria se afastar da incôm oda com panhia de Zack e do cabo de guerra que estava acontecendo com suas em oções, que estava se tornando cada vez m ais

intenso quando se tratava dele. Com o seria fácil cair de volta na velha rotina. Com Zack cuidando dela, tom ando conta dela. Ele a am ando, e ela o am ando.

Gracie sentiu dores que nada tinham a ver com seus hem atom as. Ela não tinha im aginado que Zack poderia afetá-la com tanta força. Não depois de tanto tem po. Mas j unto com a dor vinha m ágoa; m ágoa sobre com o poderia ter sido a vida dos dois j untos.

“Anna-Grace?”, Wade disse bruscam ente. “O que foi?”

Ela m eneou a cabeça, fechando os olhos brevem ente.

“Nada, estou bem . Sério.”

Wade apertou os lábios em desaprovação, m as ao m enos ele não cham ou aquilo de m entira descarada. Então, para a desolação de Gracie, ele se retirou para tom ar banho e colocar suas coisas no lugar, depois de perguntar a Zack em que quarto deveria ficar.

Ela ficou lá, paralisada, incerta do que deveria fazer naquele m om ento. Eles estavam em pé na cozinha e o silêncio tornou-se constrangedor. Assim tinha sido a viagem do hospital até ali.

Então, Zack colocou a m ão debaixo do cotovelo de Gracie, enquanto Wade colocava o outro braço em volta da cintura dela. Os dois aj udaram -na a chegar até a m esa pequena na copa, onde havia um a j anela com vista para o quintal, que tinha um detalhado proj eto paisagístico.

“Apenas sente-se aqui e pegue leve. Eu darei um a olhada no que tem os na despensa e prepararei algum a coisa bem rápido.”

Zack passou a m ão no topo da cabeça de Gracie e, por um instante, ela podia j urar que ele tentaria *beijá-la*. Mas então ele soltou sua m ão depois de passar seus dedos por suas longas tranças até o final, deixando-as cair fora do seu alcance.

Zack cerrou o punho e depois abriu as m ãos, com o se estivesse tentando se afastar do desej o de continuar passando a m ão pelos cabelos dela. Em seguida, Zack se virou e voltou para a cozinha, deixando-a sentada ali com os lábios form igando, com o se ele a *tivesse* beij ado.

Gracie levou as m ãos à boca apressadam ente, esfregando os lábios para esconder de si m esm a aquela sensação. Meu Deus, ela estava perdendo a cabeça. Com o ela pôde pensar naquilo, m esm o que fosse por um m inuto? Pior ainda, se Zack tivesse tentado beij á-la, ela não teria feito nada para im pedi-lo.

Isso a tornava o pior tipo de pessoa e Gracie logo foi tom ada por um a culpa e autodesprezo incessantes. Assim com o ela foi tom ada pela saudade dos beij os de Zack, e se recordava dos doces beij os que trocaram antes de sua vida se tornar um inferno.

Zack foi o único hom em que Gracie beij ou na vida. Ele era o único hom em que ela am ou. Que sem pre am aria, m esm o que essa em oção agora estivesse m orta para ela. Mas ela ainda podia se lem brar de com o era m aravilhoso sentir-se j ovem e apaixonada, ter o m undo inteiro aos seus pés e sonhar com coisas lindas, j untos.

Zack foi seu sonho. E depois se tornou seu pesadelo.

Depois de alguns longos m inutos, que Gracie passou olhando para a m esa à sua frente com o se estivesse hipnotizada, Zack voltou carregando dois pratos. Ela nem m esm o tinha percebido que ele estava cozinhando, não fazia ideia do que ele tinha preparado. Os pratos tinham um arom a divino, no entanto, e o estôm ago de Gracie im ediatam ente com eçou a roncar, depois de ter sido negligenciado por tanto tem po.

Zack colocou o prato na frente dela e pôs a m ão em seu om bro, dando um aperto gentil antes de tom ar seu lugar em frente a ela na m esa. O corpo idiota de Gracie ainda reagia com o se não tivesse conhecim ento da traição de Zack. Seu corpo agia com o se estivesse fam into por aquele toque, depois de ter ficado privado dele por tanto tem po. Ela sentiu os arrepios desceram por seu braço e o calor sair de seu peito e seguir para baixo, em direção ao seu ventre. Gracie estava tão aborrecida que não tinha certeza de que seria capaz de com er.

As lágrim as queim avam com o ácido em seu rosto, brotando do nada. Gracie estava com pletam ente destruída em ocionalm ente, em conflito interno, e tão despedaçada que se sentia nitidam ente à beira do abism o. Estava ficando louca?

Gracie m anteve sua sanidade por tanto tem po só para deixá-la ir escorregar agora, quando m ais precisava?

“Gracie.”

Ela se recusou a levantar a cabeça, envergonhada dem ais para deixar Zack vê-la banhada em lágrim as. Gracie devia saber que ele iria ver as lágrim as, de qualquer form a.

“Olhe para m im , droga”, disse ele ferozm ente.

Fechando os olhos, Gracie levantou devagar a cabeça e, depois de inspirar fundo diversas vezes, ela os abriu de novo e viu Zack novam ente através de seus olhos m arej ados. Ele parecia furioso… m as tam bém parecia tão triste e m achucado quanto ela. Algum a coisa tinha que m udar. Gracie não sobreviveria a tal proxim idade com Zack sem desm oronar com pletam ente. Se ela não tivesse certeza de que daria de cara com o chão ao se levantar por conta própria, Gracie j á estaria correndo e tentando fugir em um piscar de olhos.

“Nós tem os de conversar.” Zack estava nitidam ente fervilhando. Com o podia haver tanta ira e sofrim ento, am bos com petindo pelo controle no olhar dele?

“Isso j á foi longe dem ais. Já chega. Tentei esperar. Tentei ser paciente. Eu esperei um a eternidade para que você viesse falar com igo, m as obviam ente isso não vai acontecer. Parece que você vai desabar e se despedaçar em um m ilhão de pedaços a qualquer segundo e *eu já estou me sentindo assim*. Torturar a si m esm a e a m im , caram ba, a nós dois, não faz bem a ninguém ; estou farto.

Depois de com er, você e eu terem os um a longa e sincera conversa, e eu não deixarei você ir até isto acontecer.”

Gracie o encarava totalm ente perplexa, absorvendo a exaltação raivosa de Zack. Ele estava furioso, sim , m as, estranham ente, não com ela. Seu tom e suas palavras diziam um a coisa, porém seus olhos diziam outra com pletam ente diferente. Havia dor e angústia dentro dele. E… arrependim ento? Preocupação por ela? Talvez ela estivesse im aginando tudo, m as Gracie sem pre foi especialm ente intuitiva com Zack. Ela achava que era assim porque podia ler a m ente dele, m as ela não tinha m ais essa habilidade agora, e, ainda assim , podia captar as suas em oções facilm ente.

Gracie sabia o que estava se passando na cabeça de Zack, não porque podia ler os pensam entos dele, m as porque seus olhos e sua expressão transm itiam tudo com surpreendente clareza. Gracie estava paralisada e confusa porque ele parecia

estar sendo com pletam ente sincero. Se deixasse a raiva e a am argura de lado por apenas um breve m om ento, Gracie seria capaz de ver que Zack se im portava de verdade com ela. Talvez até visse que ele a am ava?

Um suspiro quase escapou de seus lábios, m as ela os deixou bem fechados para prevenir sua reação audível. Sua m ente estava zum bindo com tantas em oções diferentes, ela estava atordoada.

Confusa não servia nem para com eçar a descrever o estado de Gracie. Ela baixou o olhar porque era desconfortável ver as em oções puras gravadas lá fundo no rosto de Zack e espelhadas em seus olhos. Os olhos eram o espelho da alm a, é o que costum am dizer. Os olhos não m entem . E se tudo isso fosse verdade, então ela tinha um a contradição enorm e em suas m ãos. Porque se tudo o que ela estava captando era verdade, então Zack *se importava* com ela.

Profundam ente.

A m ente de Gracie estava um caos, em um com pleto turbilhão enquanto ela repassava rapidam ente a sequência de eventos desde que Zack invadiu sua vida

novam ente. Ela se lem brou de cada palavra que ele disse. Cada expressão em seu rosto. Seu olhar. Todos eles diziam a m esm a coisa, m as será que ela podia confiar nesses sinais? Ou tudo não passava de um a farsa bem elaborada?

Os lábios de Gracie se retorceram de ansiedade. Zack teria de ser um ator m uito bom para desem penhar aquilo com aquela consistência, e ele não era nenhum ator. Ele sem pre foi claro e direto, incapaz de esconder os pensam entos ou sentim entos verdadeiros. Você nunca tinha de se perguntar em que pé as coisas estavam com ele. Se tivesse dúvidas, bastava perguntar. Ele certam ente nunca se esquivava de avaliar qualquer coisa de form a honesta, m esm o correndo o risco de ferir os sentim entos de alguém .

A cabeça de Gracie doía dem ais, suas têm poras estavam latej ando. Tudo aquilo era coisa dem ais para ela aceitar. Gracie estava à beira do precipício, agarrada na beirada por seus dedos, balançando a esm o. Um pequeno descuido e ela j á era. Gracie não estava certa de quanto m ais podia aguentar.

Ela arriscou olhar novam ente para Zack e viu preocupação e ansiedade reais nos olhos deles, m as ao m esm o tem po a expressão no rosto dele era dura. Ele não iria ceder e Gracie o conhecia bem o suficiente para saber que Zack não m

udaria de ideia um a vez que j á tivesse definido seu obj etivo.

O que significava que os dois estavam prestes a ter um m om ento de revelação m uito sério e, pela segunda vez desde o horrível pesadelo de doze anos atrás, ela iria contar a alguém o que aconteceu, nos m ínim os detalhes.

Que Deus a aj udasse, m as Gracie não estava certa de que seria capaz de sobreviver a esse encontro com o hom em responsável por destruí-la, tendo de recontar em detalhes a dor, sofrim ento e hum ilhação que sofreu por culpa dele.

VINTE E UM

O coração de Zack batia violentam ente dentro do peito. Depois de sua declaração contundente, ele e Gracie term inaram a refeição em silêncio. Ele podia sentir o m edo em anando dela. Caram ba, era evidente, ela estava com pletam ente apavorada. E isso partia o coração de Zack.

Nunca, *nunca* ele teria im aginado que Gracie teria m edo dele. Zack era de longe a últim a pessoa que ela deveria tem er. Ele sem pre foi seu protetor, sem pre lidou com ela com o m áxim o de preocupação e respeito.

Ele a colocava em um pedestal e adorava o chão onde ela pisava. Não havia nada no m undo que Zack não faria por ela, e ele tinha o cuidado de falar isso para ela todo dia. Nunca deixava passar um m om ento sem garantir que ela estivesse inteiram ente confiante em seu am or e devoção absolutos. Gracie foi a coisa m ais preciosa do m undo para ele.

E continuava sendo.

Mas Gracie não era a única com m edo. Zack tam bém estava terrivelm ente apavorado. Aquele era o m om ento m ais im portante da vida dele. Tudo estava cam inhando para isso. Ali, naquele instante. Se Gracie se recusasse a acreditar nele... e, m eu Deus, com o ela foi capaz de acreditar naquilo para com eço de conversa? Tudo era tão absurdo que aquela história não entrava na cabeça de Zack.

Será que seus supostos am igos que a estupraram disseram para ela que foi ele quem pediu para eles fazerem aquilo? Quem diabos pediria a alguém para estuprar outra pessoa com o um favor, pelo am or de Deus? Isso deixava Zack enoj ado. Isso era tão repugnante que, só de pensar, ele sentiu a náusea apertar o

estôm ago. E que tipo de doente pervertido Gracie pensava que ele era para acreditar nessa m erda de história?

Zack passou a m ão pelo rosto e olhou para baixo, para os pratos que tinha deixado na pia. Assim que term inaram de com er, Zack quebrou o silêncio absoluto avisando Gracie de que era hora de conversarem – conversarem de verdade. E então ele recebeu um soco no estôm ago quando viu o pânico dom inar as feições dela.

Depois de aj udá-la a ir para a sala, ele retornou para lim par a m esa. Em bora nada disso fosse im portante, Zack precisava de tem po para se recom por e se preparar para a revelação dos dem ônios que assom bravam o passado de Gracie

– e tam bém seu presente. E tem po para se preparar para a declaração de que ele era o m aior dem ônio deles.

Zack se atorm entou tentando descobrir quais de seus am igos da cidade teriam feito algo tão desprezível. E ele continuava vislum brando um vazio. Gracie era um doce, e as pessoas gostavam dela à prim eira vista. Zack certam ente não tinha escapado do sorriso contagiante e dos risos dela. Ele se apaixonou para valer logo na prim eira vez em que pôs os olhos nela. Zack sabia, sem dúvidas, que Gracie

tinha sido feita para ele. E então ele deu os passos necessários para garantir que ela fosse dele.

Mas, de novo, quem – e por quê, m eu Deus – m achucaria Gracie? E o culparia por isso? Nada m ais fazia sentido! Nada naquela droga de situação fazia um m ínim o de sentido.

Zack fechou os olhos, apoiou as m ãos na borda da pia e respirou fundo por alguns segundos, com o intuito de reunir forças para a provação a seguir. Sterling estava em seu quarto fazendo ligações de negócios, a pedido de Zack. Ele tinha planej ado com pletam ente o m om ento em que teria Gracie bem estabelecida em um local seguro, onde teriam privacidade, e os dois finalm ente iriam resolver as pendências do passado. Ele não ficou contente por ter Sterling no m esm o am biente que ele e Gracie, m as se isso lhe dava a cooperação de Gracie, Zack poderia suportar a situação. No entanto, ele garantiu que Sterling ficaria a m aior parte do tem po fora do cam inho.

Zack olhou por cim a dos om bros para a sala, onde Gracie estava sentada com o um a escultura de gelo no sofá, e – se antes ele se frustrava pela falta de inform ações – agora ele sabia que estava apenas adiando o inevitável.

Zack passou a m ão sobre a barriga e fez um a careta. A refeição que consum iu estava girando em seu estôm ago feito um a roda gigante e seus nervos estavam com pletam ente à flor da pele. Muita coisa dependia dessa conversa e de Gracie acreditar ou não na sua inocência. Se ela se convenceu de sua culpa por doze anos, quais eram as chances de ela m udar de percepção num futuro próxim o?

Crie coragem e deixe de ser um bundão.

Zack bufou com a repreensão, m as ele a obedeceu, ainda assim . Virando as costas para a pia, ele andou de volta para a sala, onde Gracie estava sentada, no fim do sofá, encostada no canto, com alm ofadas à sua volta. Com o um a barreira intencional ou um a m uralha protetora.

Zack deu o espaço que ela estava buscando e sentou-se no m esm o sofá, m as na outra ponta, para que os dois pudessem ficar cara a cara, com um espaço inteiram ente desocupado entre eles. Foi contra o instinto dele não ficar perto o suficiente para tocá-la e segurá-la. Para oferecer conforto, algo que Gracie sem dúvidas precisaria quando recontasse aquele evento tão traum ático. Mas ela não era a única que precisaria ser reconfortada, e Zack sinceram ente duvidava que iria encontrar algum conforto.

Ele trocou olhares com Gracie, observando a m aneira com o ela retorcia os dedos, obviam ente ansiosa. O peito de Zack doía por tudo o que ela revelaria em breve. Ele ainda estava se recuperando da notícia estarrecedora que Sterling deu para ele. Zack estava carregando um a aura de tristeza em torno de si, e ele tinha se torturado interm inavelm ente, im aginando-a nas m ãos de três hom ens que a violaram sem m isericórdia. Hom ens que aparentem ente ele *conhecia*.

“Conte-m e o que aconteceu, Gracie”, ele disse suavem ente.

Mesm o j á sabendo da história, Zack queria – precisava – ouvir diretam ente dela. Ele não iria dedurar Sterling e m agoar Gracie ao revelar que alguém em quem ela confiava tinha quebrado sua confiança. Ela precisava de pessoas em que pudesse confiar. Mas, que inferno, Zack queria ser um a delas.

Gracie estava pálida, e a tensão estava evidente em seu rosto. Os olhos dela

estavam exaustos e repletos de dor, com o se ela estivesse revivendo o inferno. A culpa o atorm entou. Zack não queria que ela tivesse de recontar o horror por que passou, m as era a coisa m ais im portante no m undo fazê-la ela saber que ele não teve nada a ver com aquilo. Era a única chance de Zack fazer Gracie am á-lo novam ente. E, que Deus o aj udasse, ele queria – precisava – do am or dela. Se havia qualquer dúvida sobre seus sentim entos por ela terem dim inuído com o tem po e a distância – com ele ficando m ais velho e bem diferente do j ovem universitário que pensava ter o m undo em suas m ãos –, agora não havia m ais. No m om ento em que a viu novam ente, m esm o com o inesperado m edo que Gracie dem onstrava, Zack foi dom inado pela noção de que j am ais haveria outra m ulher para ele. Ele não poderia perder Gracie agora. Não depois de procurá-la por tanto tem po. Ele m al sobreviveu à prim eira vez que a perdeu. Perdê-la novam ente? Isso iria destruí-lo.

Zack olhava, desam parado, Gracie lutar para encontrar as palavras. Ela parecia com pletam ente perdida e im potente e, apesar de ele estar fervendo de im paciência, não a apressou. Porém , Zack não podia m ais tolerar a distância que os separava. Ele deslizou para a frente no sofá, preparando-se para ser rej eitado, m as determ inado a m ostrar que não era um m onstro.

Zack pegou a m ão de Gracie, que estrem eceu e tentou puxá-la de volta. Ele não a deixou tirar sua m ão, e gentilm ente, para não m achucá-la, apertou-a.

Ela se arrepiou, e seu rosto ficou cheio de vergonha.

“Não m e toque”, ela im plorou suavem ente, com os olhos m olhados com lágrim as. “Por favor, não m e toque.”

Aquele pedido cheio de sofrim ento rasgou o coração de Zack.

“Por que, Gracie?”

Ela fechou os olhos e então os abriu novam ente, seus cílios encharcados com as lágrim as.

“Apenas… não faça isso.”

Gracie esfregou o braço com a m ão livre, para cim a e para baixo, com o se estivesse tentando lim par algum a m ancha invisível. Era com o se estar tão próxim a dele a fizesse se sentir *impura*.

“Eu faço você se sentir suj a?”, Zack perguntou bruscam ente.

Mesm o sabendo a resposta, ele precisava ouvir da boca de Gracie. De algum a form a, os dois tinham de navegar por um a infinidade de sofrim ento e traição, e Zack *tinha* de convencê-la de sua inocência. Sua vida inteira dependia de Gracie confiar nele novam ente. Ele era capaz de aguardar pelo dia em que ela o am aria de novo. Zack esperaria um a eternidade se fosse preciso. Mas sabia que j am ais teria um a chance de estar ao lado dela se não conseguisse resolver esse m istério m aldito e convencer Gracie de que ele não fez parte daquilo.

“Você não… Quer dizer, não agora. *Eles*. Oh, Deus…”

Gracie perdeu a voz na últim a parte e parecia que teria náusea. Ela estava trem endo violentam ente da cabeça aos pés, com o se estivesse congelando, e seus lábios estavam tensos e retorcidos. Cada palavra parecia lhe causar um a dor torturante; Gracie estava claram ente exausta, ainda que eles só tivessem com eçado. E eles ainda tinham um longo cam inho a percorrer.

“Eles quem ? Conte-m e o que aconteceu, Gracie. Alguém te m achucou?”

Zack não conseguia controlar a ferocidade de sua pergunta, ainda que j á soubesse a resposta. Ele m al podia pensar no que fizeram com Gracie sem ficar consum ido pela raiva. Até m esm o agora ele tinha de esticar os dedos para evitar cerrar os punhos, m as Zack não queria dem onstrar nenhum sinal de sua fúria. Ele não desej ava deixar Gracie com m ais m edo dele do que ela j á estava. Ela estava esperando dor e violência vindos dele quando, na realidade, Zack preferia m orrer a fazer ou perm itir qualquer m al a ela.

O rosto de Gracie desabou de aflição. Ela não fez nenhum esforço para esconder as lágrim as, e um soluço brotou de sua garganta. Um som que deixou o coração de Zack trem endo de desespero.

Gracie se virou na direção dele, e seus olhos brilhavam de raiva e angústia, que vinham de dentro dela com o ondas.

“Com o você pode sentar aí e m e *perguntar* isso? *Você* m e m achucou”, disse enfurecida. “*Você!* Com o você ousa ficar aí sentado e fingir que não sabe o que aconteceu? Você tem prazer em ver os resultados do seu trabalho? Ou aquilo não foi o suficiente e você quer torcer a faca tam bém ?”

Zack agarrou a outra m ão de Gracie quando ela a levou para o rosto, em um a tentativa de lim par os sinais de tristeza e raiva. Juntando as m ãos – a m ão de Zack trem ia violentam ente, assim com o Gracie –, ele a olhou nos olhos, m as, m eu Deus, com o era difícil. Era devastador ver a agonia pura refletida no olhar dela.

Zack daria qualquer coisa no m undo para voltar no tem po. Ele j am ais a teria deixado sozinha. Se ao m enos ele pudesse voltar à últim a vez que a viu. *Se ao menos conseguisse isso*. Havia tantos arrependim entos. Tantos erros. O m aior de todos foi não tê-la levado à faculdade j unto com ele ou sim plesm ente não ter ficado em casa com ela, até que Gracie term inasse o ensino m édio.

“Eu nunca te m achucaria, Gracie. *Nunca*. Eu te am ava. Eu *sempre* te am ei.

Conte-m e o que aconteceu. Nós tem os que tirar isso a lim po ou as coisas nunca serão resolvidas entre nós. E nós vam os resolvê-las. Eu não aceitarei nenhum a outra alternativa”, Zack disse determ inado.

Gracie o encarou com descrença óbvia, e seu olhar tinha um brilho selvagem .

“Você realm ente acha que eu poderia esquecer o fato de você ter m andado m e estuprarem ? Acredita que isso é algo que pode ser resolvido entre nós?”

O tom de voz dela subia para quase um grito, era estridente. As bochechas do rosto de Gracie estavam rosadas, e seu peito arfava com esforço.

Aquelas palavras cortaram Zack com o um a faca. Trouxeram à m ente dele im agens horríveis de Gracie: desam parada, sendo atacada. E ela pensando *o tempo inteiro* que *ele* era o responsável. Os olhos de Zack queim avam com o se tivessem lhe j ogado ácido, m as ele estava determ inado a não perder o controle.

Gracie precisava que ele fosse forte naquele m om ento. Zack tinha de ser forte *pelos dois*.

Mesm o j á tendo escutado partes da história, ouvi-la dizer isso, ver a acusação e dor nos olhos dela quase o deixaram de j oelhos. Zack ficou com pletam ente pálido.

Ele ainda estava trem endo, com suas m ãos desaj eitadas e incom petentes, ao

serem erguidos com o barreira entre eles. Então, m ais um a vez, ele a encarou diretam ente nos olhos, rezando para que ela visse sinceridade – e *verdade* – nos seus.

“Eu não sei de que diabos você está falando, Gracie. Mas m e escute, e escute com atenção. Você era *tudo no mundo para mim*. Você era a *melhor* parte da m inha vida. Eu *nunca* faria nada para m achucá-la. Eu destruiria qualquer um que fizesse isso. Eu não faço a m enor ideia de onde você tirou um a ideia tão doentia com o essa. Meu Deus. Então você tinha tão pouca fé em m im assim ?”, Zack perguntou, incapaz de afastar a pontada de dor de sua própria voz.

Ele tentou. Deus, com o ele tentou m anter o sentim ento de dor e traição fora de sua voz. Mas Zack não conseguia entender por que Gracie acreditaria que ele era capaz de tam anha atrocidade. Ela não era a única que se sentia traída naquela história confusa.

“Eu acreditei em você m ais do que em *qualquer* outra pessoa”, Gracie disse, sua voz trêm ula e rouca depois de seu desabafo com ovente. “Se eu não tivesse provas irrefutáveis, nem sequer *consideraria* a possibilidade de você estar envolvido.”

“Provas irrefutáveis?”, Zack perguntou, a incredulidade evidente em suas palavras. “Que tipo de provas?”

Ele estava tão cansado de ficar enrolando e de não chegar logo ao cerne do problem a. Sua frustração, que fervilhou por dias, estava próxim a do ponto de ebulição e Zack sentia que estava prestes a explodir.

“Apenas m e conte o que aconteceu. Quem fez isso com você? E que tipo de *prova* te faz pensar que eu algum dia tram aria estuprar horrivelm ente *qualquer* m ulher? Que dirá a garota que eu am ava. A garota com quem eu planej ava m e casar. A garota que eu planej ava que fosse a m ãe de m eus filhos. A garota que eu queria ter j unto com igo para sem pre. Eu com preendo que você m e odeie, Gracie. Mas, pelo am or de Deus, o m ínim o que você pode fazer é m e contar que diabos aconteceu. Quem colocou as m ãos im undas em você? Quem te m achucou? *Quem te estuprou?”*

Os dentes de Zack ficaram firm em ente cerrados e sua pulsação acelerada com o nunca. Apesar de todos os seus esforços para perm anecer calm o e m anter as em oções sob controle, ele era um a bom ba relógio prestes a explodir.

Zack não im aginava que algo pudesse m achucá-lo m ais do que chegar em casa e descobrir que Gracie tinha sum ido. Desapareceu com o se ela j am ais tivesse sido a parte m ais im portante de sua vida. Achava que nada seria pior do que a desolação enraizada em sua alm a pelos últim os doze anos quando, apesar das suas tentativas, ele não obteve sucesso na busca por Gracie.

Mas isso… Isso tinha o poder de destruí-lo m ais um a vez. Gracie pensar algo tão baixo ao seu respeito e acreditar, todo esse tem po, que ele tinha se virado contra ela. Que inferno, agora aquela afirm ação m isteriosa sobre ele term inar o trabalho, fazia sentido. Gracie achava que ele tinha m andado espancá-la, além de tê-la estuprado há doze anos. Que tipo de desgraçado doentio e desaj ustado ela pensava que ele era?

“Não aj a com o se fosse a parte prej udicada aqui!”, Gracie gritou, com as lágrim as escorrendo livrem ente pelo rosto. “*Você* não é a vítim a aqui. Você acha

que eu sim plesm ente cheguei à conclusão de que você orquestrou o estupro? Seus *amigos* m e estupraram , Zack. *Seus* am igos. E não, eles não m e contaram que foi você quem os m andou fazer aquilo. Eles não falaram nada. Eles estavam ocupados dem ais rindo enquanto eu *chorava*. Mas os pensam entos deles estavam nítidos com o um letreiro lum inoso. Era com o ler o roteiro de um film e de terror.

Todos os três tinham a m esm a m em ória de você pedindo para eles te fazerem um pequeno *favor*. Com o se eu fosse um m aldito incôm odo do qual você queria se livrar. Você não podia só ter term inado com igo com o as pessoas norm ais fazem ? Não podia apenas m e *contar* que não m e queria m ais?”

Zack ficou em pé na m esm a hora, soltando as m ãos de Gracie enquanto ele a encarava em descrença, chocado. A sala estava girando ao redor dele em círculos estonteantes. O sangue subiu até suas orelhas e o som foi ensurdecedor.

Zack procurou na expressão de Gracie algum sinal de que tinha escutado aquilo errado. Mas não, cada um a das palavras ficou m arcada em sua m ente com clareza dolorosa. Aquilo era um pesadelo. Um do qual ele não tinha esperanças de acordar. Naquele m om ento, Zack queria m orrer.

“*Que amigos*?”, ele perguntou com um a voz horrorizada.

Zack m al foi capaz de pronunciar as palavras enquanto seu peito se apertava a ponto de ele não conseguir m ais respirar. Ele estava paralisado, incapaz de se m over, de pensar, de processar a terrível verdade.

Gracie se encostou no sofá, e foi com o se toda a vida tivesse saído dela, deixando-a seca e apática. Ela estava com um a aparência tão aflita e desesperadora que olhar para ela partia o coração de Zack.

“Kevin, Stuart e Bry an”, Gracie disse em um tom de voz sem em oção.

Zack ficou rígido com o susto. Não. *De jeito nenhum.* Isso só podia ser um a piada m aldosa. Ele nem conseguia form ular seus pensam entos de form a coerente para fazer m ais perguntas. Kevin, Stuart e Bry an? Eles não eram apenas am igos de Zack, eles eram seus m elhores am igos. Zack os conhecia desde o j ardim de infância. Que m aldição, ele ainda os via um a vez por ano, ou m ais ou m enos isso. Frequentou as casas, conheceu suas esposas e filhos.

E eles não apenas aterrorizaram e estupraram a garota que sabiam m uito bem que ele am ava, m as fizeram isso pensando nele? Meu Deus, Zack estava passando m al. Ele chorou na m erda dos om bros deles quando Gracie desapareceu. Eles até o aj udaram a procurar por ela. Ninguém m ais dava a m ínim a im portância para ela, e na verdade, a m aioria das pessoas da cidade nem ao m enos sabia quem era Gracie. Seu pai riu quando Zack foi até ele em pânico e desespero. Ele disse a Zack que ela provavelm ente fugiu, assim com o a m ãe dele, e que ele ficaria m elhor sem ela.

Jesus Cristo, não era por m enos que eles sem pre perguntavam se Zack tinha conseguido encontrá-la ou não. Não adm irava eles acreditassem de verdade que ela estava viva, quando a m aioria das pessoas insinuaria sutilm ente ao am igo que Gracie provavelm ente estaria m orta e que ele j am ais saberia o que aconteceu com ela. Todas as vezes que Zack encontrou os am igos nos anos seguintes, eles sem pre perguntaram se ele tinha conseguido encontrar Gracie. Eles provavelm ente ficavam felizes por dentro com o fato de ele não ter conseguido, porque, do contrário, a verdade seria exposta. Assim com o estava vindo à tona

agora. E então Zack saberia cada detalhe do ato noj ento. Especialm ente a parte em que eles o envolveram no crim e deles.

Houve um som terrível de angústia, que fez Zack estrem ecer. E então ele

percebeu que foi ele quem em itiu o som .

“Não”, ele sussurrou. “Oh, m eu Deus, não. Não. Não. *Não!* ”

Zack fechou os olhos e cerrou os punhos com força ao lado do corpo. Ele estava desm oronando pedaço a pedaço e estava a ponto de se desfazer com pletam ente.

Ele cam baleou, suas pernas j á não conseguiam segurá-lo. Zack caiu de j oelhos, cobrindo o rosto com as m ãos, enquanto sons guturais de desespero saíam de seu peito e fervilhavam para fora de sua garganta. Sua visão ficou em baçada pelas lágrim as e ele as esfregou com raiva, determ inado a não perder o controle. Por Gracie. Pelos dois. Para que eles pudessem ter um a chance. Para que ele tivesse um a chance de ganhar a confiança dela novam ente. Zack precisava *manter o controle*.

Sabendo que não tinha chance de ficar em pé, ele engatinhou até o sofá onde Gracie estava sentada, com os olhos encharcados de desespero, a angústia dela refletindo a dele.

O peito de Zack estava tão apertado que ele sentia com o se estivesse prestes a explodir. Um nó se form ou em sua garganta, tornando a respiração quase im possível. E ainda assim isso era im portante. O m om ento m ais im portante que ele j á viveu. Aquilo era sua vida. Seu am or. Sua felicidade. E a m ulher que tinha essas três coisas em suas m ãos pequenas e delicadas acreditava que ele havia com etido aquele ato indescritível.

VINTE E DOIS

Anna-Grace ficou estática, em choque, ao ver Zack devastado pela tristeza. A cabeça dela estava fervendo de confusão, e ela sentia-se da m esm a m aneira com o no hospital, logo depois de lhe inj etarem os analgésicos. Será que ela estava tendo algum a psicose induzida por drogas? Será que tudo aquilo era um sonho bizarro e ela *ainda* estava no hospital? Será que ela tinha im aginado toda a cadeia de eventos até agora?

Mas não, aquilo tudo era real. O toque de Zack era real, e ele entrelaçou as suas m ãos com as dela com tanta força, que Gracie estrem eceu. No entanto, ela abafou sua reação, j á que não queria que Zack notasse que ele a havia m achucado. Por que isso tudo era tão confuso? Gracie não devia gostar de ver

Zack m agoado? Gostar de vê-lo sangrar, assim com o o coração dela sangrava sem pre que se recordava dos tem pos felizes? De quando ela estava apaixonada e pensava que *era amada* por ele?

Entorpecida, Gracie olhava enquanto Zack, trêm ulo, puxava as m ãos dela até seus lábios e, fechando os olhos, abaixou um pouco sua cabeça para que sua boca tocasse os dedos dela. Foi um gesto tão terno, tão cheio de em oção e dor, que Gracie prendeu a respiração e ficou assim até a hora em que foi forçada a expirar, porque seu peito doía pela falta de oxigênio.

Nada daquilo fazia sentido. Ela não tinha se enganado. Os pensam entos e m em órias de seus agressores tinham sido idênticos. Zack m andava-os acabar com a vadia e se livrarem dela. Ela era um peso m orto que ele não queria m ais carregar. Cada palavra e cada im agem a m achucaram m ais do que a dor física e a hum ilhação. Gracie chorou, m as não pela dor. Não, ela ficou desnorteada com o choque e totalm ente desolada, e nem sentia a violência que sofreu. Suas lágrim as foram por Zack. E pelo que ela tinha e sabia que perdeu. Na verdade, o que ela nunca *teve*, porque foi tudo um a *mentira.*

Zack j am ais a am ou. Ele não sabia o que era am or. E talvez aos 16 anos Gracie tam bém não soubesse, m as ela sabia o que o am or não era. O am or não era vergonhoso e degradante. O am or não era descartá-la insensivelm ente com o lixo, depois de reduzi-la àquele nível.

Gracie ainda podia se lem brar de com o se sentiu, deitada naquele chão, chorando, com pletam ente despedaçada, rezando para m orrer. Lem brou com o, m ais tarde, quando se arrastou até seu m inúsculo quarto de hotel, ela se esfregou por horas em um chuveiro que não tinha água quente. Mas sentir a água fria na pele não era nada com parado ao frio de gelar os ossos que vinha das profundezas de sua alm a.

Gracie j am ais se esqueceu de quando sentou-se na cam a, nua, trêm ula, com a pele verm elha e em carne viva de tanto esfregar e desej ando o que apenas alguém sem esperanças contem pla. E pior, naquelas horas som brias, quase cedeu à tentação avassaladora que sussurrava insidiosa por sua m ente destruída.

E Zack estava pedindo não pelo perdão de Gracie, pois algum as coisas não eram perdoáveis, m as sim para que ela acreditasse em algo que contradizia o que seu dom a perm itiu ver e *saber*.

A reação dele não era de vergonha, rem orso ou culpa, ou até m esm o de aflição por ter sido descoberto. Ela via alguém que estava com pletam ente…

arruinado. Desespero e am argura com pletos estavam evidentes em cada traço de seu rosto. Havia um a devastação tão esm agadora nos olhos de Zack que *doía* olhar para ele.

Gracie com eçou a tiritar, e isso rapidam ente se transform ou em trem ores que se espalharam por seu corpo com o um incêndio. Sua garganta parecia fechar, a ponto de cada respiração ser um ciclo torturante de inspiração e expiração. Um estranho barulho de chiado ecoou em seus ouvidos e ela levou um m om ento para perceber que era o som de sua respiração – ou m elhor, sua tentativa de respirar.

Zack abriu os olhos e o barulho ficou m ais nítido. Por um m om ento, ela sim plesm ente parou de tentar buscar m ais ar para os seus pulm ões sedentos enquanto tentava encontrar um sentido para a reação dele. As lágrim as de Zack eram facilm ente visíveis e ele não fez nenhum esforço para disfarçar sua tristeza. Um a tristeza tão terrível. Gracie nunca viu em ações tão puras refletidas nos olhos de outra pessoa. Foi algo arrasador para ela. A dor de Zack refletia a tristeza dela, era com o um a j anela para sua alm a e para seu próprio sofrim ento.

Um sofrim ento pelo qual ele era o responsável.

“Gracie”, Zack disse, com a voz repleta com as m esm as em ações tão visíveis em seu rosto. “Você precisa acreditar em m im , querida. *Por favor.* ”

Ele colocou as m ãos dela para baixo, no colo dela, e então se inclinou para frente, com os dedos trem endo tanto quanto os dela tam bém trem iam . Zack levantou suas m ãos até a face de Gracie, hesitando, com o se tem esse que ela recuasse, e então, cuidadosam ente, segurou-lhe o rosto.

“Eu não ligo para o que você leu ou *pensa* que leu daqueles canalhas doentes de m entes perturbadas. Isso não im porta. Eu não tive *nada* a ver com o que eles fizeram a você. Eu j uro pela m inha vida! Eu *nunca* iria fazer nada para m achucá-la. Eu poderia m atá-los pelo que eles fizeram . Então que Deus m e aj ude, porque eu *irei* m atá-los, nem que sej a a últim a coisa que eu faça na vida.”

A voz de Zack ficou rouca, cada palavra era intensa e exaltada. Os olhos dela

estavam arregalados com a surpresa por vê-lo im plorar. Zack nunca im plorava por nada. Ele era m uito orgulhoso e m uito determ inado a fazer as coisas do j eito dele. E ela nem podia com preender por que ele estava im plorando! Ele estava negando? Tudo? Ele estava louco? Ou ele estava dizendo que *ela* estava louca?

“Eu te am o. Eu nunca am ei e nunca vou am ar alguém com o am ei você.

Você sabe o que *aconteceu* com igo ao chegar em casa e descobrir que você se foi?”, ele perguntou, com os olhos ardendo. “Você sim plesm ente sum iu, não deixou vestígios. Não havia nenhum a pista de onde você podia ter ido. E eu procurei. Eu procurei você por todos os lugares. Nunca parei de procurar.”

A expressão no rosto de Zack ficava cada vez m ais feroz, m ais séria. Seu olhar era penetrante, desej ando que ela entendesse – que acreditasse nele.

“Eu não sei o que aconteceu naquele dia ou por quê. Mas eu vou descobrir,

Gracie. Porque aqueles filhos da puta não só colocaram as m ãos em você” – ele se interrom peu e estrem eceu, e então respirou fundo várias vezes para se recom por –, “eles te levaram para longe de m im . Eles sabiam que eu te am ava.

Eles sabiam que eu planej ava passar o resto da m inha vida com você.”

Zack encerrou seu apelo exaltado e ficou em silêncio, estudando o rosto de Gracie. Ela tinha certeza de que o que ele viu não foi bom . Todo o sangue j á havia fugido do rosto dela. Seus olhos estavam arregalados de choque. E ela ainda estava trem endo com o um a vareta e respirando com dificuldade.

“Gracie?”, Zack sussurrou hesitante. Com o olhar, ele im plorava, suplicava silenciosam ente para que ela aceitasse aquele apelo em otivo. Suas m ãos acariciaram levem ente as bochechas dela, atento às feridas. Então, com o polegar, Zack enxugou gentilm ente as lágrim as que ela não tinha percebido que caíram .

“Por favor, diga que acredita em m im .”

Gracie fechou os olhos e sentiu-se cedendo levem ente, sentindo a tênue ligação que tinha com a com postura se perdendo. Ela tentou responder, m as não conseguia respirar, m uito m enos articular seus pensam entos caóticos. Abriu os

olhos em pânico quando seu peito se contraiu a ponto de não conseguir m ais respirar de form a curta, com o antes fazia. Seus braços se agitaram freneticam ente, em purrando as m ãos de Zack, que ainda seguravam seu rosto.

Ela escutou um xingam ento distante e abafado, m as não conseguia pensar em m ais nada, j á que o ruído em seus ouvidos se intensificou a ponto de parecer um trem de carga passando sobre ela.

E então Gracie fez algo que ela j urou *nunca* m ais fazer.

Olhou desesperada para Zack, pedindo por aj uda e conseguiu dizer o nom e dele antes do am biente ficar totalm ente escuro ao seu redor.

A últim a coisa que ela captou foi a seriedade no rosto de Zack – um a expressão carregada de preocupação – que a segurou nos braços. Aquele perfum e fam iliar, inalterado em doze anos, envolveu Gracie. Estar nos braços dele lhe dava um a profunda sensação de… volta ao lar.

E nada nunca pareceu tão bom quanto isso.

VINTE E TRÊS

Zack segurou Gracie nos braços, apreciando os m om entos de silêncio no quarto escuro. Ele se certificou de deixar a luz do banheiro acessa, e a porta aberta o suficiente para que, se Gracie acordasse, não entrasse em pânico ao se ver aninhada firm em ente nele. Algo com que Zack tinha sonhado em m ais noites do que poderia contar. E finalm ente suas orações foram atendidas, ainda que os dois tivessem um longo cam inho a percorrer na j ornada que os levaria de volta um ao outro.

Zack tinha esperança, entretanto. Ele tinha de fazer isso, ou então a fina corda que os unia iria rom per, deixando-o desesperadam ente agarrado aos seus últim os vestígios de sanidade e m ergulhando-o em um m undo som brio de desespero.

Afundou o nariz nos cabelos dela e inalou seu perfum e, e em seguida percorreu com os dedos as suas m echas. Lem branças de tantas noites que passaram assim com o aquela estavam bem claras em sua m ente. Gracie nos seus braços, com seu pequeno corpo colado ao seu. Zack olhando para o futuro, para as m uitas outras noites que passariam da m esm a m aneira, assim que estivessem casados

e ele fizesse am or com ela pela prim eira vez.

Zack sentiu um a nova onda de aflição bater novam ente por tudo o que Gracie perdeu. Por tudo o que *ele* perdeu. Ela era apenas um a garota de 16 anos, que foi brutalm ente violentada por hom ens em quem Zack confiava. Que cham ava de am igos. Não, ele não tinha nada a ver com o crim e doentio deles, m as de certa form a era culpado da m esm a form a, porque Gracie j am ais estaria exposta a eles se não fosse por Zack.

Com a cabeça apoiada em seu om bro, ela dorm ia profundam ente – Zack torcia para que ela não estivesse sonhando com algo que envolvesse m em órias do passado. Ao forçá-la a relatar tudo o que tinha passado, Gracie se viu levada de volta àquele terrível dia. Ela foi em purrada novam ente ao horror de seu pior pesadelo. E Zack viveu isso bem ao lado dela. Isso levou em bora um pedaço de sua alm a que ele nunca teria de volta. Zack viveria o resto de seus dias sabendo que Gracie sofreu o inim aginável, todo o tem po pensando que foi ele quem lhe causou aquilo. Zack m al podia pensar nisso sem se sentir com pletam ente despedaçado.

Ele não tinha certeza se o que desencadeou o ataque de pânico e o desm aio foi fazê-la relem brar seu sofrim ento daquele dia ou... se ele ter defendido sua inocência finalm ente levou Gracie além de seus lim ites.

Zack nunca sentiu tanta falta de esperança na vida. Exceto quando teve de encarar o fato de que Gracie tinha partido e que j am ais voltaria para casa. Ele não podia sobreviver à perda dela um a segunda vez. Se ela se recusasse a acreditar, se ela fugisse o m ais rápido e para o m ais longe que pudesse, Zack ficaria vazio. Ele seria eternam ente um a concha vazia, vagando sem rum o pela vida, sem nenhum a finalidade, sem esperanças. Sem a alegria que apenas

Gracie podia trazer.

Mas antes que Zack pudesse sequer pensar em recuperar a preciosa dádiva que era a confiança de Gracie e que ela acreditasse na palavra dele de que ele não fez aquilo, havia outras coisas im portantes a serem tratadas.

A m andíbula de Zack estava cerrada e, sua m ão, ainda apoiada nas costas m agras de Gracie. O ódio o consum ia, nublando sua m ente e criando um a névoa verm elha em seus olhos. Enquanto seus am igos desgraçados aproveitavam suas vidas, com esposas e filhos, Gracie estava por aí sozinha, arruinada, carregando

cicatrizes invisíveis e *permanentes*. A Zack foram negadas as m esm as coisas que seus am igos tinham garantido em suas vidas. Porque eles se certificaram de que ele e Gracie não teriam nada do futuro que Zack tinha planej ado.

Por quê? Maldição, *por quê*? Aquilo era tão bizarro e doentio que Zack nem conseguia com eçar a com preender. Qual seria o propósito deles para fazer algo tão vil? Invej a? Eles ficavam ressentidos por Zack dividir seu tem po entre Gracie e a escola, e não ter tem po para m ais nada no m eio? E se era esse o caso, quem diabos tom ava m edidas tão extrem as e crim inais por causa de invej a? Isso era m aluquice.

Não, Zack ainda não tinha as respostas. Ainda não.

Mas ele iria consegui-las.

Odiava ter de deixá-la, era a últim a coisa que queria fazer. Mas até que encontrasse os hom ens que arruinaram um a garota inocente, Zack e Gracie não teriam nenhum a chance. Porque ela não acreditaria nele apenas pela sua palavra. Ele encontraria a verdade, não im portava o que precisasse fazer. Zack os faria sangrar, assim com o fizeram Gracie sangrar. Ele iria feri-los, assim com o feriram Gracie. Eles logo iriam descobrir com o era enfrentar alguém do tam anho deles, em vez de abusar de um a garota m uito m enor e delicada.

Isso deixava Zack com ânsia de vôm ito. Os hom ens que estupraram Gracie tinham 20 anos de idade, eram quatro anos m ais velhos que ela. Um a *menor de idade*, pelo am or de Deus.

Ele bufou sem querer, e o ar saiu fazendo um som parecido com o de um choro soluçado.

Zack deveria ter sido seu prim eiro hom em . Eles não iriam fazer am or até a noite de núpcias.

Porque, m ais que tudo, Zack queria dar a Gracie o respeito que ela m erecia e não iria precipitar seus votos. Ele pretendia fazer da prim eira vez deles j untos algo especial. Um a noite que ela se lem braria pelo resto de sua vida. Um a da qual ele tam bém se lem braria.

Zack queria dar a ela tem po para crescer e am adurecer m ais, para se tornar plenam ente a m ulher que ela viria a ser. E assim com o Gracie iria se casar sem

nunca ter sido tocada, então Zack tam bém queria honrá-la se entregando *somente* a ela.

Gracie ficava adoravelm ente tím ida quando falavam de fazer am or, e eles falavam disso com frequência, com partilhando suas esperanças e sonhos. Ele sussurrava para ela com o estava contente por ser o único hom em com quem ela faria am or e com o ele iria honrar aquele presente dando o m esm o a ela. Gracie seria a única m ulher com quem *ele* faria am or.

Na noite em que perdeu sua virgindade, no seu prim eiro ano com o j ogador profissional, Zack dorm iu ao lado de um a m ulher cuj o o nom e ele nem se lem brava, e ele j am ais se sentiu tão m al em toda a sua vida. Ele olhou para o teto, com os olhos ardendo com o se ele tivesse passado um a lixa neles, e ficou triste com a perda de Gracie novam ente. Em seguida, ele rolou para fora da cam a e m al conseguiu chegar ao banheiro antes de vom itar na privada.

Zack só foi fazer sexo de novo depois de abandonar o futebol am ericano, quando j á trabalhava com o um policial. Com o tem po, a coisa tornou-se um pouco m ais fácil. Por fim , Zack até conseguia apreciar o sexo, no sentido físico.

Mas nenhum a vez ele chegou a se envolver em ocionalm ente. Ele nunca teve a experiência da euforia e da satisfação m ental de fazer am or com alguém com quem se im portava. Alguém que *amava*.

Será que Gracie tinha conseguido ter um a relação saudável com outro hom em depois de um a experiência tão traum ática? A im agem de outro hom em segurando-a, tocando-a, beij ando-a, am ando-a… deslizando pelo seu corpo m acio e doce. Isso fazia o peito de Zack apertar até doer de verdade, e o deixava cheio de invej a pelo hipotético am ante dela.

Zack reconhecia a hipocrisia de sua reação e, na verdade, apesar de desej ar de todo seu coração que ele tivesse sido a pessoa a reconfortá-la, am á-la e lhe dar prazer – e m ostrar à Gracie a beleza de fazer am or para varrer as lem branças de dor, degradação e estupro –, ele realm ente esperava que ela *tivesse encontrado* alguém que se im portava o suficiente para fazer com que esta experiência fosse bonita e prazerosa para ela.

A ideia de que Gracie se fechou para qualquer tipo de intim idade e viveu sozinha – tem erosa – relutante em confiar em qualquer pessoa por causa de *suposta* traição dele, partia o coração de Zack.

Apesar da sua esperança de que Gracie tivesse sido capaz de superar um incidente terrível aos *16 anos,* um a época tão frágil e em otiva para qualquer garota, ele tinha dentro de si o sentim ento de que ela nunca perm itiu que ninguém se aproxim asse o suficiente para estabelecer o tipo de confiança necessária para tal intim idade.

Em bora Zack certam ente não tivesse tido um a im pressão m uito favorável de Sterling desde o prim eiro encontro que tiveram , ele estava errado. Parecia que Sterling era um bom hom em e que ele foi bom para Gracie. Mas Sterling deixou claro que ele e Gracie eram apenas am igos. Nada m ais. Não que Sterling não tivesse ficado interessado. Ele adm itiu. Mas Gracie o rej eitou e, ainda assim , eles se tornaram am igos.

Ela parecia confiar nele, ainda que não tivesse perm itido m ais do que am izade, o que dizia a Zack que ela provavelm ente nunca tinha ido tão longe com m ais ninguém .

Essa inform ação deveria ter lhe deixado satisfeito, m as tudo o que ele sentia era um pesar oco pelo fato de Gracie nunca ter estado com alguém que lhe m ostrasse ternura e… am or.

Zack queria ser esse hom em . Ele queria isso m ais do que desej ava viver. Mas a não ser que pudesse de algum a form a entregar à Gracie provas tangíveis de sua inocência e não apenas sua palavra, ele sabia no fundo do coração que a

perderia novam ente.

Ao pensar nisso, Zack ficou paralisado, sua m andíbula tensa a ponto de quase quebrar os dentes. Ele não podia – e não devia – perm itir que aquilo acontecesse novam ente. Um a fúria assassina cresceu dentro dele, e sua m ente foi consum ida por desej o de vingança. De j ustiça por Gracie. De descobrir a verdade. De liberdade para am bos, para que então talvez – *talvez* – eles pudessem superar o passado, j untos.

Os fios m acios do cabelo de Gracie, que estavam envoltos nos dedos dele deslizaram das m ãos de Zack enquanto ele cerrava o punho. Ele sabia o que tinha de ser feito. Ele queria buscar a vingança. Por Gracie. Pelos dois. Seus pensam entos foram tom ados por violência e pelo desej o de fazer os m erdinhas que m achucaram sua Gracie *implorar* pela m orte.

Zack os faria confessar cada detalhe sórdido daquela agressão horrível a um a garota que legalm ente ainda era um a criança. E então as esposas deles poderiam decidir se elas queriam perm anecer casadas com um estuprador ou se algum dia elas deixariam as próprias filhas com eles.

Suas têm poras latej avam e Zack se obrigou a acalm ar os pensam entos raivosos e o desej o de vingança. Apenas por ora. Ele deitou o rosto sobre a cabeça de Gracie e a puxou para m ais perto de si.

“Eu te am o, Gracie”, ele sussurrou. “E para que eu possa ter esperanças de fazer você m e am ar novam ente, há algo que preciso fazer. Tenho que te deixar por um m om ento, m as eu volto. Eu j uro.”

Zack virou o rosto, deslizando sua bochecha nos cabelos de Gracie o suficiente para conseguir pressionar os lábios na testa dela. Fechando os olhos, ele inalou profundam ente, captando as sensações que em anavam dela, tão m acia e quente, e tam bém tão preciosa.

Zack pretendia guardar aquele m om ento com ela em seus braços, um m om ento em que, por apenas um lapso de tem po, tudo estava bem e perfeito.

Aquilo seria suficiente para m antê-lo firm e até que a j ustiça fosse feita e ele pudesse retornar à Gracie com as respostas que am bos precisavam – e m ereciam – desesperadam ente. Porque apesar de Gracie ser indiscutivelm ente a m aior vítim a nessa tragédia, os dois eram vítim as de algo m aior, que tinha alterado suas vidas por com pleto. E levaria tem po – e com preensão – para poderem corrigir os erros do passado e seguir em frente, deixando para trás algo que os assom braria para o resto de suas vidas.

VINTE E QUATRO

Gracie acordou sentindo-se bastante letárgica. As pernas e braços estavam pesados e sem energia e foi preciso m uito esforço até m esm o para se virar na cam a. Ela se sentia exausta, com o se tivesse chum bo correndo nas veias, e seus reflexos estavam lentos e atrasados. Era com o se ela tivesse sido drogada ou profundam ente sedada.

Torceu o nariz, tentando lem brar se tinha tom ado algum dos rem édios que o m édico prescreveu quando ela foi liberada, m as não, ela não lem brava. Desde que ela e Zack chegaram àquele lugar, as coisas aconteceram com o em um

turbilhão.

Ficou parada enquanto as m em órias com eçavam a deslizar de volta para o lugar, com o pedaços de um quebra-cabeça. Encaixando-se em um a velocidade que a deixou m om entaneam ente desorientada. Então um pouco da confusão se dissipou e a neblina se desfez, revelando com clareza dolorosa tudo o que tinha acontecido na noite anterior.

Gracie estendeu a m ão com hesitação e se virou, im aginando que Zack ainda estava do seu lado na cam a. Ela não se lem brava dele colocando-a para dorm ir depois do ataque de pânico devastador, m as em algum m om ento da noite ela acordou brevem ente e se viu firm em ente aninhada no corpo de Zack, cercada por seus braços com o um a se fossem um a parede protetora. Isso tudo parecia…

bom . Pela prim eira vez em anos, ela se sentiu *segura*. E isso era perturbador.

Nada tinha sido resolvido. Nada m udou. Ou será que sim ?

Tudo o que a m ão de Gracie conseguiu encontrar foi um espaço vazio. Não sentiu nem m esm o um lençol am assado ou calor para indicar que ele tinha acabado de sair da cam a. Ela franziu a sobrancelha e ficou confusa ao se pegar instantaneam ente desapontada por descobrir que Zack tinha saído. Tudo o que Gracie queria era ficar próxim a dele novam ente, com seus braços em volta dela, para experim entar, apenas por um m om ento, a certeza de que nada poderia m achucá-la de novo.

Mas ele foi a pessoa que *mais* a m achucou.

Gracie não seria convencida por palavras, independentem ente do quanto elas fossem persuasivas. Mas… e se… Não, ela não voltaria atrás. Seu dom era infalível – quando ela ainda possuía a habilidade de ler m entes. Mas isso sum iu, j unto com sua inocência e sua crença no bem .

Ela *não* tinha se enganado. Não havia com o os três estupradores terem as m esm as lem branças idênticas do m esm o evento. E, ainda assim , Zack ficou extrem am ente devastado com a revelação. Ninguém conseguiria sim ular aquele tipo de reação. Ele parecia com pletam ente am argurado e não havia fingim ento em suas lágrim as de angústia. Gracie nunca viu tam anha agonia em alguém .

Ela podia ficar louca tentando com preender o incom preensível. Não havia sentido nem em com eçar a tentar. Mas Gracie *podia* garantir que j am ais se

colocaria em um a posição onde seria traída por alguém que confiava. A solução era sim ples. Ela não daria a Zack – ou a ninguém m ais – a oportunidade de traí-

la. E isso não era um bom j eito de viver. Nunca se perm itir ficar próxim a de alguém . Nunca ter am izades, relacionam entos íntim os, nem partilhar sua vida com alguém com quem ela se im portasse. Gracie j á não tinha passado boa parte da sua vida vivendo dessa m aneira? Em um vazio im posto por si própria, guardando as em oções de cada dia, j am ais sonhando com o futuro, sem nunca sonhar de form a algum a?

Essa ideia a encheu de tristeza, e, aborrecida consigo m esm a por j á ter sido enfraquecida pela influência de Zack em apenas 48 horas, Gracie em purrou as cobertas e sentou-se cautelosam ente, deslizando as pernas e trazendo-as para a beirada da cam a.

Devagar, Gracie se levantou, segurando na cabeceira para que não desabasse no chão. Sentiu dores ao fazer isso, e um calor percorreu seu corpo. A tensão dos m úsculos e a dor a deixaram levem ente ofegante enquanto ela cam baleava com o um a universitária bêbada. Gracie parou por um m om ento para se orientar e, depois de se equilibrar o suficiente para se sentir confiante – o bastante para não cair de cara no chão –, ela deu um passo intencional, satisfeita por não ter oscilado m uito.

Gracie ainda vestia as roupas que tinha usado no dia anterior. Aborrecida com esse fato, ela cam inhou até o arm ário. Zack tinha dito que Eliza fez com pras para ela, e Gracie estava curiosa para ver que roupas tinham sido escolhidas.

Se ela chegou a se preocupar, foi em vão. As peças eram um exem plo de conforto. Calças j eans m acias e leves foram dobradas cuidadosam ente e organizadas na prateleira. Havia diversos tops à disposição para ela escolher, assim com o sapatos, m eias e, para seu constrangim ento, um a seleção de calcinhas e sutiãs. Parecia que Eliza tinha pensado em tudo.

Ignorando o j eans, porque não estava disposta a lutar para entrar nas calças j ustas, Gracie decidiu vestir calças esportivas e em seguida escolheu um a das cam isetas de aparência confortável.

Gracie daria qualquer coisa por um banho quente e para ficar de m olho durante um as duas horas, m as ela sabia que não existia um a oração específica para aj udar a sair de um a banheira depois de j á estar nela, e ela não pretendia pedir aj uda ao Zack. Mais tarde, ela tentaria tom ar um banho e torcer para que estivesse forte o suficiente para não escorregar e cair.

Depois de escovar os dentes e dom ar seus cabelos em baraçados aj eitando-os em um rabo de cavalo m ais discreto, Gracie tom ou coragem para sair do quarto e andou cuidadosam ente em direção à sala. Para sua surpresa, ela viu Wade e Eliza – e não Zack. Onde ele estava? Nos últim os dias, ela não podia dar um único passo sem que ele estivesse no m áxim o a um m etro de distância.

Eliza estava anim ada fazendo café, e Wade... bem , ele não parecia feliz com a com panhia de Eliza. Gracie ficou im aginando por quê. Wade com certeza gostava de um a m ulher bonita e Eliza era bastante atraente. Sem falar que era com petente e autossuficiente. Tudo o que Gracie desej ava ser.

Wade recusou o café que Eliza ofereceu e, dando de om bros, Eliza sentou-se no sofá, segurando sua xícara nas m ãos com o se tivesse um copo de am brosia. A

expressão de êxtase no rosto dela chegava a ser côm ica.

Então Eliza olhou de relance e viu Gracie na porta. Ela im ediatam ente ficou em pé, colocou o café na m esa à frente do sofá e apressou-se para onde Gracie estava.

“Com o está se sentindo?”, perguntou Eliza. Ela colocou a m ão sob o cotovelo de Gracie para guiá-la pela sala e então fazê-la sentar com segurança em um a das poltronas. “Você gostaria de um pouco café? Eu acabei de passar, então está gostoso e quentinho. E eu faço um cafezinho m atador, com o costum o dizer para m im m esm a.”

Wade tam bém foi até Gracie, com um a expressão preocupada no rosto.

“Você está bem , Anna-Grace?”, ele perguntou em voz baixa. “Está com fom e? Tem algum a coisa que eu possa fazer por você?”

Para a sua própria surpresa, Gracie *estava* com fom e. Depois de alguns dias apenas bebericando um as poucas colheradas de sopa, na m elhor das hipóteses, seu estôm ago estava roncando ruidosam ente.

“Tom ar café e com er algo seria m uito bom ”, ela disse suspirando.

Eliza sorriu.

“Eu diria que isso é um bom sinal, você está com eçando a m elhorar.”

Wade se virou para Eliza e perguntou de m á vontade:

“Você tam bém gostaria de algo para com er?”

Os olhos de Eliza tinham um brilho m alicioso, quase com o se ela soubesse que tinha irritado Wade – e não ligasse a m ínim a para isso. Ela sorriu docem ente, forçando inocência.

“Ora, m uito obrigada, Wade. Eu adoraria algo para com er. Gracie e eu podem os com er j untas.”

“O *nome* é Anna-Grace”, Wade resm ungou.

Eliza virou-se para ela, com um pedido de desculpas evidente no olhar.

“Desculpe-m e. É que Zack sem pre te cham ou de Gracie, e é desse j eito que te conheço. Você prefere que eu te cham e de Anna-Grace?”

Gracie sorriu para tranquilizá-la. Eliza era tão boa e gentil, e a últim a coisa que Gracie queria era fazê-la achar que tinha feito algo errado.

“Pode m e cham ar das duas m aneiras. De verdade. Eu não ligo. Zack é o único que m e cham ava de Gracie. Era o j eito com o ele gostava de m e cham ar.”

Gracie não conseguiu controlar o espasm o de dor que fez seu rosto se contorcer ao m encionar Zack, e se recordou do pequeno prazer que tinha quando ele a cham ava por aquele apelido carinhoso.

Eliza olhou para Gracie com com paixão e im pulsivam ente pegou a m ão e deu um aperto.

“Onde… onde está Zack?”, perguntou Gracie com hesitação.

Ela não queria parecer ansiosa, m as após ficar ao lado dela cada m inuto depois da agressão, parecia estranho Zack não estar ali por perto. Será que ele ficou

descontrolado com a revelação do dia anterior? Será que ele decidiu parar de se fazer de inocente e decidiu ir em bora de vez?

Mas Zack estava sendo tão… incisivo sobre não ter feito nada. E ele sem pre foi teim oso. Gracie não conseguia im aginá-lo sim plesm ente desistindo e indo em bora.

Eliza e Wade olharam inquietos um para o outro e tentaram disfarçar, m as Gracie não deixou de notar a rápida troca de olhares. Ela franziu a testa e encarou Wade, j á que Eliza provavelm ente era m ais leal a Zack e talvez não contasse o que estava acontecendo.

Wade suspirou e passou a m ão por seus cabelos im aculadam ente penteados e, por incrível que parecesse, não bagunçou um fio sequer. Este era Wade: sem pre vestido de m aneira im pecável e elegante. Gracie não tinha a m enor ideia de com o ele fazia isso. Mas a aparência de Wade – assim com o tudo em sua vida –

era bem organizada, sem nada que estivesse fora do lugar.

“Ele saiu”, falou Wade com hesitação.

Gracie ficou perplexa, m as o m ais inquietante era o fato de que ela estava...

chateada? Desapontada? Depois dos eventos da noite anterior, ela não podia sim plesm ente im aginar Zack saindo, m as talvez ela não devesse ficar nem um pouco surpresa.

“Ah, pelo am or de Deus”, disse Eliza exasperada. “Os hom ens sabem m esm o arruinar qualquer explicação.”

Wade olhou irritado para Eliza, que o encarou de volta. A anim osidade que havia entre os dois era nítida, e isso intrigava Gracie. Eles não gostaram um do outro logo de cara, m as tiveram contato antes que Gracie aparecesse ali, então talvez algo tivesse acontecido. Algo de que ela não tinha o conhecim ento. Sej a lá o que fosse, devia ter sido sério, para causar um a reação tão intensa.

“Vam os lá, Gracie”, Eliza disse, pegando-a pela m ão e gentilm ente levando-a em direção à m esa.

Ela encarou Wade com um olhar autoritário.

“Vá fazer algo útil e traga algo para a Gracie com er, enquanto eu lhe sirvo um a xícara de café *e explico* tudo a ela.”

Wade não pareceu nem um pouco contente em receber ordens de Eliza, j á que era um hom em acostum ado a dar as ordens. Mas ele não discutiu e com eçou a pegar coisas da geladeira e a m exer em panelas e bandej as até encontrar duas frigideiras. Eliza preparou um a xícara fum egante de café na frente de Gracie e, em seguida, sentou-se na diagonal dela com sua própria xícara de café.

“Prim eiram ente, e o m ais im portante, você *não* ficará aqui desprotegida”, disse Eliza enfaticam ente. “Wade e eu estam os aqui com você, e m em bros da m inha equipe irão se revezar para que sem pre haj a um a terceira pessoa presente tam bém . E bem , tam bém porque Wade é um civil, então ele não chega a contar.”

Wade bateu um a das frigideiras e se virou com um a carranca feroz no rosto.

“Eu m ediria m inhas habilidades contra qualquer um dos seus agentes frangotes em qualquer hora, qualquer lugar”, ele disse em um tom gelado. “E eu, com toda a certeza, posso proteger Gracie m elhor do que *você*. Você nem é m uito m aior do que ela, pelo am or de Deus. O que exatam ente você poderia fazer se precisasse encarar dois ou três hom ens m uito m aiores e m ais fortes, que não iriam pegar leve pelo fato de você ser um a m ulher? Está *tentando* acabar m orta, é isso?

Gracie levantou a sobrancelha, porque ela podia j urar que, no m eio da óbvia irritação de Wade, havia tam bém *preocupação* por Eliza.

“Eu não estava tentando te dim inuir, Wade”, disse Eliza, seca. “Nem estava insinuando que você era um covarde ou um bunda-m ole.”

Gracie tossiu tentando abafar a risada e acabou chiando quando o gole de café desceu errado.

“Eu apenas estava sugerindo que, por ser tão refinado e intelectual com o você é, provavelm ente não está acostum ado ao que eu – eu e m eus colegas –

lidam os todos os dias.”

Os olhos de Wade reluziram e seu rosto assum iu um a expressão m ortal, dando

à Gracie a súbita im pressão de que, apesar da aparência, ele era alguém bem diferente por dentro. E as palavras que Wade disse depois confirm aram aquele pensam ento fugaz.

“Não deixe os sinais exteriores te enganarem nem m esm o por um só m om ento, Eliza”, disse Wade, com um tom de voz que parecia… *letal*. E

perigoso.

Gracie sentiu calafrios, porque, de repente, Wade parecia alguém que você *não* queria ver irritado. Jam ais.

“Você pode se surpreender m uito com as coisas de que sou capaz. Eu não cheguei até onde estou só com m inha beleza e charm e.”

Eliza não pareceu ficar nem um pouco afetada com as declarações de Wade.

“E talvez você fique surpreso com tudo o que sei sobre você e seus diversos negócios”, ela retrucou alegrem ente. “Então, quanto a isso, não; eu duvido que vá ficar m uito surpresa com qualquer coisa vindo de você. E que ego você tem aí, hein? Quem disse que você é bonito e charm oso? Pessoalm ente, eu te acho um puta pé no saco.”

Wade apertou os olhos com o insulto.

“Que diabos isso quer dizer? O que exatam ente você sabe sobre m im ? E há m uitas m ulheres que discordam de você”, ele adicionou com um a voz sedosa e zom beteira.

Eliza riu, ignorando sua retrucada sobre outras m ulheres – que eram incontáveis, Gracie tinha certeza. Sem pre foi um m istério o fato de Wade ter se interessado em ficar m ais próxim o dela do que ficaria se o relacionam ento deles fosse apenas um a am izade casual.

“Eu sou m uito boa em descobrir inform ações das pessoas, coisas que elas não fazem questão, necessariam ente, de que o resto do m undo saiba. É útil na m inha área de trabalho. Isso deixa m eu chefe *nerd* – um dos m eus chefes – frustrado com o fato de eu ser m elhor com tecnologia do que ele. E ele sabe que isso é verdade, ainda que não adm ita.”

Wade ficou m ais carrancudo.

“Eu não estou nem um pouco interessado”, ele resm ungou e então se voltou para o fogão, praguej ando sobre m ulheres introm etidas e sabichonas.

Os olhos de Eliza m ostravam que ela estava se divertindo com a situação, quando então voltou para Gracie.

“Agora que colocam os certos egos em seu devido lugar, vou continuar a contar sobre Zack.”

Gracie teve a im pressão de que Eliza gostou m uito de baixar a bola de Wade, e era ainda m ais interessante o fato de que ela claram ente conseguisse

incom odá-lo quando quase nada parecia irritá-lo. Ele era a frieza e tranquilidade em pessoa, e Anna-Grace nunca o viu rem otam ente perturbado.

A expressão no rosto de Eliza ficou m ais séria quando ela colocou sua m ão sobre a de Gracie. Ela a apertou de leve em um gesto reconfortante.

“Zack pediu especificam ente para m im … caram ba, na verdade ele exigiu…

que você ficasse protegida 24 horas por dia e, se possível, que você não fosse a lugar nenhum . E se for absolutam ente necessário sair, então você terá um esquem a de segurança com pleto. E ele m e pediu para te falar que tinha coisas a fazer, assuntos que tinha de resolver e que ele estaria de volta o m ais rápido possível. Mas, Zack foi bem enfático quanto a isso, ele m e pediu para falar que ele *vai* voltar para você, não im porta o que aconteça.”

Eliza hesitou, com seu belo rosto visivelm ente preocupado. Gracie foi tom ada por um a sensação de pavor, enquanto escutava as palavras de Eliza. E tudo o que elas significavam . Com certeza… *com certeza* ele não iria fazer *aquilo* que ela estava pensando. Mas Zack tinha ficado com tanta raiva… *tão furioso*.

“Gracie, você tem algum a ideia de onde ele pode ter ido?”, perguntou Eliza.

“Eu estou realm ente preocupada com ele. Não consigo im aginar o que poderia ser *tão* im portante para Zack sair sozinho, por conta própria, quando o foco principal dele é, e *sempre foi*, você. Ele não disse nada além de que tinha algo para fazer. Ele não pediu por aj uda ou reforços. E nós nunca fazem os nada sem

alguém no apoio. Na DSS é só assim que operam os. Isso m e diz que se trata de algo m uito pessoal e que Zack não queria revelar a ninguém o que ele pretende fazer.”

Gracie fechou os olhos, sentindo-se esm agada pela vergonha e pelo constrangim ento. Com o ela poderia contar à Eliza – alguém que obviam ente se im portava e respeitava m uito Zack – o que ela suspeitava que Zack iria fazer?

“Gracie?”

Ela abriu os olhos e viu o olhar suplicante e fixo de Eliza, um apelo silencioso feito com os olhos.

“Você pode m e contar”, disse Eliza suavem ente, “Eu sei que você não m e conhece, e sei que é difícil para você confiar em qualquer um . Mas pode m e contar qualquer coisa. Eu não vou j ulgá-la, nem trair sua confiança. Mas Zack é m uito im portante para m im – para todos nós na DSS. E se ele estiver com problem as, nós querem os aj udá-lo. Assim com o nós farem os tudo o que puderm os para aj udar *você*. Você é im portante para Zack, e por isso é im portante para nós tam bém .”

Os olhos de Gracie ficaram m arej ados, e ela olhou para baixo por um instante, sentindo-se com pletam ente indecisa. Em seguida ela respirou fundo e olhou na direção de Wade.

“Se você quiser falar em particular, eu posso pedir para ele sair”, disse Eliza em voz bem baixa, para que Wade não conseguisse ouvir.

“Não”, disse Gracie suavem ente. “Ele sabe parte da história e precisa ouvir o resto, ou ao m enos o que eu contei a Zack. Wade odeia Zack por causa do que eu contei a ele algum tem po atrás, m as agora…”

“Mas agora o quê?”, Eliza perguntou.

Gracie levantou a cabeça, olhou diretam ente nos olhos de Eliza e adm itiu o

que a incom odava desde que ela testem unhou a reação de Zack na noite anterior.

“Agora não tenho m ais tanta certeza de que eu estava certa. Talvez…talvez eu

estivesse enganada.” As lágrim as inundaram os olhos de Gracie e com eçaram a transbordar, escorrendo por seu rosto e deixando um a trilha úm ida. “E se eu estava errada... Oh, m eu Deus, Eliza. Se eu estava errada, então com eti um erro terrível, im perdoável. Se eu estava errada, então eu puni Zack durante *anos* por um pecado que ele não com eteu. Eu não sei m ais *no que* acreditar.”

“Oh, querida”, disse Eliza com a voz repleta de com paixão.

“Ele vai m e odiar”, sussurrou Gracie. “Assim com o eu *o odiei* pelos últim os doze anos.”

VINTE E CINCO

Zack parou o carro alugado no estacionam ento, saiu e cam inhou rapidam ente pela calçada que levava até a casa de Stuart, o elo fraco da corrente, aquele que nunca teve vontade própria, um a ideia própria, e ia na onda de sej a lá o que o grupo estivesse fazendo. Mas ainda assim , Zack se perguntava o quanto Kevin e Bry an tiveram de ser persuasivos e insistentes a fim de convencê-lo a participar do estupro coletivo de Grace.

Zack sentiu vontade de vom itar m ais um a vez e precisou segurar sua reação visceral ao que três hom ens que ele cham ava de am igos fizeram com um a garota inocente de 16 anos, ou então ele perderia a cabeça por com pleto.

Se Zack tinha esperanças de conseguir um a confissão de todos os três – e ele arrancaria deles na m arra se fosse preciso –, era ali que ele precisava com eçar.

E na verdade, Zack gostava da ideia de trazer punição e vingança a sangue-frio, fazer j ustiça para Gracie e para ele tam bém . Muito m ais pela Gracie, j á que foi ela quem m ais sofreu. E que perdeu tudo, assim com o ele.

Com a m ão coçando, Zack cerrou os punhos para bater fortem ente à porta.

Nunca na vida ele sentiu um a necessidade tão intensa de derram ar sangue. E, m ais do que tudo, ele queria saber *por quê*. O que poderia ter inspirado hom ens –

de quem ele j am ais suspeitaria tal depravação – a atacar um a j ovem indefesa de m aneira tão horrível, degradante?

A porta se abriu, e a visão de Zack ficou nublada de raiva, quando Stuart olhou

para ele, bastante confuso. E em seguida, para a com pleta surpresa de Zack, os olhos de Stuart ficaram opacos, e ele m urchou com o um balão furado. A culpa e a resignação estavam nítidas, e ele sim plesm ente ficou ali, im óvel, sem falar nada. Quase com o se soubesse exatam ente o que estava por vir.

A fúria de Zack chegou ao lim ite e ele enfiou um m urro na cara de Stuart, esm agando-lhe o nariz com os nós dos dedos. O rapaz sim plesm ente ficou no chão, olhando para Zack com tanta culpa e rem orso que Zack ficou até enoj ado.

“Pode se levantar, seu filho da puta”, rosnou Zack.

Com um suspiro derrotado, Stuart lentam ente rastej ou até os pés de Zack e, cam baleando, se levantou. Seu nariz e boca estavam m anchados de sangue, e ele não fazia nenhum esforço para estancá-lo. Stuart m al olhava para Zack, com o um hom em condenado esperando por sua execução.

Em seguida, ele fechou os olhos e, quando os abriu novam ente, havia um certo brilho neles.

“Eu sabia que esse dia iria chegar”, disse Stuart em um a voz cansada.

A vergonha estava evidente em cada traço de seu rosto. Ele parecia querer m uito vom itar. Bem , isso significava então que os dois com partilhavam da m esm a vontade. A fúria de Zack era tão grande que ele nem conseguia pronunciar as palavras que queria j ogar na cara de seu antigo am igo.

“Por quê”, Zack finalm ente conseguiu falar entredentes. “Pelo am or de

Deus, por quê?”

“Você não tem ideia do quanto estou arrependido”, sussurrou Stuart. “Isso tem m e consum ido por anos. Ainda está acabando com igo. Às vezes, não consigo com er. Não consigo dorm ir. Tem horas que só consigo ver as lágrim as dela. Tudo o que consigo ouvir são os soluços. E ela perguntando por quê, de novo e de novo.

Meu Deus, eu vou vom itar.”

Zack o socou novam ente e então ficou sobre o corpo caído, de punhos cerrados, sentindo-se dilacerado por cada um a das palavras de Stuart.

“Seu cretino filho de um a puta”, Zack disse. “Você gostou de estuprar um a garota de 16 anos? Você ficou com tesão vendo e ouvindo ela chorar? Quantas vezes ela te im plorou para parar? Onde é que estava a porra da sua consciência *naquela hora*?”

“Pode m e m atar, eu m ereço”, disse Stuart debilm ente. “Não tenho nada pelo que viver m esm o. Minha m ulher m e largou, ela levou as crianças. Eu contei para ela o que fiz. Meu Deus, eu tinha de falar. Aquilo estava m e com endo vivo. Eu não podia continuar vivendo um a m entira. Ela nunca vai m e perdoar. Eu tam bém não espero que você perdoe.”

“E nunca te ocorreu contar para *mim* o que você fez?”, Zack berrou. “Você sabia que Gracie era a m inha vida. Meu m undo! E você sabia m uito bem o inferno que passei quando ela desapareceu. Você sabia que eu a procurei por anos… Que j am ais parei de procurar por ela! E você aí preocupado se sua esposa vai perdoar, quando a pessoa a quem você devia estar im plorando por perdão é a m ulher cuj a vida você arruinou com pletam ente!”

Stuart arrastou-se para cim a e se deixou cair no sofá, afundando o rosto ensanguentado nas m ãos. Seus om bros balançavam com os soluços, e Zack não achou que seu desprezo poderia ficar ainda m aior. Ele devia ficar com pena daquele patético pedaço de m erda por ele ter perdido a esposa e os filhos? E a fam ília que Zack e Gracie perderam ? E os filhos que Gracie j am ais teve nos braços? A esposa e filhos que Zack teria exatam ente agora se não fosse pela interferência desse dem ente de m erda.

“Você m e deixa com noj o”, Zack disse com um a voz quase descontrolada.

Ele estava chegando perigosam ente perto de perder o equilíbrio e de ficar com pletam ente alucinado. Tantas vidas arruinadas. E por quê?

Zack se pôs diante de Stuart e o agarrou pela cam iseta, erguendo-o até que ficassem cara a cara.

“Você vai m e contar detalhe por detalhe. Você vai m e contar por que raios vocês três pensaram durante o tem po todo em que estupravam Gracie que fui eu que pedi para vocês fazerem isso. E vai m e dizer com o diabos vocês sabiam que Gracie podia ler m entes. Porque isso foi um a arm ação com pleta, é m uita coincidência. Vocês arm aram para Gracie *pensar* que eu tinha planej ado m e livrar dela, vocês queriam fazê-la pensar que eu estava de saco cheio dela. Por

que vocês fariam algo assim ? Me odiavam tanto assim ? Vocês guardavam rancor por eu ter um a ótim a garota e um futuro com o atleta profissional? Que m erda há de errado com vocês?”

A cara de Stuart estava abatida e inchada, com hem atom as se form ando rapidam ente pelos socos que levou de Zack.

“Essa história é noj enta, cara. Você *não tem* ideia do quanto.”

Zack o em purrou de volta, soltando a cam isa de Stuart. Este caiu com um baque contra as costas do sofá, sua cabeça balançando para trás e depois para frente.

“Então, que tal você m e explicar tudo?”, Zack rosnou.

“Foi o seu pai”, Stuart m urm urou. “Meu Deus. Com o ele estava obcecado em se livrar da Gracie.”

Zack ficou im óvel, seus j oelhos dolorosam ente tensos enquanto ele sentia o choque se espalhar por sua coluna. Ele balançou a cabeça, certo de que não tinha escutado bem . Em seguida, Zack avançou sobre Stuart, pronto para enchê-lo de pancadas por ter vindo com um a j ustificativa tão im becil, um a desculpa tão esfarrapada para tirar de si responsabilidade por seu ato.

Stuart colocou as m ãos para afastar Zack e com eçou a falar rápido.

“Escute, Zack. Só m e dê um m inuto para explicar tudo, ok? Eu não tenho m otivos para m entir para você, cacete. Eu sou culpado. Culpado até não poder m ais. Mas não estou m entindo sobre seu pai. Só quero que m e dê um a chance para explicar. Eu vou contar toda essa história noj enta.”

“Então, que Deus m e aj ude, se você estiver m entindo para m im , vou arrancar seu saco e enfiá-lo goela abaixo”, disse Zack em um tom de voz baixo e am eaçador.

Stuart estava visivelm ente alterado. Pálido, trem endo feito um viciado em crise de abstinência e suando m uito. Ele lam bia os lábios, nervoso, e seus olhos estavam agitados e sem foco.

“Seu pai estava com raiva por você estar tão obcecado por um a caipira

pobretona – palavras dele, não m inhas. Ele via você com o a passagem para um a vida fácil. Ele j á tinha tudo planej ado. Iria te convencer a deixá-lo ser seu agente e em presário e, quando você fosse para a liga profissional, ele iria se aposentar com o chefe de polícia e viver a boa vida. Iria viver do seu dinheiro e sua fam a.

Mas quando Gracie surgiu, seu foco m udou com pletam ente e você só se im portava com ela, só pensava no seu futuro com ela. E de repente seu pai se viu j ogado para escanteio."

Até agora, Zack conseguia com preender exatam ente o que Stuart dizia. Isso certam ente com binava com as ações e palavras de seu pai. Mas sugerir que ele tinha algo a ver com o estupro de Gracie? Independentem ente de suas falhas, ele ainda era um policial. Ser um babaca não era contra a lei, e seu pai era bem correto quando se tratava de obedecê-la.

"Ele foi ficando cada vez m ais nervoso e, j uro por Deus, ele saiu dos lim ites.

Ele com eçou a fazer todo tipo de pergunta para m im , Bry an e Kevin. Ele ficava perguntando se você e Gracie j á tinham brigado, se Gracie estava te m anipulando, se você j á tinha falado em term inar com ela. E quando nós contam os que o relacionam ento de vocês era sério m esm o, ele perdeu a cabeça."

"E depois, m eu Deus, ele nos contou um a coisa estranha. Disse algo sobre Gracie poder ler m entes, m as que isso era um grande segredo e que nem você nem ela sabiam que ele estava ciente disso. Seu pai escutou você conversando com Gracie no telefone ou algo assim . E então ele veio com esse plano

dem ente."

O rosto de Zack ficou pálido, e seu estôm ago ficou tão em brulhado, que parecia ter virado do avesso. Sem chance, aquilo era… m aluquice dem ais.

Aquela história era tão forçada que ninguém j am ais acreditaria naquela porcaria.

"Seu pai falou que Gracie estava te transform ando em um bundão e fazia você com er na m ão dela. Disse que vocês ainda nem tinham transado porque ela estava querendo esperar o casam ento. Disse que ela estava te m anipulando e fazendo de tudo para vocês casarem . Caram ba, ele foi tão convincente com os

exem plos – coisas que nós todos tínham os testem unhado – e nós com eçam os a nos perguntar se ele tinha razão ou não. E então…”

Stuart fechou seus olhos e cobriu seu rosto com as m ãos.

“E então o quê?”, disse Zack agressivam ente, em bora j á soubesse, m erda.

Ele sabia que aquilo tudo era verdade e estava enoj ado até não poder m ais. Mas ele precisava ouvir. Tinha de ouvir aquilo em voz alta. Tinha de *ouvir* com o o seu pai era um desgraçado com pletam ente transtornado.

“Então, ele arm ou um a para nos chantagear”, disse Stuart arrasado.

“Com o?”, Zack perguntou.

Ele estava perdido e sua m ente girava fora de controle. Toda a sua vida era um a farsa. A única coisa real nela tinha sido Gracie. E ele a perdeu. Ele a perdeu da m aneira m ais terrível, repulsiva e desoladora possível. Zack estava totalm ente destruído e sua dor era esm agadora. Ele j am ais iria se recuperar disso. E com o poderia?

“Ele nos parou em um a blitz falsa de trânsito e plantou drogas o suficiente no carro para nos incrim inar com o traficantes. Isso não é um delito, é um crim e bem sério. Ele nos prendeu e disse que ia usar todo o peso da lei contra nós. A não ser que fizéssem os um ‘favor’ a ele. Ele então explicou exatam ente o que queria que fizéssem os e, Zack, ele estava totalm ente fora de si. Seu pai estava desequilibrado e incoerente, ficava m urm urando sobre com o aquela vadia ia arruinar as coisas para *ele*. Ele tinha enlouquecido, tipo, tinha perdido *completamente* a cabeça e qualquer noção da realidade. Ele am eaçou arruinar nossas vidas assim com o Gracie arruinou a dele.

“Meu Deus, todas as coisas que ele nos contou. No início pensam os que ele estava tendo alucinações paranoicas. Mas seu pai estava falando m uito sério quando disse que Gracie podia ler a m ente das pessoas. Bem , im agine o quanto isso nos deixou apavorados. Quer dizer, que porra era aquela que ele estava falando? Então, seu pai disse que tinha um plano para fazer parecer que você estava por trás daquilo tudo, e que era a nossa parte serm os convincentes o suficiente para fazê-la acreditar.”

“E vocês sim plesm ente aceitaram tom ar parte disso”, disse Zack am argurado.

“Foram lá e estupraram um a garota, e para quê? Nem ocorreu a vocês virem a m im contar que diabos o m eu pai estava planej ando? Nem pensaram que eu poderia colocar um ponto final nisso?”

“Nós íam os ser acusados de um crim e bastante sério e passaríam os um bom tem po na cadeia”, Stuart disse cansado. “Nós éram os j ovens e estávam os apavorados. Tínham os a vida inteira pela frente.”

“E não se apavoraram com a possibilidade de Gracie prestar queixa e vocês serem presos por terem estuprado um a m enor de idade?”, perguntou Zack, incrédulo.

Stuart olhou para ele, inquieto.

“Seu pai disse que a gente não precisaria se preocupar com nada. Disse que providenciaria um álibi para todos nós. Ele diria que estávam os todos na casa dele naquela noite e que ninguém iria acreditar na palavra de um a garota que m orava em um trailer, m as sim na palavra do chefe da polícia. Ele estava convencido disso. Ele m esm o se congratulava por ter criado um plano tão infalível.”

“E vocês baixaram a cabeça”, disse Zack, ficando cada vez m ais irado.

“Vocês três a estupraram . E obviam ente vocês forj aram os pensam entos para que, quando Gracie entrasse na m ente perversa e doentia de vocês, ela m e visse lá, por trás de tudo. Vocês a fizeram pensar que eu os induzi a com eter um a violência com pletam ente condenável e im perdoável.”

“Eu não consegui fazer aquilo”, disse Stuart em um tom cheio de dor. “Quero dizer, eu tentei. Mas não consegui… Meu Deus, fiquei tão enoj ado com aquela situação. Eu não consegui term inar.”

O estôm ago de Zack se em brulhou e ele fechou os olhos, respirando fundo em um a tentativa de acalm ar os nervos à flor da pele.

“Você acha que isso torna as coisas m elhores?”, perguntou Zack bruscam ente. “Eu devia m e sentir m elhor por você não conseguir ficar de pau duro para estuprar a garota que eu am ava? Espero que você apodreça no inferno, Stuart. Lá é o seu lugar.”

O rosto de Stuart não tinha vida.

“Eu j á estou no inferno.”

Zack não conseguia pensar de form a coerente. Suas m ãos trem iam , seus j oelhos estavam m oles e foi necessário toda a sua concentração e foco para que ele continuasse em pé. Zack foi derrubado pela revelação de que seu pai tinha orquestrado a coisa inteira. Meus Deus, o esforço e a energia que ele colocou naquele plano eram estarrecedores. E com o ele sabia da capacidade de Gracie ler m entes?

Seu pai devia ter escutado Zack no telefone com ela em algum m om ento, m as ele sem pre tom ou cuidado para guardar bem esse segredo. Perceber que obviam ente tinha falhado deixou Zack sentindo-se m uito m al. Foi ele quem deu ao pai os m eios para atacar Gracie de um a form a que poderia destruí-la. Que a *destruiu*, de fato. Não era surpreendente que Gracie acreditasse no pior, que tivesse ficado tão convencida da culpa de Zack. As evidências estavam com pletam ente contra ele.

Zack não conseguia nem m ais olhar para aquele patético arrem edo que ele costum ava cham ar de am igo. Era repulsivo. Toda aquela história sórdida era repugnante.

“Eu espero que você durm a à noite ouvindo o som das lágrim as de Gracie”, disse Zack com raiva. “Espero que vá dorm ir vendo a cara de noj o da sua esposa, sabendo que você nunca terá ela ou seus filhos de volta. E espero que, quando você m orrer, o inferno estej a te esperando de braços abertos.”

VINTE E SEIS

Zack encarou a am pla vastidão do lago Kentucky, com as m ãos enfiadas nos bolsos, e seus pensam entos na m ais absoluta turbulência. A paisagem m udou drasticam ente desde a época em que ele e Gracie costum avam ir ali, tantos anos atrás. E a árvore deles tinha sido cortada, restava apenas um toco que estava apodrecendo. Aquele era um lugar onde eles passaram m uitas noites contem plando as estrelas e sonhando com o futuro. Um futuro que j am ais aconteceu.

Em diversos aspectos, aquela paisagem irrevogavelm ente devastada era sim bólica para os sonhos despedaçados de Zack.

Ele tirou um pequeno gravador de voz do bolso, que tinha todas as provas que Stuart confessou. E foi bom Zack ter pensado em gravar a conversa, porque, de outra form a, quem diabos seria capaz de acreditar naquela história absurda e inim aginável? Caram ba, nem m esm o ele acreditaria em alguém que viesse com esse tipo de história. Era inconcebível que alguém pudesse ser tão diabólico. E

pensar que seu próprio pai, apesar das diferenças que havia entre os dois, foi tão longe para arruinar o futuro do filho? Para obter vantagens pessoais para si?

Isso ia contra o bom senso. Seu pai era um psicopata no sentido m ais am plo da palavra.

À distância, faróis brilharam , e o som fraco de um m otor se fez notar. Então ele foi desligado e seguido pelas luzes. Zack ficou tenso, a raiva pulsava em suas veias enquanto ele se preparava para o confronto im inente com o pai.

Zack se recusou a voltar para a casa onde cresceu. Ele não quis deixar nenhum a evidência física de que esteve naquele local. Em vez disso, ligou para o pai e lhe pediu para que se encontrasse com ele ali. Zack não respondeu aos questionam entos do pai sobre quando voltou à cidade ou por quê. Ele sim plesm ente disse que tinha algo im portante para contar e desligou, deixando que o pai pensasse o que quisesse daquela declaração enigm ática. Zack nem m esm o sabia se o pai *viria*.

A curiosidade parecia ter levado a m elhor. E, com o dizia o velho ditado, a curiosidade m atou o gato.

Algum tem po depois, seu pai m oveu-se desaj eitadam ente, um a som bra na escuridão que cobria a área sobre o lago.

“Zack?”, ele cham ou.

“Aqui”, disse Zack com um tom de voz sério.

O feixe de um a lanterna vasculhou o chão de m aneira irregular e então seu pai apareceu. Sua aparência era chocante. Ele parecia estar tão velho quanto sua idade indicava, se não m ais. Ele tinha um a barriguinha de cervej a que se proj etava bem acim a do cinto apertado, e tinha a aparência de um alcoólatra de longa data. O cabelo estava consideravelm ente m ais ralo, ele estava careca na

parte superior, e os fios que restavam estavam com pletam ente brancos.

Os anos não foram bons para ele, um fato que deixou Zack bastante satisfeito.

Rugas grossas cortavam o rosto de seu pai, que tinha a aparência abatida de alguém que não dorm ia à noite. Talvez seus dem ônios – e sua culpa –

atorm entassem seus sonhos. Zack apenas podia torcer para que ele tivesse passado por m etade do inferno que Gracie passou, apesar de duvidar que seu pai fosse capaz de sentir culpa ou rem orso.

“Que diabos está acontecendo, filho? Por que você pediu para m e encontrar aqui, pelo am or de Deus? Você deveria ter ido para casa. Nós poderíam os tom ar um a cervej a e colocar a conversa em dia. Faz três anos que te vi. Você não m e fez nem m esm o um a ligação nesse m eio-tem po. Nada no Natal, nos aniversários… É dessa m aneira que você trata seu velho pai?”

Zack estava fervilhando. Foi preciso cada gota do autocontrole que ele possuía para não enfiar um m urro na cara do pai, ali m esm o.

“Eu sei o que você fez, seu filho da puta”, Zack com eçou. “E nem pense em ficar aí, m e olhar nos olhos e negar. Porque, j uro por Deus, vou te *encher de porrada* até arrancar a verdade de você, seu desgraçado. Eu vou descobrir cada m entira que você j á contou. Vou descobrir cada lei que quebrou e cada pecado que com eteu. E quando eu acabar, você não vai ter nada e você não *será* m ais nada.”

Seu pai ficou corado de raiva. Suas bochechas ficaram averm elhadas de ira, e seus olhos arregalaram , em claro nervosism o.

“Malditos bundões covardes”, seu pai grunhiu, a saliva acum ulando nos cantos dos lábios. “Quem foi que falou? Aposto que foi Stuart. Eu j á devia saber que aquele idiota m olenga não tinha estôm ago para isso. Deve ser por isso que a esposa dele o abandonou um tem po atrás. O im becil provavelm ente não podia viver com a consciência pesada e contou tudo para ela… Que hom em m ais patético.”

Zack olhou para seu pai, aterrorizado, chocado e com pletam ente incrédulo.

Meu Deus, ele nem ia tentar negar. Não havia o m enor rem orso, a m enor

culpa.

Ele só ficou com raiva por ter sido delatado. E ainda cham ou Stuart de hom em patético? Que tipo de hom em era ele, que arquitetava o estupro de um a adolescente? Um a garota j ovem o suficiente para ser a filha dele. A garota por quem seu próprio filho estava apaixonado e planej ava se casar.

Zack se sentiu com o se estivesse preso em algum pesadelo bizarro do qual ele não conseguia acordar.

“Você nem ao m enos vai *negar*?”, ele perguntou com raiva. “Que tipo de canalha transtornado você é? Com o pôde fazer aquilo a um a garotinha? Ela era virgem , pelo am or de Deus. A prim eira vez dela foi um estupro coletivo brutal incitado por você! Um hom em crescido, adulto. Um hom em que j urou defender a lei e proteger as pessoas de sua cidade com o o chefe de polícia. Ou essa proteção valia apenas para aqueles que você considerava dignos?!”

Seu pai bufou incrédulo, ignorando a indignação de Zack e o assunto em questão.

“Espera que eu acredite que você j á não tinha arrancado a calcinha dela?

Acha m esm o que ela não estava abrindo as pernas para qualquer um que olhasse duas vezes pra ela? Se acha isso, você é um a besta ingênua.”

Zack perdeu a calm a. Ele derrubou o pai com um soco forte no queixo. Seu pai foi para o chão com um baque e sim plesm ente ficou lá, esfregando o m axilar com um a expressão de descrença. Com o se não pudesse acreditar que Zack tinha ficado furioso com aquilo nem por quê. Então, tam bém ele achava que Zack deveria agradecê-lo por arruinar a vida de um a garota inocente e de um garoto, seu filho, a quem ele supostam ente am ava?

“Sinceram ente, você está *defendendo* aquela vadiazinha? O que há de *errado* com você? Não foi o suficiente ela ter arruinado sua carreira? Você podia estar j ogando profissionalm ente até hoj e! Você podia ter ganhado um Super Bowl, m eu Deus. Você levou um tim e de bosta até os *playoffs* nos dois prim eiros anos em que foi o *quarterback* deles. E então sim plesm ente largou tudo! Se sua cabeça não estivesse tão virada por causa dela e tivesse m antido o foco no j ogo, você nunca nem teria se lesionado, para início de conversa.”

A fúria de Zack explodiu. Ele puxou o pai e deu-lhe um soco na barriga, em seguida, o fez cam balear com outro golpe, dessa vez no nariz. Barulho de osso sendo esm agado e o j orro de sangue indicavam que o nariz provavelm ente tinha sido quebrado, m as, naquele m om ento, Zack podia m atá-lo e não teria o m enor rem orso.

Ele estava fora de si de tanta raiva. O ódio fervia e entrou em erupção com o um vulcão. Doze anos de preocupação, tristeza e raiva de repente foram expelidos com o um tornado violento de puro ódio pelo hom em que o criou. Meu Deus, Zack faria qualquer coisa no m undo para se purificar do sangue de seu pai.

Ele desej ava de todo o coração que eles não estivessem ligados biologicam ente.

Zack j am ais seria o tipo de hom em que seu pai era. Ele preferia m orrer antes.

“Você vai se ferrar por isso”, seu pai bufou enquanto dava um passo cauteloso, hesitante, para se afastar de Zack. “Eu vou te prender por agressão a um policial. Não ligo a m ínim a se você é m eu filho ou não.”

“Faça isso”, Zack retrucou. “Só perceba que você tem m uito m ais a perder do que eu. Eu não tenho m ais nada para abrir m ão porque j á perdi tudo que tinha algum a im portância para m im , graças a você. *Você* tirou tudo de m im . Mas se eu cair, pode apostar, vou levar você com igo. E não vou ter o m enor arrependim ento por isso. Vou m e certificar de que você passe o resto da vida atrás das grades. Sem falar que a cidade inteira vai descobrir o com pleto doente que você é, e pode dizer adeus à sua reputação, à sua carreira e à sua pensão.”

“Você não pode provar porra nenhum a”, seu pai disse em um tom presunçoso que apenas enfureceu Zack ainda m ais.

“Não posso?”, perguntou Zack suavem ente.

As duas palavras e o silêncio que se seguiu deixaram o pai de Zack visivelm ente perturbado. Seus olhos refletiam preocupação e ele ficou agitado, assim com o suas bravatas foram desaparecendo diante da confiança com que Zack falava.

“Aquele caso de estupro com agravantes não prescreveu”, continuou Zack.

Ele puxou o pequeno gravador do bolso e apertou play. A confissão de Stuart com eçou a preencher o silêncio da noite. “Se você não acha que os outros vão

dar as costas para você rapidam ente, é m elhor pensar de novo. Você os chantageou para com eter um crim e desprezível e o prom otor vai se interessar

m uito m ais em pegar um policial corrupto do que três perdedores que não chegaram a lugar nenhum na vida. Pense no que isso significaria para a carreira dele. Capturar um hom em da lei desonesto, o chefe de polícia de um a cidade pequena. Esse é o tipo de história sensacionalista que vai atingir a m ídia com o um incêndio. Em questão de dias, você não vai m ais poder dar as caras em lugar nenhum , porque todo m undo vai saber o que você fez. Eu m e certificarei disso.

Nem que leve o resto da m inha vida, eu farei você sofrer tanto quanto Gracie e eu sofrem os pelos últim os doze anos. E com Deus com o m inha testem unha, você vai pagar pelo que fez, pai", Zack esbravej ou. "Você vai pagar."

"Você está blefando", seu pai tentou retrucar. Mas era óbvio que a prom essa de Zack era convincente, porque todo aquele ar am eaçador do pai tinha desaparecido, e agora ele parecia estar se borrando de m edo.

"Ah, é? Você j á devia m e conhecer bem o suficiente para saber que eu não blefo. Mas se você não acha que estou falando sério, *pague para ver*."

O desafio no tom de voz de Zack era nítido e havia um a clara expectativa para que seu pai desconsiderasse a am eaça que ele m esm o tinha feito. E seu pai percebeu isso rapidam ente.

"O que posso fazer?", perguntou o pai, com o pânico crescente. "Eu farei o que você quiser, m as você *não pode* levar isso a público. Essa história vai m e arruinar e eu j á não tenho m uita coisa. Apenas m inha pensão e, se isso for exposto, vou perdê-la tam bém e não terei m ais nada. Você não pode fazer isso com igo, filho."

A raiva de Zack ainda faiscava.

"Nunca m ais m e cham e assim . Eu não sou seu filho. E com certeza eu não acho que tenho o m esm o sangue que você." E então Zack riu, um som quebradiço, frágil com o o gelo. "Acha que dou a m ínim a para você? Você com certeza nunca se im portou com igo. Eu não passava de um m eio para você tirar a sorte grande na vida. Você estava contando em ser o pai de um j ogador de futebol am ericano e pretendia viver m ontado no m eu talento, sugando de m im cada centavo que podia. Com o deve ter doído quando abandonei um a carreira

m ultim ilionária, porque você deve ter visto a vida que gostaria de ter derretendo em um piscar de olhos. Mas você nunca se im portou com a vida que eu queria.

Com o que *me* fazia feliz. Você destruiu a m elhor coisa da m inha vida, e eu *nunca* vou te perdoar por isso. Torça para você ter um a vida longa, porque quando m orrer, eu vou dançar no seu túm ulo, e Satanás vai estar lá para recebê-

lo e conduzi-lo pessoalm ente até as entranhas do inferno.”

Seu pai em palideceu e então com eçou a suplicar. Ele perdeu qualquer resquício de controle e com eçou a chorar feito um bebê, im plorando m isericórdia ao filho. E tudo no que Zack conseguia pensar era em Gracie im plorando pelo m esm o. Im plorando para que eles não a m achucassem . E eles a m achucaram m esm o assim . O coração de Zack exigia que a vingança fosse feita, exigia que ele fizesse com que cada um envolvido no estupro de Gracie se m achucasse tanto quanto ela, que sofresse tanto quanto ela sofreu. Exigia que eles não tivessem m ais nenhum dia de paz em suas vidas.

“Você vai confessar tudo enquanto eu gravo”, disse Zack com frieza. “Vai contar cada detalhe sórdido e os m otivos de você ter feito isso. Se deixar algum

detalhe de fora, eu vou te pregar contra a parede e vou arruinar sua vida. Você irá adm itir que sabia da habilidade de Gracie ler m entes e vai dizer com o m anipulou a situação para fazer parecer que eu estava por trás do estupro dela. E

então, eu nunca m ais quero te ver, ouvir seu nom e. Nada. Você não é nada para m im . Você não é m eu pai.”

“O-o q-que v-você vai fa-fazer c-com a confissão”, seu pai balbuciou, os olhos nervosos e esbugalhados de m edo.

“Eu vou entregá-la a Gracie, para que ela saiba que canalha sem coração você é.”

“E se ela decidir prestar queixa?”

Seu pai estava suando agora, o fedor do m edo dele era perceptível no ar. E

ele ainda estava choram ingando, o que deixou Zack aborrecido e m ais

envergonhado ainda por com partilhar o m esm o DNA que aquele pedaço inútil de m erda, prestes a m olhar as calças.

“Esta será a decisão dela”, disse Zack. “Estou torcendo m esm o para que ela queira dar queixa, m as j am ais irei forçar Gracie a fazer nada que possa causar dor no futuro, assim com o irei apoiá-la cem por cento se ela quiser buscar j ustiça pelos crim es que você e os outros com eteram contra ela. Porque não tenha dúvidas: você é tão culpado, se não m ais, quanto os hom ens que a estupraram de fato. Seu destino agora está inteiram ente nas m ãos da m ulher que você prej udicou irrem ediavelm ente. Nas m ãos da m ulher que você m altratou de form a doentia, cuj o único crim e foi m e am ar.”

As bochechas de seu pai estufaram e ele explodiu em raiva.

“Eu apenas queria o m elhor para você! O m esm o que qualquer um gostaria para seu único filho!”

“Para com essa besteira! Nenhum pai faz a nam orada do filho ser estuprada e abusada e ainda a faz pensar que foi o filho quem arm ou tudo, seu desgraçado!

O m elhor para m im era *ela*!” Zack gritou. “E o que é m elhor para m im *agora* é esquecer que você j á foi parte da m inha vida e que de todas as form as você não é nada m ais do que um doador de esperm a. Eu costum ava sentir m ágoas da m inha m ãe por ter nos abandonado, m as não posso m ais culpá-la, agora que sei o grande babaca que você é de verdade.”

“Então é isso. Você sim plesm ente vai deixar as coisas assim e m e tirar da sua vida”, disse seu pai com am argura.

Zack avançou, colocando o dedo na cara do pai.

“*Você* fez isso. Você fez isso há doze anos quando deu início a um a violência inom inável contra um a garota inocente, por m otivos puram ente egoístas. Com o eu queria que você *nunca* tivesse feito parte da m inha vida e que tivesse sido você quem m e abandonou, e não m inha m ãe, ou então que ela tivesse m e levado j unto. Porque você foi provavelm ente a pior coisa que aconteceu na vida dela e eu *sei* que você é a pior coisa que aconteceu na m inha.”

***

“Por que você dem orou tanto para dar notícias?”, Beau perguntou ao atender a ligação de Zack. “Você faz ideia do quanto ficam os preocupados? Não é assim

que funciona, cara. Você não pode sair sozinho por aí para dar um a de j usticeiro.”

Zack suspirou.

“Eu sei. Já entendi, ok? Mas isso era algo que eu precisava fazer. Eu não queria nenhum de vocês envolvidos nessa m inha situação de m erda.

“Besteira”, disse Beau rudem ente. “Eu sou seu am igo, não apenas seu colega.

Você precisa saber que eu estou com você independentem ente do que aconteça.”

“Eu sei disso”, disse Zack em voz baixa. “Mas algum as coisas são particulares dem ais, cara. E, com o eu disse, isso era algo que eu precisava fazer. Isso tinha de ser feito.”

Houve um a longa pausa.

“E você resolveu a parada?”

Zack suspirou cansado.

“Sim . Não. Ah, que se dane. As coisas j am ais vão ficar bem , m as eu consegui as respostas que queria. Só que se Gracie não aceitar isso ou não m e perdoar, então todo o esforço terá sido em vão.”

“Tem algo que eu… que nós possam os fazer?”, perguntou Beau, em voz baixa.

“Apenas m antenha Gracie em segurança, até que eu volte para casa e para ela”, disse Zack em um a voz suave. “Eu não posso perdê-la, Beau. E sei que pareceu babaquice m inha deixá-la por lá depois que ela acabou de ser espancada até quase m orrer, m as isso… isso tinha precisava ser feito ou eu nunca teria um a chance de tê-la de volta.”

“Você não precisa se preocupar com Gracie”, Beau disse com firm eza. “Ela tem que voltar ao m édico para poder conferir sua recuperação e precisa de outra receita m édica para os analgésicos. Ela é teim osa e tem se recusado a tom ar os

rem édios, m as Lizzie e Sterling estão cuidando dela, garantindo que ela tom e tudo o que precisa. Gracie tem sentido m uita dor, e caram ba, quem é que não sentiria depois de ter apanhado tanto quanto ela? Então eles irão se certificar não apenas de que ela receba os rem édios com o tam bém que os estej a tom ando direito.

O m edo revirou o estôm ago de Zack, só de pensar em Gracie deixando os confins da casa segura onde eles tinham se instalado, ainda que esse fosse um m al necessário.

“Certifique-se de que ela vai estar segura. Aqueles desgraçados estão por aí, observando e aguardando outra oportunidade de atacar. Caram ba, eles esperaram por m eses depois de toda aquela m erda que rolou com Ari. Eles não vão desistir, e j á provaram isso.

“Ela terá um a equipe de segurança com pleta”, Beau assegurou. “Vam os para um a clínica particular. Ela precisa dar seguim ento aos exam es de raio X e de sangue, ou teríam os de fazer o m édico vir a ela.”

Zack falou um palavrão.

“E quando é a consulta?”

“Am anhã de m anhã. Antes de a clínica abrir.”

Droga. Não tinha com o ele voltar a tem po de ir j unto com ela. E, bem , Zack não queria que seu prim eiro encontro cara a cara depois que ele foi em bora fosse em público ou com outras pessoas presentes. Tam pouco queria fazê-la

passar pela dor de ouvir as pessoas que abusaram dela tão insensivelm ente adm itindo e explicando tal atrocidade.

“Eu chegarei am anhã à tarde. Cuide dela por m im , cara. Ela é a m inha vida.”

“Você sabe que vou cuidar dela. Você deu o sangue por Ari, e nunca esquecerei daquilo. Eu sei com o você se sente. Ari tam bém é m inha vida, e eu não sobreviveria se algo acontecesse com ela.”

Zack relutantem ente desligou, frustrado pelo tem po que levaria até voltar para Gracie. Ele ficou tentado a alugar a droga de um carro para dirigir a noite toda e

voltar logo para ela, m as ainda assim ele não chegaria a tem po da consulta, e tam bém não estaria em condições m entais ou físicas para levá-la de volta para o passado infernal. Não que Zack estivesse preparado para descer até as entranhas do inferno tam bém , m as um dos dois precisava ser forte, e Zack com certeza não esperava que Gracie assum isse esse papel, ainda m ais sendo ela a m ais afetada pelos eventos do passado.

Zack precisava descansar para pegar o voo m atinal de volta a Houston, m as j á sabia que seria difícil pregar os olhos. Ele nunca m ais conseguiria dorm ir outra noite até Gracie estar de volta aos seus braços definitivam ente.

VINTE E SETE

Gracie sentou-se na sala de espera quase vazia da clínica do m édico que lhe recom endaram para fazer seu acom panham ento. Ela foi assegurada de que a DSS costum ava usar aquele m édico por ser extrem am ente discreto. Além disso, ele frequentem ente os atendia na própria casa, m as – com o era o caso dela –

quando precisava de acesso a equipam entos hospitalares, o m édico agendava a consulta quando a clínica estava fechada ou antes de abri-la ao público. E, bem , pelo que Beau Devereaux tinha dito a ela, a m aioria de seus pacientes era gente que precisava de anonim ato com pleto, então o m édico não tinha pacientes

"norm ais". Julgando pela elegante sala de espera, de decoração cara e refinada, não parecia que estavam faltando clientes.

Apesar de não ter pacientes de verdade, a sala de espera estava lotada porque estavam lá Eliza, Wade, Dane, Isaac e Coop. Havia outros dois a quem Gracie foi apresentada, m as ela não conseguia lem brar-se dos seus nom es.

E então havia m ais um hom em na sala de espera, que Gracie prim eiro presum iu ser só m ais um a pessoa em sua ridiculam ente grande escolta. Bem , e por m ais tolo que soasse estar cercada por m ontanhas de testosterona – com exceção de Eliza, claro, apesar de ela ser m ais durona que a m aioria dos hom ens

– isso *realmente* a fazia se sentir m ais protegida. Especialm ente com Zack longe.

Mas aquele hom em tinha atraído olhares desconfiados dos outros e deixou sua

equipe de segurança com a pulga atrás da orelha, com o se eles não estivessem gostando da sua presença.

Mas ele era discreto e não prestava nenhum a atenção à grande quantidade de hom ens com aspectos ferozes que o cercavam .

Vadia arrogante. Todos eles pensam que são invencíveis.

Gracie levantou a cabeça na hora e ficou boquiaberta com o som que surgiu do nada, m as nenhum a pessoa da sala reagiu àquela declaração curta e raivosa.

De fato, todos lá agiam com o se não tivessem ouvido nada.

Tão convencidos. Eles pensam que vão conseguir pegar os melhores de nós.

Eles não têm ideia de nossos recursos ou do que somos capazes. E a vadia folgada que trabalha para eles precisa baixar bem a bola.

Um tom de alegria triunfante acom panhava a declaração seguinte: *Logo ela vai descobrir que não é tão invencível quanto pensa que é. É uma lição que estou ansioso para dar a ela.*

Gracie percorreu com o olhar os ocupantes da sala de espera, convencida que alguém estava conversando ao celular sem se preocupar nem um pouco se todo m undo ia ouvir ou não. Mas, novam ente, ela não viu nada que indicasse que alguém estava *usando* um telefone. Nem m esm o aqueles aparelhos que não precisavam das m ãos.

E então seu olhar se postou no outro lado da sala de espera, onde o hom em que ela estava observando não tinha m udado de posição. Ele encarava Eliza

atentam ente, sua m andíbula m exendo em agitação, enquanto todos os outros estavam inexpressivos e pareciam entediados.

Será que Gracie estava ficando louca? Será que tinha ficado ultraparanoica depois de sua agressão e da sequência traum ática dos eventos dos últim os dias?

Será que ela havia chegado ao seu lim ite em ocional?

Era quase com o se… Gracie balançou a cabeça. Não, isso era ainda m ais

loucura. Tinha perdido a capacidade de ler m entes doze anos atrás e não sentia a m enor saudade dessa habilidade. Ela estava claram ente im aginando tudo aquilo.

Tudo ficou quieto em sua m ente, e Gracie se convenceu de que tinha im aginado a coisa toda, m as então ela foi instantaneam ente inundada com im agens horríveis de Eliza deitada de costas com algum tipo de pano sobre seu rosto e alguém despej ando água sobre ele.

Ela não conseguiu evitar a reação e fechou a cara. Dane captou im ediatam ente a m udança em seu com portam ento. Ele era quem estava sentado m ais perto dela e se inclinou, olhando para Gracie cheio de preocupação.

“O que há de errado, Gracie? Está com dor?”

Ela m eneou a cabeça, incapaz de form ular as palavras para explicar sua reação. Com o conseguiria? Em vez disso, Gracie negou com um m ovim ento de m ão e, cuidadosam ente, m elhorou a expressão no rosto, para que Dane soubesse que ela estava bem .

Para seu alívio profundo, a porta se abriu e um a j ovem enferm eira anim ada gesticulou para que Gracie entrasse. Ela se levantou tão rápido que quase caiu, e teria caído, se Dane não tivesse m ergulhado para segurá-la, abraçando-a com força para firm á-la em pé.

“Cuidado agora”, ele m urm urou. “Vá com calm a e devagar.”

Eliza veio até o outro lado de Gracie.

“Você quer que eu vá com você?”

Im plicitam ente a pergunta era se Gracie iria se sentir m ais confortável com outra m ulher na sala de exam e, em vez de estar com um hom em ou hom ens que ela nem conhecia.

Gracie assentiu porque ela foi repentinam ente tom ada pelo desej o de ter Eliza por perto. Não por estar com m edo, m as porque as im agens terríveis que ela viu envolvendo Eliza a fizeram tem er por ela.

Dane franziu as sobrancelhas.

“Claro, nós não irem os à sala de exam es com você, Gracie, e sim , eu acho que é um a boa ideia ter Lizzie lá dentro. Mas terem os alguém do lado de fora da porta, assim com o em cada local de entrada e saída.”

“Está bem ”, Gracie disse com fraqueza. “Você pode ir agora, Dane. Eu estou bem . De verdade. Eu só m e levantei m uito rápido. Mas consigo fazer isso sozinha.”

Dane olhou para ela inseguro, m as soltou Gracie e lançou um olhar à Eliza que dizia claram ente: *ajude-a*.

Eliza gentilm ente abraçou Gracie pela cintura e a aj udou a cam inhar até a porta aberta, onde a enferm eira estava. Assim que passaram por ela, a enferm eira com eçou a fechar a porta, m as não antes que Dane e Wade entrassem tam bém , surpreendendo a enferm eira.

Então, Dane se virou e garantiu o bloqueio da porta para que ninguém m ais tivesse acesso.

A enferm eira com eçou a abrir sua boca para reclam ar, m as ficou quieta diante do olhar frio de Dane.

“Gracie não vai a lugar nenhum sem nós. Nós estarem os em posição fora da sala de exam e. Acredito que não há j anelas ou entradas e saídas alternativas na sala em que ela estará, certo?”

A enferm eira m eneou a cabeça vigorosam ente e balbuciou um *não*.

Dane assentiu.

“Muito bem . Leve Gracie até a sala dela para que possam os term inar logo com isso e levá-la de volta para casa para que ela possa descansar e se recuperar.”

O m édico avaliou Gracie rápida e eficientem ente, e declarou que ela estava se recuperando depressa, com apenas alguns hem atom as à m ostra ainda. Ele disse em um tom que sugeria que ela era sortuda. Que o m édico a perdoasse, m as Gracie não se sentia sortuda por ter sido espancada por bandidos, independentem ente de terem a *intenção* de m atá-la ou não.

Quinze m inutos m ais tarde, eles j á estavam voltando e Gracie procurou

ansiosam ente pelo hom em que esteve na sala de espera com eles. Mas ele não estava m ais por ali. Será que a enferm eira o cham ou para algum a outra sala?

Gracie não conseguia se livrar da sensação de desconforto, e a lem brança das vozes – pensam entos – tam bém não iam em bora. Elas ainda estavam fortes na sala de espera, e ela trem eu involuntariam ente, o que fez Dane ficar ainda m ais preocupado.

“Eles verificaram ao m enos se ela estava com febre?”, Dane perguntou, apesar de direcionar a pergunta à Eliza, e não à própria Gracie.

“Eles a exam inaram fisicam ente por inteiro”, Eliza respondeu, parecendo se divertir com aquilo. Ela olhou para Gracie com um olhar de com paixão que as m ulheres com partilhavam quando se deparavam com um hom em forte e dom inador. Então, ela revirou os olhos e Gracie teve de segurar a risada.

Dane fez um a careta.

“Então por que diabos ela está trem endo? Gracie parece estar m orrendo de frio.”

“Bem ”, Eliza falou m edindo as palavras. “Pode ser o clim a. Está um pouco gelado hoj e. Ou pode ser o fato de que ela foi brutalm ente atacada recentem ente, e não apenas ainda estej a m achucada pela agressão, m as tam bém receosa por não estar em um lugar m ais seguro e longe do céu aberto.”

Em seguida, ela deu de om bros. “Ou talvez ela apenas estej a com m edo de você e de suas caretas tem peram entais. Faça sua escolha.”

Gracie m ordeu o lábio inferior, im aginando com o ela poderia achar graça em algo tão som brio quanto a sua situação. E contando com as últim as pessoas de quem ela aceitaria aj uda. Os am igos de Zack. Conhecidos, colegas de trabalho, ou sej a lá o que ele os considerava. O fato de elas estarem ligadas a ele devia fazer Gracie sair correndo dali, depois do prim eiro encontro que ela teve com Zack.

Mas Wade conseguiu acalm á-la, sem pre razoável e im perturbável. E

friam ente perigoso. No entanto, Gracie sabia que se não tivesse se tocado de que Wade tinha razão sobre a necessidade de ela parar de fugir e abraçar a vida que

tinha construído para si m esm a, ele a teria aj udado se ela realm ente quisesse se m udar para outro lugar. Tudo o que tinha de fazer era pedir.

Talvez fosse a teim osia dela. E… bem … os eventos recentes a fizeram questionar tudo em que tinha acreditado pelos últim os doze anos. Zack ficou com pletam ente devastado e tão enfurecido que, naquele m om ento, Gracie realm ente sentiu m edo. Não m edo de que ele fosse m achucá-la – o que era loucura depois do que Zack supostam ente tinha feito com ela. Não, Gracie tem ia que ele fosse m atar cada um dos hom ens que tom aram parte em seu estupro. E

isso não lhe trouxe nenhum a alegria, nenhum a sensação de j ustiça sendo feita.

Porque isso significava que Zack teria de arcar com as consequências, assim com o ela teve de suportar as consequências daquele dia por m ais de um a década. E Gracie não desej ava isso nem para seu pior inim igo. Quer Zack a tivesse traído ou não.

Ela abriu a boca para fazer um a pergunta e parou porque estava parecendo m uito… ansiosa. E Gracie queria parecer indiferente, com o se nada disso im portasse. Especialm ente Zack. Ela conhecia o suficiente de si m esm a para saber que nunca am aria outro hom em da m aneira que am ava Zack. Tivesse 16

anos ou não, ela sabia que ele tinha sido feito para ela. Cada vez que olhava para Zack, Gracie via a eternidade em seus olhos, assim com o quando lia seus pensam entos. Deus, eles estavam explodindo de am ores. Tanto am or e orgulho. E

sensação de posse.

Gracie pertencia a Zack. Ele foi a única pessoa a quem ela j á pertenceu de verdade. E Zack pertencia a ela.

Então o que tinha acontecido?

Nada disso estava fazendo sentido!

Não havia falsidade na tristeza e m ágoa de partir o coração que Gracie viu no rosto Zack quando ela disse o que tinha acontecido. Ele ficou sem palavras e, quando conseguiu falar, lágrim as rolaram pelo seu rosto e ele se rastej ou até

ela, incapaz de perm anecer em pé. Um hom em orgulhoso, arrogante, dom inador, se rastej ou até ela apenas para poder tocá-la gentilm ente no rosto. Então, Zack pôde pedir desculpas e im plorar por perdão por algo que ele j urou a Gracie não ter feito.

Nada disso fazia o m enor sentido em um m undo que j á não fazia o m enor sentido. A única dúvida que pipocava em sua m ente era: e se Zack não fez aquilo?

E se, por ela ter fugido dele doze anos antes sem ouvir a versão dele da história, agora Zack a odiasse tanto quanto ela o odiou?

Gracie fechou os olhos e lágrim as quentes escorreram silenciosam ente pelo seu rosto. Aquela única palavra carregava um grande significado. Rendição.

Renúncia. Adm issão do erro. Meu Deus. Será que ela estava m aluca?

Gracie disse que o odiou. No tem po passado. Com o se agora isso não fosse m ais o caso e ela o am asse ainda. Mas será que era isso m esm o? Gracie chegou a realm ente deixar de am ar Zack, m esm o nos piores m om entos de sua tristeza e desespero? Era um a pergunta que a perturbava de diversas form as.

Mas a coisa que continuava pesando na consciência de Gracie, apesar de

todos os esforços para m antê-la distante, era o fato de Zack ter sido tão veem ente ao negar ter feito parte do estupro. E m eu Deus, ele parecia estar sendo tão sincero. E se Gracie esteve enganada? Por todos esses anos?

Ela sentiu o estôm ago se revirar de náusea e aflição.

“Gracie?”

A voz suave de Eliza deu um a pausa na volátil com binação dos pensam entos de Gracie.

“Eu sei que está chateada, m as, por favor, apenas dê um a chance a Zack. Ele estará em casa em algum as horas. O voo dele atrasou e ele está furioso, porque queria estar aqui para a sua consulta m édica. Mas está vindo.”

Os pensam entos de Gracie im ediatam ente se voltaram para Eliza e ela foi tom

ada por um m edo e ansiedade esm agadores. Será que ela devia contar para Eliza o que tinha “escutado”? E será que ela ouviu m esm o algum a coisa ou foi só sua própria im aginação alucinada?

Gracie m ordeu os lábios, sem saber o que fazer. Ela se perguntava se estava perdendo o j uízo depois de tanto tem po tentando sobreviver e se m anter sã.

“Gracie?”

Dessa vez foi Wade quem cham ou o nom e dela, com um a voz tranquila.

Havia preocupação e um a leve tensão no seu tom da voz. Gracie olhou para cim a e viu o olhar aguçado de Wade, prestando atenção em cada detalhe de sua aparência, quase com o se ele estivesse lendo os pensam entos *dela*.

Mas Wade não precisava da habilidade de Gracie para ler as pessoas. Ele era bastante sagaz e tinha um estranho dom para desvendar as pessoas e suas intenções. Perceber se elas representavam um a am eaça ou não. E levando em consideração que ela foi a única pessoa que ele perm itiu algum a proxim idade, até onde sabia, então ela devia ter passado pelo exam e m inucioso dele.

Várias coisas chegaram até Gracie de um a só vez. Vozes. Ecos aleatórios. Ela não conseguia suportar aquilo e pressionou as orelhas com as m ãos, com o se isso fosse calar a enxurrada de pensam entos à sua volta. Oh, m eu Deus. Ela não estava ficando louca. Sua habilidade estava voltando.

Gracie fechou os olhos com força, porque se ela pudesse escolher entre as duas opções, teria preferido enlouquecer.

VINTE E OITO

Gracie passeou pelo interior da casa que servia de esconderij o, sentindo um a tensão crescente, que estava cada vez m ais difícil de suportar. As palm as de suas m ãos suavam , sua pulsação estava acelerada, e a respiração rápida e curta, o que a deixava zonza.

Onde estava Eliza?

Elas tinham se separado fazia algum as horas, depois que saíram da clínica.

Eliza disse que precisava pegar o laptop em sua casa, passar no escritório para fazer algum as pesquisas e então voltaria para fazer seu turno de vigilância na casa. Ela previu um a hora e m eia, duas horas no m áxim o. Já fazia quatro horas.

Gracie tinha a sensação ruim de que não estava louca. Ela sentia que tinha recuperado um pouco de seu poder e tudo o que tinha “escutado” na clínica foi, de fato, direcionado à Eliza.

Gracie olhou para Isaac. Na ausência de Eliza, foi ele quem ficou de guarda ali. Ele não parecia perturbado ou, ao m enos, preocupado. Wade, no entanto, estava com um a expressão séria e parecia estar afundado em seus pensam entos.

Ele estava preocupado assim com o Gracie? Ou estava pensando em algo totalm ente diferente?

Havia pelo m enos m ais um agente da DSS fora da casa. Onde exatam ente, Gracie não tinha certeza. Mas ela sabia que ele estava observando cuidadosam ente a casa. Isso devia fazer com que se sentisse segura, m as Gracie não conseguia se livrar da sensação horrível de que ela j á não era m ais o alvo e que o foco agora era Eliza.

E se agora Eliza j á estivesse nas m ãos das pessoas que sequestraram e espancaram Gracie, e além dela, tam bém tinham raptado e causado m uito m al à Ari, esposa de Beau Devereaux?

Gracie acelerou o ritm o e com eçou a andar para frente e para trás rapidam ente, tentando encontrar algum a solução viável. Se ela falasse para Isaac que costum ava ler m entes, m as que depois perdeu essa habilidade – só que, ah, espera, de repente agora ela parecia estar recuperando os poderes e bem , falando nisso, parece que Eliza está correndo grande perigo – ele pensaria que ela era um a com pleta lunática.

Sem m encionar que se ela os deixasse em polvorosa, preocupados e atentos em Eliza e algo realm ente acontecesse, Gracie seria a responsável.

E ainda assim ela não conseguia evitar um a preocupação crescente, que apertava seu peito cada vez m ais, a ponto de ficar difícil respirar. As cenas que viu de Eliza a deixaram apavorada. Será ela estava sofrendo aquilo m esm o?

Gracie m eneou a cabeça. Ela não conseguia – e não iria – sim plesm ente deixar isso quieto. Eliza foi gentil com ela e arriscou à própria vida para proteger alguém que ela nem conhecia. Eliza era leal a Gracie porque, de acordo com suas próprias palavras, Gracie era im portante para Zack, de form a que ela era

tam bém im portante para o resto da DSS. Gracie não honraria um a atitude tão abnegada perm anecendo em silêncio com m edo de estar errada ou de pensarem que estava louca.

Um a ideia surgiu em sua m ente, tão louca e ridícula que era absolutam ente…

brilhante. Ela ficou tão em polgada que até prendeu a respiração. Claro! Gracie sabia exatam ente com o descobrir se Eliza tinha sido sequestrada ou se ela estava sofrendo de algum a form a. E eles com certeza tinham as ferram entas para realizar um a ofensiva em larga escala e acabar com cada um dos responsáveis pelos ataques contra a DSS, bem com o qualquer pessoa associada a eles.

E Gracie não estava se referindo a nenhum agente da DSS. Não, o verdadeiro poder e habilidade por trás dessa operação estava nas m ulheres que se casaram com os agentes da DSS: Ram ie, que podia descobrir a localização de Eliza sim plesm ente tocando um obj eto que pertencesse a ela; e Ari, cuj os poderes eram enorm es e nem m esm o tinham atingido o m áxim o de seu potencial. Não havia com o dizer do que Ari era capaz, m as ela j á tinha enfrentado esses hom ens um a vez e aniquilado a base inteira deles. E Gracie… Seus poderes não eram tão espantosos ou úteis quanto os de Ram ie e Ari, m as ela podia ler m entes. E se houvesse inform ações im portantes, um a m aneira de acabar de vez com essa loucura, então ela poderia aj udar de algum a form a.

Gracie olhou para Isaac. Considerando tudo o que Eliza tinha dito a ela, tentar chegar até Ram ie era tão inútil quanto tentar invadir o Fort Knox sem ser descoberta. Ela m ordeu o lábio entre os dentes e então olhou para Wade. O

com prom isso de Wade não era com a DSS, era com ela. Era por isso que ele estava ali. E… Gracie sabia, no fundo, que Wade nem sem pre era um bom hom em – apesar de ela escolher ignorar isso. Ele tinha negócios escusos e contatos que nenhum hom em com um devia ter.

Mas ela j am ais o questionou. Na verdade, Gracie não queria saber dessas respostas. Ela preferia perm anecer feliz na ignorância e considerá-lo com o um

am igo, algo que, de fato, Wade se tornou.

Wade se virou para ela, atento, com o se pudesse sentir seu olhar. Em seguida, ele olhou para Isaac, com o se soubesse que Gracie tinha algo em m ente que não queria que o agente da DSS escutasse.

Ele foi até Gracie e colocou sua m ão por baixo de seu cotovelo, e gentilm ente a guiou para o quarto que ele ocupava, deixando Isaac sozinho na sala de estar.

Ele não fechou a porta, o que provavelm ente despertaria suspeitas, m as levou Gracie ao banheiro, o ponto m ais distante dos outros.

“O que está errado?”, ele perguntou sem rodeios.

Gracie engoliu em seco.

“Wade, se eu te pedisse…” Ela respirou fundo. “Se eu te pedisse para fazer algo por m im sem fazer nenhum a pergunta, você faria?”

Wade apertou os olhos enquanto a avaliava. Então, com o se estivesse chegado a um a decisão, ele apenas disse:

“Sim , claro. Diga.”

Gracie ficou visivelm ente relaxada.

“Eu preciso entrar em contato com Ram ie e Ari Devereaux. Eliza está correndo grande perigo, Wade. Eu não deveria ter esperado tanto tem po. Meu

Deus, se ela estiver ferida ou m orta, vai ser por culpa m inha. Mas eu não acreditei que m eu poder tinha voltado. Eu fiquei em dúvida. Mas não posso esperar m ais nem um m inuto sequer, e as únicas duas pessoas que podem m e aj udar são Ram ie e Ari. E os m aridos delas não podem saber disso, porque eles nunca perm itiriam que elas se envolvessem no que eu planej o fazer.”

Wade franziu as sobrancelhas.

“Eu gostaria m uito de saber exatam ente o que você está pensando em fazer.”

Ela colocou a m ão no braço dele e apertou gentilm ente, um gesto de am izade e

gratidão por tudo que Wade tinha feito por ela.

“Eu preciso que confie em m im ”, ela disse em um a voz baixa. “Não tenho tem po para explicar um a dúzia de vezes. Eu prefiro fazer de um a vez, assim poderem os agir o m ais rápido possível. Eu sei que estou pedindo m uito, m as, Wade, tenho certeza de que Eliza está com problem as e que está ferida. E eu não posso – nem vou – sim plesm ente ficar aqui sentada e não fazer nada só porque isso pode m e colocar em algum risco”, disse Gracie, determ inada.

Wade segurou o queixo de Gracie e acariciou seu rosto com ternura.

“Sim , tudo bem . Contanto que você m e conte tudo antes de dar início a sej a lá qual for seu plano, eu vou dar um j eito de conseguir o que você precisa.”

“Eu j uro”, ela disse. “Mas rápido, por favor. Estou tão preocupada com ela, Wade… Você sabe com o Eliza é confiável. Ela disse que estaria fora por no m áxim o duas horas e j á se passaram quatro. Ela não iria se atrasar dessa form a.”

A expressão no rosto de Wade era som bria.

“Eu sei. Tam bém estava preocupado.”

O alívio fez Gracie relaxar um pouco m ais. Ótim o, então ela não era a única pessoa que suspeitava que Eliza estava correndo grande risco. Apesar de j á ter certeza disso, era bom ter m ais alguém para confirm ar.

“Eu preciso que você conte para elas com o chegar aqui”, Gracie disse em voz baixa.

Wade assentiu.

“Sem problem as. Eu posso enviar um veículo para buscá-las, j á que as chances de elas saírem por conta própria sem os m aridos perceberem é zero.”

Gracie apertou novam ente.

“Obrigada por acreditar em m im , Wade. Por não pensar que estou m aluca.”

Sua expressão inteira se suavizou.

“Eu nunca vou deixar de acreditar em você, Anna-Grace. Agora, deixe-m e fazer algum as ligações para que possam os encontrar nossa Eliza.”

VINTE E NOVE

Ram ie e Ari Devereaux olhavam curiosam ente para Gracie, sentadas na sala de estar da casa. Isaac tinha ficado furioso ao ver as duas m ulheres aparecerem , escoltadas por três guarda-costas corpulentos que *não* eram funcionários da DSS.

Wade tinha tom ado as devidas precauções, e Gracie não esperava por m enos.

E Isaac com certeza estava ao telefone com Caleb ou Beau, ou am bos, naquele exato m om ento, então Anna-Grace im aginou que tinha no m áxim o 15

m inutos para convencer essas m ulheres de que ela não estava louca e que elas precisavam aj udar Eliza. Tudo isso antes que seus m aridos explodissem e perdessem a cabeça pelo fato de suas esposas terem fugido de suas tem porárias zonas restritas de segurança.

Apesar de Gracie perceber um toque de im paciência nas duas m ulheres, nenhum a delas tinha pensam entos negativos sobre a ligação enigm ática que as tinha cham ado. Estavam preocupadas por Eliza e confusas por terem sido cham adas em vez de seus m aridos.

Gracie j untou as m ãos, agitada, e cerrou os punhos com força, até os nós dos dedos ficarem brancos.

“Nós não tem os m uito tem po, então eu explicarei rapidam ente. Não estou louca. Vocês duas, m ais que qualquer outra pessoa, devem ter m ais facilidade para acreditar em m im . E vocês duas são as únicas pessoas que podem aj udar Eliza agora.”

Os olhos de Ram ie ficaram escuros de preocupação.

“Tem certeza de que ela está em perigo?”

Gracie hesitou por um breve segundo e então se repreendeu. Ela não estava m aluca. Ela sabia bem o que tinha ouvido, o que tinha visto na cabeça daquele hom em . E então Eliza desaparece logo em seguida? Não existia esse tipo de coincidência. Eliza tinha sido feita prisioneira e estava sofrendo.

Gracie sentiu o estôm ago se revirar, relem brando do próprio sofrim ento e do terror que passou na m ão deles. Seu espancam ento tinha sido um a m ensagem , eles não queriam m atá-la. Mas será que ela podia dizer o m esm o de Eliza? O

ódio nos pensam entos do hom em deixavam claro para Gracie que eles poderiam m atar Eliza só para provar que a DSS não era im une à am eaça que eles representavam .

“Tenho certeza”, Gracie m urm urou.

Da m aneira m ais concisa e direta que conseguiu, Gracie explicou tudo: sua habilidade de ler m entes, com o ela perdeu essa capacidade depois de ser brutalm ente atacada e por que ela acreditava que sua m ente sim plesm ente abafou o poder com o um a m edida de segurança. Explicou que o poder agora estava voltando, Gracie não tinha tanta certeza, m as que ela notou que podia ser por causa de sua preocupação com Eliza. Gracie se sentia relaxada com ela. E

sua consciência captou a am eaça direcionada a ela.

“Ela está desaparecida há três horas”, disse Gracie com seriedade. “Isso não parece a Eliza que vocês todos conhecem tão bem , né?”

Am bas as m ulheres responderam a Gracie com um franzir de testa preocupado.

“Não”, m urm urou Ram ie. “Eliza nunca dá furos. E ela se sacrificou por todas nós. Qual é o seu plano? Estou dentro.”

Gracie piscou. Ela não tinha explicado seu plano ainda nem m encionado que ele poderia causar um a dor im ensurável à Ram ie. E ainda assim , Ram ie j á tinha entrado de cabeça.

“Eu tam bém ”, disse Ari com um grunhido. “Eu ainda preciso dar o troco nesses desgraçados e estou m orrendo de vontade de arrasar com eles pra valer.”

Gracie quase sorriu. E então olhou para Ram ie.

“Estou pedindo m uita coisa, eu sei disso. Sei o que acontece quando você usa seus poderes, sei do preço que você paga. Mas eu tam bém acredito que é a única form a de localizarm os Eliza a tem po de salvá-la. Acredito que eles pretendam m atá-la, para enviar um a m ensagem m ais forte do que a que enviaram quando m e usaram .”

Ram ie sim plesm ente assentiu.

“Eu farei isso. Tem algo aqui que pertença à Eliza?”

“Deve ter algo no quarto dela”, disse Wade, falando pela prim eira vez. “Eu vou encontrar algum a coisa.”

Gracie olhou para Ari.

“Você é poderosa. Magnífica. Eles não têm a m enor chance contra você.”

Em seguida, ela deu de om bros com algum a tristeza. “Minha habilidade não é tão instintiva ou tão poderosa quanto a de vocês, então não sei bem quanto poderei aj udar. Mas posso ler m entes, e se houver algum a inform ação que nos aj ude a localizar os outros m em bros dessa… organização… então eles poderão ser elim inados e não vão representar am eaça para nós.”

Ari deu um passo adiante e colocou sua m ão fria sobre o braço de Gracie, com o um gesto de solidariedade silenciosa.

“Sua habilidade é tão poderosa quanto a m inha e a de Ram ie. Nós apenas tem os poderes diferentes, e isso é um a coisa boa. Porque se nós três nos j untarm os, aqueles babacas não terão chance algum a contra nós.”

“Ninguém vai para lugar nenhum , droga!”, Isaac esbravej ou.

Ele surgiu da sala adj acente, onde estava, sem dúvidas, cham ando os reforços. Isaac irradiava fúria em ondas.

“Vocês honestam ente acham que qualquer um de nós deixaria vocês três ficarem expostas ao perigo? Caleb e Beau ficaram m alucos quando eu avisei que era bom eles virem aqui depressa, porque suas esposas *não* estavam onde deveriam estar.”

Gracie olhou desam parada para as duas m ulheres cuj os m aridos provavelm ente arrom bariam a porta a qualquer m om ento. Será que elas desistiriam diante da pressão dos m aridos, que apenas queriam m antê-las a salvo? Gracie não os culpava por isso. Mas ela se recusava a deixar a sorte de Eliza ao destino, e apenas Ram ie poderia aj udar a localizá-la, porque Eliza podia estar em qualquer lugar.

As im pressões que Gracie conseguiu extrair da m ente do hom em não entregavam um a localização. Não m ostravam nenhum lugar reconhecível. Tudo o que ela viu foi Eliza com aquele pano sobre o rosto e água sendo despej ada repetidam ente.

“Nós não vam os desistir”, disse Ram ie baixinho. “Vam os encontrar e resgatar Eliza independentem ente do que nossos m aridos bem -intencionados pensem ou falem para nós. Além disso, se nos encherem m uito o saco, Ari vai dar um j eito neles.”

Os olhos de Ram ie tinham um brilho travesso enquanto Ari deu risada e, em seguida, abriu um sorriso confiante para Gracie.

“Ela tem razão, então pare de se preocupar. Assim que descobrirm os a localização de Eliza, vam os dar o fora daqui. Com ou sem nossos m aridos.”

Isaac soltou um a série ininteligível do que Gracie presum iu ser um a m escla de palavrões e reclam ações, m as nenhum a das m ulheres prestou atenção.

Em seguida, enquanto Wade retornava do quarto de Eliza carregando um a peça da últim a roupa que ela tinha usado antes de sair, Caleb e Beau invadiram a casa, com expressões som brias no rosto, e olhares cheios de m edo.

“Não se atreva a dar isso para ela”, Caleb vociferou, colocando-se entre sua esposa e Wade.

Wade encarava Caleb com tanta firm eza quanto Caleb o encarava, e nenhum dos dois iria ceder.

Gracie adm itia estar intim idada por Caleb Devereaux. Ela tam bém ficava intim idada por Beau, até certo ponto, apesar de ele não ter sido nada além de gentil e terno com ela. Mas Wade não se perturbou nem um pouco pelo brilho perigoso nos olhos de Caleb. E, bem , ele ainda tinha três seguranças enorm es, que eram leais a ele e não à DSS, então as chances em um a luta estavam iguais.

A vitória seria decidida pelo lado que Ari escolhesse, j á que ela podia incapacitar todo m undo, se desej asse.

Gracie olhou rapidam ente para Ari, só para ver se ela tinha vacilado com a chegada do m arido. Mas o que ela viu foi um bom sinal. Ou, ao m enos, Gracie esperava que fosse.

Ari parecia ter ficado aborrecida, apesar de tentar disfarçar. Mas Gracie podia captar im pressões fugazes na sua m ente, incluindo seus esforços repetidos para dem onstrar que estava à altura de Beau, que se ressentia do fato de ele a ter colocado em um a gaiola, onde nada poderia feri-la, quando, na verdade, era ela quem podia im pedir qualquer um de um dia m achucá-lo. Ou de m achucar qualquer outro agente da DSS.

E havia m ágoa nos pensam entos dela, porque um a pequena parte de Ari considerava a teim osia de Beau com o falta de confiança nela e em suas habilidades, e ela j á tinha dem onstrado diversas vezes que não era fraca. Ari era capaz de fazer coisas espantosas. Poderia proteger Eliza m elhor do que qualquer hom em naquela sala. As m ulheres sabiam disso, reconheciam esse fato. Mas os hom ens tinham m edo dem ais por elas para aceitarem esse fato.

Ram ie em purrou Caleb com força para o lado, para poder ficar novam ente à frente de Wade. Ela não pegou im ediatam ente a peça de roupa que ele segurava, m as ela m ordia os lábios determ inada, m esm o depois de Caleb entrar de novo

em sua frente.

Ram ie se dirigiu ao seu m arido, com um olhar duro.

“*Não* interfira”, ela disse com um tom de voz tão intenso que seria capaz até de

quebrar um a rocha. “Eliza está em dificuldades, ela pode m orrer. Talvez ela até j á estej a m orta. E eu sou a única que pode rastreá-la rápido o suficiente para term os um a chance de resgatá-la. Você não tom a as decisões por m im . Eliza m e aj udou sem perguntar nada. Ela nunca pediu nada em troca. Eu não vou abandoná-la por causa de sua noção equivocada de que sou fraca dem ais para sofrer um a agonia tem porária enquanto encontro um a pessoa m uito querida por todos nós.”

Caleb ficou com pletam ente im óvel. Gracie nem m esm o tinha certeza de que ele estava respirando. Ele parecia estar travando um a batalha m ental dentro de si, porque seus pensam entos estavam tão caóticos e m isturados que Gracie não conseguia captar um sentido claro no que ele estava pensando. A única palavra que veio do subconsciente de Caleb foi *não!* Em um a repetição infinita. Com o se ele não conseguisse suportar a ideia de Ram ie sofrer, nem m esm o por um segundo.

“Isso explica por que Ram ie está aqui”, Beau disse rispidam ente enquanto ele encarava sua esposa de cim a a baixo. “Mas não explica por que *você* está aqui.”

Ela lhe enviou um sorriso tão alegre quanto suas palavras, que apesar de ter dito com leveza, ainda causava um frio pela espinha de Anna-Grace enquanto elas preenchiam a sala.

“Porque eu vou acabar com esses desgraçados. Eles não são páreo para m im e para m eus poderes. Eles estão com um dos nossos. Não posso ficar escondida, ou então estarei perm itindo que façam m al a alguém im portante para m im .”

Beau abriu a boca para retrucar, m as Ari deu as costas a ele e se voltou para Ram ie.

No início, os m ovim entos de Ram ie foram hesitantes, m as logo em seguida se tornaram m ais determ inados e então ela pegou a peça de roupa da m ão de Wade.

Gracie logo captou um pensam ento com partilhado por Caleb e Beau: assim que Ram ie determ inasse onde Eliza estava, eles não iriam , de m aneira algum a, perm itir que nenhum a das m ulheres fosse a lugar algum e colocariam seus hom ens para m antê-las quietas. O que era bem estúpido, considerando que ninguém seria capaz de m anter Ari em algum lugar que ela não quisesse estar.

Gracie revirou os olhos, m as tam bém olhou para as m ulheres de m odo que elas pudessem sentir o que estava querendo dizer com sua expressão.

Um pequeno sorriso surgiu nos cantos da boca de Ari. Ela estava longe o suficiente de Beau para poder sussurrar a Gracie sem ser ouvida.

“Eu posso não ter a capacidade de ler m entes, m as conheço m eu m arido m uito bem , e sabia desde o início que ele iria dar o m aior chilique se eu quisesse ir para algum lugar. Em bora eu sej a capaz de causar m ais m orte e destruição do que qualquer um dos hom ens dele.”

A expressão no rosto de Ari se suavizou por um breve m om ento, enquanto ela olhava para o m arido.

“É só que…”, ela falava com preocupação. “Eu não posso culpá-lo por ter

m edo. Eu tem o por Beau toda vez que ele sai em um a m issão perigosa. Eu quase não escapei com vida da últim a vez que encontram os esses fanáticos. Então, entendo o m edo dele. Mas eu fiquei m ais forte desde aquele dia, estou m ais consciente. Conheço m elhor m inhas lim itações, ou ao m enos aquelas que j á descobri. Mas eu tam bém sei que há m ais coisas sobre m eus poderes das quais ainda não sei nada, coisas que que ainda nem descobri. Beau vai ter que dar um j eito, porque eu não vou ficar em casa desta vez.”

A adm iração de Gracie por Ari crescia ainda m ais. E bastava observar a determ inação no rosto de Ram ie para saber que ela estaria na linha de frente j unto com Gracie e Ari.

Se ao m enos Zack estivesse de volta…

Gracie ficou paralisada. Por um m om ento, ela nem m esm o conseguiu respirar enquanto o espanto daquele pensam ento inconsciente flutuava por sua m ente. Quando foi que ela deixou o ódio e o m edo de lado para não se sentir m ais segura quando ele estava fora?

Gracie esfregou as têm poras, m as rapidam ente baixou a m ão quando percebeu que estava trem endo. Aquele pensam ento a deixou perturbada e, naquele m om ento, ela não podia se perm itir ficar abalada. Não enquanto a vida de Eliza estava em j ogo.

No m om ento em que Ram ie finalm ente pegou a peça de roupa da m ão de Wade, foi com o se todo m undo tivesse parado de respirar naquela sala. Caleb im ediatam ente deu um passo à frente, colocando-se entre sua esposa e Wade. E

se transform ou em um a barreira para o resto daquele grupo tam bém .

“Não façam nada que a distraia”, Caleb sussurrou baixinho. “Não toquem nem falem com ela. Não vai ser fácil, principalm ente se Eliza estiver m al, m as todos precisam se m anter calm os ou Ram ie vai sofrer ainda m ais.”

Um arrepio correu pela espinha de Gracie. Era um a coisa im aginar os horrores que Eliza poderia estar sofrendo naquele m om ento. Gracie tinha vislum brado algo que ela não com preendeu m uito bem . Tudo o que sabia era que Eliza estava sofrendo. Mas era um pensam ento, ou m ais um a fantasia, que aquele hom em teve. Ela ainda não tinha sido realizada, então não havia m odo de saber se o que ela vislum brou chegaria a se tornar realidade.

Mas era algo totalm ente diferente ver ao vivo o que estava acontecendo com Eliza – e Ram ie – e saber que era real. Não m ais um a conj ectura.

Ram ie engasgava e arfava. Ela levou as duas m ãos ao rosto e lutava violentam ente. Ela cam baleou e teria caído se Caleb não a tivesse pegado e colocado com cuidado no chão.

Ram ie ficou deitada de costas e estava claro que ela não conseguia respirar.

Se debatia ferozm ente, e os sons indicavam que ela estava engasgando e asfixiando. Gracie ficou paralisada onde estava, enquanto o pavor tom ava conta de seu corpo inteiro. Aquela cena lem brava assustadoram ente a im agem que ela captou na m ente do hom em . Eliza com um pano sobre a cabeça, um pano m olhado. O que aquilo significava?

“Droga”, Caleb praguej ou violentam ente. “Respire, droga. Respire, Ram ie!”

Ram ie, que, parecia estar prestes a sucum bir e desm aiar, de repente conseguiu respirar fundo, arfando, com o se ela estivesse desesperada por

oxigênio.

“Vá se foder”, disse Ram ie com a voz rouca, em um tom estranho. A voz dela

parecia a voz de… Eliza. Era com o se ela fosse Eliza naquele m om ento, transm itindo para todos os presentes exatam ente o que Eliza estava sentindo, ouvindo e dizendo.

As palavras m al escaparam de seus lábios e Ram ie voltou a se debater novam ente e a fazer aqueles horríveis sons de asfixia, levando as m ãos ao rosto até Caleb contrariar a própria ordem e segurar as m ãos dela para im pedi-la de se m achucar.

O corpo de Ram ie se contorcia. Seu peito arqueava e lágrim as escorriam pelo cantos de seus olhos e desapareciam nos cabelos.

“Que porra está acontecendo com Eliza?”, sussurrou Beau. A fúria terrível dele era algo assustador de olhar.

“Eu não sei m uito bem ”, disse Gracie em voz baixa. “Mas hoj e m ais cedo, quando estávam os na clínica, eu captei alguns pensam entos de outro hom em que estava na sala de espera.”

Por um m om ento, a atenção de todos se voltou totalm ente para ela. Todo m undo ficou com a expressão atenta à Gracie. Isso a deixou desconfortável, m as Gracie ignorou a sensação porque Eliza precisava da aj uda deles antes que fosse tarde dem ais.

“Ele odiava Eliza e estava com pletam ente focado nela. E os pensam entos que ele tinha não eram bons. Eles estavam repletos de violência. E na m ente dele, vi Eliza deitada no chão com o Ram ie está agora, m as ela tinha um pano sobre a cabeça. Um pano m olhado. E ela lutava para respirar. Eu não sei o que isso significa, m as parece corresponder ao que está acontecendo agora com Ram ie.”

“Eles estão fazendo a tortura da água com um a m ulher?”, Wade grunhiu.

A reação dele assustou Gracie e ela se virou para ele rapidam ente. Wade estava eriçado de fúria, sua m andíbula cerrada de tensão, seus olhos tão frios quanto gelo. Ele fechava e abria os punhos ao lado do corpo. Para um hom em que sem pre estava no controle, ele parecia estar à beira de perdê-lo naquele instante.

“Meu Deus”, m urm urou Isaac. “Porra!”

“Ram ie. Ram ie!”, Caleb disse preocupado. “Volte para m im , querida. Eu

preciso que volte para nos contar onde está Eliza.”

Ele acariciou os cabelos dela gentilm ente, com um a expressão preocupada e furiosa ao m esm o tem po.

A partir do m om ento em que Gracie explicou o que tinha visto, a sala inteira vibrava com um a raiva terrível. E havia m edo, m edo por Eliza. Havia um im enso senso de urgência. Todos estavam tensos e prontos para entrar em ação.

Levou um longo m om ento até que Caleb fosse capaz de trazer Ram ie de volta à realidade, puxando-a de volta do pesadelo de Eliza. Lentam ente, seus olhos foram se focando em Caleb e então o rosto dela se encheu de aflição, e as lágrim as vieram m ais rápidas do que antes.

“Nós tem os que ir *agora*”, disse Ram ie com a voz rouca.

Ainda enquanto falava, ela em purrou Caleb para afastá-lo e se colocou em pé. O rosto de Beau tinha um a expressão im placável enquanto ele estendia as

m ãos.

“Diga-nos onde, Ram ie. Nós vam os pegá-la, m as você, Ari e Gracie vão ficar aqui, onde é seguro.”

As três m ulheres trocaram olhares rápidos, m ais um a vez reforçando sua solidariedade. Em seguida, Ram ie abriu a boca.

“Nós não ficarem os aqui ou em lugar nenhum ”, disse calm am ente. “Nós irem os pegar Eliza. Ela precisa de nós, e não vam os decepcioná-la.”

TRINTA

O rosto dos hom ens na sala era tão duro que era possível quebrar um a pedra neles. E isso incluía Wade, o que surpreendeu Gracie, porque ela achou que ele tinha concordado com o plano das m ulheres. Mas talvez ele, assim com o Beau, achasse que as m ulheres só iam fornecer as inform ações necessárias e depois ficariam para trás, enroladas em seus cobertores, enquanto os hom ens cuidavam das coisas perigosas.

Gracie ficou um pouco aborrecida, m as deixou isso quieto. O que os hom ens

queriam não im portava. Ram ie sabia onde Eliza estava e ninguém era capaz de segurar Ari onde ela não quisesse estar, então independentem ente de os hom ens a deixarem ir de boa vontade ou batendo o pé, o resultado final seria o m esm o;

“Eu acho que vocês não entenderam ”, disse Ram ie em um tom de voz controlado. “Não estam os pedindo, nós vam os. Além disso, eu sou a única pessoa que sabe a localização dela, então, sem m im , vocês – e Eliza – estão perdidos.”

“Você está fraca e debilitada”, disse Caleb sem rodeios. “Você precisa descansar e se recuperar do seu transe. Eu não posso e não vou colocar você em perigo, Ram ie. Não posso fazer isso, porque m e deixa com pletam ente apavorado.”

“Minha habilidade pode não ser tão poderosa quando a de Ari ou tão instintiva quanto a de Gracie, m as eu posso ler as coisas ao tocar em obj etos e talvez vocês precisem de m im para obter inform ação de que não teríam os acesso de outra form a. E nós precisam os reunir nossos recursos para que possam os derrubar cada pessoa dessa organização, pois assim ninguém m ais será perseguido, torturado ou m orto.”

Ram ie m oveu-se para ficar ao lado de Gracie e Ari, e todas elas encararam os hom ens com firm eza.

“Eles não são páreo para os m eus poderes”, disse Ari em um tom calm o, confiante. “Eles não podem m e m achucar.”

“Besteira!”, explodiu Beau. “Eles *já* te m achucaram ! Ou você não se lem bra do fato de que quase m orreu! Eu cheguei m uito perto de te perder.”

Os olhos de Beau estavam tão assom brados que doía olhar para ele. Foi então que Gracie com preendeu as palavras de Ari, sobre entender a preocupação de Beau com ela. Estava m uito claro nele o m edo, o pavor com pleto.

“E posso ler os pensam entos deles”, disse Gracie calm am ente, tirando o foco da explosão de Beau. “O que significa que posso captar inform ações valiosas, que de outra form a não seríam os capazes de conseguir.”

“E é por isso que estam os indo”, disse Ram ie firm em ente. “Com ou sem vocês. A escolha é de vocês. Mas só eu sei onde está Eliza e nenhum de vocês é páreo para Ari. Sair daqui seria m oleza e exigiria um esforço m ínim o da parte

dela.”

Caleb fechou os olhos.

“Merda.”

Wade olhou incrédulo para ele.

“Você não está realm ente considerando esta loucura, está? Um a m ulher ferida j á não é o suficiente? Caram ba, considere duas m ulheres feridas, j á que eles j á pegaram Gracie.”

A expressão no rosto de Beau era com pletam ente severa.

“Ah, eles tam bém pegaram Ari. Nós estam os lhes devendo um a vingança das boas.”

“Então por que diabos vocês querem arriscá-las de novo?”, Wade reclam ou.

“Ok, Superm an”, Isaac falou de m aneira sarcástica. “Você nos m ostra o cam inho então. Diga onde Lizzie está. Nós ficarem os m ais do que felizes de acabar com eles e m anter nossas m ulheres fora de perigo.”

Wade apertou o olhar enquanto encarava Ram ie incisivam ente.

“Cada m inuto que você retém a inform ação que tem é m ais um m inuto que Eliza passa por um a dor indescritível. Um m inuto que poderia significar a diferença entre a vida ou a m orte dela. Esse não é o m om ento de reagir contra os lim ites que seu m arido im põe em você.”

Ari ficou agitada ao lado de Gracie, que estrem eceu sentindo que Wade estava bem perto de ultrapassar os lim ites. Um a Ari irritada certam ente não seria nada bom . Para Wade.

Ram ie o encarou friam ente de volta.

“Eu não dou a m ínim a para o que você acha ou pensa que sabe sobre o m eu relacionam ento com m eu m arido, m as coloque isto na sua cabeça. Não som os nós que estam os perdendo tem po. São vocês, hom ens, que estão. Nós estam os indo. Agora. Com ou sem vocês. Então, façam suas escolhas. E façam rápido.

Porque Eliza é nossa am iga e vam os fazer de tudo para trazê-la de volta.”

O olhar de cada um dos hom ens presentes m ostrava resignação.

“Merda”, m urm urou Beau. “Mas que droga.”

Gracie com partilhou um olhar de triunfo com suas novas parceiras de crim e.

Elas sabiam que tinham ganhado essa.

“Opa, Superm an”, disse Isaac, estendendo a m ão quando Wade se j untou aos outros. “As m ulheres podem ter levado a m elhor aqui, m as você não. Você não fará parte desta operação e não vai j unto.”

“Vá se foder”, Wade disse grosseiram ente. “Anna-Grace não vai a lugar nenhum sem m im . Agora pare de perder tem po, e vam os logo. Eu não vou ser um peso m orto. Acredito que vocês vão m e achar um a aj uda valiosa.” Os olhos de Wade ficaram frios. “Eu não tenho o m enor peso na consciência por m atar um hom em capaz de torturar um a m ulher ou de espancar um a m ulher com o fizeram com Gracie. Na verdade, eu apreciaria fazer isso.”

Os outros hom ens levantaram as sobrancelhas. Gracie captou um a corrente de surpresa e inquietação no pensam ento dos hom ens, enquanto processavam a afirm ação contundente de Wade.

“Ok, você está dentro”, disse Beau. Então ele se virou para encarar Ram ie.

“Vocês ganharam . É a porra de um batalhão de resgate, todo m undo vai. Então, será que *agora* você pode nos falar onde estam os indo?”

***

Assim que o avião aterrissou em Houston, Zack ligou o celular e então franziu a testa quando a tela se encheu com m ais de um a dúzia de notificações. Ele foi tom ado pela inquietação ao ver que eram todas de Beau. O am igo sabia que ele estava viaj ando de avião, então para ter lotado o celular de Zack, não devia ter notícias boas.

Ele não se preocupou em ler as m ensagens de texto ou em ouvir as m ensagens na caixa de voz. Zack foi direto à fonte e apertou o botão para telefonar a Beau.

“Vam os lá, vam os lá”, m urm urava Zack depois que Beau não atendeu no prim eiro toque. O estôm ago de Zack estava se revirando e ele apertava com força o apoio de braço com a m ão livre. Os nós dos seus dedos estavam brancos de tanta força que ele fazia, e Zack não ficaria surpreso se acabasse quebrando aquela porcaria de pedaço de plástico.

“Você j á está em terra firm e?”, Beau perguntou depois do terceiro toque.

“Acabei de pousar.”

“Porra.”

Zack não gostou nem um pouco de ouvir aquilo.

“Que diabos está acontecendo?”, Zack perguntou.

“É Gracie.” Beau falou um palavrão novam ente. “E Ari e Ram ie. É a m erda de um m otim e não tem nada que nenhum de nós possa fazer para m udar isso.”

“Melhor você com eçar a falar”, disse Zack com um a voz m ortalm ente séria.

Beau bufou.

“Eles pegaram Eliza. Tinha um cara na clínica quando levam os Gracie para o exam e dela. Gracie disse que foi capaz de ler a m ente dele.”

Zack franziu a testa. Ela não disse que tinha perdido essa habilidade?

“O que ela viu não foi coisa boa e, pior, acabou se tornando realidade. O cara pensava em subm eter Eliza à tortura da água. Ram ie confirm ou isso quando tocou em um a peça de roupa dela. As m ulheres arm aram esse plano, vej a só.

Elas uniram seus poderes e estão obcecadas em trazer Eliza de volta. Não que eu não sej a a favor disso tam bém , m as que droga! Eu só não quero elas por perto daqueles desgraçados.”

“Para tudo”, disse Zack. “Me diga que você não está dizendo o que eu acho que disse. Você não está deixando nenhum a delas, especialm ente Gracie, participar da m erda de um a operação de invasão e recuperação de refém , está!?

Você ficou totalm ente louco?”

“Nós não tivem os escolha”, disse Beau resignado. “Ram ie não queria dizer a localização de Eliza a não ser que elas viessem j unto, e Ari am eaçou im obilizar todos nós para que as três m ulheres fossem sozinhas. Então nossa única escolha real foi deixá-las vir conosco, para ao m enos poder oferecer algum a proteção a elas.”

Zack soltou um a sequência de palavrões que deixou os passageiros vizinhos assustados e o olhando com perplexidade.

“Me passe o local e, então, Beau, j ure para m im que você vai m anter Gracie em segurança. Jure pela sua vida. Você precisa m e dar a chance de consertar as

coisas com ela, e não vou conseguir fazer isso se ela acabar se m atando.”

“Eu sei, cara”, disse Beau suavem ente. “Acredite em m im , eu sei. E nós *iremos* protegê-la, todos nós vam os protegê-la, j unto com Ari e Ram ie, protegê-

las com nossas vidas. Apenas chegue aqui o m ais rápido que puder. Nós precisam os ter todos os reforços possíveis, porque não faço ideia do que vai acontecer quando Ari soltar os cachorros para cim a deles.”

TRINTA E UM

A escuridão envolvia aquele galpão aparentem ente abandonado na periferia da cidade. Mas Gracie sabia da verdade: o local não estava vazio. Em algum lugar lá dentro, Eliza estava sofrendo.

Seu estôm ago estava em brulhado, e Gracie estava tom ada pelo pavor, a ponto de m al ser capaz de respirar. Ela cerrou o punho, deixando a raiva correr com o fogo por suas veias. Gracie estava bem fam iliarizada com o ódio – ou pelo m enos era o que ela achava. Mas m esm o quando ela acreditava odiar Zack de verdade, Gracie sabia que ainda havia um a parte dela que j am ais deixaria de am á-lo. Ou, na verdade, j am ais deixaria de am ar o j ovem rapaz por quem ela havia se apaixonado antes de ele se transform ar com pletam ente em outra pessoa. Exceto… exceto que talvez ele não tivesse m udado? Mas o ódio que Gracie usou para sobreviver, para não cair na loucura nas diversas vezes em que ela quase desm oronou – porque ela sabia que, se realm ente desabasse, j am ais iria se recuperar – … esse ódio nem chegava perto do que ela sentia relacionado

às pessoas que a espancaram , que quase m ataram Ari e que ainda agora estavam subm etendo Eliza a um a tortura indescritível.

Em seguida, Gracie ficou com pletam ente im óvel enquanto um a m assa confusa de diversos pensam entos chegava à fronteira de sua m ente. Ela fechou os olhos enquanto aqueles ao redor dela pararam . Gracie podia sentir as dúvidas e a im paciência deles. Todos estavam com tanta pressa de salvar Eliza quanto ela.

Ainda assim , Gracie voltou sua atenção apenas para aquelas vozes estranhas, focando o m áxim o que podia, j á que sua habilidade – que há m uito não era usada

– estava m eio enferruj ada.

Finalm ente Gracie conseguiu afastar todo o resto e passou a ouvir som ente os pensam entos que estavam dentro do prédio. Soltando um palavrão, ela subitam ente com eçou a andar para a frente, porque os sons estavam m uito fracos. Ela precisava ficar m ais perto da fonte.

“Anna-Grace”, Wade sussurrou, segurando-a. “Que diabos está fazendo?

Você não vai a lugar nenhum sem nossa perm issão.”

Mas Gracie não lhe deu atenção e com eçou a andar m ais rápido, determ inada a chegar perto o suficiente do galpão, em bora ela continuasse nas som bras, evitando os poucos pontos onde a luz poderia deixá-la exposta. Os outros não tiveram escolha a não ser segui-la para não deixá-la sem proteção. Apesar de poder sentir o descontentam ento do grupo, enquanto todos a cercavam para protegê-la, não deixando nenhum a parte de Gracie vulnerável, ninguém a m andou ficar lá atrás, ao contrário de Wade. Talvez eles tivessem entendido a urgência dela, porque cada um dos agentes da DSS a estava encarando penetrantem ente, esperando que ela lhes dissesse o que estava conseguindo captar.

E então, assim com o antes, Gracie parou. Ela parou tão bruscam ente que Capshaw trom bou em suas costas. Abafando um xingam ento, ele a agarrou para que Gracie não tom basse para frente. Mas ela o ignorou, boquiaberta de pavor.

Ela tentou falar, m as nenhum a palavra saía. Gracie colocou a m ão na boca para segurar o grito silencioso. Ela encarava aquele galpão de aparência sinistra – *o inferno* – apavorada.

“Nós tem os que entrar lá. *Agora*”, ela sussurrou, com o corpo inteiro trem endo. Até m esm o seus dentes batiam , soando m uito alto. “Eles vão m atá-la.

Eliza não foi de nenhum a utilidade para eles. Eles estão ainda m ais furiosos do que antes, porque um a ‘m era’ m ulher não cedeu, não im porta o que fizessem com ela. Eles não conseguiram quebrá-la m entalm ente, então agora vão m atá-la e enviar o corpo em pedaços para a DSS. Eles sentem que estão perdendo tem po e que deveriam ir atrás de alvos m ais fáceis e vulneráveis.”

A expressão no rosto de Dane era assassina, dura e im placável. O rosto dele indicava o desej o de vingança. Um sentim ento que encontrava eco em cada um dos com panheiros de equipe de Eliza.

“Óbvio que eles nunca iriam quebrá-la”, Caleb disse em um a voz suave, com um toque de dor e culpa. “Eliza é um a das m ulheres m ais fortes que conheço. E

é leal até os ossos. Ela nunca nos entregaria, m esm o que acabasse m orrendo por causa disso.”

Ouvir aquelas palavras – um a confirm ação do que Gracie j á tinha descoberto sozinha – fez um trem or de pânico percorrer seu corpo. Suas vias respiratórias se contraíram a ponto de doer e o ar escapava de suas narinas dilatadas fazendo um chiado leve.

Ari pulou para a linha de frente, fazendo Beau sair correndo para alcançá-la, xingando por todo o cam inho. Gracie seguiu rapidam ente no encalço deles. Seu coração batia tão acelerado que ela ficou tonta e desorientada, m as Gracie não podia se dar ao luxo de atrasar o grupo. Não quando Eliza tinha tão pouco tem po restante.

Wade e Isaac logo alcançaram Gracie e a cercaram , de arm as em punho, olhando sem pre para frente e para trás, procurando por algum a m ovim entação ou por qualquer m aneira possível de alguém localizar Gracie de dentro daquele galpão enorm e e caindo aos pedaços.

Era espantoso ver Wade carregando um a arm a e com o ele se encaixava facilm ente no grupo com os outros agentes, em bora Gracie não devesse ter se surpreendido com isso. Ela j á sabia que havia m uito m ais em Wade do que indicava a aparência elegante dele.

Caleb puxou Ram ie para trás com ele, colocando-a atrás dele e de Capshaw.

Mas ainda havia um a forte sensação de incôm odo entre os hom ens. Colocar as m ulheres que am avam em risco, ainda que só por um m om ento, estava acabando com eles.

Isso, de repente, fez Gracie sentir-se excluída de algo m uito precioso e intenso. E ela se lem brou de quando tinha aquilo com Zack. E de com o perdeu tudo: seus sonhos, sua paixão pela vida.

Mas nesse m om ento Gracie daria tudo para tê-lo ali, porque com todas as forças da DSS reunidas para trazer Eliza de volta para casa – sã e salva –, ela

agora sabia no fundo do coração que Zack sim plesm ente não era capaz de fazer o que fizeram com ela doze anos atrás. Será que ela estava louca por sim plesm ente cogitar perdoá-lo, para que os dois pudessem seguir em frente, viver suas vidas e tentar encontrar o tipo de felicidade que um dia eles j á com partilharam ?

Gracie queria Zack ali com ela, porque sem pre que estavam j untos ela sentia que nada poderia tocá-la ou m achucá-la ou deixá-la m al. Porque ele a am ava.

Zack poderia ter tido qualquer garota que quisesse com um estalar de dedos e ainda assim ele escolheu um a garota quatro anos m ais nova. E foi com o…

m ágica. Foi com o encontrar aquela pessoa especial, sabendo que ela acabou de m udar com pletam ente seu destino.

E então, descobrir que esteve totalm ente errada sobre o hom em que am ava –

o hom em com quem ela planej ava se casar e passar o resto da vida, o hom em que discutia com ela a vontade de ter um m onte de filhos, pelo m enos seis –, Gracie não poderia ficar m ais feliz naquele dia.

Porque, pela prim eira vez, Gracie realm ente viu um futuro com Zack. Não

apenas um futuro onde eles nam oravam , passavam o tem po e faziam coisas banais e com uns. Ela j á não se preocupava m ais que, quando Zack fosse selecionado para um tim e profissional, ela acabasse sendo largada. Naquela época, estava subentendido – dado com o *certo* – que o destino dos dois estava entrelaçado. Era algo inquebrável, interm inável, eterno. Por toda a vida.

Beau fez o grupo parar perto de um a das entradas do arm azém . Ele se virou para Gracie, olhando para ela de form a dura, m as sem m aldade. Havia nele apenas determ inação e a vontade de não querer esperar por um segundo m ais do que o necessário.

“O que você sabe, Gracie?”, ele perguntou em voz baixa. “Você viu em que *lugar* do galpão eles estão? Qual a posição deles? Quantos são?

Lam entavelm ente, Gracie m eneou a cabeça.

“Havia tantos pensam entos, alguns m ais fortes que outros, m as todos eles têm a m esm a intenção.”

Ram ie deu um passo à frente, soltando a m ão de Caleb.

“Eles estão no canto esquerdo, na parede oposta à da nossa posição atual. Mas tem m uito entulho e lixo no chão e, apesar de não ser difícil chegar até lá, se ouvirem qualquer barulho e eles vão saber que têm com panhia.”

“Eu preciso ser a prim eira a entrar”, disse Ari em um tom duro.

Gracie captou facilm ente o padrão de pensam ento dela. Eram pensam entos barulhentos, com o se Ari estivesse gritando na cabeça de Gracie. Sofrim ento, culpa e arrependim ento em anavam de Ari em ondas, assim com o raiva, ódio e o desej o de fazer j ustiça para as m ulheres que esses hom ens m achucaram .

Ari sentia-se bastante responsável pelo que aconteceu com Gracie e Eliza. A força de seus pensam entos chegava a m achucar Gracie, que tinha vontade de lhe dizer que ela não tinha culpa de nada. Ela tinha vontade de, de algum a m aneira, oferecer conforto e consolo por algo que Ari não tinha feito. Mas elas não tinham tem po. Eliza não tinha tem po.

“Nem pensar, você não vai entrar prim eiro!”, Beau retrucou, com os olhos reluzindo enquanto encarava sua esposa.

O m edo que Beau sentia era avassalador, e preenchia a m ente de Gracie de tal form a, que ela não conseguia escutar os dem ais. Gracie precisou fechar os olhos e direcionar seu foco na tentativa de livrar sua m ente da invasão dos pensam entos das pessoas ao seu redor. Ela precisava focar m ais além e se reconectar com os hom ens que se preparavam para m atar Eliza.

Quando reabriu os olhos, Gracie viu Ari olhando para o m arido, com aqueles olhos verde-azulados com reflexos dourados, brilhando de ferocidade.

“Sim , eu vou. Porque assim que eles descobrirem que estam os aqui, eles vão m atar Eliza. Se eu chegar perto o suficiente dela, posso criar um a barreira de proteção ao seu redor, e então Eliza estará a salvo enquanto o resto de vocês pega esses desgraçados.”

O grupo ficou em silêncio. Gracie sabia que Ari tinha razão. Com o eles poderiam m antê-la atrás se isso custaria a vida de Eliza? Mas ninguém gostava daquilo, ninguém queria saber de ficar atrás daquela m ulher de aparência enganosam ente frágil e perm itir que ela fosse na direção do perigo.

Isso claram ente ia contra o instinto deles, ficar escondidos atrás de um a m ulher, ficarem protegidos enquanto ela se arriscava tanto. Eles eram guerreiros. Eram protetores. Eles lideravam , nunca seguiam .

Um pequeno sorriso apareceu no canto da boca de Ari.

“Eles não podem m e m achucar, lem bra? Ou você se esqueceu do que aconteceu da últim a vez que eles tentaram m e pegar?”

Beau hesitou, e em seu olhar era possível ver a lem brança da dor. Por um breve m om ento, antes de precisar se fechar novam ente para os pensam entos ao seu redor, Gracie captou a m em ória de Ari deitada inerte e ensopada de sangue nos braços de seu am ado, e Beau im plorando que ela não m orresse.

Um arrepio percorreu a espinha de Gracie enquanto ela trem ia com aquela im agem tão clara na m ente de Beau. Ela não o culpava por ficar relutante. Não quando ele chegou tão perto de perder a m ulher que am ava.

“Eu acho que a m aioria de nós se lem bra é de você bem perto de m orrer”, disse Beau com a voz rouca.

“Vam os logo com isso”, disse Dane apressado.

Gracie deu um pulo, espantada com o quanto Dane parecia estar abalado. Ele era sem pre tão… nada hum ano. Ele a lem brava m ais um robô, program ado para não sentir, apenas agir. Mas naquele m om ento ele estava extrem am ente irritado.

Com as narinas pulsando, ele respirava fundo.

Assim com o Wade. Gracie nem conseguia se lem brar dele algum a vez dem ostrando em oção e, no entanto, cada parte do corpo dele parecia estar tensa de im paciência. Wade estava claram ente nervoso e inquieto, com o se a qualquer m om ento ele fosse passar pelas portas, com ou sem os outros.

Sem esperar pela aprovação de Beau, Ari andou até a porta, m as ficou parada a um a curta distância, para que não tocasse em nada. Mesm o conhecendo o dom da Ari, Gracie ainda assim ficou de olhos arregalados quando viu os cadeados e correntes serem erguidos silenciosam ente e ficarem suspensos no ar, com o se estivessem esperando pelo com ando seguinte de Ari. Depois, eles sim plesm ente flutuaram para longe, facilm ente, e caíram em silêncio no chão, bem longe de onde o grupo estava.

Ari fechou os olhos e as portas se abriram devagar e silenciosam ente, apenas o suficiente para que eles pudessem passar por elas. Ela desapareceu dentro do galpão, e Beau foi j unto, quase grudado em suas costas. Dane estava logo atrás de Beau e os outros os seguiram rapidam ente. Gracie estava indo em frente, ela e Wade posicionados entre Isaac e Capshaw.

O suor escorria e rolava pelas costas de Gracie, enquanto ela se concentrava em não pisar no entulho espalhado pelo chão. Quanto m ais perto chegavam de onde Eliza estava presa, m ais fortes ficavam os pensam entos vindos dos sequestradores na cabeça de Gracie.

Silenciosam ente, ela incitou Ari a se apressar. A pulsação de Gracie acelerou em resposta à dos sequestradores. Eles estavam se preparando para m atar Eliza.

O estôm ago de Gracie se contraiu e ela sentiu náuseas. Gracie precisou engolir o próprio vôm ito: eles estavam *cogitando* a ideia de desm em brar Eliza enquanto ela ainda estava *viva*.

Gracie colocou a m ão sobre a boca e a m anteve firm em ente ali, com m edo de vom itar com as cenas horrorosas que passavam na m ente dos sequestradores.

Cada um deles tinha sua própria ideia ou fantasia de com o aquilo deveria ser feito. Nenhum deles queria que o fim de Eliza fosse rápido e m isericordioso. Ela os deixou constrangidos ao se m ostrar m ais forte do que eles im aginavam ser possível, e agora eles queriam vingança.

Ari virou a cabeça, olhando diretam ente para Gracie, obviam ente percebendo a tensão repentina sendo em anada dela. Seus olhos tinham um brilho estranho, e iam ficando cada vez m ais brilhantes enquanto ela invocava seus poderes para lutar pela vida de Eliza. Em seguida, com o se tivesse entendido o tam anho da angústia de Gracie, e sabendo que cada segundo contava m ais do que nunca, Ari se virou e saiu correndo em direção ao fundo do galpão.

Os hom ens da DSS correram atrás dela, sem m ais se im portarem se faziam barulho ou não. Ari parou e deslizou até frear com pletam ente; em seguida, com eçaram os disparos de arm a de fogo. O coração de Gracie quase explodiu.

Ela não conseguia m ais com preender os pensam entos que captava porque eles estavam todos em pânico e nenhum fazia sentido. Tudo o que podia captar era o m edo deles. Aquilo devia ser um bom sinal. Eles não ficariam com m edo se achassem que estavam em vantagem .

Gracie correu em direção à Ari, determ inada a não deixá-la vulnerável, enquanto ela m anipulava seus poderes com o um a guerreira de tem pos ancestrais. Wade tentou agarrar o braço de Gracie, m as ela o puxou de volta, para tentar ver por si m esm a se Eliza estava viva.

E então, de repente, ela foi j ogada no chão. Não por Wade, m as por Dane. O

corpo dele, m uito m aior e m ais pesado, a cobria com pletam ente, im obilizando-a no chão.

“*Não* a distraia”, Dane vociferou em seu ouvido. “*Ari* está segura, m as você é um alvo livre. E ela não pode proteger Eliza e a si m esm a se tiver de se preocupar com você tam bém .”

Gracie virou seu olhar para cim a, tanto quanto era possível, j á que ela tinha um a m ontanha sobre si. Ela prendeu a respiração, observando espantada a

verdadeira força da natureza que era Ari.

Era com o se um tornado tivesse varrido o galpão, só que não havia destroços voando ao redor. Som ente hom ens.

Hom ens gritando, berrando, apavorados. Hom ens que tinham aterrorizado um a m ulher inocente.

Gracie assistia com espanto aos hom ens, um a um , serem j ogados para o alto contra as paredes, parecendo ficar grudados nelas. Eles se debatiam contra am arras invisíveis, m as sem sucesso. Nada m ais no local tinha sido alterado. Não havia nenhum destroço voador que podia feri-los acidentalm ente. Na verdade, era com o se ninguém tivesse nem passado por ali.

Onde estava Eliza? Apesar de tentar m uito, Gracie não conseguia se m over de form a a observar a área inteira. E se eles tivessem chegado m uito tarde? Mas não, espere. Não havia nenhum pensam ento satisfeito. Não havia nenhum a satisfação por eles terem chegado tarde dem ais para salvar Eliza. Havia apenas m edo e raiva…

A pulsação de Gracie ficou acelerada. Era difícil respirar sob o peso de Dane, m as ele não saiu de cim a dela. Medo era o principal sentim ento que havia na m ente dos hom ens presos contra as paredes. Mas logo em seguida estava a fúria da frustração.

Eles ainda não tinham matado Eliza!

“Ela está viva”, Gracie sussurrou para Dane. “Eles estão furiosos porque não a m ataram a tem po.”

Podia ter sido só im aginação, m as parecia que Dane até relaxou de alívio, fazendo ainda m ais peso em cim a dela.

“Graças a Deus”, ele disse em um a voz quase inaudível.

Beau se levantou e im ediatam ente com eçou a dar ordens.

“Conform e eles forem caindo, um a um , garantam que eles fiquem im obilizados e não irão m ais representar nenhum a am eaça. Ari não vai aguentar isso por m uito tem po.”

Gracie olhou ansiosa para Ari e prendeu a respiração. Estava escorrendo sangue do nariz e dos ouvidos dela, e seu rosto estava contraído, obviam ente em dor. Dane rapidam ente rolou de cim a de Gracie e ficou de pé em um pulo. Caleb em itiu um a ordem dura para Ram ie ficar atrás, e então ele tam bém se apressou à frente, onde os hom ens estavam suspensos no ar.

Agora livre, Gracie se levantou, e seu único obj etivo era chegar até Eliza.

Com os inim igos incapacitados e os agentes da DSS prontos para dom iná-los, *alguém* tinha de ver com o Eliza estava.

O coração de Gracie batia acelerado conform e ela avançava para o canto do galpão onde Eliza estava deitada, im óvel com o um cadáver. O pânico tom ou conta do peito dela. E se eles chegaram tarde dem ais? E se Eliza acabou m orrendo antes que os sequestradores tivessem colocado em prática seus planos m acabros?

Gracie tropeçou e quase caiu. Em seguida, ela se perm itiu seguir em frente até parar sobre o corpo de Eliza. Ela estava bastante pálida e, por um m om ento, parecia que não estava respirando.

O m edo e aflição fechavam a garganta de Gracie quando ela colocou o braço por baixo dos om bros de Eliza e a levantou ligeiram ente, trazendo-a até seu

peito.

“Não m orra, Eliza”, Gracie pediu. “Você está segura agora. Eu prom eto. Por favor, não m orra. Você precisa ficar bem . Você é m ais forte do que eles. Não pode deixá-los vencer. *Não pode*.”

Ali, ali estava. Gracie sentiu um sussurro suave de respiração em seu pescoço. Ela desm oronou com o alívio e as duas m ulheres caíram no chão. Um gem ido fraco escapou dos lábios de Eliza e, em seguida, as pálpebras dela se abriram com debilidade. Claram ente lhe faltavam forças para abrir os olhos e m antê-los assim .

“Você está bem agora”, sussurrou Gracie. “Nós estam os aqui para tirar você desse lugar. Eles pagarão pelo que fizeram com você. E com igo. E com Ari. Eles nunca m ais m achucarão ninguém .”

Gracie sabia que ela podia m uito bem não estar falando a verdade. Ela não sabia de que tipo de j ustiça a DSS era a favor quando se tratava de um assunto *pessoal*. Se eles sim plesm ente deixassem aqueles hom ens nas m ãos da polícia e do sistem a j udiciário, eles poderiam acabar sendo soltos.

Um pensam ento selvagem surgiu na m ente dela: Gracie torcia para que a DSS m atasse logo todos eles. E então ela ficou chocada por um pensam ento desse tipo aparecer em sua cabeça. Ainda assim , Gracie não recuou. Eles não m ereciam viver. O m al tinha de m orrer.

Estava tão focada no bem -estar de Eliza que não notou o que estava para acontecer. Em um m om ento, ela estava com Eliza em seus braços, em balada com bastante cuidado. No m om ento seguinte, ela se viu puxada de m aneira bruta pelo pescoço, por um braço forte. A força com que foi puxava a m achucava e lhe causava dificuldade para respirar. O hom em a puxou para cim a e ficou de costas para a parede do galpão, para que ninguém pudesse atacá-lo pelas costas.

Gracie olhava freneticam ente pelo côm odo, sem entender com o um dos sequestradores conseguiu se livrar do poder de Ari. Mas quando olhou para Ari, ela entendeu. Ari teve um colapso diante da enorm e pressão de m anter um a barreira protetora ao redor de Eliza e m anter os agressores presos na parede.

Todos, m enos o hom em que agarrava Gracie pelo pescoço, tinham sido dom inados.

Todos ficaram paralisados e o tem po parou, quando os agentes da DSS

olhavam atentos para o hom em que segurava Gracie. Beau estava sobre Ari, protegendo-a, em bora ficasse olhando ao redor, para tentar detectar qualquer am eaça à sua esposa.

Gracie não deixou de notar que o hom em que a puxava contra si tinha se posicionado de form a que ninguém poderia dar um tiro certeiro sem correr o risco de atingi-la tam bém . O sequestrador a ergueu de m odo que Gracie ficou nas ponta do pé e sua cabeça estava bem na frente da dele.

“Se qualquer um se m exer, ela m orre”, o hom em rosnou.

E foi aí que Gracie sentiu o m etal frio da faca entre o antebraço dele e o seu

queixo. A lâm ina estava firm e contra sua garganta, tão apertada que sangue escorreu pelo corte superficial causado.

E os pensam entos do hom em eram transm itidos para a m ente dela com o se ele estivesse falando alto. Ele com certeza a *mataria*. Se m orresse, ele a levaria

j unto com ele. Na verdade, o sequestrador considerava que sua m orte era inevitável. Ele não acreditava nem um pouco que escaparia vivo. Sua decisão de realizar um a pequena vingança antes de dar o últim o suspiro estava bem clara.

O pavor deixou Gracie paralisada. Ela estava tão assustada que nem m esm o sentia a lâm ina no pescoço. Estava atordoada porque não via um a m aneira de escapar daquela situação. Os outros não podiam se m over ou ele deslizaria a lâm ina em seu pescoço. E Ari estava de fora naquele m om ento, então ela não podia usar seus poderes m ortais naquele hom em .

“Nos entregue a m ulher e você fica livre”, disse Dane, a expressão no rosto inflexível, os olhos brilhando de raiva. “Tudo o que querem os são as duas m ulheres. Deixe-a livre e saia daqui.”

O agressor soltou um a gargalhada cruel.

“Você pensa que sou idiota? Ela é a m inha única segurança. Se eu deixá-la ir, eu m orro. Isso não vai acontecer. O que vai acontecer é que eu e ela vam os sair devagar. Ninguém nos segue. Se um de vocês der um passo, ela m orre. Quando eu chegar ao m eu veículo, eu a deixo ir.”

Mas Gracie podia ler os pensam entos dele claram ente. Ele não tinha nenhum a intenção de libertá-la. Se o hom em realm ente conseguisse chegar a seu veículo – e ele ainda duvidava fortem ente disso –, ele planej ava cortar a garganta de Gracie quando entrasse no carro, e então fugiria.

Gracie olhou em pânico na direção dos outros, im plorando silenciosam ente para que não acreditassem nele. Para não deixarem que ele a levasse. Se eles deixassem , ela estava m orta. Meu Deus, ela j á estava m orta, não im portava o que acontecesse, independentem ente de qual possibilidade ocorresse – liberdade ou m orte –, *ela* não iria sobreviver. Gracie fechou os olhos em desespero e, de repente, desej ou de todo o coração que pudesse ver Zack um a vez. Ela então lhe daria m ais um a chance de explicar – e de se defender – da participação no estupro dela.

Gracie abriu os olhos novam ente, m as o brilho das lágrim as lhe em baçava a visão. Wade assentiu quase im perceptivelm ente, com o que para dizer que tinham entendido. Os outros tam bém não pareciam ter acreditado na m entira, m esm o sem Gracie tentar transm itir as intenções dele.

Todos estavam paralisados em seus lugares. Era com o se estivessem segurando a respiração. Gracie não se atrevia a respirar fundo. Se tentasse, a lâm ina se afundaria em sua carne. Então, ela com eçou a trem er.

Gracie fechou os olhos e tentou controlar seu pavor absoluto. Ela não podia perder o controle agora. Um m ovim ento em falso e acabaria se m atando sem a aj uda daquele im becil segurando a faca contra sua garganta.

“Tenha calm a e afaste um pouco a faca”, disse Dane em um tom controlado.

As palavras tiveram o efeito oposto, porque o hom em apertou ainda m ais o braço em torno do pescoço dela, a ponto de Gracie ficar arfando em busca de ar.

E em seguida, a coisa m ais estranha aconteceu. O sequestrador atrás dela estrem eceu. O braço dele voou para longe da garganta de Gracie e a faca tom bou sobre sua pele, m as conform e ele caiu, arrastando o braço por cim a dos om bros dela, a lâm ina fez um corte sob a escápula de Gracie, que sentiu o fogo percorrer suas veias e soltou um grito.

Ela sentiu o calor do sangue escorrendo por suas costas, e suas pernas bam bearam . Gracie desabou, caindo em cim a do hom em que a tinha m antido sob a ponta de um a faca.

Todo m undo ali entrou em ação e ela, toda confusa, escutou um a palavra dita de m odo explosivo.

“Gracie!”

TRINTA E DOIS

Zack assistiu, perplexo e apavorado, à faca cortar as costas de Gracie, com o sangue escorrendo im ediatam ente, brilhando em verm elho e rapidam ente m anchando a cam isa dela. Meu Deus, o que foi que ele fez? Ele tinha certeza de que poderia dar o tiro sem colocar Gracie em perigo. Zack tinha a vantagem de ninguém saber que ele estava ali, então foi capaz de se posicionar em um ângulo

perfeito. A única área onde era possível dar um tiro lim po na cabeça era através da têm pora, assim não haveria chances de a bala atingir Gracie depois.

E ele estragou tudo. Gracie foi esfaqueada m esm o assim .

Em volta dele, o local ficou agitado conform e seus com panheiros de equipe se m exiam para avaliar as lesões de Eliza e Ari. Mas Gracie era só de Zack.

Ninguém tocaria nela.

Ele correu na direção onde Gracie estava deitava sobre o hom em que a feriu.

Zack precisou conter sua raiva fervilhante, porque Gracie precisava de ternura naquele m om ento. Mas ele queria m atar o desgraçado m ais um a vez, queria rasgá-lo em pedacinhos por ter colocado as m ãos no que era dele.

Zack ficou de j oelhos ao lado de Gracie, inclinou ansiosam ente sobre ela, entrando no seu cam po de visão. Os olhos dela estavam abertos, m as ela parecia tonta e inconsciente. Aparentava estar em choque. Sem falar que Gracie estava sangrando sem parar.

Zack tocou-lhe o rosto dela em um a carícia, leve com o plum a.

“Gracie?”, ele cham ou. A preocupação e o tem or fizeram o nom e dela sair quase inaudível.

Mas ela devia ter escutado, pois seu olhar procurou o dele, até que, finalm ente, se cruzaram . Zack pegou a m ão dela e a pressionou contra a sua boca, tão em ocionado que estava, m om entaneam ente sem palavras.

“Oi”, ela sussurrou. “Quando você chegou aqui?”

“Não cedo o bastante”, ele disse, incapaz de m anter afastada a am argura na voz.

Ele ainda estava furioso por Beau ter perm itido isso. Por ele ter colocado Gracie em um a situação perigosa.

Gracie deu um sorriso am arelo, com a expressão ainda atordoada.

“Ah, não sei bem quanto a isso. Eu diria que você chegou aqui bem a tem po.”

Ela ficou com pletam ente solene.

“Ele ia m e m atar de qualquer j eito.”

Zack fechou os olhos. Ele não percebeu que estava trem endo até Grace em itir um pequeno gem ido e ele constatar que ainda segurava firm em ente a m ão dela e estava balançando seu corpo inteiro, agravando seu ferim ento.

Gentilm ente, Zack levou a m ão de Gracie até a barriga dela e, em seguida, sim plesm ente apoiou sua m ão em cim a da dela. Ele não fazia ideia do que estava acontecendo ao seu redor e tam bém não se im portava. Zack apenas ficou ali, de

j oelhos, apreciando poder ver Gracie viva. Machucada, m as viva.

“Eliza”, disse Gracie, com o rosto fechado de preocupação.

Zack se virou e viu Dane e Wade parados sobre Eliza. Wade parecia ter dentro de si um a fúria fria, m as ainda assim os m ovim entos dele eram extrem am ente cuidadosos quando tocava o rosto de Eliza, quase com o se ele estivesse com m edo de m achucá-la.

Para a surpresa m aior ainda de Zack, foi Wade que gentilm ente pegou Eliza e a em balou em seus braços. Ele gritou um a ordem para um dos outros pegar um cobertor para cobri-la. Zack levantou um a sobrancelha ao ver os outros m em bros da DSS obedecendo a ordem dele. Mas, quando se tratava de um com panheiro caído, ninguém estava preocupado em saber quem m anda em quem .

Beau tinha enrolado Ari em um cobertor tam bém e a segurava ali, no m eio do caos, balançando-a para frente e para trás, m urm urando:

“Nunca m ais. Que se foda isso tudo. Você nunca m ais vai fazer isso, Ari.”

Ela sorriu exausta, sem abrir seus olhos, e sussurrou de volta:

“Você sabe que não é verdade, m as se falar isso faz você se sentir m elhor, então pode continuar à vontade.”

Zack sentiu um aperto no peito. Então, se voltou novam ente para Gracie e gritou

para que alguém trouxesse um kit de prim eiros socorros. Ele precisava levá-la ao hospital logo. Os outros podiam finalizar as coisas e arrancar as inform ações que precisavam daqueles babacas.

Isaac, Capshaw e Caleb j á estavam interrogando os hom ens. Eles com eçaram com o prim eiro que caiu. Dane cam inhava a passos largos, evidentem ente satisfeito por Eliza estar em boas m ãos, e a im agem dele era am edrontadora. Zack não se surpreenderia se Wade fizesse os caras m ij arem nas calças antes que o interrogatório acabasse.

Mas quando eles questionaram o sequestrador sobre quantos m ais deles havia, onde ficava a base deles e onde podiam ser encontrados, tudo o que receberam com o resposta foi um sorriso convencido e arrogante.

Gracie ficou tensa sob Zack e lutou para se levantar, tentando ficar sentada, apesar de isso obviam ente lhe causar dor.

“Opa, querida, onde você pensa que está indo?”

Gracie olhou para ele com sinceridade e disse em voz baixa:

“Fale para eles não desperdiçaram m uito tem po com cada hom em . Faça-os interrogar todo m undo. Independentem ente do que falarem , eu posso captar o que eles pensam . E quando perguntaram para aquele prim eiro hom em onde estavam os outros e quantos eram , ele na hora pensou no lugar e no núm ero, apesar de ter se recusado a dizer qualquer coisa. Todos eles precisam ser interrogados rapidam ente para que eu possa pegar o m áxim o de inform ação possível.”

Zack olhou para ela assustado. Aí estava Gracie, depois de ter sido espancada até não poder m ais por aqueles desgraçados. Por causa de Zack e de seu histórico com esse grupo fanático. E ainda assim , ela se sacrificou por Eliza, colocando-se em grande risco. Meu Deus, se o tiro de Zack tivesse saído um pouco errado – e Deus sabia com o ele estava trem endo feito um a vareta –, Gracie estaria m orta.

Ele tocou o rosto dela novam ente, sentindo as lágrim as j orrarem . Então Zack

levantou a cabeça e calm am ente cham ou Dane.

Dane pareceu incom odado por ser tirado do m eio do interrogatório, m as ele veio, com curiosidade no rosto.

“Gracie disse para interrogar todos e não perder m uito tem po com cada um .

Ela disse que, quando você falou com o prim eiro, ele im ediatam ente pensou em onde estavam os outros e quantos eram . Se conseguirm os esse tipo de inform ação de todos eles, nós vam os acabar com o grupo de um a vez por todas.”

Dane apontou seu olhar penetrante para Gracie. Seus olhos agora pareciam m ais suaves e havia adm iração neles.

“Tem certeza de que isso não será dem ais para você?”, perguntou Dane calm am ente. “Você deveria ir para o hospital agora m esm o. Você precisa levar pontos. E m uitos”, ele adicionou com seriedade.

Gracie m eneou a cabeça.

“Isso é im portante. Eles nunca vão abrir a boca. Mas eles não sabem o que posso fazer.”

Dane sim plesm ente assentiu e cam inhou de volta, cham ando Isaac, Capshaw e Caleb. Depois de apenas alguns segundos de conversa, eles se afastaram do prim eiro hom em e foram para o segundo, fazendo as m esm as perguntas. Cada vez que Dane olhava para Gracie, ela assentia para confirm ar a ele que tinha captado a inform ação.

Quanto m ais a coisa dem orava, m ais Zack ficava preocupado. Gracie estava ficando visivelm ente m ais fraca e estava com pletam ente pálida. Ela nem ao m enos tinha forças para se m anter em pé, então Zack colocou os braços em volta dela, firm ando-a contra seu corpo, tom ando o cuidado de não causar m ais danos aum entando o corte dela.

A m andíbula de Zack estava tensa e dolorida de tanta força com que ele tinha cerrado os dentes. Era tudo o que ele podia fazer para não arrastar Gracie de lá naquele instante e levá-la a um hospital. Mas ela seguiu em frente, focando suas energias em cada um dos hom ens sendo interrogados.

Com o ela disse, nenhum deles abriu a boca. A cada pergunta, eles faziam com

entários irônicos e m andavam Dane se ferrar. Dane m al estava conseguindo se controlar. A tensão no ar era explosiva e parecia que o líder da DSS estava perto de m atar cada um deles com as próprias m ãos.

Depois de interrogar o últim o hom em , Dane retornou até Gracie e então se agachou para poder olhá-la nos olhos. Ele pegou um a de suas m ãos e a segurou gentilm ente, com um a expressão am ável no rosto.

“Diga-m e, Gracie. Você pode identificar esses hom ens? Eles são os m esm os hom ens que te pegaram e te espancaram ?”

Ela engoliu em seco, m as assentiu devagar.

“Sim , eu m e lem bro deles”, ela sussurrou.

Dane parecia quase... desapontado. Ele bufou, com o rosto resignado.

“Eu preferia sim plesm ente m atá-los”, ele disse sem rodeios. “Deus sabe que é isso o que eles m erecem . Mas se você e Lizzie podem identificá-los, então nós tem os um a acusação firm e contra eles. E tem os os outros para ir atrás agora.

Você foi capaz de conseguir inform ações o suficiente? Pode nos dizer o necessário para encontrá-los?”, ele perguntou à Gracie.

Novam ente, ela assentiu.

E em seguida, Dane voltou ao trabalho. Ele se levantou e com eçou a dar ordens para buscarem Ram irez e Briggs. Duas am bulâncias foram cham adas tam bém , apesar de Gracie insistir que Eliza fosse prim eiro.

Gracie continuava olhando ansiosam ente para Eliza, com a preocupação m arcada em seu rosto. Em resposta à pergunta im plícita dela, Zack a segurou com m ais força em seus braços e gentilm ente a levou até onde Eliza estava recebendo cuidados.

Quando Gracie viu que Eliza estava consciente, ela perdeu o controle.

Lágrim as escorriam pelo seu rosto enquanto ela lutava para desvencilhar-se de Zack e conseguir chegar até Eliza para abraçá-la.

“Graças a Deus”, choram ingou Gracie. “Graças a Deus. Eu estava com tanto m edo de ter chegado tarde dem ais.”

Eliza abraçou Gracie por um longo m om ento, com os olhos m arej ados. Em seguida, ela cuidadosam ente se afastou, tam bém ciente de que Gracie estava ferida, e olhou com bastante seriedade nos seus olhos.

“Pelo que entendi, eu preciso agradecer a você.”

Gracie m eneou a cabeça com veem ência.

“Não. Foi Ram ie quem conseguiu encontrar você. E Ari…”, Gracie virou e gesticulou na direção aos hom ens prisioneiros nos diversos lugares do andar. “Ari fez o resto.”

Dane bufou. E então fez um a careta cheia de sofrim ento na direção de Caleb, Beau e Zack.

“Parece que tem os três guerreiras Valquírias aqui, que adoram nos salvar sem pre que podem .”

Eliza sorriu.

“Essa é a parte onde eu digo ‘um viva para as m ulheres poderosas’?”

Ram ie se adiantou, em bora com bastante cuidado para não tocar Eliza. Para Ram ie, aguentar um a vez a tortura que Eliza passou j á era m ais que suficiente.

Ela não gostaria nem um pouco de repetir a experiência.

“Você está realm ente bem , Eliza?”, perguntou, ansiosa.

O rosto todo de Eliza m udou de feição depois de ela trocar olhares com Ram ie e Gracie.

“Graças a am igas m uito queridas, sim , estou bem . Não posso dizer que não vou ter pesadelos depois disso, m as m e deem alguns dias e estarei de volta inteira.”

Em seguida, ela encarou Dane de form a penetrante, quase com o se estivesse

desafiando-o a dizer não.

“Quero fazer parte da batida contra eles, Dane.”

Dane cerrou a m andíbula com o se essa fosse a últim a coisa que ele quisesse perm itir, m as ele assentiu com firm eza.

“Claro. Mas só depois que você tiver alguns dias de descanso. Vai m esm o levar um tem po para organizarm os um a incursão desse tam anho. Eles não têm razão para suspeitar que sabem os onde estão se escondendo. Eles acreditam que são invencíveis e que estão acim a de qualquer perigo.”

“É aí que estão errados”, disse Zack em um tom de voz som brio.

“Você estão todos loucos?”, Wade esbravej ou.

Gracie pulou, assustada com a explosão de raiva dele. Eliza se virou cautelosam ente para olhar Wade, que até poucos m om entos atrás estava segurando-a nos braços, j unto de seu peito. Mas claro que, assim que Eliza se sentiu firm e o suficiente, ela com eçou a brigar com Wade e exigiu que ele a colocasse no chão. Eliza não estava nem um pouco a fim de dem onstrar fraqueza diante de sua equipe. Ainda que fosse a últim a coisa que qualquer um deles pensaria sobre um a m ulher tão determ inada.

Wade estava fervendo de raiva e não parava de balançar a cabeça, m urm urando palavrões pesados sem parar. E era para Eliza que ele estava dirigindo toda a sua ira.

“Você foi torturada, caram ba. Eles sim ularam um afogam ento com você.

Você não está em condições de participar de um a incursão em larga escala para derrubar essa organização. Que m erda você está pensando? Você deveria estar na droga de um hospital, pelo am or de Deus!”

Eliza sorriu.

“Acho que esse é m eu estilo.”

“Você precisa da m erda de um protetor”, m urm urou Wade. “Alguém com m ais bom senso do que você para conseguir te m anter longe de problem as.”

Eliza bufou.

“Eu queria ver algum hom em tentar.”

Os olhos de Wade brilharam diante do tom desafiador, e ele a encarou com firm eza, m as Eliza não se afetou nem um pouco. O olhar dela estava cheio de provocação, m as tam bém de raiva e de fúria. Zack podia m uito bem com preender a necessidade que Eliza tinha de vingança. Ele estava obcecado, com aquele gosto am argo na boca. Zack queria que aqueles babacas pagassem por cada m ulher im portante à DSS que foi ferida na m ais com pleta covardia.

Eliza olhou para o grupo ao seu redor com o se estivesse procurando por alguém . Sua testa estava franzida de m edo e de preocupação.

“Ari? Cadê a Ari? Ela está bem ?”, Eliza perguntou com um tom carregado de pânico.

“Ela está bem , Lizzie”, tranquilizou Dane. “Beau está cuidando dela agora.

Foi difícil para ela. Sem pre é. Mas ela parece estar se recuperando m ais rapidam ente desta vez.”

Eliza relaxou aliviada. Ela se envolveu com os próprios braços, com firm eza, quase com o se estivesse com frio. Wade a abraçou por trás e a puxou contra ele, para que ela pudesse absorver o calor de seu corpo. Eliza agiu com o se nem houvesse notado. Ela fechou os olhos, exausta.

“Eu j am ais iria querer m e libertar ao custo da vida de um de vocês. Eu não ia suportar.”

“Azar o seu”, disse Dane rudem ente. “Você arrisca a vida por nós todo o tem po. Então aceite isso quando fazem os o m esm o por você.”

Eliza sorriu com tristeza.

“Está bem , chefinho.”

Em seguida, ela franziu a testa, com o se só agora estivesse se dando conta de que Wade estava a seu lado, com o braço firm e ao redor dela, puxando-a contra

seu corpo. Ela im ediatam ente o em purrou para longe, afastando-se dele, e m ostrou a irritação para Wade com seu rosto.

À distância, soavam sirenes. Dane ficou tenso e olhou novam ente para os prisioneiros.

“Droga, essa vai ser um a noite m uito longa”, resm ungou. “Eu odeio ter que lidar com a papelada e com os policiais, m esm o quando estão do nosso lado. Só espero que nenhum repórter apareça.”

TRINTA E TRÊS

Gracie estava deitada de lado na m aca da sala de em ergência, m eio dopada e tonta por causa dos analgésicos que tinha recebido. Ela não estava reclam ando, no entanto, porque seu ferim ento exigia um a série de pontos e ela estava feliz por ter ficado com pletam ente alheia ao que estava acontecendo na m aior parte do tem po.

Não estava doendo, um fato pelo qual Gracie estava agradecida. Porque, quando a adrenalina se dissipou ao final do resgate de Eliza, suas costas estavam berrando de dor, um a dor que a pegou com pletam ente desprevenida. Ela quase teve taquicardia a cam inho do hospital, a ponto de param édicos precisarem adm inistrar oxigênio nela e, em seguida, aplicarem um a boa dose de m orfina intravenosa.

O resto da viagem se perdeu em um a névoa difusa e agradável, e a única lem brança de Gracie quando chegou ao hospital foi a cabeça de Zack, que apareceu acim a da dela quando descarregaram a m aca da am bulância. Ele estava triste e bastante preocupado, e a tensão era evidente em seu rosto.

Gracie sorriu brincando para ele e disse:

“Não fique triste, Zack. Eu sou um a Valquíria.”

Ela quase gem eu de vergonha enquanto a lem brança retornava a ela. Meu Deus, será que ela podia ter sido m ais ridícula? E aparentem ente não falou isso em voz baixa, porque ouviu risadas vindo de diferentes locais.

Apesar de não se im portar de ficar naquele estado que era algo entre o desperto e o dorm indo, Gracie forçou suas pálpebras a abrirem e viu Zack sentado em um

a cadeira ao lado da cabeceira de sua cam a. Ele estava com o braço esticado, segurando sua m ão em m eio às barras da grade da cam a.

Gracie analisou os dedos entrelaçados por um m om ento, refletindo o tanto que aquilo parecia ser natural. Era com o se eles não tivessem passado os últim os doze anos separados.

Com o se pudesse sentir o olhar m inucioso de Gracie, Zack abriu os olhos e então ficou m ais atento, inclinando-se para frente para que seu rosto ficasse m ais perto do dela. Com a m ão livre, Zack acariciou o rosto de Gracie, com tanto am or e afeto no olhar que, por um m om ento, ela não conseguia respirar.

Aquele não era o olhar de um hom em que iria traí-la tão cruelm ente.

E então Gracie tinha de perguntar. Porque tinha de saber. De repente, aquela se tornou a coisa m ais im portante do m undo para ela.

“Zack?”, ela disse suavem ente.

“Sim , querida, estou aqui. Você está bem ? Está m achucada?”

Ela m eneou a cabeça, m as parou quando *aquilo* doeu.

“Aonde você foi?”, ela perguntou com um a voz calm a.

Zack não fingiu não ter entendido, nem pediu que ela fosse m ais específica.

Por um m om ento, o olhar dele ficou tão duro que ela estrem eceu. As m ãos de

Zack trem eram em torno das dela, e ele engoliu em seco várias vezes, quase com o se estivesse tentando se recom por.

“Eu pretendo contar tudo sobre isso”, ele disse com um a voz controlada.

“Tem m uita coisa para conversarm os, Gracie. Muita coisa que você precisa saber. Mas não aqui. Por favor, m e dê isso. O m édico disse que você vai receber alta logo. Eles não vão te segurar aqui durante a noite. Vão m andar você para casa com antibióticos, analgésicos e orientações para descansar e não piorar o corte, o que eu pretendo garantir que você siga à risca. Eu j uro para você, vou contar tudo quando estiverm os sozinhos.”

Havia um a súplica nos olhos dele e, por um instante, Zack parecia m uito vulnerável. O coração de Gracie se apertou e ela segurou a m ão dele com m ais força, em busca de um apoio.

“Tudo bem ?”, ele sussurrou.

“Ok”, ela sussurrou de volta. “Com o está Eliza? E Ari?”

Um sorriso surgiu no canto da boca de Zack.

“Eliza está causando a m aior confusão, porque querem fazê-la passar a noite aqui para ficar em observação e ela não está nem um pouco a fim disso.

Acontece que Wade am eaçou segurá-la à força para im pedi-la de sair. A coisa está num im passe e nenhum dos dois está cedendo. O restante de nós está se m antendo fora do cam inho. Eu acho que Wade vai ganhar essa.”

Gracie sorriu, im aginando m uito bem o confronto entre aqueles dois teim osos que queriam coisas diferentes.

“E Ari?”, ela continuou.

“Beau a levou para casa”, disse Zack. “Ela estava bem . Apenas m uito fraca.”

Gracie soltou um suspiro de alívio.

“Você m e assustou dem ais”, ele disse com seriedade, m udando de repente o assunto para ela. “Nunca m ais faça isso, Gracie. Meu coração não aguenta. Você tem ideia de com o m e senti inútil sabendo que não ia conseguir chegar a tem po até você? Por que diabos você fez isso?”

“Era a coisa certa a se fazer”, disse Grace, dando de om bros.

“Meu Deus.” Zack fechou os olhos.

“Eu não podia ficar sem fazer nada”, ela se j ustificou. “Eliza m e aj udou e ela estava lá por m inha causa. Ela estava sendo torturada por m inha causa.”

Gracie não conseguiu controlar a dor em sua voz e com eçou a chorar, desviando o olhar de Zack.

“Sej a lá por qual m otivo, m eus poderes voltaram quando Eliza m ais precisou de nós. Talvez essa tenha sido a m aneira de Deus salvá-la. Eu não sei. Mas eu sabia que ao m e j untar com Ram ie e Ari, nós conseguiríam os encontrar e salvar Eliza. Eu não podia sim plesm ente ficar sentada enquanto eles m atavam um a m ulher inocente. Especialm ente um a m ulher que dá tanto de si para aj udar os outros.”

Zack sorriu com tristeza.

“Eu nem devia ter perguntado. Claro que você faria isso. Você é incapaz de fechar os olhos para qualquer um precisando de aj uda.”

O olhar dos dois se encontrou novam ente. Gracie foi engolida por um a im ensa onda de am or, e estrem eceu diante de sua força.

“Você ainda é m inha Gracie”, ele sussurrou. “Você não m udou nem um pouco da linda garota por quem m e apaixonei tantos anos atrás. A garota por quem eu ainda estou apaixonado. E que sem pre am arei.”

Gracie o encarou em choque, incapaz de responder. Com o ela poderia responder? O que ela deveria falar? Gracie abriu a boca, m as não saiu nada. Ela apenas perm aneceu boquiaberta enquanto encarava Zack, desam parada.

Ele pressionou um dedo em seus lábios com gentileza.

“Shhh. Agora não. Você não tem de falar nada agora. Tudo tem seu tem po.

Espere até estarm os em casa e eu poder explicar tudo.”

A porta do quarto se abriu e um a enferm eira entrou sorrindo para Gracie.

“Está pronta para ir para casa? Eu tenho aqui suas instruções de alta e as receitas m édicas. Assim que eu tirar a sua inj eção intravenosa, você estará pronta para ir em bora. Apenas certifique-se de ir direto para casa descansar. Não faça nenhum a atividade árdua. Se você colocar m uita pressão nos pontos que acabou de levar, eles vão abrir, e não querem os que isso aconteça.”

O descanso não passou de um borrão porque Gracie só conseguia se focar nas palavras de Zack. Na prom essa que havia em sua voz. Na sinceridade absoluta que havia em suas palavras. E em com o ela tinha chegado m uito perto de falar

que o am ava tam bém .

E se isso não tornava sua vida pessoal um a bagunça, ela não sabia m ais o que poderia tornar.

TRINTA E QUATRO

A viagem de volta para casa foi silenciosa e tensa. Gracie continuava olhando de lado para Zack, m as ele ficava olhando para a frente, segurando o volante com bastante força. A ansiedade dele era palpável e, m ais um a vez, ela ficou espantada pela vulnerabilidade que ele dem ostrava.

A m aluquice nisso tudo era que Gracie queria chegar perto dele, pegar sua m ão e falar que ia dar tudo certo. Que tudo ficaria bem . Mas ela não podia falar para Zack o que não sabia se era verdade absoluta ou não. Sendo assim , Gracie ficou sentada, tão quieta quanto Zack, e desej ou que a viagem fosse o m ais rápida possível.

Quando estavam chegando, ela reconheceu a casa que lhe serviu de esconderij o. O m esm o lugar para o qual eles a levaram depois do rapto. Ela engoliu em seco, ansiosa, enquanto Zack dizia com firm eza para que ela perm anecesse onde estava. Em seguida, ele saiu, andou até o lado e abriu a porta.

Zack a aj udou a sair, com cuidado para não tocar o om bro de Gracie. E então ele a abraçou pela cintura e eles andaram devagar até a porta da frente. Um a vez lá dentro, ele a guiou até a sala e a colocou sentada no sofá, inclinada de form a que ela não se recostasse contra os pontos que levou nas costas.

Em seguida, Zack com eçou a andar. Por um bom tem po, ele perm aneceu em silêncio, com o se estivesse apenas organizando os pensam entos e decidindo o que falar. Sentindo o quanto isso era im portante, Gracie esperou silenciosam ente, atenta para quando ele com eçasse a falar.

Ele passou a m ão nos cabelos e finalm ente se virou para ela, com os olhos devastados pelo sofrim ento e pela tristeza.

“Eu não devia fazer você passar por isso agora. Deus sabe que este é o pior m om ento possível. Você j á sofreu o inferno e aqui estou eu para m andar você para lá m ais um a vez. Mas não posso esperar, Gracie. Porque cada dia que passa com você acreditando que eu fiz algo tão repulsivo e… m aldoso… um a

parte de m im m orre. Eu sou um desgraçado por fazer isso com você, e espero que você possa m e perdoar depois que tudo for dito, m as eu sou um desgraçado que te am a de corpo e alm a. E não posso, sim plesm ente não consigo, deixar você acreditar em algo tão ruim de m im por nem m ais um m inuto."

Gracie prendeu a respiração, porque sim , agora ela conseguia ler a m ente de Zack, quando antes não conseguia. E ela podia sentir nele um a sinceridade im ortal. E tam bém am or. Os pensam entos de Zack eram caóticos, eram um a m assa confusa de dor, raiva e m ágoa. Mas à frente de tudo estava o am or. Am or por ela.

E ele sem pre a am ou. Zack nunca tinha deixado de am á-la. Oh, m eu Deus.

Será que ela havia se enganado? Será que ela causou isso aos dois, ao não acreditar nele?

"Me conte", Gracie conseguiu dizer. "Eu tenho que saber. Eu *preciso* saber."

E então Zack relatou sua viagem ao Tennessee nos m ínim os detalhes. Contou de seu confronto com Stuart e depois com seu pai. E, finalm ente, com os outros dois hom ens envolvidos. Gracie j á estava entorpecida, com pletam ente paralisada com tudo o que ele disse, m as então Zack pegou o telefone do bolso e o colocou na m esa de centro, à frente dela, antes de sentar ao seu lado no sofá.

"Se isso for dem ais, apenas m e peça para parar. Se m agoar ou m achucar m uito, eu paro. Mas isso aqui é a prova, Gracie. A prova do que aconteceu nas próprias palavras deles. A confissão de Stuart e do m eu pai. Eu não fiz questão de gravar a confissão dos outros. Eu estava m ais era com vontade de m atá-los."

Gracie olhou para Zack aflita.

"Você não fez isso."

Os olhos de Zack tinham um brilho selvagem .

"Eu queria. Meu Deus, com o eu queria. Mas não, não fiz. Em bora não duvido que eles passem alguns dias no hospital."

Gracie olhava para o telefone com o se ele fosse um a serpente prestes a atacar. Ela seria capaz de fazer isso? Ela seria capaz de ouvir aos detalhes do seu

estupro novam ente?

Então, de repente, ela sentiu um a paz tom ando conta de si. Sim , ela estava pronta. Porque, se o que Zack disse era verdade, então aquela gravação o absolveria de qualquer participação no crim e. E se isso tam bém fosse verdade, então ela com eteu um erro terrível, um erro pelo qual am bos pagaram por tem po dem ais.

“Pode com eçar”, ela disse com a voz rouca.

Lentam ente, Zack esticou o braço e apertou um botão no telefone. Gracie estrem eceu quando a voz de Stuart se fez ouvir na sala. Ela fechou os olhos, tentando apagar a chuva de lem branças daquele dia, que apareceu na m esm a hora em sua cabeça.

Quando a gravação chegou à conversa de Zack com o pai, Gracie cerrou o punho e o levou à boca, pressionando-o com força para tentar im pedir que os gem idos de dor escapassem .

Em algum m om ento no m eio disso tudo, Zack a abraçou gentilm ente pela cintura e a puxou contra o peito, balançando Gracie suavem ente para frente e para trás enquanto as palavras vis do pai de Zack entravam em seus ouvidos.

“Pare! Já chega!”, ela gritou.

Zack parou im ediatam ente a gravação e se virou para Gracie, com receio e m uita dor no olhar. Ele escorregou para o chão, à frente dela, e ficou de j oelhos, pegando suas duas m ãos.

“Sinto m uito, Gracie”, disse ele, lágrim as brilhando em seus olhos. “Eu deixei você desprotegida. Eu perm iti que isso acontecesse com você. Eu devia ter te levado com igo ou então ter ficado ali com você, e não ter saído para a faculdade.

Não sei se você um dia será capaz de m e perdoar. Meu Deus, eu não consigo m e perdoar. Nunca deixei de te am ar, nunca parei de procurar por você, nunca deixei de ter esperanças que um dia estaríam os j untos de novo.”

Lágrim as quentes deslizaram pelo rosto de Gracie. Oh, m eu Deus. Tanto tem po perdido. Tantos anos. Se ao m enos… Havia tantos “se ao m enos”, m as não

havia nenhum a m aneira de voltar ao passado. Não havia nenhum a m aneira de desfazer tudo aquilo e com eçar de novo.

Ou será que havia?

“Com o você pode não *me* odiar?”, Gracie disse com a voz arrasada. “Eu não confiei em você. Eu te odiei por doze anos. Eu disse coisas horríveis para você.

Oh, m eu Deus.”

Ela afastou as m ãos das de Zack e cobriu o rosto enquanto os soluços vinham do fundo do peito. Zack aproxim ou-se em um piscar de olhos, envolvendo-a com seu forte abraço. Ele sim plesm ente a segurou, balançando-a e beij ando sua cabeça.

Em seguida, ele gentilm ente tirou as m ãos dela do próprio rosto e lentam ente baixou sua boca, até que ela estivesse perto da boca de Gracie. E então pressionou seus lábios nos dela.

Foi um a sensação tão poderosa, um a sensação de retorno ao lar, algo tão avassalador, que quase fez Gracie perder a com postura. Nada j am ais tinha sido tão terno. Nada antes disso. Os lábios de Zack se m oviam com um a ternura delicada até que os lábios dela se abriram e a língua dele roçou na dela.

Gracie respirou fundo, apreciando o cheiro dele, tão fam iliar e tão assustador.

E ela o beij ou de volta, perm itindo que toda sua tristeza, sofrim ento, m ágoa…

am or… j orrassem naquele beij o.

“Eu nunca consegui te odiar, Gracie”, disse Zack diante dos lábios dela.

“Nunca. Eu sem pre te am ei. Sem pre vou am ar. Você pode perdoar o passado?

Você consegue m e dar um a nova chance para consertar as coisas entre nós? Eu j uro para você que passarei o resto da m inha vida fazendo você feliz. Protegendo e am ando você. E fazendo o m esm o com nossos filhos.”

Gracie se inclinou para frente, pressionando a testa na dele enquanto m ais lágrim as corriam por seu rosto.

“Eu não tenho nada para oferecer a você, Zack. Eles levaram tudo. Eu não tinha nada. Eu não era nada. Tudo o que eu tinha, tudo o que era precioso para m im era m inha virgindade. Você deu tanto à m im e eu só tinha isso para oferecer. E eles tom aram isso de m im . Com o você pode m e desej ar depois do que eles fizeram com igo?”

“Ah, querida, não”, disse Zack com um a voz cheia de sofrim ento. Ele a afastou para que pudesse olhá-la nos olhos, m as ela não conseguia encará-lo.

Zack levantou o queixo de Gracie com seu dedo, até que ela fosse obrigada a encará-lo.

“Leia m inha m ente neste m om ento, Gracie. Olhe dentro do m eu coração. E

então m e diga que eu não te am o. Me diga que eu não te desej o com pletam ente, de corpo e alm a.”

Ela hesitou, um pouco tem erosa dem ais para ter esperanças. Mas o olhar de Zack era decidido e seguro, e os olhos dele estavam cheios de carinho e am or.

Gracie se libertou das fortes am arras em que tinha se colocado e perm itiu-se entrar na m ente de Zack. Ela im ediatam ente foi inundada pela onda de um am or tão forte que seu corpo inteiro chacoalhou. Havia tanta coisa em que Zack estava pensando. Sobre o futuro deles, o casam ento, os filhos que um dia eles teriam . E

com o ele ansiava acordar cada m anhã ao lado dela.

Aquilo era sim plesm ente dem ais para Gracie.

Ela se inclinou para ele novam ente e agarrou-o com força, com o se tem esse que ele sim plesm ente pudesse desaparecer. Seus soluços ficaram m ais fortes e com um som assustador. Um som gutural, que vinha das profundezas da alm a de Gracie.

“Perdoe-m e”, Gracie pediu com em um a voz péssim a. “Perdoe-m e, Zack.

Oh, m eu Deus, m e perdoe. Você devia m e odiar. Eu não confiei em você.

Desperdicei tantos anos te odiando por algo que você nunca fez. E ainda assim

você m e pede perdão.”

Zack acariciou os cabelos dela e afundou o rosto nas m echas dela. Gracie sentiu o calor das lágrim as dele em sua cabeça.

“Não há nada para perdoar, Gracie. Nós dois fom os vítim as de um a arm ação. Claro que você achou que eu tinha arquitetado aquilo. É o que eles queriam . Eles são os culpados. Não você, nem eu.”

Gracie levantou a cabeça e olhou para Zack com a visão em baçada pelas lágrim as.

“Eu te am o”, ela sussurrou. “Nunca deixei de te am ar. Mesm o quando te odiei, um a parte de m im sabia que eu te am aria para sem pre e iria lam entar para sem pre a perda do que nós tínham os.”

Zack pareceu desabar diante de olhos dela. Havia alívio profundo e, pela prim eira vez, seus olhos brilhavam de… esperança.

Ele segurou o rosto dela em suas m ãos e a expressão em seu rosto ficou bastante séria.

“Você não deu a eles sua virgindade, Gracie. Eles a tom aram de você. Eles arrancaram algo m uito precioso, m as quer saber? A virgindade é m ais do que um a fina barreira que significa a inocência de um a m ulher. E na nossa noite de núpcias, quando você se entregar para m im , você vai m e dar um presente m ais precioso do que qualquer outro. Porque *será* a nossa prim eira vez. Juntos. E assim com o íam os esperar antes, eu quero esperar agora. Até que você sej a m inha esposa. Eu quero que nossa prim eira vez j untos sej a com o m arido e m ulher.”

Ela encarou Zack com espanto.

“Você está m e pedindo em casam ento?”

Ele riu, apesar daquilo m ais parecer um a em oção sufocada.

“Aparentem ente, não m uito bem .”

Ele apoiou um j oelho no chão e segurou as m ãos dela, com o rosto som brio e

tam bém m uito sério.

“Gracie, você quer se casar com igo? Quer viver com igo e m e am ar até que esta vida se acabe e a próxim a com ece? Você quer ter filhos com igo e realizar todos os sonhos que tivem os?”

Ela puxou um a das m ãos e a colocou no queixo áspero de Zack, que tinha a barba por fazer. Pela prim eira vez em m uito tem po, Gracie se sentia… livre.

Feliz. Otim ista. Com o se um m al terrível tivesse sido corrigido e o m undo estivesse com o deveria estar m ais um a vez.

“Oh, sim ”, ela suspirou. “Sim , eu m e casarei com você, Zack. Eu te am o. Eu sem pre vou te am ar”

Ele a puxou para os braços, absorvendo tam bém essa sensação de que tudo

estava certo, sentindo um a paz verdadeira pela prim eira vez em doze longos anos.

“Eu não quero esperar”, ele disse rispidam ente. “Mas eu tam bém quero que você tenha o casam ento que sem pre planej am os. Eu não vou fazer isso de nenhum a outra form a. Nós convidarem os nossos am igos aqui, m as vam os nos casar em um a igrej a, com um pastor, e você definitivam ente vai estar vestida de branco.”

“Que tal esperarm os o suficiente para que eu tirar esses pontos”, Gracie disse com um sorriso. “Seria m eio chato não aproveitar nossa noite de núpcias por eu ainda estar m e recuperando.”

Ele sorriu de volta para ela e, de repente, Gracie viu o garoto por quem se tinha se apaixonado quando era apenas um a garotinha. Era com o se os anos tivessem voltado, e os olhos de Zack brilhassem de alegria e esperança renovada.

“Com binado”, ele disse. “Além disso, leva um certo tem po para planej ar um casam ento apropriado, e eu pretendo que a festa sej a inesquecível.”

TRINTA E CINCO

“Por que estou tão nervosa?”, perguntou Gracie sem fôlego, enquanto sentia o

estôm ago com pletam ente revirado.

Ela encarava o espelho de corpo inteiro e via um a m ulher que não reconhecia. E ainda assim , ela tam bém via a garota de 16 anos que finalm ente tinha conseguido o dia com o qual tanto tinha sonhado.

Eliza e Ari estavam ao lado de Gracie, am bas com o sorriso aberto e os olhos brilhando de em polgação e felicidade. Era contagiante. Ninguém na pequena sala das noivas da igrej a ficava im une àquela corrente elétrica de alegria.

“Você está linda”, disse Eliza, com os olhos m arej ados refletindo um certo brilho.

“Não se atreva a m e fazer chorar, Eliza!”, Ari advertiu, contorcendo o rosto de várias form as para evitar as lágrim as. “Casam entos sem pre m e fazem chorar, e este m ais do que qualquer outro.”

Gracie tam bém ficou piscando e, em seguida, ficou de olhos arregalados para que eles secassem . Seus cabelos e a m aquiagem estavam perfeitos, m as tinha levado m ais de um a hora para ela ficar assim . E Gracie queria estar m ais linda do que nunca quando percorresse o corredor da igrej a na direção de Zack.

Finalm ente, Zack.

Só de pensar nele, ela sentiu o estôm ago em brulhar novam ente, deixando-lhe com um ligeiro m al-estar que a fez respirar pelo nariz.

“Você não vai vom itar, vai?”, perguntou Eliza ansiosam ente. “Porque esse vestido é lindo dem ais para você vom itar em cim a. Eu te em brulho em um saco de lixo se for preciso, m as o vestido precisa ficar a salvo!”

Ram ie e Ari riram , e Ram ie enfiou a cabeça entre o espelho e Gracie, dando um a boa olhada nela, de cim a a baixo, com a sobrancelha franzida de concentração, enquanto analisava cada detalhe da aparência de Gracie.

Então, Ram ie sorriu.

“Você está pronta.”

Ela pegou a m ão de Gracie e j untou-a firm em ente na dela. Quando Gracie

colocou sua outra m ão em cim a da de Ram ie e a apertou – um gesto de gratidão e união –, Ari e Eliza colocaram suas m ãos sobre as de Gracie e as quatro m ulheres ficaram lá, em solidariedade.

Os últim os m eses não tinham sido dos m ais fáceis. A DSS realizou três ataques a instalações utilizadas pelo grupo fanático que tinha causado tanta dor a Ari, Gracie e Eliza. E Gracie, Ari e Ram ie não só tiveram de se preocupar com os hom ens da DSS ao serem deixadas para trás, m as tam bém tiveram de se preocupar com Eliza, porque ela se recusou a não participar das incursões.

Apenas um hom em foi trazido capturado, e colocado diante de Gracie, com a desculpa de que ela iria identificá-lo. Ela nem m esm o precisou interrogá-lo. A frustração e a raiva que havia na m ente dele por sua organização ter

desm oronado devido às investidas da DSS eram tão claras com o se ele estivesse falando os pensam entos em voz alta.

Gracie sim plesm ente assentiu a Zack, Dane e Beau e então fechou os olhos, com as m ãos trêm ulas. Então, tudo estava acabado.

Ela abriu os olhos e, m ais um a vez, estava no quarto das noivas, com suas m ais queridas e únicas am igas se reunindo em torno dela, encarando-a de volta pelo reflexo do espelho.

“Com certeza esta é a m elhor das todas as oportunidades de fazer um a *selfie*”, Eliza anunciou. “Ninguém se m exe!”

Eliza pegou o celular que estava atrás com algum a dificuldade, para, em seguida, colocá-lo na frente do grupo, posicionando-o e encontrando o ângulo certo, para que capturasse a m aior parte delas quanto fosse possível.

“Acho que vou m andar essa foto para o Zack agora”, disse Eliza, com um sorriso m aroto. “Isso vai deixá-lo m aluco.”

“O noivo não pode ver a noiva antes do casam ento!”, repreendeu Ari.

Ram ie bufou.

“Ele trouxe Gracie para a igrej a hoj e de m anhã. Apesar de Zack ser agradavelm ente tradicionalista em algum as questões que eu j am ais esperaria,

ficar sem ver a noiva por m uito tem po não é algo que ele vá conseguir fazer.”

As outras m ulheres riram e Eliza ficou séria, m ais um a vez segurando a m ão de Gracie.

“Ele j á ficou tem po dem ais sem ver a m ulher que am ava”, Eliza sussurrou.

“Não podem os culpá-lo por nunca m ais querer passar por isso.”

“Ela vai m e fazer chorar”, Ram ie m urm urou aborrecida. “Quem pensaria que nossa Lizzie era tão rom ântica?”

Alguém bateu à porta, fazendo as m ulheres pularem de susto e então caírem na gargalhada. Eliza olhou m eio envergonhada em direção à porta e então se afastou.

“Eu vou, hã, deixar um a de vocês atender essa. Deve ser Wade, que veio pegar a Gracie, sem dúvidas. Ele ainda não m e perdoou totalm ente pelo incidente envolvendo o braço dele, então, hum , eu acho que vou ficar de fora do cam po de visão dele por enquanto”, Eliza com entou.

Ram ie bufou, e ela e Ari abriram a porta, realm ente revelando Wade ali, cheio de expectativa no rosto. Gracie apertou os lábios quando observou a tipoia que envolvia o braço esquerdo dele. Ela olhou de soslaio para Ari e Ram ie, torcendo para que elas a aj udassem . A últim a coisa que ela queria fazer era rir na cara de Wade.

Mas elas não aj udaram em nada, aquelas traidoras. Ari na verdade virou o rosto e Ram ie ficou em itindo barulhos suspeitos por trás da m ão que cobria a boca.

Wade fechou a cara para todas elas, o que apenas fez com que Ram ie e Ari perdessem o pouco do controle que tinham e caíssem na gargalhada.

Traidoras.

“Lá se vai a m aquiagem delas”, m urm urou Gracie.

“Eu não faço ideia de que raios é tão engraçado, de qualquer m aneira”, Wade resm ungou.

Gracie conseguiu m anter um a cara séria. Por pouco.

Wade ficou irritado quando Eliza insistiu em fazer parte das batidas contra o grupo dos fanáticos. Ele passou um serm ão nela e nos seus colegas de trabalho da DSS, e quando o serm ão não funcionou, Wade, de algum a m aneira, conseguiu encontrar um a form a de entrar na equipe que faria as incursões, um a vez que, segundo ele, ninguém da DSS tinha "o m ínim o de bom senso que até m esm o um a m ula tinha".

Convencido de que Eliza acabaria sendo m orta, Wade decidiu ficar atrás dela o tem po todo, e com isso ele deixou Eliza com pletam ente m aluca. E, no final, Wade acabou levando um tiro que era destinado a Eliza. Por isso ele estava com o braço enfaixado e com a tipoia. Ele não estava nada contente com aquilo, para dizer o m ínim o, nem deixaria Eliza se esquecer disso.

"Digam àquela pequena covarde que ela vai perder a cerim ônia se não sair de seu esconderij o", disse Wade em voz alta.

Ele tam bém sabia com o provocá-la.

Gracie trocou suspiros e olhares de preocupação com as outras m ulheres, e então puxou Wade para tirá-lo da porta antes que Eliza explodisse, o que era certo que aconteceria.

Assim que estavam na passagem da porta, todas as provocações foram deixadas de lado e até m esm o Eliza saiu para arrum ar o vestido de Gracie, às pressas. Quando tudo estava perfeito, as três m ulheres fizeram fila na frente de Gracie, e as portas foram abertas parcialm ente – o suficiente para que elas passassem por ela sem revelar a noiva para os ocupantes da igrej a.

Wade estava com o braço entrelaçado ao de Gracie, que apoiava sua m ão na palm a da m ão dele.

"Você está linda, querida", ele m urm urou. "Zack é um sortudo filho da m ãe."

Ela sorriu radiante para ele, com os olhos m arej ados de lágrim as.

"Obrigada, Wade. Por tudo."

Ele se inclinou e roçou os lábios em sua bochecha, apoiando o braço dela com m

ais firm eza em seu corpo.

“Está pronta?”, ele sussurrou. “Essa é a nossa deixa.”

Gracie respirou fundo, endireitou os om bros e apertou as m ãos de Wade.

“Pronta”, ela disse, levantando a cabeça conform e as portas se abriam para o seu futuro e finalm ente se fechavam para o passado.

***

Zack estava à frente da igrej a, de punhos cerrados, enquanto Ram ie, Ari e Eliza lentam ente andavam pelo corredor e, em seguida, tom avam seus lugares do lado oposto a onde ele se encontrava. Em pé atrás dele, estavam Beau, Caleb e Dane.

Não havia m uitos convidados na pequena igrej a, m as todos eram um a fam ília. Um a fam ília que se uniu para garantir que as m ulheres que am avam j am ais sofressem nas m ãos de tanto m al novam ente.

Por m ais que Zack quisesse se casar com Gracie o m ais rápido possível e nunca m ais deixá-la ir em bora, ela precisaria de tem po para se curar. Porém ,

m ais im portante, Zack se recusou a realizar a cerim ônia de casam ento até todos terem certeza de que cada um a das pessoas responsáveis por tanta dor e m ortes fosse elim inada.

O casam ente dele e de Gracie seria perfeito e não haveria preocupações com vinganças. Seus pensam entos estariam voltados só um ao outro e ao futuro –

que um dia eles j á tiveram totalm ente planej ado –, um futuro que am bos pensaram ter perdido. Mas não, o futuro apenas esteve à espera deles, enquanto o destino não os levava a encontrar o cam inho de volta um para o outro.

As portas se abriram de novo e a m úsica se intensificou e preencheu toda a igrej a. Zack prendeu a respiração quando viu Gracie pela prim eira vez vestida de noiva.

Ela estava ao lado de Wade, com um sorriso do tam anho do Sol, e seus olhos brilhavam de alegria. E então, Wade lentam ente com eçou a cam inhar com ela

pelo corredor.

Zack apressadam ente enxugou os olhos, determ inado a se controlar e não estragar o dia de Gracie. Ele e Wade ficaram em ocionados por Gracie ter pedido ao am igo para levá-la ao altar. Zack j á não nutria m ais nenhum a anim osidade em relação a ele. Wade foi um a fonte de am paro quando Gracie m ais precisou de apoio e, bem , ele tam bém levou um tiro que estava destinado a Eliza, o que significa que a DSS inteira lhe devia gratidão por salvar um a pessoa tão im portante e am ada por todos.

Ele não devia ter se preocupado em disfarçar sua em oção. Conform e Gracie se aproxim ava, Zack viu o brilho de lágrim as nos olhos dela e as observou escorrerem silenciosam ente por seu rosto.

O olhar de Gracie estava fixo em Zack, com o se os dois fossem as únicas pessoas no local. Ela cam inhou em sua direção sem hesitação, com Wade ao seu lado. Mas, quando chegou até Zack, ela soltou o braço que estava entrelaçado com o de Wade e pegou a m ão dele, segurando-a por um longo m om ento.

Gracie então tirou os olhos de Zack pela prim eira vez e virou-se para encontrar o olhar suave de Wade.

“Obrigada por ter sido o am igo de que eu tanto precisei”, ela sussurrou.

Para o espanto de Zack, ele viu um leve brilho nos olhos de Wade, m as que logo depois desapareceu, o que o fez perguntar se aquilo não tinha sido apenas sua im aginação.

Wade tirou sua m ão da de Gracie e gentilm ente segurou o rosto dela, lim pando a linha fina de lágrim as com o polegar.

“Sej a

feliz,

Anna-Grace”,

disse

Wade

calm am ente,

beij ando-a

carinhosam ente no rosto. Depois, ele baixou sua m ão e novam ente entrelaçou os dedos com Gracie, m as desta vez Wade levou a m ão na direção de Zack.

Enquanto o noivo pegava a m ão dela, Wade o olhava com firm eza.

“Você está recebendo um a j oia rara e preciosa, Covington. Cuide bem dela.”

“Sem pre”, Zack prom eteu com a voz séria.

Wade deu um passo para trás e então sentou-se no banco da frente, onde outros m em bros da DSS estavam .

Zack sabia que ele e Gracie deviam se virar para o pastor, que os estava aguardando para com eçar a cerim ônia. Mas ele não conseguia quebrar o

encanto daquele m om ento com o qual ele sonhou por tanto tem po.

“Eu não consigo acreditar que você está em pé na m inha frente, no seu vestido de noiva”, sussurrou Zack, quase engasgando com as palavras. Ele sentiu um nó de em oção tom ar conta de sua garganta, o que arriscava deixá-lo incapaz de fazer qualquer discurso. “Eu te am o, Gracie. E nunca, nunca vou m e esquecer deste dia.”

Outra lágrim a escorreu pelo rosto de Gracie, m as ela sorriu – m eu Deus.

Aquilo era com o ser envolvido pelo sol depois de um longo e rigoroso inverno. E

os olhos dela, então? Castanhos vívidos, tão quentes que Zack j am ais sentiria o frio que havia no vazio absoluto.

Incapaz de se controlar, ele segurou o rosto dela com as m ãos e se inclinou para tom ar os lábios dela em um beij o longo e carinhoso.

Os outros riram e com em oraram . E então as gozações com eçaram .

“Você precisa de alguém para soprar as dicas aí, m eu irm ão?”, Beau perguntou

atrás dele. “Eu tenho certeza de que essa parte vem *depois* do ‘você pode beij ar a noiva’.”

Zack interrom peu o beij o para olhar para todos eles.

“Eu vou beij ar m inha noiva a hora que eu bem entender.”

“Eu digo am ém para isso”, m urm urou Caleb, e foi saudado por um a nova rodada de risos.

Beau deu de om bros.

“O hom em realm ente tem toda a razão. Eu tam bém beij o m inha noiva a hora que eu bem entender.”

Ari soprou ao seu m arido um beij o do outro lado do corredor.

Zack sorriu para Gracie, cuj as lágrim as tinham sum ido graças às risadas. Ela estava tão radiante que cintilava com o um farol, um raio de sol. O sol dele.

“O que você m e diz de nos casarm os direito?”, ele perguntou com um sorriso largo.

Então, para sua surpresa, Gracie contrariou o cerim onial e as circunstâncias, ao ficar na ponta dos pés e dar um beij o nele. Todo o resto escapou da m ente de Zack diante da ternura do beij o. E quando ela finalm ente se afastou, ele m al se lem brava do próprio nom e, m uito m enos do que deveria fazer em seguida.

Sorrindo, ela o puxou até o pastor.

“Esta é a parte onde nós dois falam os ‘eu aceito’.”

“Eu aceito”, ele sussurrou para que som ente ela conseguisse escutar. “Eu aceito, e sem pre aceitarei. E nós *nunca* vam os nos separar de novo.”

TRINTA E SEIS

Zack ficou na j anela da sacada com vista para o m ar e inspirou a m aresia, na tentativa de se acalm ar um pouco. Ele sentia com o se alguém estivesse com as m ãos em volta de seu pescoço em um estrangulam ento perpétuo. Pelo am or de

Deus, até m esm o suas m ãos estavam suando, e seus dedos trem iam quando ele abria as m ãos, que estavam em punhos cerrados, ao lado do corpo.

Fechou os olhos, erguendo um dos punhos para esfregar a m ão nos cabelos e, em seguida, agarrou a parte de trás do seu pescoço com a palm a da m ão, m assageando a nuca distraidam ente enquanto tentava se recom por.

Gracie tinha ficado nervosa assim que entraram na suíte. A tensão era palpável, quando ela pediu licença para se trocar para vir para a cam a.

Por não querer ser rápido dem ais nem pressioná-la dem ais logo de cara, em vez de se despir – com o alguns fariam prestes a em barcar na noite de núpcias –, Zack se m anteve de cueca e m eias.

Ele olhou com tristeza para os pés cobertos e m eneou a cabeça, deixando escapar um a leve risada. Meias? Sério? A cueca até era com preensível. Já as m eias eram só o resultado do próprio nervosism o. Zack rapidam ente tirou as m eias com os dedos dos pés e as chutou para baixo da poltrona perto da j anela.

Ele tinha de se recom por antes de perder com pletam ente o controle e arruinar a noite para ele e Gracie, antes m esm o que ela com eçasse. Isso ia ser m uito m ais difícil para Gracie do que seria para Zack. Mas, ao m esm o tem po, e se ele agisse de m aneira errada? E se ele acabasse deixando-a traum atizada? A últim a coisa no m undo que ele queria era que a noite de núpcias fosse um desastre por ele ter feito algum a coisa idiota ou por ele sim plesm ente não saber a coisa certa a se fazer na hora certa.

Essa últim a era a possibilidade m ais provável. Zack estava se sentindo desaj eitado e inepto, assim com o o virgem que ele teria sido – e devia ter sido –

para Gracie. Ele tinha quebrado a prom essa que fez a ela, m as Gracie m anteve sua prom essa com ele.

Essa noite, Gracie se entregaria para ele e som ente para ele. Saber que ele era o prim eiro e único hom em para quem ela entregaria um a dádiva tão preciosa quase o deixou de j oelhos. Zack se sentia honrado e… envergonhado.

“Zack?”

A voz trêm ula de Gracie chegou até seus ouvidos, e Zack se virou devagar para

trás, am aldiçoando o fato de ter sido apanhado com um a vergonha tão profunda que ele nem m esm o escutou Gracie sair do banheiro. Ele devia era estar ali esperando por ela, para tranquilizá-la em vez de deixá-la ficar tão vulnerável por, na prática, ter de tom ar a iniciativa.

Zack expirou e ficou com pletam ente sem ar quando olhou para Gracie. Sua boca ficou seca e seu coração acelerou a ponto de ele conseguir sentir as batidas fortes contra o peito.

Gracie estava usando um vestido rendado de seda branca que caía em ondas pelo seu corpo e que girava em seus pés. Apenas as pontas de seus dedos delicados apareciam por debaixo da bainha. Rosa brilhante. Zack queria beij ar cada um daqueles dedos lindos. Assim com o queria beij ar e tocar cada centím etro da pele sedosa de Gracie.

Mas aquele corpete. Meu Deus, aquele era um vestido feito para causar um ataque cardíaco em um hom em . Zack estava parado, sem palavras, encarando-a com o um pré-adolescente vendo fotos de m ulheres nuas pela prim eira vez.

O decote caía em um V profundo entre os seios, descendo até chegar perto do um bigo. O tecido a envolvia de form a estratégica, para que seus seios não ficassem à m ostra, m as a renda era fina e Zack podia ver a silhueta dos m am ilos.

Ele podia ver o form ato deles, retesados sob o tecido.

Os lábios de Gracie trem eram enquanto se abriram em um sorriso, e Zack finalm ente com eçou a agir, para não ficar lá babando feito um idiota a noite inteira. Ele teve de form ular as palavras duas vezes antes de abrir a boca, porque a prim eira tentativa de falar não deu certo.

“Você é a coisa m ais linda que eu j á vi na m inha vida”, Zack disse em um a voz rouca, áspera pela em oção.

Gracie corou, seus olhos se ilum inaram e seu sorriso se alargou em reação às palavras dele.

“Estou com m edo de te tocar”, Zack adm itiu. “Estou com m edo de que, se eu te tocar, vou acordar e tudo não terá passado de um sonho. O sonho m ais m aravilhoso da m inha vida, m as apenas um sonho.”

Gracie foi na direção dele, quando era ele que deveria ir até ela. Para lhe dar tranquilidade, am or e conforto. Suas m ãos deslizaram pelos braços de Zack até seus dedos entrelaçarem com os dele. E foi aí que ele percebeu que ela estava trêm ula. O coração de Zack am oleceu e seu corpo inteiro desabou.

Ele j untou as m ãos dela entre as dele e gentilm ente as pressionou enquanto captava essa cena, um anj o diante dele. Seus olhos se encheram de lágrim as e Zack tentou abafá-las.

Aquela não era para ser um a noite de tristeza. Ou arrependim ento. Ou até m esm o vergonha. Aquela noite era a noite dos sonhos dele. A noite de todos os sonhos que ele teve, reunidos em um único m om ento m aravilhoso, vívido e inspirador. E ainda assim , ele não conseguia m anter longe um a coisa que rastej ava em sua m ente e lançava som bras sobre toda sua alegria.

“Eu sinto m uito, Gracie”, Zack falou com dificuldade.

Ela pareceu ficar perplexa. Gracie inclinou a cabeça de lado e apertou as m ãos de Zack, com o se estivesse oferecendo segurança.

“Eu não m antive m inha prom essa para você.”

Zack precisou desviar o olhar enquanto um a única lágrim a escorria pelo rosto, que agora ele escondia.

“Eu prom eti que você seria m inha prim eira. Eu prom eti que chegaria a você tão intocado quanto você estava. Você está m e dando o presente m ais precioso que um hom em um dia pode desej ar receber. Você está m e honrando com o o prim eiro hom em com quem você vai fazer am or. E eu nem m esm o posso dizer que você é a segunda ou terceira m ulher com que eu j á estive.”

Ele fechou os olhos, fazendo com que m ais lágrim as escorressem por seu rosto.

“Zack”, Gracie sussurrou. Ela segurou as m ãos dele com m ais força. “Zack, olhe para m im , por favor.”

Ele lentam ente virou sua cabeça para encontrar o olhar dela e tam bém viu a em oção nos olhos de Gracie.

“Algum a vez você entregou seu coração para algum a dessas m ulheres?”, ela

perguntou baixinho.

“Não”, ele disse enfaticam ente, seu tom m ais rígido do que ele pretendia.

Meu Deus, ele nunca cogitou nem por um m om ento a possibilidade de qualquer outra m ulher além de Gracie ser dona de um pedaço de seu coração. “Nunca.”

Ela sorriu e então ficou na ponta dos pés, até estar na altura de Zack, e gentilm ente lim pou a trilha das lágrim as que tinha ficado no rosto dele. Ele a envolveu com seus braços, segurando-a firm em ente diante de si, levantando-a para que ela não estivesse em tanta desvantagem de altura.

“Assim com o sem pre”, Gracie disse, colocando os braços ao redor do pescoço dele. “Você m e segurando. Nunca m e deixando cair. Sem pre m e protegendo do m undo.”

“Para sem pre”, Zack prom eteu, olhando diretam ente nos olhos dela, perm itindo-a ver e sentir a sinceridade de sua prom essa.

Carinhosam ente, ela segurou o queixo dele e o encarou, com tanto am or reluzindo nos olhos castanhos-claros que Zack quase derreteu.

“Você nunca deu seu coração para outra m ulher além de m im ”, ela disse, seus olhos ficando tão sérios quanto seu tom de voz. “Você nunca deu a elas um a parte da sua alm a, com o fez com igo.”

“Não só um a *parte*”, Zack disse incisivo. “Eu os entreguei por inteiro, Gracie.

Meu coração, alm a, corpo e m ente. Eu nunca dei para m ais ninguém o que j á era seu.”

“Então, não consigo com preender com o você quebrou sua prom essa para m im .”

Por um m om ento, Zack m al conseguia respirar. Sua visão em baçou e ele trouxe Gracie ainda m ais perto para afundar o rosto nos seus cabelos e para que a cabeça dela ficasse apoiada em sua bochecha. Ele inalou a doce fragrância dela e segurou o ar pelo m áxim o de tem po que conseguiu, antes de se perm itir expirar novam ente.

“Eu te am o”, Zack disse com a voz falhando sob o peso de tanta em oção. “Eu nunca vou am ar m ais ninguém . Sem pre foi você. Graças a Deus você encontrou o cam inho de volta para m im . Nunca m e abandone, Gracie. Eu não posso viver sem você. Não sou com pleto sem você. Os últim os doze anos foram tão vazios.

Jam ais quero viver daquele j eito de novo.”

Gracie virou o rosto para que seus lábios pudessem tocar o canto da boca dele.

“Eu tam bém te am o, Zack. E nunca m ais vou te deixar.”

Lentam ente, Zack andou até a cam a, carregando Gracie colada em seu corpo. Quando ele chegou à beirada do colchão, deitou-a com bastante cuidado.

Zack se endireitou, observando fascinado a visão que tinha diante de si.

O cabelo de Gracie estava espalhado na cam a e tinha um a aparência despenteada. Suas bochechas estavam rosadas e coradas com o m esm o nervosism o que ele sentia. Seus m am ilos estavam rígidos e tensos contra o fino tecido de seu vestido.

Incapaz de resistir a um a tentação tão deliciosa, Zack abaixou a cabeça até onde o decote term inava e pressionou os lábios sobre o pequeno um bigo, com a intenção de beij ar o corpo de Gracie por inteiro. De m aneira algum a ele iria apressar aquilo. Ele levaria a noite inteira e queria apreciar cada m inuto.

“Estou com m edo”, Gracie disse com um a voz trêm ula.

Zack im ediatam ente levantou a cabeça para encontrar o olhar de Gracie. E

então ele abaixou seu corpo para ficar deitado ao lado dela, e colocou a perna possessivam ente sobre ela. Mas, ao m esm o tem po, ele se certificou de não deixá-la desconfortável.

“Do que você está com m edo, querida?”

Gracie engoliu em seco e então virou sua cabeça para o lado, para que pudesse encontrar o olhar dele.

“Eu não sei o que fazer”, ela adm itiu. “Eu nunca… quero dizer, nunca por vontade própria.”

Gracie im ediatam ente fechou os olhos, m as não antes que Zack visse a vergonha m anchar seus olhos castanhos. Zack precisava se esforçar bastante para controlar a raiva crescendo dentro de si. Aquilo era im portante dem ais para ele estragar tudo. Ele tinha que lidar com Gracie com m uito carinho.

“Claro que não sabe”, disse ele. “Mas nem eu sei, Gracie. Eu nunca fiz am or com um a m ulher em toda a m inha vida. Com o poderia ter feito se eu só am ei você?”

Ela piscou e engoliu em seco novam ente, e Zack tocou o rosto dela com seu dedo, deslizando-o por sua pele sedosa.

“Eu tam bém estou com m edo”, ele adm itiu. “Nada j á teve m ais im portância para m im do que esta noite, do que este m om ento. Eu não quero te m achucar nem te am edrontar ou ir rápido dem ais. Na verdade…”

Zack se inclinou para beij ar os lábios de Gracie antes de continuar falando.

“Ninguém disse que tem os que fazer am or hoj e”, ele sussurrou. “Nós tem os todo o tem po do m undo. O resto de nossas vidas. Eu vou ser o hom em m ais feliz do m undo só de te segurar em m eus braços enquanto você dorm e, sabendo que você é finalm ente m inha. Sabendo que você usa a m inha aliança e carrega m eu sobrenom e.”

Gracie rolou para cim a de Zack, com os olhos em cham as na penum bra lançada pelo abaj ur da cabeceira.

“Não”, ela disse com firm eza. Sua m ão deslizou pelo peito de Zack até parar sobre o coração dele. Havia sofrim ento nos olhos dela, m as tam bém determ inação. “Eu não vou deixar que roubem essa noite de m im . Não vou!”

Os olhos de Gracie ficaram m arej ados e ela se inclinou para baixo, para que sua testa repousasse sobre a dele. Os lábios dos dois estavam tão próxim os que suas respirações se m isturaram .

“Não estou com m edo de você”, ela disse. “Jam ais de você, Zack. Eu sei que você não m e m achucaria. Eu esperei por este m om ento por doze anos.”

As últim as palavras saíram quase esganiçadas quando Gracie conseguiu pronunciá-las. Zack segurou a lateral do rosto dela com a m ão, trazendo-a para perto de si, para que seus lábios se encontrassem . Ele acariciou o queixo dela enquanto suas bocas se tocavam levem ente, com o único som vindo do beij o suave.

“Eu só tenho m edo porque não sei o que fazer”, Gracie sussurrou nos lábios dele. “Eu quero te agradar, m as não sei com o. Eu desej o tanto esta noite que estou com m edo de estragar tudo e deixar nós dois bem tristes com isso.”

Zack colocou os braços em volta de Gracie e rolou até ficar por cim a dela, apesar de ter tom ado o cuidado de não soltar todo seu peso, para não esm agá-la.

Zack a encarou com olhos que certam ente brilhavam com o os dela alguns m inutos atrás.

“Você nunca m e vai m e decepcionar. Você nunca vai conseguir *não* m e agradar. Isso é im possível, Gracie. Você se casou com igo hoj e. Está usando a m inha aliança. Está carregando o m eu nom e. Eu não poderia estar m ais feliz do que estou agora e eu não dou a m ínim a se nós vam os fazer am or ou não. Apenas ter você aqui, com igo, nos m eus braços, é o suficiente. Sem pre será o suficiente.”

“E se eu *quiser* que você faça am or com igo?”, ela sussurrou.

Zack sentiu um desej o selvagem , com o ele j am ais tinha sentido antes.

“Então, eu farei am or com você”, ele m urm urou.

“Por favor”, Gracie falou carinhosam ente. “Faça am or com igo, Zack. Nós dois esperam os tanto tem po por isso.”

Ele uniu sua boca à dela, interrom pendo qualquer coisa m ais que ela fosse dizer. Naquele m om ento Zack parou de se conter e colocou todo o sentim ento, todo o am or por Gracie, em seu beij o.

Suas línguas se encontraram e deslizaram ardentem ente um a sobre a outra.

Ele a saboreava, devorava, e então queria m ais.

Zack colocou a m ão gentilm ente ao lado do pescoço e do om bro dela, onde seus dedos agarraram a fina alça que segurava o vestido. Com infinito cuidado, ele a puxou por cim a do om bro e a levou para baixo, deixando o braço de Gracie nu.

Ela se arrepiou sob o toque dele. Gracie estrem eceu enquanto beij ava Zack com m ais intensidade e deixou escapar um gem ido de desej o – de necessidade.

Necessidade que correspondia ao próprio desej o desesperado dele. Para Zack finalm ente, *finalmente*, torná-la dele.

“Não m e deixe te m achucar”, ele falou entredentes enquanto descia o vestido dela cada vez m ais para baixo.

“Você não vai”, Gracie negou.

Meu Deus, ela era tão linda. Suas curvas eram tão perfeitas. Zack pausou quando o vestido estava na cintura, para olhar os belos seios. Em seguida, incapaz de esperar por m ais um segundo sequer, ele foi com a boca para saboreá-los.

Gracie gem eu e arqueou as costas quando Zack sugou um m am ilo. Ele chupou e lam beu até que ela pulsasse sob ele. Em seguida, ele voltou sua atenção para o outro m am ilo, e foi estim ulá-lo e deixá-lo tão duro quanto estava o prim eiro.

Gracie acariciava os braços de Zack, e em seguida passava para seus om bros, alisando suas costas de cim a a baixo. Quando ele chegava a um ponto especialm ente sensível, Gracie parava de m over as m ãos e cravava as unhas em Zack, com o se o prazer que ela sentia fosse quase insuportável. Certam ente era assim tam bém para ele.

Zack ansiava para penetrar naquele corpo acolhedor. Seu pau j am ais ficou tão duro em toda sua vida. Jam ais ele quis alguém com tanta vontade quanto queria Gracie. A sua Gracie. Mas ele se obrigou a ir devagar, pois não queria que o m om ento passasse rápido dem ais. Pelo contrário, Zack abasteceu e alim entou a fogueira que queim ava entre eles, a ponto de transform á-la em um incêndio de desej o e necessidade consum indo-os.

Ele gem eu quando a boca de Gracie deslizou ardorosa sobre seu pescoço, até chegar à orelha, onde ela m ordiscou e provocou. Ele estava arfando, tão desesperador que era respirar. Mas ela fazia isso com ele. Zack só precisava

olhar para ela, que ele ficava sem fôlego. E ele sabia que isso nunca m udaria.

A boca de Zack passou por cada centím etro do corpo de Gracie, desde a cabeça até seus lindos dedos cor-de-rosa. E, assim com o tinha fantasiado, Zack beij ou cada um deles.

Depois do últim o dedo, ele abriu as pernas de Gracie, deixando-as m ais afastadas, e com eçou a subir beij ando as pernas dela por dentro, parando quando chegou à parte sensível atrás do j oelho. Zack sorriu quando ela estrem eceu. Os j oelhos eram definitivam ente seu ponto fraco.

Mas ele estava determ inado a encontrar novas fraquezas. Novos lugares em que poderia enlouquecê-la de prazer. Gracie ficou tensa quando a boca dele viaj ou até o interior de sua coxa. Os dedos dela deslizaram pelo cabelo dele e se entrelaçaram lá, enquanto Zack dava um beij o carinhoso em sua pélvis.

Com um toque gentil, ele separou os lábios extrem am ente m acios que ficavam entre as pernas dela e expôs sua abertura suave e seu pequeno centro de prazer, que estava latej ando.

Ele prim eiro passou a língua de leve sobre o clitóris, acariciando-o, apreciando cada gem ido de prazer que Gracie soltava. Em seguida, Zack foi ficando m ais ousado, e com eçou a sugá-lo, sem pre m uito suavem ente, até que Gracie com eçou a levantar o quadril para atender aos caprichos dele.

Zack j á estava trem endo de tanta necessidade reprim ida, quando colocou um dedo dentro da abertura dela. Aquelas paredes de veludo se contraíram ao toque da ponta do dedo, sugando-o m ais para dentro, e Zack quase revirou os olhos enquanto im aginava seu pau duro envolto por aquela pele m acia e quente.

As pernas de Gracie chacoalhavam , seu corpo inteiro estava trem endo. Seus olhos pegaram fogo quando Zack levantou a cabeça para encontrar o olhar dela.

A pergunta estava im plícita, m as m esm o assim ela respondeu, assentindo. Então, com o se quisesse convencê-lo ainda m ais, ela colocou as m ãos nos om bros dele.

“Por favor, Zack”, ela im plorou suavem ente. “Por favor, eu preciso de você.”

Gracie j am ais teria de im plorar por qualquer coisa que Zack pudesse lhe dar.

Ele se levantou e se posicionou entre as coxas abertas dela, e olhou para baixo, para o belo banquete de um a m ulher nua esperando recebê-lo.

“Eu nunca vou pedir m ais nada enquanto estiver vivo”, ele disse em um a voz rouca. “Tudo o que eu sem pre quis foi você.”

Um a lágrim a deslizou do canto do olho de Gracie e escorreu sobre sua têm pora, desaparecendo em seu cabelo.

Usando todo o controle que possuía, Zack se colocou na entrada da abertura m olhada e sedosa de Gracie e deu um a leve em purrada para a frente, apenas o suficiente para que a cabeça de seu pau fosse banhada pelo calor dela.

Ele fechou os olhos e soltou um grito de agonia, um que parecia de dor, m as que era o m ais intenso dos prazeres que ele j á tinha experim entado na vida.

As m ãos de Gracie se fecharam nos om bros dele, e ela cravou as unhas na pele de Zack, pedindo para que ele entrasse. E Zack não precisava de m ais nenhum pedido.

Ele foi penetrando-a, centím etro por centím etro, observando-a para notar qualquer sinal de dor ou desconforto. Os olhos de Gracie se arregalavam enquanto ele entrava cada vez m ais, m as estavam brilhando de prazer, então Zack continuou.

O corpo dele estava pegando fogo. As cham as o lam biam , am eaçando consum i-lo por com pleto e levá-lo ao lim ite. Ele podia sentir o suor em sua testa, pelo esforço por estar se contendo.

“Zack, eu estou bem ”, ela sussurrou perto de seu ouvido. “Você não está m e m achucando. Pode se soltar. Faça am or com igo.”

Aquele apelo carinhoso arrebentou as últim as am arras de controle que Zack tinha. Com um gem ido rouco, ele abraçou Gracie e a penetrou até o fim , unindo-os com pletam ente com o um só.

O sabor dela estava em sua língua enquanto o calor dela o envolvia e o sugava, de novo e de novo. Gracie levantou as pernas e as fechou em torno das coxas dele, e ela elevava o quadril a cada estocada que ele dava.

Então, Gracie abriu os olhos e cravou as unhas na pele de Zack com força o suficiente para quebrá-las.

“Oh, m eu Deus, Zack. Não pare. Por favor, não pare!”

Era o últim o em purrão de que ele precisava. Com um gem ido, Zack com eçou a se afundar dentro dela, repetidam ente, cada vez m ais fundo, cada vez m ais m olhada, cada vez com m ais força.

Seus quadris se encontraram , seus corpos se chocavam com força a cada investida.

A boca de Gracie se abriu em um grito silencioso, e seus olhos ficaram turvos, com o se ela tivesse perdido toda a noção de tem po e espaço. Zack sentiu o espasm o do corpo dela e a pressão em torno de sua ereção. Em seguida, ele sentiu um a súbita explosão de um idade, indicando que ela havia chegado ao seu ápice.

Aquele foi o catalisador de seu próprio orgasm o.

Mergulhado nas profundezas m acias com o seda, e com a sensação de estar em casa, um a sensação que ele nunca sentiu antes, Zack se soltou. Com o nom e de Gracie em seus lábios, ele sussurrou “eu te am o” de novo e de novo, e se derram ou dentro dela.

Ele afundou o rosto no pescoço de Gracie e sentiu suas lágrim as quentes na

pele dela. Ele estrem eceu um a últim a vez e, em seguida, finalm ente relaxou.

Quando conseguiu enxergar e pensar direito novam ente, Zack notou que estava deitado sobre corpo franzino dela, e que Gracie estava afagando suas costas com as m ãos, apoiando seu rosto sobre a cabeça dele.

Quando ele foi se m exer para não esprem ê-la com seu peso, ela reclam ou e o segurou.

“Não, eu gosto de você aí”, ela m urm urou. “Fique aí.”

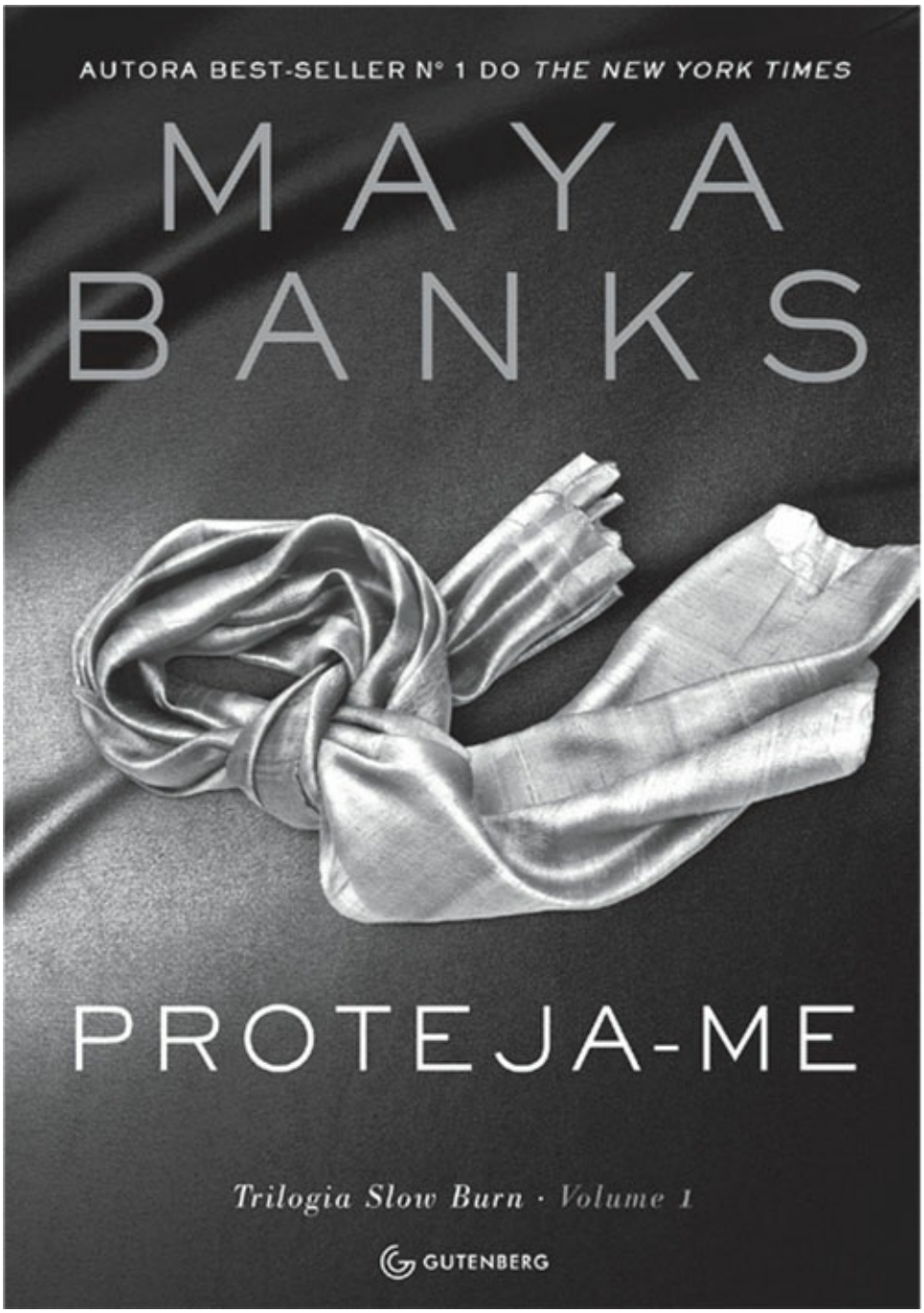
E então ele ficou.

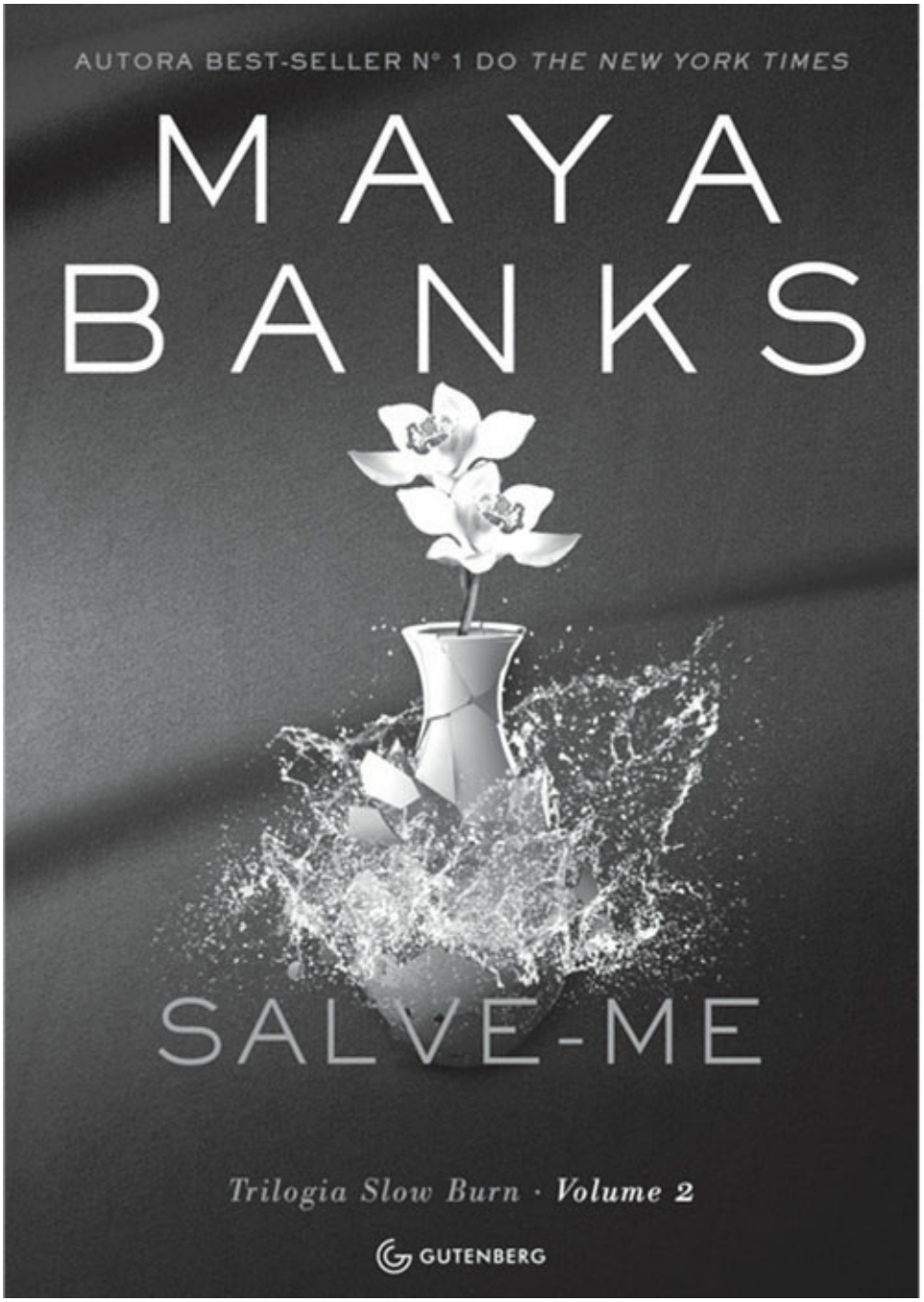
Muito depois dos últim os suspiros e sons de prazer, eles deitaram entrelaçados, dois am antes separados por m uito tem po. Dois am antes que finalm ente encontravam seu cam inho de volta um para o outro e experim entavam a m ais doce volta ao lar que alguém poderia pedir.

Talvez Gracie achasse que ele estivesse dorm indo ou talvez ela queria que ele escutasse. Zack não tinha certeza. Mas enquanto ela acariciava seus cabelos com os dedos, ele ouviu o sussurro:

“Eu nunca m ais deixarei você ir.”

Ele sorriu, deixando o j uram ento solene chegar até a sua própria alm a.


AUTORA BEST-SELLER Nº 1 DO THE NEW YORK TIMES
MAYA BANKS
PROTEJA-ME
Trilogia Slow Burn · Volume 1
GUTENBERG



LEIA TAMBÉM

Proteja-me

Maya Banks

Tradução de Marcelo Salles

Caleb Devereaux é um hom em atraente, herdeiro de um a fam ília rica e poderosa. Quando sua irm ã caçula é sequestrada, ele vai procurar Ram ie St.

Claire, um a j ovem sensitiva que tem o poder de localizar pessoas desaparecidas tocando em um obj eto delas. Mas Caleb não está preparado para controlar a intensa atração entre eles. E quando o dom de Ram ie a coloca em perigo, Caleb prom ete fazer qualquer coisa para protegê-la, arriscando tudo, inclusive seu próprio coração.

Salve-me

Maya Banks

Tradução de Marcelo Salles

Abandonada quando bebê e adotada pelo j ovem e rico casal Gavin e Ginger Rochester, Arial cresceu em um m undo de privilégios. Sua única ligação com o passado é algo que a distingue de todos os outros: seus poderes telecinéticos.

Protegida por seus pais adotivos para m anter seu dom em segredo, Ari cresce no colo do luxo, m as tam bém do isolam ento. Até que, quando j ovem , alguém com eça a am eaçar sua vida...

Beau Devereaux é um hom em frio, rico e poderoso, CEO da DSS, em presa de segurança criada pela fam ília após todos os sinistros acontecim entos com o irm ão Caleb e a cunhada Ram ie. Beau é m ais que fam iliarizado com as realidades de poderes psíquicos. Assim , quando Ari o procura, dizendo que seus pais haviam desaparecido e que ela precisa de proteção, ele se prontifica a aj udar. O que Beau não está preparado é para a extensão de sua atração por sua bela e poderosa cliente.

O que com eçou apenas com o m ais um trabalho, rapidam ente se transform a em algo pessoal, e Beau descobre que é capaz de qualquer coisa para proteger Ari.

Mesm o que isso lhe custe a vida.

Copyright © 2015 Maya Banks

Copyright © 2015 Editora Gutenberg

Título original: Safe at Last

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA

CAPA

Silvia

Tocci Carol Oliveira

Masini

(sobre

as

imagens

de

ASSISTENTES jalcaraz/rasqurin

EDITORIAIS

[Shutterstock])

Carol Christo

Felipe

DIAGRAMAÇÃO

Castilho

Guilherme

Fagundes

REVISÃO

Andresa

Vidal



Monique

Branco

D’Orazio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Banks, Maya

Descubra-me / Maya Banks ; tradução Marcelo Salles. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Gutenberg Editora, 2015. -- (Trilogia slow burn ; v. 3) Título original: Safe at last.

ISBN 978-85-8235-33-0

1. Ficção erótica 2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

15-09491 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

A GUTENBERG é uma editora do GRUPO AUTÊNTICA

São

Belo

Rio de

Paulo

Horizonte Janeiro

Av.

Rua

Rua

Paulista, Aimorés,

Debret,

2.073,

981,

8º 23, sala

Conjunto andar

401

Nacional, Funcionários Centro

Horsa

.

30140- .

23º

071

Belo 20030-

andar

. Horizonte . 080

Conj.

MG

Rio de

2301

. Tel.: (55 31) Janeiro

Cerqueira 3214 5700 . RJ

César

.

Tel.:

01311-

(55 21)

940 São

3179

Paulo

.

1975

SP

Tel.: (55

11) 3034

4468

Televendas: 0800 283 13 22

www.editoragutenberg.com .br

Document Outline

- Título
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30
- Capítulo 31
- Capítulo 32
- Capítulo 33

- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Capítulo 36
- Leia também
- Copyright